

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

CÉSAR KENZO NAKASHIMA

**"DE QUAL JAPÃO ESTAMOS FALANDO?"
MEMÓRIA E IDENTIDADE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE "JAPÃO" DOS DESCENDENTES DE
JAPONESES NO BRASIL**

**GUARULHOS
2018**

CÉSAR KENZO NAKASHIMA

**"DE QUAL JAPÃO ESTAMOS FALANDO?"
MEMÓRIA E IDENTIDADE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE "JAPÃO" DOS DESCENDENTES DE
JAPONESES NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
de São Paulo como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em História
Área de concentração: Poder, Cultura e Saberes
Orientação: Profa. Dra. Samira Adel Osman

**GUARULHOS
2018**

NAKASHIMA, César Kenzo.

“De qual Japão estamos falando?” Memória e identidade a partir da concepção de “Japão” dos descendentes de japoneses no Brasil/ César Kenzo Nakashima. – 2018.
253 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Samira Adel Osman.

1. Imigração japonesa. 2. Comunidade *Nikkei*. 3. Identidade e Memória. 4. História Oral. 5. Japão.
I. Profa. Dra. Samira Adel Osman.

CÉSAR KENZO NAKASHIMA

**“DE QUAL JAPÃO ESTAMOS FALANDO?”
MEMÓRIA E IDENTIDADE A PARTIR DA CONCEPÇÃO DE "JAPÃO" DOS DESCENDENTES DE
JAPONESES NO BRASIL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal
de São Paulo como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em História
Área de concentração: Poder, Cultura e Saberes

Aprovação: 23/02/2018

Profa. Dra. Samira Adel Osman
Universidade Federal de São Paulo

Profa. Dra. Susana Lopes Salgado Ribeiro
Universidade de Taubaté

Prof. Dr. Odair da Cruz Paiva
Universidade Federal de São Paulo

*(...) Mas não posso ser refém do passado
Quando você lutou até o fim
Mantendo toda a sua serenidade
O que ficou pra mim*

*É me prender às boas recordações
Aqueles que me fazem
Recuperar o fôlego para enfrentar
As adversidades
É necessário abrir os olhos pra sonhar
Sem ter medo de cair*

A sua luz me guiará

Em memória de
Elvo Faria

AGRADECIMENTOS

O fechamento de um ciclo? O fim de uma era? Um novo início? Um futuro incerto? Perguntas que não possuem uma resposta definitiva, mas que fazem parte de um longo processo vivido. Tanta gente passa pela nossa vida... Algumas permanecem, outras se vão, mas todas foram importantes do momento em que surgiram até o momento em que partiram – ou partirão, se for o caso, e sempre esperamos que não. Se fosse possível, agradeceria um por um, mas como não é, gostaria de primeiramente deixar este agradecimento geral a todos, sem exceção, que fizeram parte da minha longa (?) trajetória de vida.

Sempre sonhamos com a cristalização dos bons momentos, com a redoma que nos protegeria das intempéries e dos conflitos, sabendo que humanamente isso é impossível. Somos seres instáveis por natureza, e esta que é a grande graça de viver. Se tudo fosse da maneira como idealizamos, o sentido das nossas lutas se esvaziaria, e a vida se tornaria um mar de conformidades.

Este trabalho encerra mais uma das várias lutas que tive que enfrentar. Porém, não seria possível chegar até aqui sem o apoio de quem fez parte da minha vida durante estes momentos, desde a preparação para o processo seletivo do PPGH em História da EFLCH, até o desfecho marcado por estes escritos que você lê agora. Nomes serão repetidos em alguns momentos, e isso revela os vários ramos nos quais as pessoas estão presentes, e esses agradecimentos acabam adquirindo a característica de um mosaico.

Agradeço a meus familiares, Tia Yuki, *jii-chan* Shinichi, Alex, meu irmão e Jullie, a nossa mascote. Sei como foi difícil – e, em alguns momentos, até mesmo incompreensível – conviver e aceitar as condições em que me coloquei ao optar por mais alguns anos de estudo. Agradeço pela paciência e carinho de sempre. Agradeço à dona Takano, que sempre me recebeu com carinho em sua livraria, na Liberdade, me disponibilizando inclusive algumas obras que foram de grande importância para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço à professora e orientadora Samira Osman, com quem tenho tido relações de orientação desde 2011 com a pesquisa monográfica. Essa relação, que já existe há quase oito anos, rendeu muitos frutos positivos. Obrigado pela confiança, pela paciência e pela disposição em me ajudar sempre. Obrigado pelas experiências compartilhadas, pela tutoria no Programa de Aperfeiçoamento Docente (no qual sentimos na pele a experiência docente no meio universitário, desde correções de trabalho até preparação de aulas expositivas) e,

principalmente, por ser a bússola que me impediu de ficar à deriva quando eu me via perdido em meio a dificuldades de cunho pessoal.

Agradeço aos professores Odair Paiva e Luigi Biondi, que além da professora Samira, também fizeram parte da banca de entrevista do processo seletivo do mestrado, pelas questões colocadas naquele momento, e que foram fruto de reflexões que tentei amadurecer durante o processo de escrita.

Agradeço a todos os professores que fizeram parte do processo de formação, com as disciplinas ministradas na pós-graduação: Maria Rita Toledo, Fábio Franzini, Mariana Villaça, Fabiano Fernandes, Patrícia Teixeira, Janes Jorge, Marta Carvalho e Antonio Simplicio.

Agradeço à professora Michiko Okano por sua leitura cuidadosa, na época de elaboração do projeto, e aos professores Odair Paiva e Antonio Simplicio, que fizeram parte da banca de qualificação juntamente à minha orientadora e professora Samira Osman. Suas contribuições foram de grande valia para o desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço à Érica Hatugai, à Elena Shizuno e ao Ricardo Pires pelas conversas – muitas vezes, por vias digitais – sobre a pesquisa em andamento, vistas as proximidades dos temas abordados. Agradeço principalmente pela disponibilidade em me dar suporte nos momentos de dúvida e necessidade.

Agradeço à professora Patrícia Teixeira, pela oportunidade que me foi dada para falar sobre minha pesquisa, na época em que ela ministrou a disciplina Laboratório de Pesquisa em História III, em 2016 – além do companheirismo e carinho. Agradeço também à professora Cecília Cintra, do departamento de Filosofia da UNIFESP, pelas conversas e pelos encontros do NUR (Núcleo de Pesquisas em Filosofia Islâmica, Judaica e Oriental), nos quais fui “integrado por tabela”, além dos conselhos dados quando estive em um momento complicado na vida pessoal.

Agradeço aos professores/coordenadores do curso de especialização em Educação em Direitos Humanos da UNIFESP, Antonio Simplicio, Lucília Siqueira, Elvis Roberto e Fabíola Bergamin, pela confiança depositada ao me selecionarem para ser Tutor de TCC entre os períodos de fevereiro a julho de 2016. Foi um grande desafio e uma grande responsabilidade tutorar vinte e três cursistas que desenvolveram temas de TCC dos quais eu não possuía grande afinidade, e apesar das dificuldades e limites de lidar com uma plataforma de ensino/aprendizagem virtual, a experiência que tive nesses meses foi de grande contribuição

para minha formação profissional. Da mesma maneira, agradeço aos demais tutores com quem convivi no Pólo Parque Bristol durante os encontros presenciais: Carol Bessa, Márcio Bertazi, Diego Becker e Marcos Paulo.

Agradeço aos amigos profissionais com quem convivi no breve período em que atuei como professor eventual, na E.E. Oscavo de Paula e Silva. Por eu estar em sala de aula ao receber a notificação de que havia sido aprovado, eles foram alguns dos primeiros a saber, antes mesmo da minha família. Um abraço especial a todos, mas principalmente para Cleonice – a tia da merenda – e para os inspetores Osvaldo, Nice e dona Cleuza.

Agradeço a todos os amigos de todas as gerações da República Badalhocá, onde vivi a maior parte da minha vida estudantil, e aos amigos que sempre estavam conosco. Um forte abraço a Mauro Tanaka, Diego Amaral, Eric Profitti, Lucas Valente, Rodrigo Gomes, Roger Camacho, Erik Brotto, Alexandre Kerestes, Fabrício Carmo, Eduardo Ramiro, William Shinkai, Leandro Souza, Thiago Tozawa, Rodrigo (Preto), André Okuma, Alan Faustino, Estevão Gouveia, Carlos Marques, Juliano Lourenço, Renato Arteiro e todos aqueles que passaram por lá. É muito bacana reencontrá-los depois de algum tempo e ter a sensação de que nada mudou, mesmo sabendo que muita coisa mudou.

Um agradecimento especial aos amigos Diego Amaral e Janaína Ogawa, que sempre abriram as portas de casa para mim quando eu precisei ficar em Guarulhos até mais tarde. As noites de violão acompanhadas com cerveja sempre renderam boas conversas e até mesmo composições musicais que significam muito para mim.

Dos habitantes da República Badalhocá, um agradecimento à parte para William Shinkai e André Okuma. Isto porque dedico este parágrafo para agradecer aos colaboradores da pesquisa, pois sem eles nada disso seria possível. Com a mesma intensidade, agradeço a Mike Ramos, Lucas Teraoka, Evandro Nishimaru, Christian Betim, Emerson Kamiya, Christiane Shirayama, Janaína Ogawa e Letícia Godoi. Espero ter feito jus à expectativa colocada, quando apresentei o projeto de pesquisa a vocês.

Agradeço aos voluntários “vermelhinhos” do Festival do Japão e de outros festivais em que trabalhei (dos quais, To-Sa Matsuri, Anime Guarulhos Festival e I Virada Esportiva), com quem desenvolvi amizades que transcenderam as relações meramente profissionais e formais – em especial Mateus Lins, João Guilherme, Cristiana Hirano, Marcos Figueiredo e Iris Rodrigues, os “droneiros” que se uniram à minha campanha pela dominação do mundo. Sem esquecer também dos coordenadores e líderes desses eventos: Roberto Sekiya, Guilherme

Yamagami, Rodrigo Hiro, Silas Souza, Clayton Pereira, Bruna Nicolau, Ricardo Leon, James Souza, Danilo Barbosa, Roseli Tamura e Rodrigo Rosa.

Agradeço ao grupo do LEOA (Laboratório de Estudos Orientais e Asiáticos), desde os momentos de sua criação até os dias atuais, em especial aos amigos Bruno Resende, Paula Carvalho, Felipe Ramos, Ney Lodos, Marcos Paulo, Ana Paula Mendonça e Marcelo Santos. Meu carinho e gratidão eternos por todas as conversas, conselhos e risadas compartilhadas por este grupo, com quem possuo fortes laços de amizade e parceria – laços que surgiram antes mesmo da formação deste grupo.

Agradeço aos amigos Marcos Paulo, Paula Carvalho, Bruno Resende, Felipe Ramos, Ney Lodos, Verinha Araújo, Edevard Junior, Pedro Vagner, Alexandre Magno, Carlos Furquim, Priscila Pais, Julia Amabile, Carlos Malaguti, Victor Figols, Victor Abbruzzini, Hennan Gessi, Deividi Silva, Diego Becker, Rodrigo Gonçalves, Geferson Santana, Fredson Pedro, Diógenes Dantas, Anita Sayuri, Diogo Meyer, Aline Martins, Sarah Santos e tantos outros com quem convivi e conversei durante este trajeto que se iniciou em 2015 – seja no campus, nos rolês pela cidade afora, no Bar Azul ou na quadra do campus provisório durante os encontros promovidos pelo “Futebar”.

Agradeço às conversas sempre bem humoradas com Verinha e Pedro, com quem foi estabelecida uma relação forte de amizade. Apesar de ambos terem vindo de outros lugares que não a UNIFESP, sinto como se eu tivesse sido acolhido por essa dupla louca dos signos. Agradeço também a Marcos, Paula, Bruno e Felipe, os “Filhos de Osman”, que comigo, compuseram a primeira turma de orientação da professora Samira no mestrado – ainda que Marcos tenha sido orientando da professora Patrícia, o acolhemos como um irmão “adotivo”, nesse mundo de parentescos acadêmicos. Espero me reencontrar com vocês nesta longa caminhada que é a vida.

Agradeço à CAPES pelo financiamento da pesquisa, bem como o suporte concedido pela Câmara de Pós-Graduação e Secretaria de Pós-Graduação em História. Janilton, Erick e Rita, muito obrigado. Agradeço aos servidores do Comitê de Ética em Pesquisa pelas orientações acerca da Plataforma Brasil e pela emissão de documentos, quando solicitados.

Para além disso, agradeço a todos vocês pelas conversas e diálogos informais que tivemos durante todo o meu processo de formação, e por mostrarem que a academia não é feita somente de títulos, mas também de humanidade, empatia, companheirismo e cerveja (esta última fora do campus para não dar Beyblade).

*Em busca de mim,
Em meio ao caos
De fragmentos do que fui
Eu não vou parar
Até encontrar
O que procuro*

*Abra seus olhos
Há um universo a descobrir
Dentro de si
Eu não vou parar
Não vou desistir*

César Kenzo Nakashima

RESUMO

Após quase 110 anos da imigração japonesa no Brasil e do processo de integração deste grupo migratório na sociedade brasileira, ainda hoje existe uma relação paradoxal entre os dois países – e isto se reflete muitas vezes no cotidiano dos nipo-descendentes, que acabam sendo associados ao país mesmo tendo nascido em território brasileiro. Os efeitos desta condição se revelam nas nuances de suas trajetórias, e isso abre caminho para refletir de que maneira o Japão (ou os “Japões”) se manifesta nessas experiências, e em que medida ele se aproxima ou se distancia do sentimento de pertencimento. Assim sendo, o presente trabalho teve por objetivo evidenciar, a partir do uso da História Oral, as formas como os nipo-descendentes lidam com esta questão identitária a partir das concepções de “Japão” construídas através de suas experiências de vida. Trazer esta reflexão para as discussões acerca do tema é de grande importância para compreender o fenômeno migratório e seus efeitos na sociedade brasileira – incluindo a comunidade *Nikkei* –, que cada vez mais estreita relações culturais com o país asiático a partir de festivais, de produções artísticas, da culinária e, principalmente, da indústria do entretenimento.

Palavras-chave: Imigração japonesa; Comunidade *Nikkei*; Identidade e Memória; História Oral; Japão.

ABSTRACT

After almost 110 years of Japanese immigration in Brazil and the process of integration of this migratory group into Brazilian society, there is still a paradoxical relationship between the two countries - and this is often reflected in the daily lives of Japanese descendants, who end up being associated with country even though he was born in Brazil. The effects of this condition are revealed in the nuances of its trajectories, and this opens the way to reflect in which way Japan (or the "Japanese") manifests itself in these experiences, and to what extent it approaches or distances itself from the feeling of belonging . Thus, the present work aimed to show, from the use of Oral History, the ways in which the Japanese descendants deal with this identity issue from the conceptions of "Japan" constructed through their experiences of life. Bringing this reflection to the discussions about the theme is of great importance to understand the migratory phenomenon and its effects on Brazilian society - including the Nikkei community - which increasingly close cultural relations with the Asian country from festivals, artistic productions , cuisine and, above all, the entertainment industry.

Keywords: Japanese immigration; *Nikkei* community; Identity and Memory; Oral History; Japan

LISTA DE TABELAS

Tabela I - Lista e Informações Gerais dos Colaboradores. Elaboração do Autor.....	17
--	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACCIJB – Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil

AOVC – Associação Okinawa Vila Carrão

CAC – Cooperativa Agrícola de Cotia

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CEHIJB - Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

DEOPS – Departamento de Ordem Política e Social

DOPS – Departamento de Ordem Política e Social

EFLCH – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (UNIFESP)

EJA – Educação de Jovens e Adultos

FAPESP – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FFLCH – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (USP)

GAS – Gear Acquisition Syndrome (Síndrome de Aquisição de Equipamento)

KDB – Kanebo do Brasil

LEER – Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação (FFLCH-USP)

LEOA – Laboratório de Estudos Orientais e Asiáticos (EFLCH – UNIFESP)

LIBRAS – Linguagem Brasileira de Sinais

MBA – Master in Business Administration (Mestre em Administração de Negócios)

MHIJB – Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil

MOBRAL – Movimento Brasileiro de Alfabetização

MST – Movimento Sem Terra

NCC – Nippon Country Club

NHK – Nippon Hōsō Kyōkai (Corporação de Radiodifusão Japonesa)

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

PROIN – Projeto Integrado Arquivo / Universidade

UERJ – Universidade Estadual do Rio de Janeiro

UFPR – Universidade Federal do Paraná

UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo

USP – Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	15
CAPÍTULO I – UM MOSAICO DE “NIPONICIDADES”.....	19
1.1 Estudos migratórios e a questão de “ser japonês” no Brasil.....	20
1.2 Quando as vozes do passado ecoam no presente.....	28
1.3 As cerejeiras florescem no Brasil: produções acadêmicas em publicações comemorativas da imigração japonesa.....	43
CAPÍTULO II – “SOMOS MUITAS VOZES”: ENTREVISTAS....	58
2.1 Um jogo de memória(s) e representações.....	58
2.2 Cada trajetória, uma crônica.....	71
2.2.1 William Tomio Shinkai (Monge).....	73
2.2.2 André Massanori Okuma (Okuma).....	78
2.2.3 Mike Jader de Oliveira Ramos (Mike).....	87
2.2.4 Lucas Marzullo Teraoka (Lucas).....	96
2.2.5 Evandro Teruo Nishimaru Neves (Evandro).....	108
2.2.6 Emerson Issa Kamiya (Emerson).....	121
2.2.7 Christian Yuji Betim (Chris).....	127
2.2.8 Cristiane de Melo Shirayama (Cris).....	136
2.2.9 Letícia Sakamoto Godoi (Letícia).....	143
2.2.10 Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa (Janaína).....	152
CAPÍTULO III – MOVENDO AS PEÇAS DO MOSAICO.....	170
3.1 “Entre o churrasco e o sashimi”: relações inter-étnicas.....	174
3.2 Okinawa: uma das facetas do Japão?.....	184
3.3 Cerejeiras tropicais: as nipo-descendentes.....	188
3.4 “Meu Japão brasileiro”: experiências empíricas.....	197
3.5 A flor se desprende da cerejeira, mas carrega em si uma parte dela: memórias da imigração.....	209
3.6 “Se aqui sou brasileiro, no Brasil sou japonês”: entre dois mundos ou o mundo entre dois espaços?.....	219
CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE QUAL JAPÃO ESTAMOS FALANDO?.....	233

REFERÊNCIAS.....	236
Bibliografia.....	236
Sites consultados.....	241
 GLOSSÁRIO.....	 243
 ANEXO A – TABULAÇÃO DA OBRA DE KATSUZO YAMAMOTO.....	 246
 ANEXO B – CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DO JAPÃO (A PARTIR DA ERA MEIJI).....	 247
 ANEXO C – MAPA DAS REGIÕES E PREFEITURAS DO JAPÃO.....	 253

INTRODUÇÃO

Durante grande parte da minha vida, passei por situações que me faziam questionar a qual lugar eu pertencia. Nos anos de ensino fundamental, sempre que troquei de escola era recebido com gritos inspirados em personagens de artes marciais (geralmente Jackie Chan ou Bruce Lee) pelos alunos. Nos encontros da comunidade japonesa de São Mateus, eu não conseguia interagir com os demais jovens, por não me sentir confortável em meio a tantos orientais. Até os dias atuais, ainda sou alvo de comentários – positivos ou pejorativos – que me associam a um país que, para mim, é um paradoxo.

Tais vivências, até certo tempo naturalizadas como uma forma de evitar conflitos, acabaram se tornando uma questão para mim a partir do momento em que iniciei os estudos no curso de História da UNIFESP. Em um trabalho da disciplina *Introdução aos Estudos Históricos*, tive o primeiro contato com a História Oral, que resultou na primeira entrevista que fiz com meu avô, sobre sua experiência migratória. A entrevista, por sua vez, foi utilizada como fonte de análise para a disciplina *História do Brasil IV*, quando desenvolvi um trabalho sobre a imigração japonesa a partir desta entrevista.

A bibliografia com a qual tive contato neste período me levou a refletir sobre questões até então adormecidas: por que os japoneses ainda são vistos como estrangeiros? Por que eu sou visto como japonês no Brasil, ao mesmo tempo em que no Japão serei visto como brasileiro? Por que me atribuem estigmas de uma nacionalidade que não é minha?

Sendo assim, a origem do atual tema de pesquisa possui seu início em 2011, ano em que se estabeleceu o primeiro contato com a Profa. Dra. Samira Adel Osman, minha orientadora. Visando desenvolver um trabalho de Iniciação Científica que abordasse questões de identidade dos imigrantes japoneses, ela deu o suporte necessário para que isso se tornasse possível.

A Iniciação Científica¹ visou perceber, a partir da visão do próprio imigrante, como se deu a adaptação dentro de um novo contexto social - onde ele foi visto como o outro -, tendo como plano inicial o estudo com imigrantes japoneses do período pós-guerra. Além dos próprios imigrantes, os descendentes entraram neste debate, pois também seriam vistos como

¹ Iniciação científica realizada entre julho de 2012 e agosto de 2013, financiada pelo Programa Institucional de Iniciação Científica (PIBIC - CNPq) e desenvolvida com a orientação da Prof.^a Dr.^a Samira Adel Osman sob o título: *Imigrantes japoneses do pós-guerra e seus descendentes: em busca de uma nova identidade*.

estrangeiros, mesmo tendo nascido em território nacional brasileiro, onde a etnicidade acabou se tornando um fator de diferenciação para definir o outro.

Desta pesquisa, surgiu também a pesquisa monográfica², e ao observar que os descendentes de japoneses apresentaram uma relação mais delicada e incerta no que tange a questões identitárias, despertou-se um interesse na realização de uma pesquisa que incluísse uma reflexão focada neste grupo. Assim, surgiu tal tema.

As entrevistas, que são o principal material do trabalho aqui apresentado, foram realizadas entre os anos de 2012³ e 2016. Como proposto no projeto inicial, foram entrevistados descendentes de japoneses que tiveram – ou não – a experiência de ida ao Japão.

Elas apresentam ricos elementos de análise, o que reforça a importância de se estudar este período mais recente da história da imigração japonesa. Uma vez que o perfil desejado era inicialmente amplo, ele foi se delimitando conforme as entrevistas foram ocorrendo. Sendo assim, chegou-se ao total de dez entrevistas, que passaram pelos processos de transcrição, textualização e transcrição. Embora grande parte dos colaboradores resida na cidade de São Paulo, alguns deles residem em outros municípios do estado. Portanto, trata-se de um recorte espacial baseado neste espaço territorial.

Os colaboradores sempre se apresentaram dispostos e interessados na pesquisa desenvolvida, e quando o convite foi realizado, foi aceito por todos sem maiores objeções. Cada um deles trouxe reflexões pessoais que contribuem muito para se pensar como este grupo lida com questões que estão presentes desde o momento em que seus pais ou avós – ou mesmo bisavós – resolveram dar início a esta trajetória no Brasil. As entrevistas realizadas se encontram sistematizadas no quadro que se segue:

² NAKASHIMA, César Kenzo. *Imigrantes japoneses do pós-guerra e descendentes: a (re)construção de uma identidade*. 2013. 129 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.

³ Duas entrevistas realizadas para a pesquisa monográfica da qual se originou o Projeto de Mestrado serão utilizadas também para a pesquisa atual. A terceira entrevista não foi incluída pela impossibilidade de contato com o referente entrevistado, que não será identificado por questões éticas, para tal aprovação.

Nome	Data da entrevista	Local da entrevista	Local de nascimento	Idade na época da entrevista	Passou pelo Japão até o momento da entrevista?	Parte Japonesa da Família	Província japonesa de origem	Geração
William Tomio Shinkai	30/09/2012	São José dos Campos – SP	São José dos Campos – SP	25	Sim	Paterna	<i>Fukushima</i> (Item 07 do Mapa)	Nissei / Mestiço
André Massanori Okuma	11/03/2013	Guarulhos – SP	Santo André – SP	30	Não	Paterna / Materna	<i>Okinawa</i> (Item 47 do Mapa)	Sansei
Mike Jader de Oliveira Ramos	03/01/2015	São Paulo – SP	São Paulo – SP	25	Não	Paterna	<i>Kumamoto</i> (Item 43 do Mapa)	Yonsei / Mestiço
Lucas Marzullo Teraoka	06/10/2015	Guarulhos – SP	São José dos Campos – SP	25	Não	Paterna	<i>Okayama</i> (Item 33 do Mapa)	Sansei / Mestiço
Evandro Teruo Nishimaru Neves	16/10/2015	Guarulhos – SP	São Paulo – SP	25	Sim	Materna	<i>Kagawa</i> (Item 37 do Mapa)	Sansei / Mestiço
Emerson Issa Kamiya	23/10/2015	Guarulhos – SP	São Paulo – SP	38	Não	Paterna / Materna	<i>Okinawa</i> (Item 47 do Mapa)	Sansei
Christian Yuji Betim	04/12/2015	Guarulhos – SP	São Paulo – SP	40	Sim	Materna	<i>Mie</i> (Item 24 do Mapa)	Sansei / Mestiço
Cristiane de Melo Shirayama	04/12/2015	Guarulhos – SP	São Paulo – SP	33	Não	Paterna	<i>Hyogo</i> (Item 28 do Mapa)	Sansei / Mestiça
Letícia Sakamoto Godoi	19/04/2016	São Paulo – SP	São Paulo – SP	21	Não	Materna	<i>Hokkaido</i> (Item 01 do Mapa)	Sansei / Mestiça
Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa	03/06/2016	Guarulhos – SP	Tatuí – SP	30	Não	Paterna	<i>Chiba</i> (Item 12 do Mapa)	Nissei / Mestiça

Tabela I – Lista e Informações Gerais dos Colaboradores. Elaboração do Autor.

Um fator quase comum entre os entrevistados é o aparente distanciamento com relação a associações culturais⁴ e à comunidade em si – o que pode ser um fator importante de análise, dada à instantânea relação entre a comunidade japonesa e as associações. Embora não seja um dado que justifique isso, é importante ressaltar que, dos dez entrevistados, oito são mestiços. Ou seja, trata-se de um grupo de descendentes que já se apresenta como um efeito de proximidade entre japoneses e brasileiros.

Mas afinal: como é o Japão que está presente na memória desses descendentes? Trata-se de um Japão comum, compartilhado, ou ele se manifesta de maneiras distintas em cada caso?

⁴ Tal afirmação foi baseada nos próprios relatos. Um caso que pode ser exceção é o de Evandro, que revelou participação ativa da avó numa dessas associações.

É uma relação íntima ou de distanciamento? Estas são algumas questões que estão presentes e que motivaram a pesquisa ⁵.

O trabalho se divide em três capítulos. No primeiro, intitulado *Um mosaico de niponicidades*, o objetivo foi apresentar um levantamento acerca das produções bibliográficas que trazem parte da memória escrita da imigração japonesa no Brasil – sem perder de vista que esta é apenas uma ramificação desta memória – de modo que, com as obras analisadas, fosse possível explicitar ao leitor que o conjunto dessas produções compõe um mosaico que possibilita desfragmentar a visão unilateral sobre o Japão, os japoneses e as comunidades que vivem no Brasil. Assim, foram analisadas obras de cunho biográfico e obras comemorativas.

No segundo capítulo, que se intitula *Somos muitas vozes*, os colaboradores da pesquisa são apresentados juntamente a uma reflexão sobre o uso da História Oral e a força com a qual as representações acerca do Japão e do japonês existe num cenário de negociações e conflitos identitários. O propósito é que suas falas sejam destacadas no corpo do trabalho por serem a base que o sustenta. Portanto, as entrevistas não foram inseridas em anexo, dada a importância das colaborações. As entrevistas são acompanhadas de um pequeno texto que tem por finalidade rememorar os momentos e condições de cada uma delas.

Por fim, o capítulo três, intitulado *Movendo as peças do mosaico*, se propõe à análise das entrevistas coletadas, de modo a observar, a partir das experiências, como se dá a relação dos colaboradores com este Japão, ora imaginado ora presente nas suas vidas de maneira direta ou indireta. Evidencia-se também, neste capítulo, as experiências coletivas que os colaboradores viveram – tanto entre as próprias narrativas quanto com a experiência de grupo, pensando nas análises do primeiro capítulo –, além da especificidade de cada trajetória. Assim sendo, como se evidenciam as múltiplas facetas deste Japão? Em que medida ele se conecta com a identidade dos colaboradores?

⁵ Deve-se estar ciente de que, quando o termo “descendentes de japoneses” é utilizado, ele se refere ao grupo que foi entrevistado. Tal ressalva é necessária para que não exista o risco de eventuais generalizações no decorrer da leitura. A análise será extraída das experiências que os colaboradores compartilharam. Da mesma maneira, termos que se associam à cultura serão utilizados no decorrer do texto (cultura nipônica e nipo-brasileira, por exemplo). Deve-se salientar que, quando isso ocorre, toma-se tais termos na forma como são concebidos pela comunidade nipo-brasileira ou brasileira, e não como conceitos.

CAPÍTULO I – UM MOSAICO DE “NIPONICIDADES”

A proposta deste capítulo é apresentar uma trajetória das produções bibliográficas que envolvem os estudos migratórios no Brasil, de modo a situar as especificidades de tais produções referentes aos japoneses – que, para além das produções acadêmicas, também se situam na diversidade de trabalhos produzidos pelos próprios imigrantes e/ou descendentes, cuja circulação é mais restrita, uma vez que eles se reconhecem dentro de sua comunidade local ⁶, sendo assim uma rica contribuição para os estudos migratórios.

Pode-se dizer que, em grande parte, se tratam de memórias e histórias de pessoas notáveis dentro da comunidade nipo-brasileira, além de haver a possibilidade de estes trabalhos serem utilizados como fontes de análise devido a sua subjetividade. Não se pode perder de vista as publicações comemorativas, que possuem características que as tornam peculiares. Embora aparentemente não haja trabalhos que proponham uma abordagem analítica sobre este tipo de produção, tal perspectiva é necessária para a compreensão desta inovação.

Ao mesmo tempo, alguns trabalhos recentes que envolvem temáticas migratórias têm se preocupado em trazer à análise a experiência dos sujeitos que fazem parte deste processo, a partir do uso da História Oral ou de outros meios. Isso possibilita o acesso a aspectos que são intangíveis em outras tipologias documentais ⁷. A experiência passa, portanto, a adquirir grande importância para os estudos históricos.

Deve-se destacar, entretanto, que não é intuito deste trabalho fazer uma reflexão e análise aprofundadas acerca das obras que serão apresentadas a seguir. Isso resultaria em outro trabalho que foge aos objetivos propostos. A intenção aqui, na verdade, é destacar os eventuais diálogos que essas obras aparentam ter, revelando assim elementos de conexão que possam existir desta relação – inclusive, com os relatos orais. Em alguns momentos, o leitor

⁶ SEYFERTH, Giralda. “Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar”. In: SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaios Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007, p. 27-28.

⁷ Segundo a CEHIJB, “não existe nada escrito sobre as impressões, sensações e pensamentos de cada um naquele momento histórico” (nada que se tenha descoberto até o presente momento), se referindo à chegada do navio Kasato-Maru ao porto de Santos, no dia 18 de junho de 1908. In: CEHIJB - Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (org.). *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. SP: HUCITEC: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 64.

perceberá um esforço em estabelecer tais diálogos entre as diversas falas apresentadas. Espera-se que tal esforço tenha tido a eficácia pretendida e tenha rendido boas reflexões.

1.1 Estudos migratórios e a questão do “ser japonês” no Brasil

Esta é uma história que, como toda história de homens, não se fez sem desentendimentos recíprocos, sem conflitos e sofrimentos individuais e coletivos, sem decepções, amarguras e tragédias como todas as sagas devem ser – mas foi a sensibilidade dos seus autores em penetrar e transmitir esse lado humano e dramático de forma viva, mas serena e equânime, que transformou um simples livro de história na narrativa de uma saga aventurosa e dramática.⁸

É um grande desafio apresentar a trajetória dos estudos migratórios em poucas páginas. Porém, este é um processo necessário para os objetivos propostos no presente trabalho. Primeiramente, é necessária a compreensão da mudança de pensamento durante o século XX com relação aos imigrantes. Em segundo, mas não menos importante, é necessária a reflexão sobre o espaço que estes grupos reivindicam em diversas camadas da sociedade – inclusive, na intelectual. Não por acaso, um dos principais representantes intelectuais para se compreender as teorias da imigração – Abdelmalek Sayad – é por si um desses personagens de histórias que talvez nunca tenham um fim.

Uma vez mencionado o nome de Abdelmalek Sayad, é importante salientar que se tem ciência de que sua obra tem por problemática central a questão dos argelinos na França, além de trazer em perspectiva a imigração voltada para o trabalho, elemento que faz nascer o imigrante⁹. Porém, o uso de seu trabalho é fundamental para os estudos migratórios, no sentido de dar contribuições teóricas que permeiam a condição do imigrante independentemente do grupo a ser analisado. Assim, justifica-se os motivos pelos quais ele estará presente na reflexão proposta para este trabalho. Segundo o autor, existe no fenômeno migratório uma espécie de “ilusão coletiva”, em que os atores são

⁸ CEHIJB - Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (org.). *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. SP: HUCITEC: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p.12.

⁹ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 55.

(...) os próprios imigrantes (...), que precisam convencer a si mesmos de que sua condição é efetivamente provisória (...), as comunidades de origem, que fingem considerar seus emigrantes como simples ausentes (...), e a sociedade de imigração que (...) nega-lhe todo direito a uma presença reconhecida como permanente ¹⁰.

É pertinente ressaltar a importância da ideia de “tempo” para os historiadores, uma vez que no caso da História, sua perspectiva é visceral ¹¹. Isso se deve pelo caráter fundamental que o contexto possui para as análises históricas – tanto no que se refere às evidências humanas do passado quanto nos seus estudos. Tomando a noção de José D’Assunção Barros de que o tempo histórico é necessariamente *humano* ¹², é importante mencionar que a presente pesquisa lida com suas diversas dimensões, que se mostrarão presentes no decorrer da leitura através de permanências e rupturas envolvendo a imigração japonesa no Brasil, além das alternâncias de ritmo do tempo. Afinal, ainda segundo Barros, “o tempo ora se alonga, ora se contrai” ¹³.

A imigração japonesa no Brasil ocupa um cenário importante na história do país, e isto se reflete atualmente com as diversas produções acadêmicas acerca desta temática. Dada a característica interdisciplinar dos estudos migratórios, nota-se a diversidade de áreas em que o foco foi dado a tal fenômeno. Interessante é notar como tais estudos vão se reconfigurando no decorrer do século XX, de modo a lidar com questões contemporâneas do seu momento de produção.

As abordagens acerca do grande tema da imigração demonstram a diversidade de áreas em que ele transita. Segundo Seyferth ¹⁴, o autor da área de Geografia mais destacado do século XX é Leo Waibel ¹⁵, que dialogou com o cientista social Emílio Willems e cujo trabalho, com foco na colonização e nas zonas pioneiras, se tornou referência para os estudiosos da colonização europeia ¹⁶. Willems, com suas obras publicadas na década de 1940

¹⁰ *Idem*, 46.

¹¹ BARROS, José D’Assunção. *O tempo dos historiadores*. SP: Editora Vozes, 2013, p. 13.

¹² *Idem*, p. 20.

¹³ *Idem*, p. 23.

¹⁴ SEYFERTH, Giralda. “Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar”. In: SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007, pp. 15-44.

¹⁵ WAIBEL, Leo. *Capítulos de geografia tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.

¹⁶ SEYFERTH, Giralda. “Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar”. In: SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007, p. 29-30.

acerca da imigração alemã no Brasil ¹⁷, foi o primeiro a se utilizar das teorias de assimilação e seus desdobramentos antropológicos, que marcaram os estudos migratórios a partir da década de 1920 ¹⁸. Seyferth afirma que sua obra não possui perspectiva historiográfica e foi baseada numa bibliografia heterogênea ¹⁹, mas nota-se que as perspectivas de análise já passam a tratar de casos específicos, ao contrário dos estudiosos J. F. Carneiro e Diegues Junior ²⁰, que tratam do tema de maneira mais ampla e geral.

A década de 1940, inclusive, é emblemática para os estudos referentes à imigração japonesa no que cerne às teorias de assimilação. Saito evidencia que anteriormente a este período, havia sim publicações acerca deste grupo migratório, mas provocadas “por motivos alheios a interesses de caráter científico” ²¹, uma vez que visavam fundamentar discursos pró ou contra a presença japonesa no Brasil. Publicações de tal natureza se relacionavam a um projeto nacional que visava a homogeneização da população brasileira a partir de políticas eugenistas ²². Há de se considerar, ainda, que no Brasil os debates acerca da assimilação dos japoneses e o perigo deles causarem “enquistamentos étnicos” na sociedade brasileira sempre estiveram em pauta, mas começaram a se acirrar durante o primeiro governo Vargas ²³.

Indo mais a fundo, isso pode ter origem no mito do “perigo amarelo”, cujas raízes remetem ao século XIX, nos Estados Unidos, a partir da “Questão Chinesa” (1865-66), que colocava em pauta pensamentos favoráveis – ou não – à presença de imigrantes chineses em território americano ²⁴. Os discursos antichineses carregavam por trás da questão racial a

¹⁷ WILLEMS, Emílio. *Assimilação de populações marginais no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940; _____. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; Brasília: INL, 1946.

¹⁸ SEYFERTH, Giralda. “Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar”. In: SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007, p. 32.

¹⁹ *Idem*, p. 33.

²⁰ CARNEIRO, José Fernando. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, Cadeira de Geografia do Brasil, 1950. Publicação avulsa; DIEGUES JR., Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: CBPE/INEP, 1964.

²¹ SAITO, Hiroshi. “Apresentação”. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (orgs.). *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes; SP: Edusp, 1973, p. 07.

²² A Eugenia, segundo Takeuchi, é “a ciência que visava o aperfeiçoamento das raças através do cruzamento dos sadios e do impedimento da reprodução dos defeituosos morais ou físicos, que poderiam transmitir as taras aos descendentes”. In: TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008, p. 45.

²³ TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008, p. 87.

²⁴ DEZEM, Rogério. *Matizes do “Amarelo”: A gênese dos discursos sobre os Orientais no Brasil (1878-1908)*. SP: Humanitas, 2005, p. 172.

“concorrência chinesa com o trabalhador branco, fosse ele norte-americano ou não”²⁵. Tal mito acabou sendo transpassado para os japoneses, que chegaram ao continente americano posteriormente, e apesar das diferenças percebidas em relação à organização e ao trabalho, o discurso racial permaneceu e se agravou pelo fato de serem considerados imigrantes eficientes de uma forma que isso poderia torná-los perigosos²⁶. É importante mencionar que, até o período do Estado Novo, quando tal discussão chegou ao seu apogeu, a assimilação era vista em âmbito biológico e ainda não era objeto de análise de pesquisas acadêmicas. Portanto, segundo Shizuno, neste período o grau de assimilação seria relacionado “à miscigenação e aos seus resultados que podem ser perniciosos, caso a *raça* seja *indesejável*”²⁷.

A abordagem acerca desta questão assimilacionista começa a se modificar nos anos 1970, em que os trabalhos produzidos passam a ser influenciados pela obra de Eisenstadt²⁸ que, apesar de dar ênfase à absorção – novo termo para se referir à assimilação –, chamou a atenção para as diversidades culturais de diferentes grupos migratórios, de modo a configurar uma sociedade coexistente com a mudança, tirando assim o caráter de exclusividade do assimilacionismo²⁹. Além disso, as tendências atuais entram em contraponto a esta perspectiva de análise devido à “pluralidade cultural e/ou étnica e a formação de identidades a partir de fronteiras simbólicas fundadas na diferença produzida por processos migratórios”³⁰.

A partir dos anos 1980, o foco passou a ser dado às imigrações recentes de latino-americanos e africanos ao Brasil e, ao mesmo tempo, aos emigrantes brasileiros que se fixam em outros países, sobretudo os Estados Unidos e o Japão³¹. Este é um dado interessante devido ao novo contexto migratório, que está vinculado à globalização e ao transnacionalismo, em que o deslocamento se torna algo mais acessível do que para os primeiros grupos de imigrantes, que nem sempre tinham a opção do retorno, embora este

²⁵ *Ibidem*.

²⁶ *Idem*, p. 182.

²⁷ SHIZUNO, Elena Camargo. *Os imigrantes japoneses na Segunda Guerra Mundial: bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil*. Londrina: EDUEL, 2010, p.41.

²⁸ EISENSTADT, Shmuel Noah. *The Absorption of Immigrants: A Comparative Study Based Mainly on the Jewish Community in Palestine and the State of Israel*. London: Routledge & Kegan Paul, 1954.

²⁹ SEYFERTH, Giralda. “Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar”. In: SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007, p. 34.

³⁰ *Idem*, p. 35.

³¹ *Idem*, p. 26.

fosse um ideal. Tal interesse na questão da emigração se torna evidente na produção de teses e dissertações defendidas nos últimos anos ³².

A imigração, portanto, “não é apenas um deslocamento de pessoas e grupos no espaço, atravessando fronteiras internacionais; tem sua própria temporalidade e paradoxos, produz mudanças sociais e culturais, novas identidades, conflitos” ³³. Afinal, segundo Abdelmalek Sayad, “falar da imigração é falar da sociedade como um todo” ³⁴. Interessante destacar que, mesmo com as mudanças de perspectivas de análise – que ocorrem devido ao contexto de produção –, o caráter de interdisciplinaridade é algo que não se desvincula dos estudos migratórios.

Tratando-se da produção bibliográfica acerca da imigração japonesa no Brasil – e considerando neste primeiro momento as produções acadêmicas –, algumas considerações devem ser tomadas. Primeiramente, grande parte dos trabalhos que foram encontrados no banco de teses da CAPES é datada do final da década de 1990 em diante. Além disso, a maioria destes trabalhos aparece em número maior no período que antecede o ano de 2008. Na área de História, foram encontrados quinze trabalhos entre mestrados e doutorados, dos quais doze são do período anterior ao centenário, o que é um número que não condiz com a importância desse eixo temático.

Em sua maioria, os trabalhos se referem ao movimento *dekassegui*, em que os descendentes de japoneses – ou mesmo os próprios japoneses – vão ao Japão a trabalho, muitas vezes pelas mesmas motivações que os imigrantes do primeiro movimento, geralmente econômicas, como afirmou Seyferth em relação às tendências dos últimos anos.

É importante perceber um paradoxo: ao passo que nas últimas décadas houve grande aumento na produção acadêmica, poucos livros foram lançados no sentido de uma grande obra escrita por um único autor. Uma exceção que pode ser mencionada é a obra de Jeffrey Lesser ³⁵, e mesmo nela o autor busca abordar a imigração dos países asiáticos de maneira geral, embora haja três capítulos dedicados ao caso japonês.

³² *Ibidem*.

³³ *Ibidem*.

³⁴ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 16.

³⁵ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, Patrícia de Queiroz C. (trad.) SP: UNESP, 2001.

Isso pode se justificar pelo fato de que grande parte das publicações recentes – considerando o ano de 2008 como marco inicial – possui cunho comemorativo, principalmente no que se refere ao centenário da imigração japonesa no Brasil. Tais publicações têm por característica reunir trabalhos em formato de artigo que transitam em diversas áreas do conhecimento. Assim, existe a impressão de um aumento sintomático das produções, quando na realidade parte delas já era existente. O artigo de Elena Camargo Shizuno ³⁶, por exemplo, é uma síntese bem fundamentada de sua dissertação de Mestrado em História, defendida na Universidade Federal do Paraná no ano de 2001 ³⁷ - dissertação esta, inclusive, que deu origem também a uma publicação em livro pela editora EDUEL ³⁸. Obviamente, isso não desqualifica tais publicações, pelo contrário, dá a elas características peculiares que permitem uma análise mais específica acerca delas.

Algo visível na produção bibliográfica é a contribuição que obras tidas como fundamentais para os estudos migratórios fornecem às produções mais recentes. Ao mesmo tempo, é interessante perceber que tais obras transcendem o tempo, de modo que até os dias atuais elas podem ser utilizadas, se bem fundamentadas, para tal.

Exemplo disso é o trabalho de Tomoo Handa ³⁹, sendo ele próprio um imigrante japonês. Embora um artista de formação, a importância de sua obra se dá por ser um dos primeiros trabalhos a propor uma abordagem geral da imigração japonesa no Brasil, ganhando assim um caráter de enciclopédia para o tema. Isso porque, em grande parte, os trabalhos produzidos sobre o tema possuem caráter delimitado, geralmente a indivíduos ou regiões, salvo algumas exceções.

A obra em si possui média de 800 páginas, uma vez que há em seu conteúdo diversos elementos que faziam parte da vida desses personagens históricos, desde a estruturação de uma cabana até as características da Rua Conde de Sarzedas, o “oásis dos imigrantes

³⁶ SHIZUNO, Elena Camargo. “Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: Os Imigrantes Japoneses e o Dops”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Márcia Yumi (orgs.). *Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: EDUSP, 2010, pp.123-148.

³⁷ SHIZUNO, Elena Camargo. *Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e a DOPS na década de 40*. Curitiba: UFPR, 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

³⁸ SHIZUNO, Elena Camargo. *Os imigrantes japoneses na Segunda Guerra Mundial: bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil*. Londrina: EDUEL, 2010.

³⁹ HANDA, Tomoo. *O Imigrante Japonês – História de sua vida no Brasil*. SP: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

japoneses”⁴⁰. Atualmente, este trabalho é uma referência para quem estuda a imigração japonesa no Brasil, principalmente pelo seu caráter informativo e pela dedicação do autor em levantar os dados e escrever a obra, sendo citado em diversos trabalhos.

Havendo assim diversas abordagens e metodologias – além do caráter interdisciplinar que foi mencionado –, mesmo quando há semelhanças em termos de propostas e objetos, cada trabalho possui sua autenticidade. O artigo de Fabio Kazuo Ocada⁴¹, que também se encontra em uma publicação comemorativa⁴², lida com a História Oral de Vida e as questões de identidade e memória propostas para o presente trabalho, mas o grupo entrevistado é distinto: senhoras de mais de setenta anos cujas famílias emigraram antes do fim da Segunda Guerra Mundial⁴³.

A partir deste artigo de Ocada, percebe-se outro elemento que passa a emergir dentro do tema: a questão de identidade que permeia a história da imigração japonesa no Brasil, uma vez que este grupo se consolida como parte da sociedade brasileira devido às suas contribuições. Logicamente, esse debate já existia, mas ao contrário das produções recentes, visava a diferenciar – e às vezes, segregar – o grupo de japoneses, a partir das discussões de assimilação. Além disso, nota-se também o uso da História Oral para os estudos migratórios, que atende a uma nova perspectiva.

Ao apresentar ao leitor uma breve trajetória bibliográfica dos estudos migratórios nessa introdução, pretendeu-se mostrar que existe nessas produções um lugar comum: a reflexão contemporânea da sociedade no momento das produções – seja pensando nas políticas eugenistas, nas contribuições do imigrante no âmbito do trabalho, na inserção do imigrante na sociedade local ou nas experiências desses imigrantes.

Um dos pressupostos que sustentam a análise que se seguirá nos capítulos seguintes é a de que a imigração é um processo em constante movimento. Portanto, é difícil apreendê-la dentro de um recorte temporal justamente por ainda não ter chegado a um desfecho – e, dada

⁴⁰ *Idem*, p. 170.

⁴¹ OCADA, Fabio Kazuo. “Memórias da Imigração Japonesa no Brasil: Uma Análise dos Valores Presentes na Identidade Étnica Nipo-Brasileira”. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Educação e Cultura: Brasil e Japão*. SP: EDUSP, 2012, pp. 107-124.

⁴² KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Educação e Cultura: Brasil e Japão*. SP: EDUSP, 2012.

⁴³ OCADA, Fabio Kazuo. “Memórias da Imigração Japonesa no Brasil: Uma Análise dos Valores Presentes na Identidade Étnica Nipo-Brasileira”. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Educação e Cultura: Brasil e Japão*. SP: EDUSP, 2012, p. 108.

a sua complexidade, não se pode afirmar que um dia tal desfecho chegará. Ao considerar-se a afirmação de Sayad, quando ele diz que o trabalho faz “nascer” o imigrante, e o fim desse trabalho o faz (ou deveria fazê-lo) “morrer”⁴⁴, a complexidade da condição do imigrante e a dificuldade de defini-la se torna mais evidente ainda. Portanto, pode-se pensar nos estudos migratórios – e mesmo na condição do imigrante – como a composição de um mosaico: peças que se movem constantemente, formando assim diferentes imagens – sem jamais apresentarem uma nitidez que as tornaria definitivas.

Neste sentido, o uso da História Oral se apresenta como um recurso para as reflexões contemporâneas. Nas palavras de Meihy, “a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. É isso que marca a história oral como ‘história viva’”⁴⁵. Além disso, segundo Freund,

As histórias de vida construídas em entrevistas de história oral não são meramente relatos das experiências de indivíduos. Antes elas são histórias de vivências que se originaram no contexto de histórias familiares e nacionais.⁴⁶

Tendo isso em vista, a ênfase dada na presente pesquisa está em torno das gerações de descendentes de japoneses no Brasil nascidos a partir da década de 1970. A partir desses sujeitos, cuja crise identitária pode ser (ou não) mais acentuada do que no caso dos imigrantes – uma vez que são vistos como estrangeiros tanto em sua terra natal quanto na terra de origem de seus familiares – por vivenciarem uma sensação de “identidade dupla”⁴⁷, busca-se a compreensão de suas relações com esse país tão distante, mas ao mesmo tempo, tão próximo. Embora nem todos os descendentes tenham passado pela experiência migratória – seja como *dekassegui* ou não –, ainda assim essa relação existe, por um laço familiar ou pelo olhar da alteridade, que o coloca numa condição de estrangeiro.

A ausência de uma apresentação mais aprofundada sobre as obras produzidas por membros da comunidade nipo-brasileira na trajetória dos estudos migratórios – ainda mais quando este é o grupo do qual os descendentes fazem parte – não foi acidental. Essa produção

⁴⁴ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 55.

⁴⁵ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5ª ed. SP: Loyola, 2005, p. 19.

⁴⁶ FREUND, Alexander. “Migração, memória e identidade: relatos de história oral no contexto de histórias familiares e nacionais”. Tradução de Adriano Steffler. In: LAVERDI, Robson [et al.] (orgs.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, pp.247-258, p.257.

⁴⁷ THOMSON, Allistair. “Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração”. In: *Revista Brasileira de História*. SP. Vol. 22, nº 44, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14003.pdf>> (Acesso em 20/04/2012), p. 348.

específica é o elemento de reflexão que estará presente nas páginas que se seguirão. Espera-se que, a partir da sua leitura, fiquem claros os objetivos de aparente desatenção.

1.2 Quando as vozes do passado ecoam no presente

Para a leitura das obras que se seguem ⁴⁸, foi tomado um cuidado especial pelo fato de elas terem cunho biográfico – seja em larga ou pequena escala. Tendo ciência do problema biográfico, nos termos de Giovanni Levi ⁴⁹, é importante destacar que as trajetórias de vida não se limitam ao que está presente na obra. Certamente, publicações deste tipo trazem dificuldades para quem se propõe a analisá-las como fontes documentais – dentre outros motivos, pela aparente linearidade, coerência e polidez do discurso.

Deve-se considerar, entretanto, que os indivíduos a que essas obras se referem – ou autoreferem – ocuparam diversos espaços na sociedade durante a trajetória, configurando assim múltiplas atuações. Então, trata-se de vários sujeitos no mesmo sujeito e sua relação com outros sujeitos. Na afirmativa de Bourdieu,

Os acontecimentos biográficos se definem como *colocações e deslocamentos* no espaço social (...). O que equivale a dizer que não podemos compreender uma trajetória (...) sem que tenhamos previamente construído os estados sucessivos do campo no qual ela se desenrolou e, logo, o conjunto das relações objetivas que unificaram o agente considerado (...) ao conjunto dos outros agentes envolvidos no mesmo campo e confrontados com o mesmo espaço dos possíveis ⁵⁰.

É importante que isto esteja claro para justificar a presença de tais publicações, que neste momento visa a explicitar sua importância dentro de um conjunto que compõe o grande tema da imigração japonesa no Brasil, em suas diversas temporalidades. Outro cuidado que se deve ter está relacionado às diversas mediações ocorridas para a publicação final destes trabalhos. Não se trata de questionar a veracidade do que está contido neles, mas sim, de ter ciência da finalidade de tais publicações – que, em uníssono, podem trazer elementos comuns

⁴⁸ Dentre os motivos relacionados à escolha das obras que serão apresentadas, estão o acesso (de caráter relativamente restrito), a tipologia da publicação (ambas possuem características similares, ainda que de naturezas distintas) e o fato de serem obras traduzidas para o idioma português, considerando que os escritos originais foram produzidos em japonês – seja em partes ou na sua integralidade.

⁴⁹ LEVI, Giovanni. “Usos da Biografia”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8º ed. RJ: Editora FGV, 2006, pp.167-182, p. 174.

⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8º ed. RJ: Editora FGV, 2006, pp. 183-191, p. 190.

às narrativas dos imigrantes japoneses, como também podem apresentar aspectos que lhes são próprios.

Toda uma vida no Brasil ⁵¹, de Katsuzo Yamamoto (nascido em 1909, na cidade de Himeji), é um livro que traz diversos escritos publicados pelo imigrante japonês em jornais da colônia entre as décadas de 1960 e 1990, tendo maior recorrência no *Jornal Paulista* (vinte e uma publicações) e no *Diário Nippak* (cinquenta e seis publicações) – jornais esses que, em 1998, seriam unificados dando origem ao periódico *Nikkei Shimbun* ⁵². Sobre tais escritos, José Yamashiro – responsável pela tradução – afirma:

No caso específico do presente volume, cujo conteúdo foi primeiramente divulgado em jornais e revistas da Colônia japonesa, o autor escreve quase sempre dirigindo-se a essa comunidade. Por isso, parte da premissa de que seus leitores têm conhecimento ou até participam dos assuntos focalizados. ⁵³

Tendo um total de noventa e seis escritos, a composição da obra leva o leitor a construir a figura de Yamamoto a partir deles, e isso acaba tornando a leitura “viva”, pois pelos fragmentos, é possível compor um mosaico do autor, que ocupou diversos espaços. Este, aparentemente, é o grande diferencial de tal publicação. Ao mesmo tempo, o conjunto dos trabalhos traz elementos comuns a trajetórias de outros personagens da imigração japonesa.

No que parece ser a introdução da obra, intitulada de “O Meu Currículo” – texto de 1970 –, Yamamoto afirma ser o que é “graças ao somatório desses relacionamentos humanos” ⁵⁴. Isto, de certa forma, enfatiza a fala de Bourdieu, pois é uma forma de evidenciar que sua vida é produto de um acúmulo de experiências que resultaram de relacionamentos com outras pessoas.

Este primeiro escrito, que não por acaso abre a sequência dos textos que se seguem, traz uma síntese da trajetória do autor, desde a decisão de vir ao Brasil em 1932 até a consolidação de sua carreira empresarial. O falecimento do pai e a crise econômica no Japão durante o início da *Era Showa* aparentam ter sido fundamentais para a decisão de emigrar ao Brasil:

⁵¹ No anexo A, encontra-se uma tabela referente a todos os textos presentes na obra e o veículo de informação no qual eles foram publicados.

⁵² NIKKEY Shimbun e Jornal Nippak comemora 15 Anos em grande estilo. *Jornal Nippak*, São Paulo, 15/10/2013. Disponível em: <<http://www.portalnikkei.com.br/social-nikkei-shimbun-e-jornal-nippak-comemora-15-anos-em-grande-estilo/>> (Acesso em 02/12/2016).

⁵³ YAMASHIRO, José. “Notas explicativas do tradutor”. In: YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, p. 13.

⁵⁴ YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, p. 23.

(...) Depois do falecimento de meu pai, pensei comigo que, do jeito que as coisas iam, nunca poderia melhorar de vida. Por isso, em 1932, resolvi emigrar para o Brasil, cheio de entusiasmo e esperança.⁵⁵

Observa-se que este é um dos únicos momentos em que Yamamoto faz menção à sua família. Em outras palavras: o âmbito familiar não é um tema comumente abordado nos escritos – ainda que haja neles temas relacionados a questões familiares –, à exceção do escrito publicado no *Diário Nippak* em fevereiro de 1973, que se refere à dor sentida pelo autor com a morte de sua esposa, Chiyo – a quem a obra é dedicada *in memoriam*. O título deste escrito é “Minha Esposa Faleceu”⁵⁶.

Levando em consideração a quantidade de textos presente nesta obra, não é possível apresentá-los de forma particular sem perder o foco central da pesquisa. Sendo assim, o que se pretende é expor ao leitor a relação orgânica entre elas a partir de alguns exemplos, de modo a trazer reflexões conjunturais, evidenciando assim a percepção de Yamamoto acerca de sua experiência narrada nestes escritos.

Dessa maneira, é possível acompanhar durante a leitura as formas de pensar do escritor conforme os acontecimentos contemporâneos a tais escritos. Algo que pode ser notadamente marcado em termos de temporalidade, por exemplo, é referente à condição dos antigos imigrantes e aos filhos de imigrantes que nascem no Brasil, compondo assim o grupo *nissei* da comunidade nipo-brasileira. Mais tarde, as figuras do *sansei* e do *dekasegui* também surgirão, e a preocupação do autor ficará cada vez mais evidente no que tange ao futuro.

Em “Um Certo Feitio”, publicado em 1970 no *Jornal Paulista*, Yamamoto afirma que “chegou a era dos *nissei* em todos os setores”⁵⁷, se referindo ao fato de que esta geração começa a ocupar diversos cargos na sociedade brasileira, além do ingresso nas universidades. É um primeiro aspecto a destacar dos escritos. Enquanto os escreve e publica, ele acompanha o desenvolvimento da comunidade nipo-brasileira e suas transformações e deslocamentos sob a perspectiva de um imigrante japonês. Segundo o autor, no texto acima referido,

⁵⁵ *Idem*, p. 18.

⁵⁶ *Idem*, pp. 42-46.

⁵⁷ *Idem*, p. 35.

Afirma-se que vivemos numa era de ruptura. Os velhos imigrantes e seus filhos, mais os imigrantes novos, cada qual com seu modo de ser e vivendo em ambientes diversos, com diferentes maneiras de pensar, forma, no entanto, um todo denominado coletividade de “origem nipônica”. Acredito que a questão crucial consiste em saber quem, onde e como se fará o entrosamento de todos.⁵⁸

No contexto do escrito, é importante destacar que esses “imigrantes novos” aos quais Yamamoto se refere são do período pós-guerra, que se iniciou a partir de 1952, quando as relações entre os dois países – Brasil e Japão – voltaram a ser retomadas após um período de ruptura decorrente da Segunda Guerra Mundial. Oficialmente, o retorno desse fluxo migratório foi reconhecido com o Acordo de Migração e Colonização Brasil – Japão⁵⁹, promulgado pelo Decreto nº 52.920 de 22 de novembro de 1963⁶⁰.

Nota-se, na fala de Yamamoto, que ele considera que este grupo compõe uma coletividade pela origem nipônica. Porém, neste caso, há a princípio um ideal de que algo possa gerar na comunidade uma coesão coletiva. Embora seja um pensamento que traga boas perspectivas de futuro, ele poderia gerar, mesmo no período em que foi escrito, ambiguidade no sentido de propor, aparentemente, uma homogeneização deste grupo que, mesmo tendo “origem comum”, é composto por seres humanos, cada qual com sua individualidade. O que se evidencia nos escritos de Yamamoto é o fato de o olhar que ele apresenta não ser o de um japonês, mas sim, de um “ex-japonês”, como se auto-denomina.

No escrito “Nós Somos Ex-Japoneses – A posição dos antigos imigrantes”, publicado em 1966 no *Jornal Paulista*, o autor afirma que este se trata de um “sujeito, originariamente nipônico, que difere do japonês do Japão. E é de natureza diferente do brasileiro e também do *nissei*”⁶¹. Tal ideia parece estar consolidada no íntimo do autor, pois em “Eu Gosto do Brasil”, publicado em outubro de 1979 no *Diário Nippak* (um ano após as comemorações do 70º aniversário da imigração japonesa), a expressão reaparece⁶². No que se daria esse

⁵⁸ *Idem*, p. 36.

⁵⁹ SAKURAI, Célia. *Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes*. In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambu – MG, 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_599.pdf> (Acesso em: 21/04/2012), p. 11.

⁶⁰ BRASIL. *Decreto nº 52.920, de 22 de novembro de 1963. Promulga o Acôrdo de Migração e Colonização Brasil-Japão*. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=88753>> (Acesso em 18/11/2016).

⁶¹ YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, p. 32.

⁶² *Idem*, p. 131.

diferencial? O escritor aponta alguns aspectos, dentre os quais se revoltar quando alguém fala mal do Brasil, a ponto de querer defendê-lo ⁶³.

Observando tal aspecto em uma perspectiva identitária, nota-se que Yamamoto consegue, de alguma forma, negociar a sua identidade no sentido de distanciamento da sua terra natal, por mais que se preservem muitos valores de origem japonesa, o que o coloca numa condição indefinida, por mais que ele se utilize do termo “ex-japonês”. Ao mesmo tempo, não se pode cair no equívoco de pensar que todas as escolhas dele foram naturais: elas resultam também da sua experiência. Neste sentido, segundo Bauman,

(...) as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas. Há uma ampla probabilidade de desentendimento, e o resultado da negociação permanece eternamente pendente. ⁶⁴

Uma recorrência que surge nos escritos está relacionada no âmbito comemorativo da presença nipônica no Brasil – isso parece ser um assunto que, ao mesmo tempo em que fascina, preocupa o autor. No primeiro escrito que trata deste tema, “Uma Festa Brasileira”, publicado em julho de 1972 no *Jornal Paulista*, Yamamoto diz que tomou conhecimento de medidas para a preparação dos programas comemorativos da colônia a partir da imprensa, no ano em que o Brasil comemorava o 150º aniversário de sua independência ⁶⁵. O interessante desse escrito, na verdade, são os questionamentos feitos pelo autor:

Mas o estranho é que ignoro, dentro de meus limitados conhecimentos, a existência de movimentos semelhantes nas colônias portuguesa, espanhola, italiana, alemã, síria etc. (...) Por que essas colônias, com história da imigração mais antiga e em maior número, não fazem nada? Será que julgam desnecessário promover algo especial de sua parte? Não estarão pensando que é suficiente todos participarem desta festa da Nação brasileira, para comemorar a efeméride? Se assim for, isso não significaria que elas estão mais integradas na sociedade brasileira do que a Colônia japonesa? Cada colônia possui suas entidades próprias, mas, dentro da noção de integração social, realmente não haveria espaço para se promover uma comemoração à parte. Então por que somente os japoneses? Não seria tornar público o atraso de sua integração? ⁶⁶

Aqui, fica evidente a preocupação de Yamamoto no que diz respeito a questões de integração, que segundo Spreafico, é

⁶³ *Ibidem*.

⁶⁴ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. RJ: Jorge Zahar, 2005, p. 19.

⁶⁵ YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, p. 38.

⁶⁶ *Ibidem*.

(...) um processo contínuo que dura toda a vida e que diz respeito à identidade. A identidade individual daquele que se supõe que se esteja a integrar e a identidade coletiva que é linguisticamente afirmada como existente e como hipoteticamente caracterizadora do coletivo no qual se daria a integração ⁶⁷.

Uma vez que os imigrantes japoneses – e asiáticos, em geral – passaram e passam por constantes provações para que a sociedade brasileira os reconheça como parte dela enquanto membros, nota-se como a ilusão coletiva apontada por Sayad emerge neste grupo. Tendo em vista que “a garantia da permanência e da continuidade da presença do imigrante é partilhada por todos e antes de tudo pelos próprios imigrantes” ⁶⁸ – sempre pensando na condição provisória do imigrante –, é interessante evidenciar a perspectiva de um “ex-japonês” que observa em tom de questionamento esse tipo de movimentação por parte da colônia japonesa.

Por outro lado, passado um longo período da presença japonesa no Brasil, as primeiras gerações de descendentes dos imigrantes já começava a ocupar espaços na sociedade brasileira, como foi apontado a partir das reflexões de Yamamoto. A preocupação do autor diverge em um detalhe com a perspectiva de William no que tange a tal preocupação: para o colaborador, a questão é importante e também deveria envolver mobilização outros grupos migratórios:

Acho que essa questão de qual é a identidade do povo japonês e do estrangeiro no Brasil é fundamental para quem veio antes, por exemplo, meu pai... Mas para mim, e a geração mais nova, não faz diferença nenhuma... Porque a gente não tem recordação de nossa terra natal, nossa terra natal é aqui!

William Tomio Shinkai

Neste sentido, pode-se perceber na fala de Yamamoto um tom de questionamento acerca da necessidade de se elaborar comemorações da colônia. O mesmo tipo de preocupação surge no texto “800 mil Nipo-brasileiros”, publicado em junho de 1982 no *Jornal Paulista*, onde o autor questiona os motivos que levam apenas os elementos nipônicos a se preocuparem com estatísticas deste tipo ⁶⁹. Por outro lado, é importante destacar a

⁶⁷ SPREAFICO, Andrea. "O que quer dizer "integração" ns sociedades de imigração?". In: *Sociedade e Cultura*. Goiânia, v.12, n.1, p.127-138, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/6905/4935>> (Acesso em 13/02/2017), p. 129.

⁶⁸ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 47.

⁶⁹ YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, p. 166.

especificidade apontada pelo colaborador Emerson, no caso de imigrantes japoneses – ou asiáticos, de modo geral:

É muito peculiar você ser identificado pela nacionalidade, sendo que outras pessoas não. É bem estranho, na verdade. Para as pessoas é bem marcante, então chamam de japonês, mesmo que seja coreano – ou vice-versa.

Emerson Issa Kamiya

Situações como essas apresentadas são alguns exemplos da problemática migratória. No caso japonês, isso é evidente e revela as contradições vividas por este grupo na comunidade de destino – que, no caso, é o Brasil. segundo Sayad, “o emigrante sabe – por experiência – que a emigração é a origem das contradições nas quais se encontra encerrado” ⁷⁰. É importante destacar que tais contradições atingem também as gerações nascidas no país receptor. No caso estudado, a sensação pode ser mais angustiante, pelos descendentes serem vistos como estrangeiros tanto no Brasil, onde são identificados por características físicas e culturais, quanto no Japão. Não foi incomum nas entrevistas realizadas para a pesquisa a recorrência de experiências de infância que envolvessem brincadeiras pejorativas por conta desses traços.

Nota-se a influência da figura de Yamamoto na comunidade, vista a configuração das suas redes de sociabilidade. Em diversas passagens, há menção a relações que o imigrante teve com figuras importantes da comunidade. Em “Assento”, publicado em junho de 1978 no *Jornal Paulista*, ele fala do contato com os pintores Tomoo Handa e Manabu Mabe⁷¹ e o escritor Masao Daigo (autor de *A Mata das Ilusões* ⁷²), que são figuras emblemáticas na história deste fluxo migratório.

Em outros momentos, surgem também as figuras de um dos fundadores da Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) ⁷³, Kenkiti Simomoto ⁷⁴, e de Shigeaki Ueki ⁷⁵, que inclusive

⁷⁰ SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 225.

⁷¹ Para saber mais sobre o pintor: MANABU Mabe. Disponível em: <<http://www.mabe.com.br/>> (Acesso em 07/01/2017).

⁷² O livro é um romance histórico que narra a história de fundação da Colônia Hirano, ocorrida em 1915 próxima à estrada de ferro Noroeste, cujo líder se chamava Unpei Hirano. Tal obra trata de temas como o desbravamento da mata virgem e a tragédia da malária que atingiu os colonos. Foi lançada em 1971 em japonês com o título *Mori no Yume*, e em 1997 no idioma português. Para a escrita de tal obra, foram utilizados registros documentados e depoimentos. Para saber mais: DAIGO, Masao. *A Mata das Ilusões - Mori no Yume*. NINOMIYA, Sonia Regina L. (tradução). São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997.

⁷³ Fundada em 1927, a Cooperativa Agrícola de Cotia (CAC) foi uma das mais importantes da comunidade japonesa no Brasil, inaugurando assim o cooperativismo agrícola no Brasil. Segundo Tsugio Shindo, a cooperativa surgiu “em decorrência da exploração exagerada dos intermediários que obrigavam muitos dos

escreveu o prefácio da obra. Este último, aliás, foi co-fundador do Nippon Country Club (NCC) ⁷⁶, juntamente com Yamamoto, em 1960 ⁷⁷. Outra maneira de notar tal influência se dá em alguns textos específicos, referidos a pronunciamentos realizados em conferências e publicados nos periódicos. A este caso, se aplicam “Três Propostas do Lado Brasileiro” ⁷⁸, “Problemas das Pequenas e Médias Empresas no Brasil” ⁷⁹ e “Os Imigrantes Japoneses do Brasil: Um Modelo de Internacionalização” ⁸⁰.

Sua importância parece ser tão grande que no município de Arujá (SP), onde foi fundado o NCC, uma rua recebeu seu nome, e se situa no bairro Jardim Yamamoto ⁸¹. Ele, inclusive, foi um dos principais colaboradores do CEHIJB ⁸², que deu origem a uma obra tida como fundamental para os estudos migratórios referentes aos japoneses. Não por acaso, ele chegou a ocupar durante um período o cargo de presidente do Centro de Estudos Nipo-Brasileiros ⁸³.

imigrantes japoneses a venderem sua produção a preços irrisórios”. In: SHINDO, Tsugio. *Passos da Imigração Japonesa no Brasil*. SP: Associação Cultural Recreativa Akita Kenjin do Brasil, 1999, p. 297.

⁷⁴ Ver “Kenkiti Simomoto, o Homem”, publicado em abril de 1979, sem jornal definido. In: YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, pp. 100-102.

⁷⁵ Além de ser um dos fundadores do Nippon Country Club, Shigeki Ueki foi também Ministro das Minas e Energia durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979). Informação disponível em: CULTURA Japonesa.com.br. *Entrevista de Shigeaki Ueki concedida à Revista Nippon nº 2, em 1997*. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=624> (Acesso em 04/01/2017).

⁷⁶ Um dos clubes desportivos de maior destaque da comunidade *nikkei*. In: CEHIJB – Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (org.). *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. SP: HUCITEC: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 414.

⁷⁷ YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, p. 243.

⁷⁸ Texto do pronunciamento feito durante almoço-reunião oferecido aos membros da delegação japonesa da Comissão Mista Empresarial Brasil-Japão, dia 21 de agosto de 1974, publicado em setembro de 1974 no *Informações Econômicas*. In: YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, pp. 64-66.

⁷⁹ Texto da palestra pronunciada na Conferência sobre Gestão de Pequenas e Médias Empresas, patrocinada pela revista *Seleções Econômicas*, publicado em abril de 1979 pela mesma revista. In: YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, pp. 103-116.

⁸⁰ Trabalho apresentado ao Simpósio Cultural Comemorativo dos Oitenta Anos da Imigração Japonesa no Brasil, 14 de abril de 1988. In: YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, pp.184-196.

⁸¹ Não foi possível mapear o período em que a rua recebeu tal nomenclatura. In: TODOS os CEPs do Brasil. Disponível em: <<http://ceps.io/SP/Aruja/Fontes/Rua-Katsuzo-Yamamoto-Jd-Yamamoto/07414160/>> (Acesso em 17/12/2016).

⁸² CEHIJB – Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (org.). *Uma epopeia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. SP: HUCITEC: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992, p. 604.

⁸³ YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994, p. 259.

Assim sendo, outra figura importante que já foi mencionada também faz parte deste mosaico. Trata-se de José Yamashiro, responsável pela tradução da obra de Katsuzo Yamamoto, e a obra *Trajetória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*, de sua autoria. Como o próprio autor afirma, este trabalho constitui a “tentativa de autobiografia de um jornalista da primeira geração de nipo-brasileiros, como adendo a um caderno de memórias do imigrante Riukiti Yamashiro”⁸⁴, falecido no ano de 1983. Sendo assim, trata-se de uma publicação de cunho biográfico.

O caderno de memórias de Riukiti, intitulado *Watakushi no Kiroku (Minhas Memórias)*, foi escrito quando ele completou setenta anos de idade. Foi baseado em anotações feitas durante sua vida e em seu diário, além da sua própria memória das experiências vividas⁸⁵. A finalidade de deixar este registro escrito fica bem clara na sua introdução:

“Já decorreu quase meio século desde que eu e minha mulher emigramos para o Brasil. (...) Nosso destino está determinado: seremos para sempre os ancestrais dos nossos descendentes nesse país. Quero deixar registrado, com a maior exatidão possível, por que e como eu e minha esposa viemos parar aqui, os motivos e objetivos, que trabalho realizamos e como vivemos, a fim de legar aos nossos pósteros um documento escrito. Porquanto, sem um registro escrito, é impossível esperar precisão da história”⁸⁶.

O autor apresenta a trajetória de Riukiti Yamashiro, desde a sua infância em Okinawa até o estabelecimento dele e sua família no Brasil. Sobre isso, é importante destacar que as primeiras entradas de imigrantes japoneses ao Brasil, iniciadas em 1908 com a chegada do navio Kasato-Maru, foram marcadas pela predominância de pessoas originárias da província de Okinawa⁸⁷.

Cabe mencionar que tal região, ainda hoje, possui relações ambivalentes com o Japão⁸⁸. Algo que ocorreu durante a procura por colaboradores para esta pesquisa foi a recusa de uma descendente de *okinawanos*, justamente por esta questão ambivalente. Isso se deve a diversos

⁸⁴ YAMASHIRO, José. *Trajetória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*. SP: Aliança Cultural Brasil-Japão & Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996, p. 09.

⁸⁵ *Idem*, p. 19.

⁸⁶ *Ibidem*.

⁸⁷ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, Patrícia de Queiroz C. (trad.) SP: UNESP, 2001, p. 161.

⁸⁸ PIRES, Ricardo Sorgon. *Os outros japoneses: festivais e construção identitária na comunidade okinawana da cidade de São Paulo*. SP: USP, 2016. 328 f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 22.

fatores, dentre os quais pode-se destacar o processo de “japonização” de sua população ⁸⁹, que consequentemente dissipou diversos traços culturais *okinawanos*, como por exemplo o dialeto *uchinaguchi*. As consequências de tal intervenção cultural se mostram presentes a partir da fala do colaborador André, que narra a experiência de sua amiga – ambos descendentes de *okinawanos*:

Lembrei agora de uma amiga minha né? Ela foi para Okinawa com finalidade de pesquisa... E quando voltou, perguntei como tinha sido a experiência. Então começamos a conversar, e ela me disse dos primos e amigos dos primos dela que vivem em Okinawa. Todos eles têm a idade dela, inclusive a média de faixa etária similar à minha. Ela entende muito mais a cultura *okinawana* do que eles! Ainda que eles possuam uma relação com costumes e etc... Mas são coisas que estão enraizadas, né? É do *ethos*.

André Massanori Okuma

É importante destacar que, por conta do processo de “japonização” estar em andamento no contexto de vinda dos *okinawanos* ao Brasil, muitos dos traços culturais deste grupo se preservaram no Brasil – tanto em termos cotidianos quanto artísticos e culinários. Por conta de tal peculiaridade na sua história, o grupo dos *okinawanos* no Brasil aparenta ter um apelo maior à preservação e manutenção de seus valores. Não por acaso, um dos festivais japoneses mais importantes, que ocorre anualmente na região de Vila Carrão, é o *Okinawa Festival*, organizado pela AOVC ⁹⁰.

A chegada de Riukiti e sua família se deu em 1912, e as motivações do imigrante, segundo *Minhas Memórias*, se relacionaram a uma falta de perspectiva sobre o futuro. Segundo consta nos seus manuscritos,

“(...) resolvi emigrar porque não vislumbrava nenhuma esperança de melhorar de vida em Okinawa. (...) Fosse como fosse, o estrangeiro seria melhor que Okinawa. Nem alimentava o sonho de voltar a Sashiki⁹¹ como homem bem-sucedido e rico. Nutria uma vaga esperança de melhorar de vida, muito embora não tivesse qualquer plano concreto. No fundo, uma aventura arriscada” ⁹².

⁸⁹ KIMURA apud PIRES, Ricardo Sorgon. *Os outros japoneses: festivais e construção identitária na comunidade okinawana da cidade de São Paulo*. SP: USP, 2016. 328 f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016, p. 76.

⁹⁰ ASSOCIAÇÃO Okinawa Vila Carrão. *Site Oficial da AOVC*. Disponível em: < <http://www.aovc.com.br/>> (Acesso em 06/12/2017).

⁹¹ Vilarejo situado na província de Shimajiri, em Okinawa.

⁹² YAMASHIRO, José. *Trajetória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*. SP: Aliança Cultural Brasil-Japão & Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996, p. 26.

Diversas passagens de tal experiência são descritas em primeira pessoa, com as impressões do próprio Riukiti (baseadas em *Minhas Memórias*) acerca delas – tal como a passagem acima –, enquanto outras são narradas em terceira pessoa, com a leitura de José Yamashiro – que, por sua vez, também apresenta a sua própria trajetória de vida, muito mais focada no âmbito do trabalho jornalístico.

É importante observar a estruturação deste trabalho, que se utilizou de alguns recursos narrativos importantes. A primeira coisa que chama atenção é o fato de que as duas trajetórias de vida apresentadas – Riukiti e José Yamashiro – se entrecruzam em diversas passagens. Neste sentido, para diferenciar as vozes presentes, o uso das aspas quando trechos da biografia se referem ao manuscrito de seu pai é fundamental, como apresentado no trecho acima. Isso evita que haja confusão entre os elementos que compõem esta narrativa.

A mencionada alternância da primeira para a terceira pessoa, ao que parece, se dá por conta de alguns elementos da biografia escrita por Yamashiro não estarem presentes no referido manuscrito – ou, em alguns casos, por ter havido interferência direta do autor na configuração original de tais escritos. Isso fica claro quando o autor faz uma breve reflexão sobre *Minhas Memórias*:

Deixando de lado a tradução quase ao pé da letra do manuscrito de papa, vou tentar resumir, sem prejuízo da fidelidade ao conteúdo, os pontos essenciais de *Minhas Memórias*, que têm no total cerca de 400 páginas. Uma reprodução completa, embora desejável, não seria aconselhável nem prática, dentro dos objetivos deste trabalho ⁹³.

O aspecto da multiplicidade de vozes presentes dá um caráter peculiar a essa biografia em termos de estilo. Em diversos momentos, parece haver diálogos entre um narrador impessoal, Riukiti e José. Um exemplo para tal recorrência se dá no momento em que Yamashiro fala sobre um acidente de barco sofrido pelo pai na infância, quando este ainda vivia em Okinawa:

Certa vez, meninos, inclusive Riukiti, que brincavam no molhe, resolveram sair num barquinho a remo, tipo canoa. Sem prática, acabaram perdendo o controle do pequeno barco. Se não fosse o alarme dado por amiguinhos em terra, os garotos teriam naufragado.
(...) “Tive muito medo”, confessou-nos muitas décadas depois do acidente ⁹⁴.

⁹³ *Idem*, p. 30.

⁹⁴ *Idem*, p.23-24.

Pela leitura, é possível identificar outro aspecto presente na obra: algumas passagens parecem ter origem em diálogos informais que o autor teve com seu pai. O interessante é notar que, mesmo com tantas variações na escrita, trata-se de uma obra bem organizada e estruturada.

Mesmo havendo o entrecruzamento das duas trajetórias, é evidente que, de forma gradativa, a de Riukiti vai dando espaço cada vez maior à de José. A década de 1930, em que José inicia sua carreira na imprensa nipo-brasileira – mesmo período em que ingressa na USP⁹⁵ –, parece ser o divisor de águas que marca essa passagem. Tal transição é sutil, e revela a intenção do autor de compor uma única narrativa para ambos.

Dado este panorama, algumas passagens deste trabalho merecem ser destacadas, com a finalidade de chamar atenção a alguns aspectos de análise que farão parte da discussão mais ampla da pesquisa, cujo principal foco está nos relatos orais de descendentes de japoneses no Brasil. Não se pretende, portanto, apresentar descritivamente os fatos ocorridos, mas sim, evidenciar possíveis diálogos entre as diversas vozes presentes neste mosaico.

Um primeiro momento se dá no período referente à chegada da família de Riukiti ao Brasil e o seu estabelecimento na Fazenda Santa Lúcia, onde conviveram com colonos de outras nacionalidades, dentre os quais, espanhóis⁹⁶. O choque cultural foi um aspecto que chamou a atenção, mas para além disso, é interessante destacar o olhar de alteridade que Riukiti conseguiu ter com relação a seus vizinhos num momento de estranhamento:

“Tradicionalmente, os japoneses tinham o hábito de, no fim de um dia de trabalho, tomar banho e trocar de roupa. Os *gaijin* nos pareciam – pelo menos aqueles operários rurais como os que vimos – não tomar banho e usar roupas imundas. Pareciam, pelo nosso padrão de julgamento. E eles nos julgando “não civilizados”, com base no seu padrão cultural”⁹⁷.

Por se tratar de um grupo migratório com diferenças culturais evidentes, esse estranhamento parecia ser algo comum, e atingia a diversos âmbitos da vida cotidiana. Não é fato recente que a figura do japonês se tornou um lugar de imaginários e estereótipos tanto positivos quanto negativos. Isso foi motivo para a existência dos conflitos que envolviam discursos identitários na primeira metade do século XX envolvendo os imigrantes japoneses: o estranhamento e, conseqüentemente, a desconfiança.

⁹⁵ *Idem*, p.122.

⁹⁶ *Idem*, p. 28.

⁹⁷ *Idem*, p. 29.

Riukiti faz um exercício de alteridade no fragmento extraído de seu caderno de memórias, invertendo o olhar do estranhamento – que até então, era direcionado aos japoneses – e projetando-o aos *gaijin*, sem desconsiderar a especificidade de cada grupo. É uma via de mão dupla. O próprio fato de Riukiti se referir aos operários como sendo “estrangeiros” – mesma condição que ele naquele momento – traz ainda a ideia da disputa de espaços e da negociação.

Frente a uma perspectiva identitária acerca deste fenômeno migratório, é importante mencionar que grande parte das produções existentes traz essa reflexão. Em obras de cunho biográfico, isso se torna mais evidente ainda. Não são poucos os momentos em que José Yamashiro apresenta ao leitor, a partir das experiências de vida, as relações da comunidade japonesa com o Brasil. Ora de maneira sutil, ora de maneira explícita, essa questão se faz presente, como na seguinte passagem, referente a sua trajetória:

Como eu era o único *filho de japoneses* em meio a três dezenas de meninos brancos, mulatos e negros, constituía um elemento estranho e novo dentro do grupo. Alguns me chamavam de “Japão” ou “japonês”. Eu não estranhava, pois já fora chamado assim, às vezes, com certo tom de desprezo. Os meninos me chamavam assim, sem intenção de ofender.⁹⁸

O que chama a atenção neste fragmento é a auto-identificação de José como sendo um filho de japoneses, e não necessariamente um japonês – embora ele tenha tido uma aproximação íntima com sua ascendência nipônica, a ponto de escrever um livro sobre a história do Japão⁹⁹. É pertinente apontar que a questão da naturalidade mencionada por Yamashiro também emerge na fala do colaborador Emerson:

(...) eu percebo nas pessoas que elas falam naturalmente, no contato comum. Então, vamos supor que eu encontre o segurança. Eu o cumprimento, e ele diz: “e aí, Japão”. Esse “Japão” é como se fosse João, José. Não é falado na intenção de depreciar, mas é como se fosse uma marca mesmo. Mas o engraçado é que, se outra pessoa se encontrar com ele, ele não vai falar “e aí, caucasiano”. Ninguém fala isso.

Emerson Issa Kamiya

Considerando que são duas falas situadas em contextos e realidades distintas, elas acabam revelando uma experiência coletiva vivida pelos descendentes de japoneses – experiência essa que independentemente das gerações que se passam, ao se levar em

⁹⁸ YAMASHIRO, José. *Trajetória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*. SP: Aliança Cultural Brasil-Japão & Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996, p. 75. Meu grifo.

⁹⁹ YAMASHIRO, José. *Pequena História do Japão*. 2ª ed. SP: Editora Herder, 1964.

consideração que Yamashiro é um *nissei* e Emerson, *sansei*. Emerson, por sua vez, ainda indaga em sua fala sobre a questão étnica, que se torna a “marca” do descendente de japoneses. A mesma experiência emerge da fala do colaborador André que, por sua vez, apresenta uma perspectiva sobre tal experiência que revela questionamentos acerca do lugar do *nikkei*:

(...) ao mesmo tempo em que eu me sentia meio deslocado por ser o japonês, eu não tinha contato tão forte com a colônia japonesa. Era como se eu fosse uma pessoa diferente, assim como um amigo que fosse mais orelhudo, sabe? Era quase como se fosse uma peculiaridade física, e não cultural.

André Massanori Okuma

Isso revela um paradoxo: ao mesmo tempo em que a imagem do japonês se torna comum na sociedade brasileira, ainda assim ele é reconhecido como o japonês, porém com outras denominações que não as emergentes na primeira metade do século XX – o que o coloca numa condição indeterminada e passível de negociações a todo momento. André, ainda, abre margem para um aspecto que se pretende explorar a fundo na presente pesquisa: a relação das novas gerações de *nikkei* com a comunidade nipo-brasileira e sua reconfiguração.

Uma questão a ser colocada se refere à predisposição da Yamashiro em admitir seu distanciamento com o que aborda na obra que escreveu, mesmo tendo uma relação com o país por intermédio de seus familiares. Porém, tal distanciamento revela também um desejo de aproximação no que tange à sua relação com a comunidade japonesa estabelecida no Brasil. Como o próprio autor afirma,

Não é tarefa simples percorrer a história de um povo, cujo passado se confunde com a origem dos tempos... Seria exigir o impossível querer uma obra completa em língua estrangeira sobre a história nipônica¹⁰⁰. (...) Não sendo historiador, nem dispondo de conhecimentos suficientes para uma obra original, nada mais podia fazer do que coligir dados e redigir, em linguagem chã, um resumo da longa sucessão de fatos históricos da terra de meus pais.¹⁰¹

A relação dos sujeitos com a comunidade nipo-brasileira é um elemento comum em grande parte das produções de circulação interna – e, em muitos casos, percebe-se a relação

¹⁰⁰ *Idem*, p. 11.

¹⁰¹ *Idem*, p. 12.

entre estes sujeitos. José Yamashiro, por exemplo, teve contato próximo com o já mencionado Tomoo Handa, que foi seu professor de língua portuguesa na escola japonesa *Taisho* ¹⁰².

Nota-se, portanto, que em determinados períodos da imigração japonesa no Brasil, havia uma forte rede de sociabilidade. Porém, não se deve deixar perder de vista a carreira jornalística que Yamashiro teve, o que lhe permitiu realizar diversos trabalhos relacionados à comunidade nipo-brasileira – fazendo, inclusive, viagens por Japão e outros países da Ásia, quando atuava no periódico *Visão* ¹⁰³.

A referida viagem de Yamashiro ao Japão, ocorrida em 1961, está diretamente atrelada à sua trajetória profissional. Isso não o impediu que visitasse parte de sua família residida em Okinawa. Neste momento, o que fica claro é que o Japão, embora íntimo para as memórias do autor, não é considerado por ele o seu “lar”: o seu vínculo de pertencimento está no Brasil.

Isso também remete a Riukiti, que fez viagens ao Japão sob outros pretextos e em outras condições. Considerando a sua perspectiva no momento da emigração, o que o motivou a retornar a Okinawa foi a busca de sua mãe para viver em terras brasileiras. Ao buscá-la e ao liquidar os poucos bens da família que ainda existiam em Sashiki – a dizer, as propriedades –, ele havia rompido com os elos que o prendiam ao seu país de origem ¹⁰⁴.

A partir do que foi explanado, evidenciou-se os diversos meios utilizados por José Yamashiro para a escrita de sua obra. Em diversos momentos, as lembranças de pai e filho se complementaram na escrita, dando assim a impressão de que as composições, produtos de diferentes temporalidades, entram em harmonia a partir da interlocução do autor.

Da mesma maneira, é comum que nas entrevistas realizadas a partir da História Oral este entrecruzamento de memórias também ocorra. Isso porque, independentemente de se tratar de uma memória individual ou coletiva, ela deve possuir elementos constitutivos para que exista. Segundo Pollak, estes elementos seriam os acontecimentos – que o autor divide

¹⁰² YAMASHIRO, José. *Trajétória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*. SP: Aliança Cultural Brasil-Japão & Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996, p. 102.

¹⁰³ A trajetória profissional de José Yamashiro no periódico *Visão* se encontra disponível no capítulo 7 de sua obra biográfica, intitulado “Fase Muito Produtiva”. In: YAMASHIRO, José. *Trajétória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*. SP: Aliança Cultural Brasil-Japão & Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996, pp.275-332.

¹⁰⁴ *Idem*, p. 68.

entre “acontecimentos vividos” e acontecimentos “vividos por tabela”¹⁰⁵ –, os personagens e os lugares¹⁰⁶.

Não se pode perder de vista um caráter importante de tal obra: ela foi publicada em decorrência das comemorações do centenário do Tratado de Comércio, Navegação e Amizade Brasil – Japão, ocorrido em 1895. O próprio autor afirma que a data-limite de dezembro de 1995 foi um dos problemas que teve que enfrentar durante o processo de escrita¹⁰⁷. Isso abre margem para outro tipo de produção que envolve este grupo migratório: as publicações comemorativas.

1.3 As cerejeiras florescem no Brasil: produções acadêmicas em publicações comemorativas da imigração japonesa

Um aspecto que foi possível de se evidenciar nas vozes apresentadas anteriormente se refere à integração da comunidade japonesa com a sociedade brasileira. Uma das dimensões apontadas é o ingresso nas universidades. Paralelamente a isso, algumas falas dos colaboradores, ao entrar em diálogo com as obras apresentadas, apontaram tanto permanências quanto distanciamentos no sentido da percepção do “ser japonês”. Outro dado a não se perder de vista é o que está por trás de tais publicações: tanto a obra de José Yamashiro quanto a de Katsuzo Yamamoto¹⁰⁸ possuem uma finalidade comemorativa.

Algo apontado por Yamamoto nos seus escritos se refere também a esta preocupação da comunidade nipo-brasileira em celebrar datas comemorativas, ao passo que isso, pelo menos naquele período, não se revelava em outros grupos migratórios. Isso gera, no pensamento de Yamamoto, uma impressão de que este poderia ser um fator para evidenciar relativo atraso na integração à sociedade brasileira.

¹⁰⁵ POLLAK, Michael. “Memória e Identidade Social”. In: *Estudos Históricos*. RJ, vol. 5 nº 10, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> (Acesso em 11/04/2012), p. 201.

¹⁰⁶ *Idem*, p. 201-202.

¹⁰⁷ YAMASHIRO, José. *Trajetória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*. SP: Aliança Cultural Brasil-Japão & Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996, p. 07.

¹⁰⁸ Embora não seja uma informação oficial, pode-se chegar a tal inferência pelo fato de o exemplar apresentado remeter à segunda edição da obra e de ter sido publicado em 1994, um ano antes do centenário do Tratado de Comércio, Navegação e Amizade entre Brasil e Japão.

Por outro lado, não se devem desconsiderar também as intempéries pelas quais os imigrantes japoneses passaram durante todo este processo, desde a desconfiança inicial até os discursos eugenistas da primeira metade do século XX, as políticas restritivas do governo Vargas, como a “lei dos dois por cento”¹⁰⁹, as posições antagônicas entre Brasil e Japão quando a Segunda Guerra Mundial os envolveu diretamente nos conflitos, a iminência do “perigo amarelo”, que ressurge no cenário político nos anos 1940, o conflito dentro da própria colônia, causado pelo Movimento *Shindo-Renmei* (Liga do Caminho dos Súditos)¹¹⁰ – isso sem mencionar as dificuldades dos primeiros imigrantes, referentes à adaptação e à dura vida nas fazendas de plantio de café, havendo inclusive diversos episódios de fuga.

Uma vez mencionado o *Shindo-Renmei*, que pode ser considerado um dos eventos mais traumáticos da história da imigração japonesa, é de se destacar a dimensão do seu impacto em famílias que não tiveram relação com o movimento. O relato do colaborador Lucas, cujo avô viveu na região de Bastos – qualificada por uma autoridade policial como “o maior quisto nipônico no exterior” na primeira metade do século XX¹¹¹ –, acentua ainda mais as intempéries vividas pelos imigrantes japoneses durante a sua presença no país:

Meu avô era um dos suspeitos de participar desse grupo, porque houve um assassinato – ou algo do tipo –, e o criminoso tinha um cavalo branco. Esse criminoso era do *Shindo-Renmei*. Por coincidência, meu avô também possuía um cavalo branco, e aí começaram a perseguir ele. Segundo ele fala, não aconteceu nada demais, só que ele não gosta muito de falar sobre...

Lucas Marzullo Teraoka

¹⁰⁹ Segundo Artigo 121, parágrafo 6.º, referente ao Título IV (Da Ordem Economica e Social) da Constituição de 1934, “A entrada de immigrants no territorio nacional soffrerá as restricções necessarias á garantia da integração ethnica e capacidade physica e civil do immigrant, não podendo, porém, a corrente immigratoria de cada paiz exceder, annualmente, o limite de dois por cento sobre o numero total dos respectivos nacionaes fixados no Brasil durante os ultimos cincoenta annos”. In: BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934-365196-publicacaooriginal-1-pl.html>> (Acesso em 02/12/2016).

¹¹⁰ Um breve episódio que de certo modo manchou a história da imigração japonesa no Brasil. Segundo Célia Sakurai, “foi uma luta que envolveu aqueles que, por falta de informações, acreditavam na vitória do Japão (os chamados *kachigumi*) e, por conseguinte, acusavam as autoridades brasileiras de esconder a verdade. Aqueles compatriotas que deles discordavam (os chamados *makegumi*) foram perseguidos e assassinados. Foram ao todo 23 mortos e 147 feridos. O episódio acabou na Justiça brasileira, que indiciou 381 e ordenou expulsão de 80 deles por ameaça à ordem pública”. In: SAKURAI, Célia. “A Chegada do Kasato-Maru e o contexto das migrações japonesas (1908-1970)”. In: *Kasato-Maru: Uma viagem pela história da imigração japonesa*. Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2009, p. 29.

¹¹¹ TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008, p. 33.

Tendo isso em vista, ainda assim os nipo-brasileiros conseguiram, aos poucos, se fazerem naturais no cenário social do Brasil. Isto se reflete, por exemplo, na entrada das gerações seguintes desses imigrantes em universidades públicas ¹¹², em diversos setores do trabalho e, inclusive, em cargos políticos. A recorrência de casamentos destes com pessoas não relacionadas à comunidade têm sido mais comuns ¹¹³. Nas últimas décadas do século XX, iniciou-se o movimento *dekassegui*, quando o Brasil passou a fornecer emigrantes para outros países, de modo a seguirem os passos dos primeiros imigrantes, mas sob outras condições e motivações.

Neste processo, é de se considerar que há motivos para que as medidas tomadas pela comunidade a fins comemorativos existam: os constantes questionamentos sobre a própria condição dos imigrantes, o que foi transmitido às gerações seguintes, a preocupação das primeiras gerações com o futuro da comunidade *nikkei*, que atualmente está na quarta geração, denominada *yonsei* etc.

Conforme se passaram os anos, o afastamento da terra natal se tornou maior; o retorno, uma utopia; o Japão, um lugar distante – principalmente para os descendentes, que não possuem este vínculo direto até terem a experiência da ida ao país, que já não é o mesmo de seus familiares. Sendo assim, as negociações por uma identidade que os integrasse ao Brasil foram e são constantes, gerando inclusive crises de pertencimento. Isso porque, tendo passado mais de cem anos da chegada do navio *Kasato-Maru*, em 18 de junho de 1908, por mais que os *nikkeis* agora fossem brasileiros, a sociedade ainda continuaria a defini-los como japoneses ¹¹⁴, e isso se reflete nas palavras do colaborador Andre, por exemplo, que era sempre “o “japa” da turma!”.

Apesar desses conflitos identitários, preservar as memórias da imigração japonesa no Brasil parece ter um sentido para este grupo, e isso se reflete de diversas maneiras: o já mencionado Simpósio Cultural Comemorativo dos Oitenta Anos da Imigração Japonesa no Brasil, no qual Yamamoto foi orador; a criação do Bosque das Cerejeiras no Parque do

¹¹² Sobre isso, cabe mencionar que os dez colaboradores da pesquisa possuem ou possuíram vínculos universitários

¹¹³ Dos dez entrevistados para a presente pesquisa, sete são mestiços.

¹¹⁴ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, Patrícia de Queiroz C. (trad.) SP: UNESP, 2001, p. 252.

Carmo, em decorrência do 70º aniversário da imigração japonesa no Brasil ¹¹⁵; a inauguração do MHJB pela Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa (Bunkyo – SP) com a presença do então príncipe herdeiro do Japão, Akihito, e do então presidente da república, Ernesto Geisel ¹¹⁶; os diversos monumentos da artista plástica Tomie Ohtake distribuídos por São Paulo, dos quais se destacam o Monumento à Imigração Japonesa, na Avenida 23 de Maio (1988), e a Escultura dos 100 anos da imigração japonesa, no Aeroporto de Cumbica (2008); os sambas-enredo das escolas carnavalescas G.R.E.S. Unidos do Porto da Pedra – RJ (*100 Anos da Imigração Japonesa no Brasil: Tem Pagode no Maru*)¹¹⁷ e Unidos de Vila Maria – SP (*Irashai-mase, Milênios de Cultura e Sabedoria no Centenário da Imigração Japonesa*)¹¹⁸ etc.

É interessante perceber que, apesar de mais de um século de história deste grupo de imigrantes, existam poucos trabalhos produzidos, quando em comparação a outros grupos. Por outro lado, durante um período de pelo menos três décadas após o final da Segunda Guerra Mundial, poucos foram os estudos sobre fluxos migratórios em geral. Segundo Célia Sakurai isto se deu porque:

[...] os olhos dos especialistas de diferentes áreas voltam-se para outros assuntos, sobretudo para a questão dos desequilíbrios econômicos, da democracia e mais tarde para a guerra fria e seus desdobramentos. A imigração nas décadas de 1950, 1960 e 1970, praticamente deixou de ser foco para os estudos de historiadores e cientistas sociais. No entanto, ela insere-se nas discussões que preocuparam o mundo do pós-guerra, em particular, do período imediatamente após as rendições dos países do

¹¹⁵ Os preparativos para as comemorações já haviam se iniciado em 1975. A ideia de se cultivar as cerejeiras no Parque do Carmo, em Itaquera (tida como uma região com considerável presença nipônica na cidade de São Paulo) teve como principal idealizador o então diretor da Associação Nipo-Brasileira, Katsutoshi Matsubara. In: FEDERAÇÃO de Sakura e Ipê do Brasil. *Cultivando uma semente da amizade entre Japão e Brasil. Sakura: os passos de 30 anos vistos em fotos 1978-2008*. Livro comemorativo do 30º aniversário do Bosque das Cerejeiras do Parque do Carmo. SP: Paulo's Gráfica, 2008, p. 31

¹¹⁶ O objetivo da inauguração do museu, em 1978, foi o de "registrar e preservar tudo o que pudesse contar a vida dos imigrantes japoneses no Brasil, desde sua chegada aqui, passando por sua adaptação ao modo de vida de uma sociedade ocidental – bem diferente da japonesa! – e a sua evolução até a completa integração nos dias de hoje". In: MOTOYAMA, Shozo. "O Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil". In: *Comunicação & Educação. Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. Dossiê Políticas Públicas, televisão e infância: interfaces educacionais*, SP, v.13, n.3, set/dez 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/43277>> (Acesso em 09/12/2016), p. 133.

¹¹⁷ GALERIA do Samba. *100 Anos de Imigração Japonesa no Brasil - Tem Pagode no Maru*. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-porto-da-pedra/2008/21/>> (Acesso em 01/12/2016).

¹¹⁸ LIMA, Mário Sérgio. "Carnaval 2008: Vila Maria celebra 'japoneses do Brasil'". In: FGV EAESP - Centro de Estudos em Sustentabilidade. São Paulo, 01 fev. 2008. Disponível em: <<http://gvces.com.br/carnaval-2008-vila-maria-celebra-japoneses-do-brasil?locale=pt-br>> (Acesso em 01/12/2016).

Eixo. A partir de 1950, a questão é de deslocamentos de mão-de-obra para os países que tinham interesse em receber imigrantes, como o Brasil.¹¹⁹

Grande parte da produção acadêmica recente acerca da imigração japonesa no Brasil se compõe, principalmente, de artigos, teses e dissertações. Isso se revela com as recentes publicações, que de maneira geral, são compilações destes trabalhos centrados em uma temática. Dentre tantas formas de revitalizar o passado dos imigrantes japoneses frente às questões que a comunidade nipo-brasileira enfrenta nos dias atuais, pretende-se apresentar ao leitor as publicações de cunho comemorativo referentes a este processo, visto que muito do que foi falado até o presente momento se reflete nelas.

O principal diferencial das obras que serão apresentadas com relação aos primeiros trabalhos apontados – Yamamoto e Yamashiro – está no fato de que grande parte dessas produções partiu da iniciativa de universidades e de comissões internas formadas para tal. Portanto, trata-se de uma produção que não se baseia necessariamente no caráter intimista dos primeiros escritos, embora busque também compor uma trajetória.

O fato de editoras universitárias publicarem obras deste tipo revela um aspecto que até então não havia sido apresentado ao leitor: a multiplicidade de linguagens existentes nessas novas produções, que tiveram como possível marco fundador o centenário da imigração japonesa no Brasil, e o levantamento realizado no site da CAPES revelou isso. Ela se mostra presente pelas diversas áreas do conhecimento que autores convidados a publicar ocupam. Outros trabalhos já existentes – como o caso mencionado de Elena Camargo Shizuno – se juntam a essa somatória em forma de novas publicações, trazendo reflexões pertinentes e necessárias.

Aprofundando um pouco tais considerações, o primeiro trabalho que compõe esta tipologia é o da própria Shizuno. Uma vez apontado que a obra *Os imigrantes japoneses na Segunda Guerra Mundial: bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil* tenha por origem sua dissertação de Mestrado defendida em 2001, passaram-se nove anos desde então. Considerando tal retomada ao fato de a trajetória acadêmica da historiadora estar quase sempre vinculada à UFPR, é importante pensar os motivos pelos quais a referida obra tenha sido publicada pela EDUEL. Sobre isso, compreende-se que a publicação da EDUEL está

¹¹⁹ SAKURAI, Célia. “A imigração dos japoneses para o Brasil no pós-guerra (1950-1980)”. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO; Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008, p. 190.

vinculada às comemorações do centenário da imigração japonesa no Brasil na região norte do Paraná, especificamente em Londrina. Até este momento, não havia nenhum livro publicado pela editora que abordasse tal temática, num contexto comemorativo em que havia um público em potencial.

Embora não haja alterações referentes ao conteúdo, na introdução da obra publicada a autora apresenta um panorama recente à época da publicação, que envolve a questão do preconceito com relação aos migrantes existentes pelo mundo ¹²⁰. Shizuno situa seu trabalho – cuja documentação é da década de 1940-50 e se refere aos prontuários do DOPS do Paraná – neste panorama, de modo a dizer ao público leitor que esta é uma questão cujas raízes remetem há períodos anteriores. Neste sentido, houve um processo de atualização de sua obra: atribuindo a ela questões que merecem reflexão a partir dos acontecimentos recentes, principalmente no condizente à xenofobia e aos discursos de ódio contra imigrantes.

Outro exemplo que pode ser citado neste sentido é o livro de Márcia Yumi Takeuchi, intitulado *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. Esta obra, publicada em 2008 pela editora Humanitas, já foi pensada para tal finalidade. Ela faz parte da coleção *Histórias da Repressão e da Resistência*, e segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, “integra as publicações produzidas pelos pesquisadores da Universidade de São Paulo por ocasião do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil (1908-2008)” ¹²¹.

A obra vem acompanhada do selo comemorativo criado pela Comissão do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil / USP, 1908-2008, e diferentemente do trabalho de Shizuno, consiste não na retomada, mas na continuidade de estudos realizados anteriormente – neste caso, um trabalho de Iniciação Científica desenvolvido entre 1998 e 2000, intitulado *O perigo amarelo em tempos de guerra (1993-1945)*, desenvolvido na época junto ao PROIN e financiado pela FAPESP ¹²². Ambos os trabalhos tratam do movimento *Shindo-Renmei*, além dos debates raciais sobre a figura do oriental.

É de se destacar que as duas autoras inicialmente apresentadas estejam presentes também em uma das obras comemorativas idealizadas pela referida comissão para tais

¹²⁰ SHIZUNO, Elena Camargo. *Os imigrantes japoneses na Segunda Guerra Mundial: bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil*. Londrina: EDUEL, 2010, p. 23.

¹²¹ Informação disponível no verso do livro. In: TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008.

¹²² TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008, p. 27.

comemorações. Trata-se de *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. A presença de Takeuchi neste livro se dá de três maneiras: a primeira, como organizadora, ao lado da Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro; a segunda, como autora de um dos artigos presentes na obra; a terceira, como homenageada, por conta de seu falecimento no mesmo ano em que o livro foi publicado (2010) ¹²³. Neste sentido, a referida publicação tem dupla homenagem: ao centenário da imigração e à pesquisadora, que também fez parte da trajetória desses imigrantes.

Nas 712 páginas que compõem o livro – produto da iniciativa da USP em se preparar para as comemorações do centenário com a formação da referida comissão presidida pelo Prof. Dr. Sedi Hirano em parceria com o LEER-USP, coordenado pela Profa. Dra. Maria Luiza Tucci Carneiro –, o leitor acompanha essa trajetória de cem anos a partir de diversos prismas. É importante destacar que a composição geral envolve diversos elementos para além de seu conteúdo – e, nesta relação orgânica, torna-se evidente que a trajetória dos imigrantes japoneses não se localiza apenas nos textos apresentados. O próprio financiamento da obra, por exemplo, se deu em parte pelo Banco Real Santander, por intermédio de Orídio Shimizu, na época superintendente ¹²⁴. Na carta do então presidente do banco Fábio C. Barbosa, que se encontra presente no livro, ele afirma:

A nossa relação e vínculo com a comunidade nipo-brasileira têm suas raízes no Banco América do Sul, fundado em 1940, por japoneses (...). Em 1998, o [Banco] América do Sul foi incorporado pelo Banco Sudameris e, posteriormente, integrado ao Banco Real. Em 2008, o Banco Real foi comprado pelo Santander. ¹²⁵

Além disso, a obra conta também com fotografias cedidas por famílias da comunidade nipônica, que acompanham os quatro módulos nos quais os textos se organizam: *História e Memória, Imagens e Imaginário, Vestígios e Mosaico de Identidades* – sem mencionar as expressões artísticas dos *nikkeis*, também presentes nesta obra. Dessa maneira, o mosaico se compõe, juntando peças de distintas origens frente a um mesmo objetivo. Segundo Sedi Hirano, presidente da comissão,

¹²³ DIAS, Valéria. “Livro traz perfil extensivo da imigração japonesa no Brasil”. *Agência USP de Notícias*. São Paulo, 25 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.usp.br/agen/?p=51299>> (Acesso em 10/12/2016).

¹²⁴ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 22.

¹²⁵ *Idem*, p. 07.

Todos os artigos são baseados em documentos históricos, depoimentos, entrevistas, memórias, acervos iconográficos, obras de artes e obras literárias onde os imigrantes japoneses são retratados a partir de diferentes perspectivas e valores, desde a chegada do navio *Kasato-Maru*, em Santos, em 2008.¹²⁶

É importante evidenciar que, no total, vinte e nove pesquisadores das mais diversas áreas foram convidados a participar desta publicação com seus artigos¹²⁷. Desses – que possuem diversos perfis –, sete representam a comunidade nipo-brasileira. Isso revela um aspecto importante, no sentido de que a presença japonesa no Brasil chegou a um patamar em que não é possível passar despercebida, e os olhares de pesquisadores que não têm por origem essa ascendência passam a se direcionar para tal fenômeno. Segundo Maria Luiza Tucci Carneiro, no momento de apresentação da obra, “eles (os nipo-brasileiros) estão em todos os lugares e podem ser detectados por meio de nossos cinco sentidos”¹²⁸.

Os temas apresentados nos artigos são os mais variados possíveis – o que revela a dimensão da complexidade multifacetada deste fenômeno migratório. Apresentando diversas perspectivas sobre a figura do imigrante japonês – e tendo uma amplitude de documentações como base para tal –, a obra oferece material importante e inovador para os estudos migratórios posteriores, que farão parte inclusive do presente trabalho. O livro conta com quatro artigos escritos a mais de duas mãos e dezessete individuais.

A parte um, intitulada *História e Memória*, dedica-se a apresentar aspectos da imigração japonesa referente aos deslocamentos espaciais deste grupo pelo Brasil e aos conflitos que os envolveram durante seu processo de inserção na sociedade. A parte dois (*Imagens e Imaginário*), referente ao campo do imaginário e do imagético que envolve o imigrante japonês e sua presença no Brasil. Por fim, a terceira parte desta grande obra, intitulada *Vestígios*, visa apresentar ao leitor justamente os traços e evidências visuais e materiais produzidos pelos japoneses no Brasil que deixaram sua marca.

Transcendendo o convencional, a publicação comemorativa se compõe de forma a evidenciar as marcas deixadas pela comunidade nipo-brasileira ao longo dessa trajetória – seja

¹²⁶ HIRANO, Sedi. “Prefácio: O sol se põe no Brasil”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 15.

¹²⁷ As informações referentes a esses autores serão baseadas no que consta na obra. É importante que se situe esta relação no contexto da publicação, para evitar anacronismos.

¹²⁸ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Apresentação”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 18.

no acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo em expressões artísticas, na relação com a comunidade italiana, em teledramaturgias transmitidas no Japão ou mesmo na paisagem urbana, dentre outros exemplos. É emblemático então que a maioria dos autores presentes não tenha ascendência japonesa, no sentido de evidenciar que as marcas deixadas por este grupo migratório estão enraizadas na sociedade em seus diversos setores. Maria Luiza Tucci Carneiro, na apresentação, menciona a troca cultural característica dessas relações, onde é “na alquimia do exótico oriental com o sabor tropical que o karaokê improvisado e os chás verde-amarelados ganham espaço, recriando o nacional” ¹²⁹.

A última parte, nomeada *Mosaico de Identidades*, é o desfecho de toda a trajetória exposta pelos autores até aqui. Apresentando a ideia de “mosaico” que se faz presente na presente pesquisa, trata-se aqui de uma exposição virtual lançada pelo Arquivo Nacional intitulada *Japão, Brasil: centenário de um encontro*, cuja curadora responsável foi Renata William Santos do Vale. Segundo ela, “foi a primeira exposição criada pelo Arquivo Nacional, originalmente para ambiente virtual, com base em documentos escritos, passaportes e fotografias de seu acervo” ¹³⁰.

A exposição – cujos elementos expográficos se encontram na composição do artigo – traz ao espectador documentos do período entre 1908, quando da chegada dos primeiros imigrantes japoneses, e 1922, quando se encerra a imigração subvencionada pelo Estado de São Paulo, apresentando também um breve retrospecto do início das relações entre os dois países, ao fim do século XIX ¹³¹. É um rico material que se torna acessível ao público, de modo a encerrar a obra como que a presentear o leitor após o mesmo acompanhar a trajetória proposta pelas organizadoras, que se iniciou após o encontro Brasil – Japão.

Outro livro que carrega o selo comemorativo se chama *Educação e cultura: Brasil e Japão* ¹³², também publicado pela Edusp em decorrência das comemorações do centenário, com apoio da comissão presidida por Sedi Hirano – que, inclusive, escreveu o seu prefácio.

¹²⁹ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Apresentação”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p.18.

¹³⁰ DO VALE, Renata William Santos. “Exposição “Japão, Brasil: Centenário de um encontro””. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, pp. 604-663, p. 605.

¹³¹ *Ibidem*.

¹³² KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Educação e Cultura: Brasil e Japão*. SP: EDUSP, 2012.

Publicado em 2012, este coletou produções que dialogam a temática da imigração japonesa com questões de educação e cultura, tendo como marco um amplo debate que se iniciou na Casa de Cultura Japonesa da USP em 1988 ¹³³. As duas organizadoras da obra – Zeila de Brito Fabri Demartini e Tizuko Morchida Kishimoto – abordam estudos que envolvem o campo educacional.

Contando com pesquisadores de diversas instituições, a obra aborda os temas da educação, da escolarização, da infância e dos valores culturais – todos os estudos voltados para a comunidade nipo-brasileira –, tanto no Brasil quanto no Japão. Segundo as organizadoras da obra, a intenção de organizá-la:

(...) foi a de produzir uma obra que permitisse acompanhar e compreender a trajetória do grupo japonês ao longo de cem anos no tocante educacional, evidenciando seu enfrentamento, opções, estratégias, resultados, isto é, as marcas deixadas no contexto brasileiro de adoção e os problemas atuais no Japão. ¹³⁴

Dividido em cinco partes, o livro conta com onze autores de diversas universidades – inclusive universidades do Japão –, com predominância da USP e da UNESP. Desses onze, sete fazem parte da comunidade nipo-brasileira. Os cinco eixos temáticos se conectam, e apresentam os diversos âmbitos do campo educacional nos escritos publicados.

Imigração, Estado e Escolarização, em geral, trata de questões educacionais que envolveram a presença japonesa no Brasil desde os primeiros anos da imigração. A segunda parte do livro – *Identidade e Valores* – trata de uma abordagem sobre as negociações de identidade dos imigrantes japoneses e descendentes e os valores da cultura japonesa que permanecem inclusive no campo educacional. *Infância, Educação e Cultura* lida com a temática da infância e de brasileiros e japoneses. A quarta parte, intitulada *Ensino da Língua Japonesa*, se destina à preocupação em se preservar o ensino da língua japonesa nas escolas brasileiras. Para finalizar a obra, de modo a percorrer uma trajetória de um século de história, *Movimento Decasségui e Educação* vem a trazer reflexões sobre a educação dos brasileiros no Japão.

¹³³ CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “Apresentação”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010, p. 15.

¹³⁴ KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito F. “Apresentação”. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri (orgs.). *Educação e Cultura: Brasil e Japão*. SP: EDUSP, 2012, p. 19.

Nota-se, a partir da breve apresentação dos módulos presentes nesta obra, que houve nesta publicação também a intenção de se compor uma trajetória – porém, a partir de outro prisma. Os temas, ao se relacionarem, dão conta de um processo que se iniciou nos primeiros anos do século XX e culminam nos tempos recentes, com a ida de brasileiros ao Japão. Embora publicado quatro anos após o centenário, ela não perde seu caráter comemorativo e contemplativo no que tange às questões que propõe.

Por fim, mas sem a intenção de esgotar as publicações desta natureza, pode ser mencionado o livro publicado pela Editora Unesp, *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*, organizado por Francisco Hashimoto, Janete Leiko Tanno e Monica Setuyo Okamoto e financiado pela FAPESP. Os trabalhos apresentados compõem um conjunto coeso que corresponde aos objetivos dos organizadores, não se limitando apenas a textos acadêmicos, havendo a presença de textos em outros formatos:

Nossa opção de iniciar a obra com questões relativas à identidade e à cidadania teve como intenção apresentar os debates historiográficos mais recentes que envolvem os imigrantes japoneses e seus descendentes no Brasil (...). Nesse sentido, procuramos evidenciar não somente o que de novo está sendo discutido a respeito, como também algumas formas de expressões literárias e artísticas desses japoneses e nipo-brasileiros que contribuam, assim como diversos outros imigrantes, para a construção da sociedade brasileira.¹³⁵

A obra, publicada no ano do centenário, possui um formato diferente do “tributo” publicado pela Edusp. Um primeiro aspecto a se considerar é a presença da Canção do Imigrante, traduzida por Takao Namekata (um dos sujeitos presentes na publicação), como a epígrafe do livro¹³⁶. Aos gritos de *Banzai*, o leitor é convidado a se envolver com uma história que, naquele momento, havia completado cem anos. O interessante do formato do livro é justamente a sensação de se estar acompanhando, a partir da diversidade dos textos, as múltiplas faces deste fenômeno migratório, composta por “vidas em suspenso”, nas palavras da autora do prefácio, Zélia Lopes da Silva¹³⁷.

¹³⁵ HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008, p. 17.

¹³⁶ Ver anexo E.

¹³⁷ DA SILVA, Zélia Lopes. “Prefácio”. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008, p.13.

O livro se divide em duas partes ¹³⁸. A primeira parte, *Imigração japonesa*, apresenta duas subdivisões: *Identidade e cidadania* e *Caminhos do debate*. Esta primeira parte visa, em termos gerais, apresentar temas referentes à dimensão social deste grupo migratório. Sendo assim, eles percorrem desde a cidadania do imigrante até suas estratégias de inserção na sociedade – além das reflexões contemporâneas sobre episódios marcantes do processo, como o tratado de 1895 e a imigração japonesa do pós-guerra.

A segunda parte do livro, nomeada *Representações de si e do outro: memórias e construções artísticas revelando novas percepções*, também se divide em duas partes: *Memórias de si* e *Arte e literatura*. Esta segunda parte apresenta aspectos novos com relação à primeira, mesclando textos analíticos com textos descritivos. Em *Memórias de si*, a ênfase é dada na figura do imigrante, e não no fenômeno migratório. Portanto, serão encontrados, por exemplo, os diários de um imigrante japonês que retornou ao Japão e a análise semiótica do Bairro da Liberdade, considerado um dos principais espaços ocupados pelos imigrantes. *Arte e literatura*, por sua vez, apresenta ao leitor a diversidade das expressões artísticas, desde a produção neste âmbito por parte dos nipo-brasileiros até a literatura *Jun-nissei* ¹³⁹.

Um aspecto importante a ser dimensionado é o fato de que, nesta publicação, a maior parte dos autores possui ou possuiu vínculo acadêmico com a Unesp de Assis ¹⁴⁰, à exceção de alguns, tais como Rogério Dezem e Célia Sakurai, por exemplo, além dos próprios autores estrangeiros Jeffrey Lesser e Zelideth María Rivas –, que tiveram seus textos traduzidos pela Profa. Dra. Maria do Rosário Gomes Lima da Silva. Aparentemente, estes foram convidados para a publicação devido à importância de suas trajetórias de pesquisa referentes ao tema:

Neste retratar dos cem anos da saga dos “viajantes japoneses” por terras estranhas, o leitor fará muitas descobertas que afloram desse recontar, pelos olhares e pelas reflexões dos historiadores, psicólogos, poetas, literários e artistas plásticos, que desvelaram esse processo, com sensibilidade e acuidade analítica. ¹⁴¹

¹³⁸ As notas de rodapé que acompanham o nome dos autores apresentará o título dos respectivos artigos, disponíveis em: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO; Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008.

¹³⁹ *Jun-nissei*: crianças imigrantes japoneses nascidas no Japão, mas criadas no Brasil. In: RIVAS, Zelideth María. "Entremeado: Literatura jun-nissei no Brasil". HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO; Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008 p. 330.

¹⁴⁰ Oito dos vinte autores, além da tradutora de artigos estrangeiros, Profa. Dra. Maria do Rosário Gomes Lima da Silva.

¹⁴¹ Prefácio de Zélia Lopes da Silva. In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO; Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008 p. 15.

Desta maneira, a preocupação dos coordenadores esteve em trazer múltiplas perspectivas ao leitor. É importante considerar que grande parte dos autores presentes na obra faz parte da comunidade nipo-brasileira ou são estudiosos deste tema – ou ambos os casos ¹⁴². Notou-se também a predominante presença de historiadores entre os autores ¹⁴³, o que dá uma visibilidade a esse tema no campo historiográfico. Ao afirmar isso, não se pode deixar de lado que outros campos também dão suas respectivas contribuições na obra, de modo que haja um diálogo interdisciplinar entre o conjunto.

Até aqui, foram apresentados alguns dos trabalhos de cunho comemorativo relativos ao centenário da imigração japonesa no Brasil, dentro de um contexto de produção acadêmica. Obviamente, não foram apenas essas obras de tal natureza a serem publicadas, assim como não foram apenas as universidades que se organizaram para as comemorações: outras instituições brasileiras e nipônicas também tomaram suas medidas para homenagear o centenário.

Tem-se, por exemplo, as mobilizações da ACCIJB, que reuniu representantes das principais entidades nipo-brasileiras para as comemorações ¹⁴⁴, e da própria gestão municipal de São Paulo em 2008, que organizou um calendário com atividades promovidas pelas diversas entidades no decorrer do ano – o que envolveu lançamentos de livros, competições esportivas e apresentações, além do já mencionado desfile da Unidos de Vila Maria ¹⁴⁵, além de publicações de outros órgãos, como o Arquivo do Estado de São Paulo ¹⁴⁶.

Tal escolha não foi gratuita: ela visou antes de tudo apresentar e evidenciar a presença que a comunidade nipo-brasileira está tendo no espaço acadêmico. Durante todo o momento, salientou-se a existência de diversas vozes que formam um mosaico de niponicidades. Pode-se considerar que a construção da reflexão que foi apresentada até aqui, mesclando algumas

¹⁴² Dos vinte autores, doze fazem parte da comunidade nipo-brasileira, sendo a maioria deles descendentes de japoneses, à exceção de Michiko Okano e Takao Namekata, que vieram do Japão ao Brasil.

¹⁴³ Trata-se de seis dos vinte autores.

¹⁴⁴ ACCIJB. *Site Oficial da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil*. Disponível em: <http://www.centenario2008.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=483&Itemid=33> (Acesso em 08/11/2016).

¹⁴⁵ Para mais detalhes das atividades, ver: PREFEITURA de São Paulo. “Prefeito anuncia comemorações do Centenário da Imigração Japonesa”. In: *Secretaria Especial de Comunicação*, São Paulo, 14 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=123982>> (Acesso em 19/12/2016).

¹⁴⁶ ARQUIVO Público do Estado de São Paulo. *Kasato-Maru. Uma viagem pela história da imigração japonesa*. SP: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2009.

falas dos colaboradores com as abordagens que foram propostas, teve por finalidade destacar que, por mais que a imigração japonesa no Brasil já possua uma historicidade e uma gama de eventos marcados no tempo, ainda assim as vozes de personagens destes episódios podem ecoar no diálogo com as vozes do presente. Segundo Halbwachs,

Se o que vemos hoje toma lugar no quadro de referências de nossas lembranças antigas, inversamente essas lembranças se adaptam ao conjunto de nossas percepções do presente. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos. Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências ¹⁴⁷.

Embora se tenha optado por apresentar os trabalhos referentes ao centenário da imigração japonesa no Brasil, não se pode perder de vista que este grupo elaborou comissões e trabalhos de outras naturezas comemorativas, como se refletiu em uma das indagações de Yamamoto apresentadas anteriormente. Exemplo para tal é a obra *Uma Epopeia Moderna: 80 Anos da Imigração Japonesa no Brasil*, elaborada pela CEHIJB e produzida no momento em que o fluxo migratório japonês completou oitenta anos. Este livro foi resultado de uma vasta pesquisa que durou anos, e embora não seja tão recente, tal obra não perde sua importância, já que traz uma visão global e coerente das relações entre os imigrantes com o novo ambiente e o povo brasileiro, abrindo um novo caminho do que até então era produzido acerca desta temática. Trata-se, portanto, de uma obra comemorativa que é também primordial para os estudos atuais, vistos os agentes envolvidos neste trabalho, em sua maioria imigrantes japoneses e estudiosos do tema.

De maneira geral, o objetivo foi explicitar que o homem e o tempo são produtores de memória, e ao mesmo tempo, essa memória é constantemente ressignificada, apropriada, selecionada. Para que fosse possível, por exemplo, traçar este panorama apresentado até aqui, foi necessária a seleção de uma bibliografia específica. Um conjunto de obras que, em composição, construíram uma memória da imigração japonesa no Brasil – memória essa que um dia também poderá ser ressignificada, apropriada, selecionada.

Em outras palavras, a partir de uma leitura do presente, o passado pode ser reinterpretado infinitamente, sem que isso invalide o caráter investigativo do campo historiográfico ou anule as contribuições de trabalhos produzidos anteriormente, visto que eles se situam dentro de um contexto de produção. A memória possui sua própria noção de

¹⁴⁷ HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. SP: Centauro, 2003, p. 29.

tempo, em seus diversos âmbitos – e ao afirmar isso, tem-se ciência de que as temporalidades (ou territorialização do tempo) não existem por si ¹⁴⁸.

Frente a esta diversidade de produções bibliográficas, o que se nota é o fato de o tema da imigração japonesa não se esgotar, por se tratar de um longo processo que, aparentemente, ainda está em continuidade – e isso se nota com a emergência de trabalhos que lidam com o fenômeno *dekassegui*, por exemplo. Tratando deste grupo migratório, foram apresentados os diversos prismas e abordagens sobre os quais ele foi pensado. Porém, é importante que se pense este tema também a partir das gerações nascidas no Brasil, que carregam outro tipo de experiência dentro do tema que não a dos imigrantes.

As produções recentes abrem margem para este aspecto, principalmente nos âmbitos artístico e político, mas a experiência de vida também deve ser um elemento de análise, e a História Oral de Vida tem muito a contribuir para os estudos neste sentido. Frente a uma perspectiva identitária pensada a partir da relação dos descendentes de japoneses com o Japão, justifica-se os motivos pelos quais eles foram escolhidos como um grupo a ser entrevistado: para que o mosaico de niponicidades seja composto por mais estas vozes, de maneira a evidenciar a sua importância neste grande tema. Portanto, não é pretensão deste trabalho possuir um caráter inédito frente ao que já foi produzido anteriormente, mas sim, direcionar o olhar para as gerações nascidas no Brasil.

¹⁴⁸ BARROS, José D'Assunção. *O tempo dos historiadores*. SP: Editora Vozes, 2013, p. 33.

CAPÍTULO II – “SOMOS MUITAS VOZES”: ENTREVISTAS

Uma vez apresentadas as diversas tipologias textuais que se referem à imigração japonesa no Brasil, nota-se que a memória construída na produção bibliográfica envolvendo este grupo tem por uma das finalidades evidenciar um processo de negociações identitárias, de modo que haja uma integração dele como parte da sociedade brasileira. As estratégias observadas nas obras de Yamamoto e Yamashiro para tal, em certa medida, fazem parte também da experiência de outros sujeitos.

Ainda assim, a predominância de estereótipos direcionados à comunidade japonesa no Brasil faz com que tais negociações – e, conseqüentemente, conflitos – permaneçam nas gerações que sucedem os imigrantes. Os nipo-descendentes, dessa maneira, acabam sendo tratados como estrangeiros em sua própria terra natal, por mais que a presença nipônica no país esteja próxima de completar 120 anos.

Partindo desta perspectiva, a colaboração dos nipo-descendentes para a pesquisa foi fundamental para compreender este cenário paradoxal. Por conta disso, a proposta do segundo capítulo é, após refletir sobre a força das representações que permeia o Japão e os japoneses, apresentar as experiências dos colaboradores, de modo a colocá-los como protagonistas de sua própria história em meio ao mosaico de niponicidades do qual eles fazem parte.

2.1 – Um jogo de memória(s) e representações

Sem perder de vista a importância das recentes produções acerca da imigração japonesa no Brasil – sobretudo a partir do ano de 2008, quando este fluxo migratório completou cem anos –, é relevante destacar que poucas delas trabalham com o tema a partir de uma relação direta com os sujeitos que vivenciaram tal fenômeno.

É necessário, porém, salientar que tal afirmação se refere às produções de cunho acadêmico, pois como apresentado no capítulo anterior, existem trabalhos escritos dentro da comunidade nipo-brasileira que se embasam na experiência pessoal de seus próprios autores, e até os dias atuais é comum que tal tipologia bibliográfica seja produzida, não somente pelos imigrantes japoneses, mas pelas gerações que os sucedem – e isso também se aplica a outros grupos migratórios.

Não se trata aqui, portanto, de evidenciar uma lacuna neste sentido, mas de apontar a importância de trabalhos que envolvam as experiências e relatos desses sujeitos, para que os

estudos migratórios transcendam a perspectiva do trabalho e alcancem outros âmbitos para além dela.

Num contexto em que o excesso de informações chega a curto prazo, o apelo à memória tem se tornado cada vez mais constante, e os grupos – sobretudo, os que são compostos pelas minorias – acabam produzindo seus próprios registros. Assim, não há necessidade em defender a legitimidade da História Oral no contexto atual, uma vez que ela se ampara, dentre outros aspectos, no ato de trazer à tona vozes anteriormente silenciadas para o cerne dos debates que envolvam a sociedade como um todo. Como afirmou Meihy,

(...) a história oral já se constitui em parte integrante do debate sobre a função do conhecimento social e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. (...) Como pressuposto, a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado ¹⁴⁹.

Trazendo esta reflexão para os estudos migratórios, é importante o apontamento de Thomson (2002), quando ele enxerga a passagem física da migração de um lugar para outro como apenas um evento em uma experiência migratória que abarca velhos e novos mundos, e que continua por toda a vida do migrante e pelas gerações subsequentes ¹⁵⁰. Assim, o autor nos atenta à importância dos relatos orais para tais estudos, uma vez que “a experiência de um grupo étnico particular no local de destino é um elemento necessário à história da imigração”¹⁵¹. Afinal,

(...) um apelo fundamental e permanente dos profissionais que trabalham com a história oral da migração tem sido que a própria história do migrante pode ser registrada ou mal documentada, e que a evidência oral proporciona um registro essencial da história oculta da migração ¹⁵².

Tal evidência acaba, por efeito, revelando uma das principais motivações que deram origem ao tema proposto no presente trabalho. Uma vez que as gerações subsequentes dos imigrantes carregam o que Thomson chamou de “experiência migratória”, elas também fazem parte deste processo inacabado – ou inconcluso. Portanto, a experiência deste grupo específico como objeto de análise é tão importante quanto a experiência dos próprios

¹⁴⁹ MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de História Oral*. 5ª ed. SP: Loyola, 2005, p.19.

¹⁵⁰ THOMSON, Allistair. “Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração”. In: *Revista Brasileira de História*. SP, vol. 22, n. 44, pp. 341-364, 2002, pp.341-342.

¹⁵¹ *Idem*, p. 342.

¹⁵² *Idem*, p. 343.

imigrantes. Pensando neste prisma, alguns pontos devem ser colocados para que o leitor compreenda as escolhas feitas para o desenvolvimento desta pesquisa.

Primeiramente, é fato que a contribuição trazida pelos estudos a partir da História Oral – ou a “história oculta” – gira em torno de um conhecimento mais subjetivo dos fatos históricos de modo que, mais do que preencher as lacunas, proporciona uma nova perspectiva de análise, baseada principalmente na experiência da imigração. Osman destaca a carência existente na documentação escrita para os estudos migratórios, no sentido de que:

(...) nos estudos sobre imigração, a documentação escrita não tem podido ‘dar voz’ àqueles que se aventuraram pelo oceano em porões apinhados de corações esperançosos em busca de uma nova forma de vida, já inexistente no país de origem. Tampouco tem podido recuperar e valorizar a reorganização da vida familiar, a convivência com o outro, a necessidade de manutenção da estrutura cultural trazida por cada um deles ¹⁵³.

Tomando a presente proposta como continuidade de uma pesquisa iniciada na graduação, há de se mencionar que alguns aspectos apresentados até aqui já são produtos de reflexões realizadas anteriormente. Uma das questões que sempre fez parte da minha experiência – enquanto sujeito e enquanto pesquisador – se refere ao estatuto da comunidade japonesa em terras brasileiras. Afinal, o que leva a sociedade no seu sentido mais amplo a tratar os membros desta comunidade como (1) estrangeiros (2) exóticos e (3) uma categoria homogênea ¹⁵⁴, mesmo nos dias atuais?

Considerando movimentos e eventos que promovem a amizade e celebram a integração entre os dois países ¹⁵⁵, a condição a qual os nipo-brasileiros estão colocados causa estranhamento – e até mesmo desconforto. O que gera a construção do imaginário social que atribui a este grupo o estatuto de um eterno estrangeirismo? Mais do que isso, o que gera os essencialismos que envolvem a figura do japonês? Conforme Baczko afirma,

A influencia dos imaginários sociais sobre as mentalidades depende em larga medida da difusão destes e, por conseguinte, dos meios que asseguram tal difusão. Para garantir a dominação simbólica, é de importância capital o controle destes

¹⁵³ OSMAN, Samira Adel. *Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*. SP: Xamã, 2011, p. 19.

¹⁵⁴ Inclusive, associando chineses e coreanos à figura do japonês, e vice-versa.

¹⁵⁵ Em alguns desses eventos, tive participação como voluntário. Isso foi importante para a pesquisa, no sentido em que ficou evidente na experiência prática a paridade étnica dos demais voluntários que também trabalharam nesses eventos. Em outras palavras, não havia predominância de *nikkeis*, mas sim, uma pluralidade de brasileiros – incluindo os *nikkeis* – que por algum motivo sentem atração pela cultura nipo-brasileira.

meios, que correspondem a outros tantos instrumentos de persuasão, pressão e inculcação de valores e crenças ¹⁵⁶.

O apontamento de Baczko nos atenta a um importante elemento que produz e reproduz essas construções do imaginário social: os meios de propagação. Ao pensar no processo histórico da imigração japonesa, os meios de propagação tiveram papel central na construção da figura do japonês no Brasil ¹⁵⁷.

Aparentemente, a primeira metade do século XX parece ser emblemática para uma breve reflexão neste sentido. Saito (1973) evidencia que, anteriormente à década de 1940, havia publicações acerca deste grupo migratório provocadas “por motivos alheios a interesses de caráter científico” ¹⁵⁸, uma vez que visavam a fundamentar discursos pró ou contra a presença japonesa no Brasil. Publicações de tal natureza se relacionavam a um projeto nacional que visava à homogeneização da população brasileira a partir de políticas eugenistas ¹⁵⁹. Há de se considerar ainda que no Brasil os debates acerca da assimilação dos japoneses e o perigo de causarem “enquistamentos étnicos” na sociedade brasileira sempre estiveram em pauta, mas começaram a se acirrar durante o primeiro governo Vargas ¹⁶⁰.

Lesser (2001), ao trabalhar com a negociação da identidade nacional, se utiliza de diversos materiais que foram produzidos no cerne do debate que envolveu a aceitação ou não da entrada de japoneses no Brasil ¹⁶¹. Muitos deles foram extraídos de discursos políticos, artigos de jornais, entrevistas publicadas em meios de circulação e produções internas da colônia, e evidenciam na leitura do autor um processo que envolveu tensões de ambas as

¹⁵⁶ BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p.313.

¹⁵⁷ Não cabe aqui adentrarmos em uma discussão complexa que envolveria a questão da imprensa, pois isso desviaria o foco da pesquisa para um caminho não apropriado frente aos objetivos propostos inicialmente – além de minimizar a importância dos relatos orais, que são o motor deste trabalho. Ao mesmo tempo, ignorar este detalhe seria ignorar uma parte fundamental da compreensão acerca dos essencialismos que envolvem a comunidade nipo-brasileira.

¹⁵⁸ “Apresentação”. In: SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (orgs.). *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes; SP: Edusp, 1973, p. 07.

¹⁵⁹ A Eugenia, segundo Takeuchi, é “a ciência que visava o aperfeiçoamento das raças através do cruzamento dos sadios e do impedimento da reprodução dos defeituosos morais ou físicos, que poderiam transmitir as taras aos descendentes”. In: TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008, p. 45.

¹⁶⁰ TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008, p. 87.

¹⁶¹ Ver: LESSER, Jeffrey. “Em busca de um hífen”. In: _____. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, Patrícia de Queiroz C. (trad.) SP: UNESP, 2001, pp.153-209.

partes – por mais que a memória coletiva recente ainda sustente uma perspectiva pacífica dessas relações.

Assim, seria um grande equívoco pensar que apenas a comunidade local – ou o que Sayad (1998) chama de sociedade de imigração ¹⁶² – produziu representações sobre o imigrante japonês. Acreditar nisso seria afirmar uma relação de subalternidade do segundo com relação ao primeiro – o que não ocorreu. Considerando que, segundo Baczko, a imaginação social pressupõe uma relação paradoxal com o poder ¹⁶³, não se pode perder de vista que os japoneses também criaram representações durante este processo – de si e do outro ¹⁶⁴. Portanto, não se trata de um binarismo, mas de uma troca baseada na relação entre os dois países.

A complexidade disso se evidencia mais ainda se levarmos em consideração que a representação também pode ser criada de si para si. Isso pode ser visto na própria condição do imigrante e na ideia da ilusão coletiva que sustenta a teoria da imigração elaborada por Sayad. Ao criar uma representação de si para si, o imigrante – pensando aqui no caso dos japoneses – contribui involuntariamente para que a sociedade o veja como figura provisória. Considerando que o objetivo de grande parte dos imigrantes era o retorno, já que segundo Sayad, o retorno é um elemento constitutivo de sua condição ¹⁶⁵, é compreensível que esta condição de provisoriedade inicialmente era real, e foi se tornando uma representação conforme a permanência se prolongou. A sociedade de imigração, por sua vez, também atribui ao imigrante tal representação. Assim, mesmo que muitos não tenham chegado ao fim almejado – o retorno –, esta representação permaneceu na sua condição enquanto membro da sociedade que o recebeu.

A representação de si para si também implica, por efeito, tensões internas. Para evidenciar isso, dois exemplos podem ser apresentados. As tensões entre os imigrantes japoneses que vieram antes da Segunda Guerra Mundial e os imigrantes japoneses do pós-

¹⁶² SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: EDUSP, 1998, p. 46.

¹⁶³ BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985, p. 296.

¹⁶⁴ Segundo Lefebvre (1983), “las representaciones también vienen de dentro, contemporáneas de la constitución del sujeto, tanto em la historia de cada individuo como em la génesis del individuo a escala social”. (...). In: LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y La Ausência: contribución a la teoría de las representaciones*. México (D.F.): Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 20.

¹⁶⁵ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. In: *Travessia: Revista do Imigrante*. SP, v. 13, n. especial, jan. 2000.

guerra pode ser o primeiro deles. O segundo exemplo, mais sintomático nos estudos que envolvem a história da imigração japonesa no Brasil, se refere ao já mencionado Movimento *Shindo-Renmei* ¹⁶⁶. A obra de Elias e Scotson ¹⁶⁷ foi de fundamental importância para compreender que, dentro de um grupo tido como homogêneo e coeso, pode haver sim disparidades e conflitos causados por um sistema de hierarquização – tendo por efeito a resistência de alguns membros em aceitar fazer parte de tais condições. Segundo os autores,

(...) embora possa variar muito a natureza das fontes de poder em que se fundamentam a superioridade social e o sentimento de superioridade humana do grupo estabelecido em relação a um grupo de fora, a própria figuração estabelecidos-outsiders mostra, em muitos contextos diferentes, características comuns e constantes ¹⁶⁸.

Assim, pensando no primeiro caso em linhas gerais, o grupo de imigrantes vindos antes da guerra viveu as dificuldades de adaptação ao novo meio em diversos sentidos, como a questão cultural, as tensões com o governo brasileiro que na primeira metade do século XX tinha uma política eugenista e, principalmente, o distanciamento de sua terra natal – o que gerou uma cristalização da cultura deste grupo. Dada esta consideração, foi configurado um imaginário de que os novos imigrantes japoneses não passaram por essas dificuldades para conquistar o seu espaço na sociedade brasileira ¹⁶⁹. Em outras palavras, os novos imigrantes vieram apenas para ocupar um espaço que foi produto da luta destes primeiros imigrantes.

O segundo grupo, por outro lado, acusava os primeiros imigrantes de não terem vivido as tensões da guerra no Japão. Considerando o novo perfil – este segundo movimento migratório possui a marca do avanço tecnológico –, eles também tinham uma imagem negativa quanto aos velhos imigrantes que, tendo por característica o trabalho no campo, eram caracterizados como caipiras, atrasados e escuros ¹⁷⁰. O que se nota a partir desses contrastes é que “o imaginário social torna-se inteligível e comunicável através da produção dos “discursos” nos quais e pelos quais se efectua a reunião das representações colectivas numa

¹⁶⁶ Ver nota 108.

¹⁶⁷ ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. RJ: Jorge Zahar, 2000.

¹⁶⁸ *Idem*, p. 22.

¹⁶⁹ SAKURAI, Célia. *Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG, de 20 a 24 de Setembro de 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_599.pdf> (Acesso em: 21/04/2012), p. 20.

¹⁷⁰ *Idem*, p. 21.

linguagem”¹⁷¹. Isso se reflete na própria maneira como esses dois grupos se referiam um ao outro: os imigrantes japoneses do pós-guerra eram referidos como “japão novo”, enquanto os primeiros imigrantes eram os *burajiru bokê* (brasileiros caducos)¹⁷², sendo ambas as terminologias contidas de sentido pejorativo.

Considerando que, segundo Lefebvre, o mundo das representações coincide com o mundo social¹⁷³, pode-se inferir que é na discussão apresentada brevemente que se localiza a gênese dos discursos sobre o japonês no Brasil, uma vez que no jogo das representações, não é incomum que elas se descolem do(s) representado(s), ganhando assim a força que sustenta seu poder simbólico e permite a sua permanência – a ponto de ser naturalizada.

Paralelamente a este processo, não se pode perder de vista as diversas ações que visaram a preservação das memórias da imigração japonesa. Em um contexto mais amplo da “grande imigração”, Paiva (2015) argumenta que dois processos marcam a importância de se construir representações deste movimento: a produção historiográfica sobre o tema, a partir da década de 1950, e o processo de musealização da imigração, a partir dos anos 1980¹⁷⁴, cujo exemplo emblemático é a fundação do MHIJB, em 1978.

A elaboração e consolidação desses espaços – e não se trata apenas do espaço físico, uma vez que as produções escritas também configuram um processo de construção da memória¹⁷⁵ – acabam, assim, por permitir que se cristalice a experiência da imigração, de modo que ela não se perca na “dinâmica do presente”¹⁷⁶, cada vez mais acelerada.

Não tenho a pretensão de justificar com os apontamentos acima a atual condição dos nipo-descendentes, que ainda hoje são por vezes estigmatizados como estrangeiros pela

¹⁷¹ BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social”. In: *Enciclopédia Einaudi*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda, Editora Portuguesa, 1985, p.311.

¹⁷² SAKURAI, Célia. *Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG, de 20 a 24 de Setembro de 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_599.pdf> (Acesso em: 21/04/2012), p. 21.

¹⁷³ LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y La Ausência: contribución a la teoria de las representaciones*. México (D.F.): Fondo de Cultura Económica, 1983, p. 68.

¹⁷⁴ PAIVA, Odair da Cruz. “Imigração, patrimônio cultural e turismo no Brasil”. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.23. n.2. p. 211-237. jul.- dez. 2015, p.233.

¹⁷⁵ Algo visível na produção bibliográfica, inclusive, é a contribuição que obras tidas como fundamentais para os estudos migratórios fornecem às produções mais recentes. Ao mesmo tempo, é interessante perceber que tais obras transcendem o tempo, de modo que até os dias atuais elas podem ser utilizadas, se bem fundamentadas, para tal.

¹⁷⁶ PAIVA, Odair da Cruz. “Imigração, patrimônio cultural e turismo no Brasil”. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.23. n.2. p. 211-237. jul.- dez. 2015, p.233.

sociedade da qual fazem parte. Isso confrontaria minha própria visão de mundo, uma vez que na minha condição como nipo-descendente, também passo por provações desse tipo. A questão que mais importa é compreender o processo que causou os essencialismos, que por sua vez devem ser problematizados. Até aqui, muito se falou sobre o imigrante japonês, mas qual o papel e o lugar dos descendentes em meio a estas discussões?

Considerando que a presente proposta se situa dentro de uma perspectiva dos estudos migratórios, é importante colocar aqui que poucos trabalhos se referem aos nipo-descendentes, e quando existem se referem ao movimento *dekassegui*, em que eles – ou mesmo os próprios japoneses – vão ao Japão a trabalho, muitas vezes pelas mesmas motivações que os imigrantes do primeiro movimento, geralmente econômicas. Nota-se que a perspectiva do trabalho ainda permanece quando se tratam desses estudos. Isso se justifica pelo fato de que, a partir dos anos 1980, o foco passou a ser dado às imigrações recentes de latino-americanos e africanos ao Brasil e, ao mesmo tempo, aos emigrantes brasileiros que se fixam em outros países, sobretudo os Estados Unidos e o Japão ¹⁷⁷.

Este é um dado importante devido ao novo contexto migratório, que está vinculado à globalização e ao transnacionalismo, e em que o deslocamento se torna algo mais acessível do que para os primeiros grupos de imigrantes, que nem sempre tinham a opção do retorno, embora este fosse um ideal. Tal interesse na questão da emigração se torna evidente na produção de teses e dissertações defendidas nos últimos anos ¹⁷⁸.

Assim, busca-se a compreensão de suas relações com esse país tão distante, mas ao mesmo tempo tão próximo: o Japão. Embora nem todos os descendentes tenham passado pela experiência emigratória – seja como *dekassegui* ou não –, ainda assim essa relação existe, por um laço familiar ou pelo olhar da alteridade, que o coloca numa condição de estrangeiro – vivenciando assim uma sensação de “identidade dupla” ¹⁷⁹.

Dessa maneira, uma vez tendo adentrado brevemente no campo das representações, reforça-se a importância e pertinência do uso da História Oral como principal abordagem

¹⁷⁷ SEYFERTH, Giralda. “Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar”. In: SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007, p. 26.

¹⁷⁸ *Ibidem*.

¹⁷⁹ THOMSON, Allistair. “Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração”. In: *Revista Brasileira de História*. SP. Vol. 22, nº 44, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14003.pdf>> (Acesso em 20/04/2012), p. 348.

metodológica a ser utilizada para os objetivos deste trabalho. Nas palavras de Meihy (2005), “a história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado”¹⁸⁰.

Optou-se pela História Oral de Vida para que os objetivos aqui propostos fossem alcançados. Para Meihy, “a história oral busca compreender a forma de organização mental dos entrevistados”¹⁸¹ e, neste sentido, a veracidade dos fatos narrados e a ordem cronológica dos mesmos não entra em questão. Além disso, deve-se considerar que cada relato foi tratado na sua unicidade, ainda que se apoie numa eventual memória coletiva para confirmar dados ou mesmo preencher lacunas, conforme afirma Halbwachs¹⁸².

Uma vez que os objetivos estavam definidos, era necessário delimitar o perfil dos colaboradores que se pretendia para dar continuidade – e o fato de optar pela procura de descendentes de japoneses foi o primeiro filtro. Considerando que duas das seis entrevistas realizadas para a pesquisa de Iniciação Científica / monografia seriam utilizadas para o atual estudo, as tomei como o meu “marco zero”. Era necessário, em seguida, delimitar o lugar social dos colaboradores, pois, por mais que tenham em comum a nipo-descendência, ao fazerem parte de lugares sociais distintos, trarão perspectivas distintas. Em outras palavras, considerar apenas a questão fenotípica não seria um critério suficiente, uma vez que ela homogeneíza uma categoria que possui infinitas variações.

Sendo assim, outro critério levantado se referiu a um espaço comum pelo qual William e André circularam: a universidade. Este seria um filtro pertinente no sentido das contribuições que os colaboradores poderiam dar trazendo na sua bagagem essa experiência, visto o resultado das primeiras entrevistas¹⁸³.

Com isso, não quero desvalorizar a contribuição que poderia ser dada por nipo-descendentes que não tiveram a mesma oportunidade – uma vez que suas experiências também podem trazer reflexões interessantes e pertinentes para a discussão proposta. Tal filtro foi escolhido pelo fato de o “marco zero” ter me levado a seguir por este caminho.

¹⁸⁰ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 5º ed. SP: Loyola, 2005, p. 19.

¹⁸¹ MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de História Oral*. 5º ed. SP: Loyola, 2005, p. 149.

¹⁸² HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. SP: Centauro, 2003, p. 71-72.

¹⁸³ Cabe mencionar a importância da relação existente entre a inserção deste grupo na universidade e a experiência familiar dos seus antecessores.

Afinal, considerando que toda a presença pressupõe uma ausência ¹⁸⁴ – e tendo ciência também de que existe uma tríade marcada pelo representante, pelo representado e pela representação –, é importante reconhecer os limites da pesquisa, uma vez que a busca por conhecimento tem por esta prerrogativa o caráter de *provisoriedade* ¹⁸⁵, que permite ressignificações, reinterpretações e novas perspectivas.

Conforme os colaboradores foram sendo entrevistados (na sequência: Mike, Lucas, Evandro, Emerson e Christian), outro critério se consolidou: a faixa etária (entre vinte e quarenta anos de idade) dos colaboradores. Porém, a questão de gênero estava ausente até então. Daí em diante, optou-se por entrevistar mulheres, e assim o relato das colaboradoras, Cristiane, Janaína e Letícia, passaram a fazer parte deste conjunto.

Uma vez que as entrevistas foram realizadas, alguns dados a mais puderam ser evidenciados: dos dez colaboradores, oito são mestiços ¹⁸⁶; três passaram pela experiência emigratória; dois descendem de *okinawanos* – não por acaso, os que não são mestiços. O lugar comum de todos: a convivência com o meio universitário. Isso pode justificar, por exemplo, o motivo pelo qual metade das entrevistas ocorreu justamente neste espaço – a saber, na UNIFESP Campus Guarulhos ¹⁸⁷.

Cabe mencionar que, das cinco primeiras entrevistas, duas se referem a pessoas que trabalham no campus, e as demais de pessoas que se graduaram ou estavam em processo de graduação. Das cinco entrevistas restantes, três ocorreram em minha residência ¹⁸⁸ e duas ocorreram na residência dos próprios colaboradores ¹⁸⁹. Dessas cinco, três provieram de colaboradores que, na época, também estavam em fase de graduação na EFLCH.

Outro elemento a ser considerado é que, dos dez colaboradores, apenas um estudou em instituição superior privada – Universidade São Judas Tadeu. Os demais estudaram em

¹⁸⁴ A relação dialética entre presença e ausência discutida por Lefebvre é pertinente para tal reflexão.

¹⁸⁵ PAIVA, Odair da Cruz. *Migrações Internacionais para o Brasil – Representações 1947-1978*. Campinas: UNICAMP, 2010. 137 f. Relatório Final (Pós-Doutorado). Núcleo de Estudos de População – NEPO – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, p. 35.

¹⁸⁶ Este é um elemento de análise a ser considerado, pois revela a dimensão inter-étnica voluntária de pessoas que fazem parte da comunidade nipo-brasileira – tornando assim mais complexa a relação dos referidos colaboradores com a questão identitária que permeia a pesquisa.

¹⁸⁷ Lucas Marzullo Teraoka; Evandro Teruo Nishimaru Neves; Emerson Issa Kamiya; Christian Yuji Betim; Cristiane de Melo Shirayama.

¹⁸⁸ André Massanori Okuma; Mike Jader de Oliveira Ramos; Letícia Sakamoto Godoi.

¹⁸⁹ William Tomio Shinkai; Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa.

instituições superiores públicas. Desses nove, seis passaram pela UNIFESP; os demais passaram por USP, UFSCar e IFSP.

Mesmo nas condições muitas vezes adversas, o meio em que as sessões ocorreram não afetou drasticamente na qualidade do som obtido com as gravações – realizadas com o próprio gravador de som que vem instalado no software do computador. O interessante é que em todos os casos havia uma relação familiar dos colaboradores com o espaço em que as entrevistas ocorreram – o que, unido ao fato de me conhecerem previamente, ocasionou numa naturalidade maior durante suas falas.

Assim, foram realizadas o total de dez entrevistas com nipo-descendentes com variações de gênero, idade, localidade e geração. O grau de envolvimento com associações culturais e a origem de seus antecessores não foi um critério a ser seguido – afinal, um fator quase comum entre os entrevistados é o aparente distanciamento em relação a associações culturais, mesmo que tendo frequentado as festividades referentes a elas¹⁹⁰ – o que pode ser um fator importante de análise, dada a quase que instantânea relação que se costuma fazer entre a comunidade japonesa e as associações.

Deve-se considerar que, quando os termos “descendentes de japoneses” ou “nipo-descendentes” for utilizado a partir daqui, ele se referirá ao grupo que foi entrevistado. Tal ressalva é necessária para que não exista o risco de eventuais generalizações no decorrer da leitura. A análise será extraída das experiências que os colaboradores compartilharam.

As entrevistas foram realizadas sem perguntas diretamente indutivas¹⁹¹, mas com uma pré-elaboração temática. Havia um roteiro com questões que poderiam ser feitas a partir da fala do entrevistado, quando necessário, pois a elaboração de um questionário com perguntas específicas remeteria à História Oral Temática.

Dessa maneira, a partir de um ponto de partida definido pelo “corpus” narrativo elaborado para este projeto, foi possível estabelecer as redes que serviram de base para as demais entrevistas. O referido “corpus” narrativo se baseou em grandes temas, apresentados abaixo:

¹⁹⁰ Tal afirmação foi baseada nos próprios relatos. Um caso que pode ser exceção é o de Evandro, que revelou participação ativa da avó numa dessas associações.

¹⁹¹ MEIHY, José Carlos S. B. “Definindo História Oral e Memória”. In: *Cadernos CERU*. SP, n. 5, série 2, pp. 52-60, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/download/74703/78299>> (Acesso em 24/05/2014), p. 56.

- **Sociedade** - Como se relacionam com as pessoas não descendentes de japoneses; como se autocaracterizam, em relação à sociedade em que vivem; dificuldades de inserção; como são integrados à sociedade;
- **Família** – O que foi herdado da cultura de seus pais; o que não foi herdado; choque de culturas; o que eles conhecem sobre o Japão, a partir da visão que lhes foi transmitida ou da própria experiência;
- **Retorno** – A vida no Brasil em relação à vida no Japão, narrada pelos pais; possibilidade de retorno à terra de origem dos pais, mesmo não fazendo parte desta realidade; interesse pelo Japão;
- **Dekassegui** – Por que foi ao Japão; como foi a vida no Japão; o que se manteve da cultura narrada pelos pais; o que se modificou; existência da dificuldade de adaptação; como foi encarado pelos japoneses.

A intenção foi de que o próprio colaborador conduzisse o ritmo da entrevista, e as intervenções só foram feitas quando necessárias. Considerando que o uso do gravador é primordial para qualquer trabalho que envolva a História Oral – uma vez que compõe a tríade que envolve também o entrevistador e o entrevistado¹⁹² –, ele foi realizado durante os encontros, de modo a captar elementos subjetivos – como as emoções do colaborador, por exemplo – que estão além de qualquer registro escrito ou falado. O caderno de campo também se mostrou um recurso importante para registrar situações que, mais tarde, possibilitaram a compreensão das falas, além do registro de momentos importantes da entrevista que não podem ser captados apenas pelo áudio.

O caráter subjetivo, inclusive, tem se consolidado como um atributo, e não mais como um problema nas pesquisas que envolvem relatos. Sobre isso, Cruikshank afirma que os “relatos orais sobre o passado englobam explicitamente a experiência subjetiva. Isso já foi considerado uma limitação, mas hoje é reconhecido como uma das principais virtudes da

¹⁹² MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de História Oral*. 5ª ed. SP: Loyola, 2005, p. 18.

história oral (...)”¹⁹³. Obviamente, não se trata aqui de relatos que envolvam apenas o passado, mas também questões contemporâneas às trajetórias dos colaboradores.

Após a realização das entrevistas, três processos fizeram parte de seu tratamento: transcrição, textualização e transcriação¹⁹⁴:

- **Transcrição** – O processo mais exaustivo do trabalho, no qual a entrevista é transcrita, como o próprio nome sugere, mantendo-se as perguntas, os erros de concordância, os sons externos (como por exemplo, o telefone tocando), de modo a registrar por escrito os relatos do entrevistado de modo fiel e similar;
- **Textualização** – Neste processo, são eliminadas as perguntas e os erros de concordância, dando maior coerência para o sentido das falas;
- **Transcriação** – Nesta etapa, há a interferência direta do entrevistador sobre os relatos, sempre mantendo a ideia do discurso que o colaborador buscou apresentar. É a etapa mais complexa, pois a partir dela, busca-se reviver o momento da entrevista para, em seguida, contextualizá-la em outro momento. Nesta etapa, são preenchidas as lacunas deixadas pelo depoente, e são registradas as emoções (choro, raiva, tristeza), elementos que não se mostram presentes somente com a transcrição ou a textualização.

É fundamental ressaltar a importância dessas etapas de trabalho com as entrevistas, uma vez que ao se tratar de um trabalho que envolva a História Oral como abordagem metodológica, têm-se aí dois processos: a realização / tratamento das entrevistas e a pesquisa, utilizando os produtos do primeiro processo como fonte de análise no segundo.

Deve-se considerar que, mesmo após a realização das entrevistas e os procedimentos tomados para tornar o áudio escrito, manteve-se contato com os colaboradores, procurando assim deixá-los cientes de cada etapa concluída. A conferência do produto final, após ter passado pela transcrição, textualização e transcriação, é uma etapa fundamental.

¹⁹³ CRUIKSHANK, Julie. “Tradição oral e história oral: revendo algumas questões”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8º ed. RJ: Editora FGV, 2006, pp.149-164, p.156.

¹⁹⁴ MEIHY, José Carlos S. B. *Manual de História Oral*. 5º ed. SP: Loyola, 2005, p. 195-203.

É neste momento que os colaboradores terão o primeiro contato com o produto de sua narração, podendo assim corrigir eventuais equívocos que possam ter sido cometidos durante o tratamento das entrevistas, tal como acrescentar, remover ou reformular ideias que no momento da fala possam não ter explicitado o seu real sentido, etc.

Considerando ainda que todos tiveram contato prévio com o projeto que originou esta pesquisa, é natural que isso tenha implicado o resultado final das entrevistas. Isso não pode ser considerado um problema no sentido epistemológico, uma vez que tanto o pesquisador quanto o colaborador exercem um papel no ato da entrevista – de modo que o próprio ato da entrevista se torne um elemento de análise. Além disso, não inserir o colaborador dentro da proposta que se pretende desenvolver seria passar por cima de qualquer ética. Afinal, ele está cedendo e compartilhando experiências pessoais e subjetivas que possuem graus de sentido e importância para si.

2.2 – Cada trajetória, uma crônica

Uma vez que o principal material de análise para a presente pesquisa esteja composto por entrevistas realizadas entre os anos de 2012 e 2016, é importante dar visibilidade aos colaboradores que contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. Sendo assim, considera-se providencial que suas falas sejam apresentadas de maneira íntegra, de modo a serem compartilhadas com o leitor para além dos fragmentos a serem analisados.

Os colaboradores sempre se apresentaram dispostos e interessados na pesquisa, e quando o convite foi realizado, foi aceito por todos. Cada um deles trouxe reflexões pessoais que contribuem muito para se pensar como este grupo lida com questões que estão presentes desde o momento em que seus pais ou avós – ou mesmo bisavós – resolveram dar início a esta trajetória no Brasil. Segundo Freund,

As histórias de vida construídas em entrevistas de história oral não são meramente relatos das experiências de indivíduos. Antes elas são histórias de vivências que se originaram no contexto de histórias familiares e nacionais.¹⁹⁵

¹⁹⁵ FREUND, Alexander. “Migração, memória e identidade: relatos de história oral no contexto de histórias familiares e nacionais”. Tradução de Adriano Steffler. In: LAVERDI, Robson [et al.] (orgs.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012, pp.247-258, p.257.

Mas afinal: como é o Japão que está presente na memória desses descendentes? Trata-se de um Japão comum, compartilhado, ou ele se manifesta de maneiras distintas em cada caso? É uma relação íntima ou de distanciamento? Estas são algumas questões que estão presentes e que motivaram este projeto de pesquisa.

Seria inevitável uma reflexão sobre o ato de entrevistar, já que isso implicaria diretamente os aspectos e configurações dos materiais produzidos. Fazer tal reflexão, ao mesmo tempo em que situará o leitor nos caminhos percorridos durante o período de pesquisa, o auxiliará também na compreensão de determinadas escolhas realizadas durante o desenvolvimento do trabalho.

Assim, ao considerar a importância de relembrar os momentos de cada uma das entrevistas, elas estarão acompanhadas de pequenos textos que têm por função trazer ao leitor, para além das narrativas, o contexto de produção das mesmas, de modo a evidenciar elementos presentes para além do produto final de suas realizações – o escrito.

A ordem das narrativas se refere a uma lógica sequencial, da primeira entrevista realizada até a última. Espera-se, com isso, apresentar juntamente a elas o meu próprio processo de desenvolvimento como pesquisador e entrevistador.

2.2.1 William Tomio Shinkai (*Monge*)

Nosso contato já existia antes mesmo dos momentos em que optei pela temática de pesquisa que desenvolvo até os dias atuais. Em um campus de humanas cuja existência ainda era recente, foi em 2010 que Monge surgiu na minha vida, quando se tornou meu vizinho em tempos de residência estudantil. Foi numa conversa cotidiana, em que eu já iniciava a elaboração do meu projeto de pesquisa sobre a imigração japonesa do pós-guerra, que William lançou a frase: “meu pai veio ao Brasil nesse contexto”.

Em um curto intervalo de tempo desde essa conversa, Monge já havia mencionado sobre ela para seu pai, Shinji, que gostou da ideia e se dispôs a contribuir da maneira que pudesse. Como não podia deixar de ser, também propus a ele uma sessão de entrevista, que foi aceita de imediato. Neste momento, eu já conhecia alguns detalhes sobre a sua experiência de vida, como por exemplo o fato de ter sido *dekassegui*.

No fim de semana em que a entrevista ocorreu –no dia 30 de setembro de 2012 –, fiquei na casa de William, em São José dos Campos. No momento da entrevista, William se mostrou disposto a compartilhar sua trajetória, tanto no Brasil quanto no Japão, com a lucidez de quem apreendeu os ensinamentos que surgiram de tal experiência.

Algo que ficou bem evidente durante minha breve passagem por lá foi o laço forte de união que Monge tem com sua família, e vice-versa. Isso implicou a forma como ele traçou sua narrativa. Por ter sido a primeira de todas as outras que realizei, essa entrevista também carrega em si parte do início de minha trajetória dentro desta área.

“(...) uma parte de mim ainda estava aqui no Brasil”.

Meu nome é William, aluno da UNIFESP, de Ciências Sociais. A minha relação com não japoneses é boa, porque eu conheço mais gente que não é japonês... Mais gente que é brasileira. Então eu mesmo me esqueço de que sou descendente de japoneses... E também não me chamam de japonês... Só quando me chamam pelo sobrenome. Mas eu também esqueço às vezes que meu sobrenome é japonês... Então deve ser por isso que me chamam de japonês. Isso esteticamente falando, né?

Ainda assim, as brincadeiras sempre acontecem, né? Eu acho que as pessoas tratam a gente como a gente se trata e... Se você está bem, a brincadeira que fazem contigo são levadas naturalmente. E é engraçado quando um japonês brinca com o outro! Aí que é mais legal! Meu, se você está bem, você leva as coisas com muita tranquilidade. Isso era mais antigamente. Hoje raramente tem, mas se brincam também é legal.

Meu pai é o japonês da família, e minha mãe é brasileira. Meu pai é engenheiro, e minha mãe é auxiliar de contabilidade, e cuida da casa. Meu irmão é auxiliar de engenheiro, ainda está na faculdade... E eu sou o quarto ou terceiro membro da família, que faz Ciências Sociais! O duro é que essa visão que eu mostrei aqui... É uma visão capitalista e burguesa, né? Porque sobre os membros da família, falei mais da profissão deles e menos do que eles são de verdade, né? Isso fazendo uma autocritica... É o próprio discurso ideológico.

Meu pai é mais tranquilo, sossegado, enquanto que minha mãe é mais elétrica e mais ativa, na questão da própria personalidade, né? Eu já puxei a parte japonesa do meu pai, já sou mais sossegado. Meu irmão já é o elétrico, já puxou a personalidade da minha mãe, mesmo sendo mais japonês.

A cultura é muito importante, mesmo que a gente não viva no Japão, e nem coma comida japonesa às vezes... Ela está muito inserida na gente, pelos nossos atos, nossos modos, jeito de pensar, as relações que temos... Isso é superimportante. Raramente a gente vê outros japoneses, ou vai a festas japonesas. Mas percebo em mim uma ideologia, o meio em que vivo... Os princípios morais, principalmente, são de japonês.

Da cultura japonesa, absorvi muitas coisas! Por exemplo: o que se fala deve ser cumprido. Isso é fundamental, sabe, a sua palavra... O respeito... Não a hierarquia, mas as relações entre as pessoas. Isso porque tem muito da cultura que, se a gente não parar para fazer um estranhamento, não percebe. Mas o jeito de andar, de falar... O jeito de olhar é muito de japonês, entendeu? E a cultura que está dentro de nós nem enxergamos, mas está presente. Às vezes, passa despercebido, com certeza! Alguém de fora tem de chegar e falar: “Nossa, esse gesto, esse pensamento não é de brasileiro”. Não é que não seja de brasileiro, mas o que dizem é: “Isso é japonês que faz”. E você não percebe, porque é espontâneo!

Eu já fui para o Japão, trabalhar como *dekassegui*. Então, a visão que tenho do Japão existe a partir dessa minha experiência de vida. O que se fala muito tem relação com as dificuldades de trabalho... Mas a questão do que é ser japonês, de como é um japonês... Eu aprendi sozinho. Que é muito parecido com o que eles realmente são. Não muda muita coisa. O

japonês do Brasil, o japonês do Japão... A estrutura é a mesma. Não se perdeu muito da cultura do que era antes... Do comportamento japonês, ainda. Mas na próxima, vai perder! Quando fui para lá, fiquei na região de Yokkaichi, que fica em Mie-ken. Fica do lado de Nagoya, que é outro estado, mas fica na divisa. Yokkaichi tinha uma cidade que fazia refina com petróleo.

Como *dekasegui*, eu trabalhava na Toyo Tires, uma fábrica de pneus de ramificação da Toyota. Eu era líder de linha... De tirar rebarba do pneu. Tirávamos a rebarba do pneu e depois o colocávamos na grade que vai para os Estados Unidos... Morei sozinho, e isso foi ao mesmo tempo bom e ruim. Realmente eu consegui fazer as coisas, pois queria ir embora, no entanto eu não aproveitei muito o Japão... Trabalhei muito! Fiquei lá durante um ano e três meses. No início, fui com meu primo, mas depois... Coisa da vida, a gente se separou e eu fui morar sozinho, fazer minhas coisas...

Na fábrica, os japoneses me tratavam super bem... O problema existia quando você ia, por exemplo, à loja de conveniência, e a atendente não falava *sumimasen* ao você entrar... Não me recordo se é *sumimasen*, mas é um tipo de bem-vindo... Não sei se era essa a palavra, se está correta. Mas às vezes para você ela não falava... Às vezes ela até queria falar, mas sabia que você não entenderia. Então, do que adianta falar? Então, às vezes, até para não ficar ruim para você... Não falava, entende? Mas... Estrangeiros, eles tratam bem... Pelo menos, eu acho que fui bem tratado, tirando uma vez em que eu estava com um amigo sentado no ponto de ônibus, esperando o ônibus do trabalho... Daí os policiais perguntaram o que eu estava fazendo lá, e falei que estava esperando um ônibus... O policial me tratou super bem também, todas as vezes em que fui falar com a polícia, ou quando pedia alguma coisa na administração pública... Chefe... Mesmo quando pedia uma informação na rua, fui muito bem tratado.

Eu me considero brasileiro. Mas essa própria questão, para mim, não é muito significativa, porque eu não ligo muito para isso. Para mim, é normal! Eu não tenho crise sobre essa questão da identidade, sabe? Não vai mudar nada... Acho que essa questão de qual é a identidade do povo japonês e do estrangeiro no Brasil é fundamental para quem veio antes, por exemplo, meu pai... Mas para mim, e a geração mais nova, não faz diferença nenhuma... Porque a gente não tem recordação de nossa terra natal, nossa terra natal é aqui! A terra natal do meu pai era o Japão. Então por isso ele sempre recorda de lá, fala em japonês e assiste à programas japoneses. Porque todo mundo carrega em si essa questão da origem, de onde veio. E isso é super importante para qualquer um, ou qualquer imigrante... Para o mineiro, que sempre fala de Minas Gerais e quer voltar, ou o que for. Eu nasci em São José dos Campos e morei em São José dos Campos, então para mim... Não muda nada.

A minha infância foi boa! Brincava, jogava muito videogame. Estudava muito... Sempre estudei bastante, na medida do possível. Só não hoje, né! Brincava muito com meus amigos, e só eu e meu primo éramos japoneses... Ah, tinha um vizinho que era japonês também. Os demais eram brasileiros, mas eles mesmos... Quando você é criança, eles não tiram sarro de você. Isso ocorre mais quando você entra na fase da adolescência. Acredito que neste momento ocorra a separação da

criança, porque para ela, todo mundo é igual. Mas quando ela vai amadurecendo e percebe que as pessoas possuem etnias diferentes, começa a ficar perversa, acho... Depois, quando você está na faculdade, quando você fica adulto, também... Depende das suas relações sociais, depende muito de seus amigos, de como você se relaciona com as pessoas, e com quem você se relaciona. Isso também mexe com a questão da identidade, como as pessoas te veem, e isso é fundamental. Eu mesmo... É engraçado que eu mesmo apelido os outros de “japonês”... Eu vejo e falo: “Ô, seu japonês!” Tenho dois ou três amigos que chamo de “japonês”, e eu sendo japonês! Descendente, filho de japonês. E acho isso engraçado, porque eu mesmo falo: “não, eu não sou japonês”. Eu não me considero muito japonês, porque eu sou brasileiro! Brasileiro com olho puxado e filho de japonês, reformulando minha resposta. É um pouco de tudo, né? Depende... Hoje eu penso assim, amanhã já posso pensar diferente. A construção da memória também se altera muito, a partir do nosso interior, né? A memória é algo construído a partir de fatores externos, e a relembro a partir do momento em que estou vivo, entende?

Eu tenho vontade de voltar para o Japão, mas depende do que eu for fazer lá! Se for para ser *dekasegui*, não dá mais... Se você quiser viver no Japão com o que se ganha lá, é muito mal... Você terá uma qualidade de vida melhor do que a média brasileira, mas para as minhas próprias perspectivas, não é legal. Mas vai que você se forma, pega um mestrado para poder dar aula lá... Ai é legal! Qualquer país é assim: se você vai para trabalhar num ofício não muito bom, proletário da base, nunca é bom. Mas qualquer país onde você tiver um trabalho legal, ou for para estudar, será bom! Depende da esfera social em que você vive, ou do contexto socioeconômico... Mas acho que aproveitaria mais o Japão se meus amigos do Brasil fossem morar por lá. Com certeza! Seria muito melhor, daria para ficar mais tempo...

Todos os dias eu carrego comigo parte da cultura transmitida pela minha família! É reflexo do meu avô, do meu pai... Que era do bisavô dele, e aí a gente carrega a cultura de uma geração para outra. Claro que a cultura não é estática: ela é dinâmica. Mas com certeza tenho traços culturais de meus antepassados... E eu nem percebo.

No trabalho, nunca falaram que eu era japonês. Mas o engraçado é que eles sempre me chamavam pelo sobrenome. Falam que sobrenome de japonês, inclusive o meu, é muito forte, quando se fala. Mostra seriedade e força. E isso é engraçado: raramente me chamam pelo nome de William, chamam mais por Shinkai. Tanto é que eles falavam: “Quando você for se apresentar para alguém, não fala que você é o William. Fala que você é o Shinkai”... Isso é interessante: o respeito que o nome tem não pelo que eu construí, mas sim, pelo que os outros veem. Mas vai saber o motivo.

Com certeza, sofri preconceito no Brasil por ser descendente de japonês! Que japonês não foi? Todo imigrante tem uma criação do preconceito em relação à cultura dominante no país em que vive. Sempre o periférico se dá mal! Principalmente, religião.

Eu já fui católico, budista... E agora eu sou da Sociedade Brasileira de Eubiose. Na escola de iniciação que estuda as religiões comparativas, graus de passagem, bárias iniciações e rituais... Não é a Maçonaria, nem a Rosa Cruz, mas “bebe” um pouco de cada uma delas também...

Se se classificar a religião como um sistema de ritos e mitos, a Eubiose pode ser considerada híbrida. Mas é diferente de uma religião como a católica, que é um ponto de referência quando se fala em religião. Quando se fala em religião, você sempre pensa no Catolicismo. Mas, se formos comparar a Eubiose com o Catolicismo, não há relação. Isso porque temos a própria limitação do grau em que estamos e a formação que temos né? Existem certos livros que eu não acesso, devido ao grau em que estou. Dizem que é pelo grau de complexidade, vou saber? Não sei ainda, mas é interessante.

A partir de tudo o que falei e reformulei... Sou do mundo! Eu sou brasileiro, eu sou japonês, pouco me importa!

Com certeza, senti falta do Brasil enquanto estive no Japão! Não sinto saudade de casa porque agora estou em casa! Se eu estiver na faculdade, sinto saudade de São José dos Campos. Depende também. Quando eu estava no Japão, sentia muita falta da família e dos amigos, pois eu queria estar presente. Nas festas que ocorriam aqui, eu estava lá... Só que isso também é coisa mal resolvida minha. Se eu estivesse curtindo o Japão, se eu estivesse pensando sobre o Japão... Eu não ia sentir saudade daqui. É porque uma parte de mim ainda estava aqui no Brasil. Aí eu sentia saudade, e eu acho que fazia errado. Eu estava lá, e tinha que ter minha mente lá. Não deveria deixar uma parte minha aqui no Brasil, sabe? E é engraçado, porque quando estou em Guarulhos... Eu também sinto saudades daqui. Só que isso depende de como está a minha vida. Com certeza, se as esferas de importância da minha vida estiverem em Guarulhos... Eu não sinto saudades de São José dos Campos! Se eu estiver em São José dos Campos com algo que eu goste, com certeza vou querer ficar em minha casa. Se não, não. E isso é muito relativo do que move o sentimento, de onde se está. O que você quer viver, prioridades, como você está contigo mesmo... E isso é fundamental, né? E é interessante demais, tudo depende de como você está e como você deixa as coisas no lugar de onde você saiu, sabe? Isso é legal.

2.2.2 André Massanori Okuma (*Okuma*)

Um olhar crítico e perspicaz e um forte espírito de resistência frente a um mundo de pessoas sem rosto. Esta foi minha primeira impressão quando comecei a conversar com André, e não haveria melhor metáfora para se referir a um artista que nada contra a maré da indústria cultural. Nosso primeiro contato, inclusive, reflete as perigosas facilidades da modernidade: uma troca de e-mails, resultada da ajuda de uma amiga, Karina, que por meio do Facebook, fez uma postagem em um grupo falando sobre a minha pesquisa, com o objetivo de me auxiliar na procura por colaboradores. Okuma compartilhou a experiência de seu avô, que fugiu do Japão quando ele se envolveu diretamente na guerra, aliada à sua própria experiência enquanto artista e descendente de *okinawanos*.

Os primeiros contatos foram os mais objetivos possíveis, por questões de disponibilidade, uma vez que seu tempo era restrito por conta do trabalho e da faculdade. Quando o encontro presencial era possível, durava cerca de aproximadamente vinte minutos. Assim, o recurso digital se tornou um aliado até que pudéssemos nos encontrar para combinar dia e horário possíveis para a entrevista. Porém, algo era claro: ele estava disposto a falar.

A entrevista ocorreu em 11 de março de 2013, na minha residência estudantil. O clima da graduação favoreceu para que Okuma se sentisse à vontade para compartilhar sua trajetória. Em tom natural de conversa, André refletiu sobre sua trajetória frente às transformações do mundo. Este mundo incomoda. Algumas questões ainda não possuem resposta. Até que ponto as facilidades do mundo moderno podem ser atalhos para o conhecimento? Como é a sensação de não se sentir parte de grupos ou convenções que a sociedade lhe atribui? O que é ser japonês? O que é ser *okinawano*?

A reflexão de André sobre sua trajetória nos traz estes elementos para pensarmos no valor que a experiência empírica possui, por mais que estejamos vivendo na era da informação. Ao fim da sessão, tomamos um café e discutimos sobre essa experiência da entrevista em si, que marcou o início de uma forte amizade que dura até os dias de hoje.

“(...) não sei o que eu sou, mas ao mesmo tempo sei o que eu não sou.”

Meu nome é André Massanori Okuma. Sou descendente de japoneses e tenho trinta anos. Da parte de pai, sou neto de japoneses, e da parte de mãe, sou bisneto. E peculiarmente, os dois lados de minha família são provenientes de Okinawa.

Da parte de minha mãe, eu não sei direito quando meus parentes do Japão vieram. Da parte de pai, ele não soube me dizer precisamente, mas sua família veio ao Brasil entre 1937 e 1939. Por ser o mais novo da família, ele teve pouco contato com a história da família, pois quando nasceu meus avós já estavam há muito tempo no Brasil, e só parte dessas histórias foi transmitida. Mas ele afirma que foi entre esses dois anos, pois a data culmina com o momento da convocação para o exército japonês, né? Se juntar às forças armadas para iniciar o treinamento e ir para a guerra. Então quando a lista saiu no jornal local, meu avô saiu clandestino do Japão num navio de carga, e veio especificamente para o Brasil por ter um primo que já morava aqui.

Então quando meu avô chegou ao Brasil, foi para Araraquara onde ficou numa fazenda de algodão. Apenas no começo dos anos sessenta ele foi para Santo André, na região do ABC paulista. Meu pai nasceu em 1955, então em sessenta e seis, sessenta e sete, quando ele já tinha por volta dos doze anos de idade, meu avô faleceu... Na época, era um adolescente e tal. Aí quem cuidou mesmo da casa foi minha avó, e eram muitos irmãos... Meu pai é o último filho homem, e depois dele tem mais uma mulher. Ele é o penúltimo de doze filhos. Ele conheceu minha mãe em Santo André mesmo, né? Num baile de *kaikan*, uma festa organizada pelas comunidades japonesas no Brasil, e aí namoraram, casaram... Sou o filho mais velho de três. Meu irmão do meio tem vinte e nove anos e o mais novo, vinte e seis.

Bom, eu diria que a minha relação com os não-descendentes de japonês é a melhor possível, e de certo modo foi o motivo de uma crise de identidade minha. Uma crise que, de uns tempos para cá, está amadurecendo. E uma das crises ocorre exatamente por eu não me sentir nem um pouco japonês, a não ser em relação à culinária, de comer *sushi*, *gohan*, essas coisas assim. Mas as questões do imaginário da identidade brasileira fazem mais sentido para mim!

E desde criança, minha família nunca foi ligada intensamente às colônias japonesas. Apesar de minha avó sempre frequentar o *kaikan*, dançar, falar a língua japonesa e o dialeto de Okinawa, meus pais nunca foram intimamente ligados a esta cultura. Então, na minha geração, o contato já era pouco, ainda que as relações familiares fossem intensas. Mas era uma relação mais livre, então não se criava colônia. Logo, grande parte dos meus amigos eram brasileiros mesmo, não eram descendentes de japonês, e eu fui crescendo nesse meio.

Assim, eu tive uma infância muito natural como brasileiro: as coisas que eu gostava eram as mesmas que os meus amigos. Ouvia rock, andava de skate... Nada muito oriental, mas de qualquer maneira, eu era sempre o “japa” da turma! O japonês, ou o chinês, ou o Jackie Chan, ou o Bruce Lee... E isso é muito engraçado, porque ao mesmo tempo em que eu me sentia meio deslocado por ser o japonês, eu não tinha contato tão forte com a colônia japonesa. Era como se eu fosse uma

pessoa diferente, assim como um amigo que fosse mais orelhudo, sabe? Era quase como se fosse uma peculiaridade física, e não cultural.

É engraçado que com meus irmãos, aconteceu um fenômeno natural que não aconteceu e não acontece comigo. Inclusive, esse foi motivo de uma das crises que eu percebi ter a um tempo. Meu irmão mais novo sempre gostou de ler *mangá*, sabe? Aqueles quadrinhos japoneses... De assistir *anime* e etc. Fatalmente, ele aprendeu a falar um pouco a língua japonesa, e no caso dele, houve essa ligação com o imaginário, por meio da cultura pop, mais contemporânea. Além disso, com dezenove anos ele foi ao Japão trabalhar como *dekassegui*. Mas seu objetivo real era conhecer o país, já que ele gostava tanto dessa cultura pop japonesa. Então ficou por lá durante uns três anos trabalhando, mas justamente por querer conhecer.

Antes de continuar, não posso deixar de falar que quando eu e meus irmãos éramos adolescentes, sempre fomos muito ligados ao rock. Então, fatalmente aprendemos a tocar instrumentos musicais. Eu toco bateria e meus dois irmãos tocam guitarra.

Já meu irmão do meio... Não sei especificar o momento em que isso ocorreu, mas meu avô possuía um *sanshin*, que é um instrumento tricórdio, e compõe-se essencialmente de uma caixa acústica forrada de couro de cobra ou de materiais sintéticos. Seria o *shamisen* de Okinawa. Aí minha avó o encontrou no meio dos pertences de meu avô, todo deteriorado. E esse irmão do meio, quando encontrou o *sanshin*, ficou interessado em arrumar ele. Aí ele mandou o *sanshin* para um *ojii-san*, ou seja, um senhor de idade, lá de Santo André que consertava. O corpo desse instrumento é de pele de cobra, trazido do Japão. Então o *ojii-san* reformou o instrumento inteiro do jeito que era. E meu irmão começou a tocar, frequentar aulas e meu, ele pirou! De um dia para o outro, ele virou o cara mais japonês do mundo! Atualmente, ele toca numa banda tradicional de música *okinawana*. Inclusive, toca em festas de família, festas de oitenta anos... Sempre toca nesses *matsuris* da vida. *Matsuris* seriam os festivais culturais que ocorrem no Brasil, de modo a manter a cultura japonesa viva aqui.

Olha... Vila Carrão, Casa Verde Santo André, São Caetano e Mauá também são os lugares onde os *kaikan* de Okinawa são bem grandes. Acho que no Carrão é mais forte. E meu irmão sempre toca nesses lugares, ele virou uma pessoa muito *okinawana*. Incorporou o espírito e participa de torneios de *sanshin*. Ele foi se inserindo muito intensamente nessa comunidade, não só *okinawana*, mas também japonesa de um modo geral.

E eu não, cara! Eu ia sim às festas, via meu irmão tocar, mas nunca senti uma grande afinidade em relação a isso. E eu estudo artes desde jovem, né? Fiz curso de Cinema, depois História, e agora sou graduando de História da Arte. Sempre produzi filmes e trabalhei com teatro e música, e isso começou a se tornar uma questão para mim: como eu consigo relacionar minha identidade ou meu território familiar dentro de uma proposta artística que dialogue com o subjetivo?

Como eu percebi que isso não estava acontecendo, eu não me sentia um artista de verdade, sabe? E isso começou a virar uma espécie de buraco, de um vazio em mim... E comecei a estudar algumas coisas em relação à história de Okinawa,

à história do Japão e à história das imigrações, para produzir o filme, né? E há uns dois anos atrás, comecei a fazer isso de maneira mais efetiva. Li alguns livros, comecei a conhecer pessoas e entrevistá-las informalmente, inclusive dentro da minha própria família. Entrevistava pessoas que também passavam por uma situação similar à minha. E assim, comecei a frequentar esses eventos com mais intensidade, mas ainda assim, me sentindo um estrangeiro. É como se eu quisesse fazer parte, mas não conseguisse.

Aí aconteceu algo que aumentou ainda mais a minha crise. Quando cheguei a uma conclusão, em determinado momento da pesquisa para esse filme. Conclui que de fato, eu não fazia parte disso. Porque algo que senti e que de início me causou um desconforto que fui relevando e me fez perceber que de fato, eu não pertencia a isso... Foi a hierarquização e o conservadorismo da cultura japonesa. Isso me incomodava muito, sabe? De pensar que o *ojii-san* é o dono da verdade, e ele dissemina o conhecimento... Isso mais voltado para a cultura *okinawana*, antes da sua difusão cultural no Brasil. Se você faz um curso com um *sensei* e conhece alguém que faz curso com outro *sensei*, você não pode falar com essa pessoa porque são *senseis* diferentes, e não pode haver essa troca de experiências, além de haver certa disputa interna... E eu achei isso muito estranho.

E dentro dos *kaikan* também existia esse tipo de relação. Era quase um abismo entre a primeira e a segunda geração e, em alguns casos, da segunda para a terceira né? Na verdade, a terceira geração nem é considerada japonesa. Claro que a próxima geração, quando sobrar só a terceira geração, esse cenário vai mudar, mas agora é assim: vocês não são japoneses. Há certo desdém, mas é muito velado, né? Num discurso institucional isso não existe, mas na prática, é muito evidente.

Ao mesmo tempo, como eu sou da área de artes, acabei indo parar na Secretaria de Cultura de Guarulhos. Lá, comecei a elaborar diversos projetos culturais. No ano passado, coordenei as oficinas culturais da cidade, e tive um contato mais intenso com as questões da formação cultural, que se relacionavam inclusive com as questões de identidade cultural. Lendo Stuart Hall, tentei associar algumas questões da cultura de massas e cultura popular. Então comecei a perceber caminhos de democratização da identidade, né? Mais flexível mais negociável...

E isso acaba entrando no patamar onde me encontro: não sei o que eu sou, mas ao mesmo tempo sei o que eu não sou. Até pelas questões de miscigenação, é tudo muito natural, e por isso é mais democrático. Então as coisas se fundem com mais facilidade, né? É tudo muito aceito, muito aberto, em contraponto à cultura *okinawana*, onde tudo era muito fechado, conservador.

Então, eu saquei uma coisa no ano passado... Eu estava num evento de cultura popular brasileira, e teve uma espécie de ciranda. Na hora, associei com outra dança de festa *okinawana*, que é o *kachashi*. É folclórico, mas é mais solto, não necessita de uma coreografia ou uma celebração ritualística, mas mesmo assim, existem algumas regras que devem ser obedecidas. E se for um brasileiro no meio do *kachashi*, todo mundo já estranha, né? E sempre tem algum brasileiro. Eu

mesmo sou casado com uma brasileira! Fatalmente, sempre têm os brasileiros perdidos nos *kaikan*. E no momento do *kachashi*, eu percebia que em alguns momentos, havia o comentário: “O cara é *gaijin*”, sabe? *Gaijin* é um termo pejorativo para se referir ao estrangeiro, ou a pessoas não japonesas. Parece que se ele não estivesse lá, seria melhor. E na ciranda da cultura popular brasileira, você pode ser qualquer um cara, você pode entrar e não tem dança, coreografia, nada. É para você sentir! E foi numa ciranda que eu percebi: meu, eu sou brasileiro! Não sou *okinawano* nem japonês, isso não me interessa mais. Aí eu abandonei esse projeto.

Mas foi a partir dele que descobri minha essência, no sentido de diálogo com outras ideologias né? Uma visão mais de esquerda... Não socialista, comunista, mas a ideia das pessoas serem iguais me agrada mais sabe? Sem preconceito, restrições. E eu sinto que o conservadorismo oriental tem elementos que já não me agradam mais, até por esse meu posicionamento político.

Então, eu nunca fui ao Japão, mas por pura fatalidade do destino. Sempre que pensei em ir, aconteceu alguma coisa que me fez mudar de ideia. Quando eu estava desempregado, pensava: “vou ao Japão”. E assim que pensava, conseguia arrumar um emprego. Em outra fase, pensei: “vou ao Japão!”. Aí, começava a namorar e falava: “não vou mais ao Japão!”. Então fui perdendo as chances, até chegar um momento em que eu também não queria mais, então deixa pra lá.

Atualmente, tenho certa curiosidade em conhecer o Japão, embora não seja a minha prioridade. Inclusive Okinawa, sabe? Acho que eu preciso, sinto que esse ciclo se fecharia quando eu visitasse a cidade. As minhas questões internas. Mas não é minha prioridade.

Mas para trabalhar, não. Quanto mais você vai percebendo como o mundo funciona, mais você pensa que isso é triste... E eu acredito que o *dekasegui* é a mecanização do ser humano no sentido mais brutal da palavra, sabe? Sem escrúpulos... Meu irmão mesmo, quando voltou, eu sinto que ele não é mais o mesmo. Ele carrega certa tristeza, porque ele percebe que foi um tempo perdido da vida dele. Eu me lembro que ele era bem mais alegre, e hoje ele é mais melancólico... Não que seja triste ou depressivo, né? Pode ser uma espécie de amadurecimento, mas eu percebo que ele não vê com bons olhos sua estadia no Japão.

Acredito que o Japão, pelo que eu tenho pesquisado durante esses anos, para mim é um lugar normal, né? Globalizado, comum. Já se ocidentalizou, né? Há um tempo, eu havia lido um livro sobre *mangá* da Sônia Bibe Luyten, da USP, e se chama *Mangá: o poder dos quadrinhos japoneses*. Ela menciona, num trecho deste livro, a mesma coisa que alguns conhecidos meus que moraram no Japão disseram: lá, os japoneses chamam o arroz de *raisu*. Do inglês *rice*, né? Para mim, é *Gohan*! E as pessoas lá falam *raisu*! E eu penso: “Mas é o arroz! O arroz!”. O arroz é a base da história do Japão! Eles fazem papel, comida... É o símbolo deles, e já está americanizado! Para mim, isso é emblemático, pois parece uma descaracterização da identidade japonesa.

Então, esse é um dos motivos de eu não ter como prioridade conhecer o Japão. Se fosse para conhecer algum lugar fora do país, com certeza seria um lugar bem exótico, para experimentar algo novo, né? Não quero chegar num lugar que se parece com São Paulo, no sentido ocidental da coisa... E conversando com meu irmão, ele me disse mesmo que é assim em Nagoya, em Osaka... Grandes centros urbanos. Com certeza, existe a especificidade dos japoneses, mas mesmo assim, se for para conhecer a cultura, não me interessa tanto assim. Só iria para conhecer as localidades tradicionais, porque as questões de identidade cultural para mim interessam até certo ponto, e eu já não tenho mais essa ânsia de me encontrar. Agora, ir lá para adquirir um conhecimento cultural e ter uma experiência exótica não me interessa, porque já sinto que o Japão não é tudo isso.

Eu me lembro de uma vez, quando um primo meu do Japão foi à minha casa e trouxe o filho dele, nascido lá. Ele só falava japonês. Estávamos almoçando, e esse meu primo de segundo grau foi pedir suco, e disse: “Ah, *juisu*!”. Então perguntei se ele queria suco, e meu primo disse: “Nossa! Mas você fala japonês?”. Aí eu falei que ele estava falando em inglês, cara, porque *juisu* é proveniente da palavra inglesa *juice*, que é suco! E aí que comecei a sacar que muitas palavras japonesas são adaptadas do inglês... Muitas né? E aí eu penso que esse Japão de hoje não me interessa muito não. Embora alguns costumes se mantenham, eles tendem a diminuir com as próximas gerações, pois a tendência é globalizar cada vez mais.

Lembrei agora de uma amiga minha né? Ela foi para Okinawa com finalidade de pesquisa... E quando voltou, perguntei como tinha sido a experiência. Então começamos a conversar, e ela me disse dos primos e amigos dos primos dela que vivem em Okinawa. Todos eles têm a idade dela, inclusive a média de faixa etária similar à minha. Ela entende muito mais a cultura *okinawana* do que eles! Ainda que eles possuam uma relação com costumes e etc... Mas são coisas que estão enraizadas, né? É do *ethos*. Além disso, têm umas coisas que eles já não sabem qual a simbologia, mas ainda assim continuam com a prática, como alguns ritos culturais. Essa relação identitária é um pouco mais superficial...

Isso porque lá em Okinawa existe uma base americana, né? Então, a questão de identidade lá é muito mais complexa. É um local cosmopolita e pós-moderno. Inclusive, quando houve a guerra, os americanos destruíram e queimaram muitos documentos, então Okinawa perdeu muito de sua história institucional. Assim, essa luta identitária é muito mais complicada e densa, no sentido cultural. E essa geração de agora já não é tão presa a algumas coisas...

Tanto é que o grupo musical mais famoso de lá é o ORANGE RANGE! Eles são meio *rappers*, muito americanizado, né? Eu estava até conversando com meu irmão sobre isso. Nos primeiros trabalhos, dava para perceber o *sanshin* dentro do grupo... Mas hoje não: é baixo, bateria, guitarra e uma pick-up! E o ORANGE RANGE é um reflexo do que Okinawa é hoje. Virou um símbolo. E ao mesmo tempo, é de um estilo que se fosse da Califórnia, seria idêntico. Descaracterizou um pouco, o que não é ruim, se a gente pensar no Stuart Hall...

Então cabem questões em relação a isso, acerca da identidade. Ainda existe um pensamento muito conservador e arcaico, de acreditar que a cultura deve ser preservada à risca, sendo que não vai ser preservada à risca! Não existe negociação identitária, e aí vira radicalismo, né? Ou se faz tudo certinho e igual, ou se faz tudo diferente. Então, eu sinto que há um conflito que ocorre no Brasil, mas que em Okinawa é mais complexo. E a minha geração faz parte deste conflito, pois sinto que a segunda geração tinha o conflito de tentar ser brasileiro, e a geração seguinte busca ser japonesa, e não consegue ser! Aí vira um dualismo: ou você fica bitolado com a cultura, ou sai totalmente dela. Mas você não a exclui igual eu vejo com a cultura africana ou caipira.

Acaba virando uma intolerância ao externo. Essa ideia de tentar manter o que era, sendo que mudanças já ocorreram de forma espontânea... É como se identificar com algo que não existe mais, e a minha crise é essa! Como vou me identificar com algo que sei que não durará eternamente, né? E ao mesmo tempo, eu me sinto culpado de não conseguir realizar o resgate dessa cultura, né?

A crise se torna mais intensa, porque eu sinto uma dificuldade de pertencer ao meu grupo. A partir de profundas reflexões e pesquisas sobre quem eu sou, isso já está um pouco mais maduro. Mas em grande parte da minha adolescência, fiquei nessa crise, sabe? Não consigo ser japonês dentro da cultura japonesa, e nem brasileiro dentro da cultura brasileira. Sou sempre o estrangeiro, aquele cara que não pertence a nenhum grupo... Dentro da colônia, sou o cara que não fala japonês, e fora dela, sou o japa!

E nessa fase da adolescência, nesse momento em que você vai adquirindo seu caráter... Essa falta de identidade me fazia sentir um profundo vazio, de não conseguir saber quem eu sou. Com as mulheres, por exemplo, é muito engraçado isso. Dentro da colônia, eu achava todas as garotas muito chatas, frescas... E elas me achavam maluco, porque eu era meio roqueiro, e todo mundo lá era certinho. E com os brasileiros, era assim: "Não vou ficar com um cara que é japonês!". Eu sempre era a segunda opção, e sentia que não conseguiria me relacionar com mulher alguma!

E isso fora aquela obrigação que a gente tem de ser o melhor aluno, né? Se você não for, é um perdedor... Mas se for, você fica estigmatizado, comprova o senso comum e começa a sofrer preconceito do tipo: "Ah, é o *nerd*". Modéstia à parte, nunca tive dificuldade de conseguir as coisas. Mas mesmo assim, ficava com receio de sempre ir muito bem na escola e de sempre virar motivo de piada por isso. E ao mesmo tempo, se ia mal, era questionado pelo pai! Então outra sensação de vazio que eu tinha era a de não conseguir pertencer nem à casa, nem à escola.

Atualmente, ainda não sei se carrego algo relacionado à cultura japonesa, estou resolvendo isso. Sinto que, do jeito que estão as coisas, eu vou perder totalmente os laços. Mas por outro lado, me sinto extremamente culpado por conta disso. Ainda preciso fazer uma média, digamos assim. Acho que é o vínculo. Ainda mais que minha avó por parte de pai morreu. Ela queria que a gente seguisse com a cultura, sabe? Queria que a gente aprendesse a falar o dialeto, queria ensinar os

passinhos de dança, queria que a gente ouvisse as músicas... E quando lembro disso, me sinto culpado de não me importar tanto com a cultura japonesa.

Então, fico nesse dilema, e sinto que agora pertencço mais à cultura brasileira. A identidade brasileira é a minha identidade. Na aceitação do outro, na pluralidade... A questão da democracia das raças, apesar de existir essa hipocrisia, né? Mas percebo que esta “flexibilização” cultural é mais natural, né? E a miscigenação contribui para esse caráter democrático da aceitação de valores culturais e de como tudo é melhor negociável dentro da pós-modernidade. Já no Japão, ainda existe uma barreira que impede essa negociação, e sinto que enquanto ela existir, ainda vai ser um empecilho, um tabu, né? E isso me faz sentir menos pertencente, pois quem eu sou e as coisas que acredito também não seriam aceitas dentro desses parâmetros conservadores. Mas já percebi que não faço questão nenhuma disso. De alguma maneira, sinto que a tradição japonesa vai se perder em mim, pois são coisas em que eu já não acredito. Simbolicamente falando, eu me sinto mais acolhido dentro da ciranda. Mas isso não está completamente resolvido em mim, pois ainda sinto uma culpa.

Acredito que meus irmãos tenham conseguido se resolver. Eles conseguem conciliar, ao contrário de mim. Isso porque eu já tenho ressalvas críticas, né? Para eles não: “Ah, normal, né?”. Eles aceitam com mais facilidade.

Okinawa é uma ilha bem vulnerável, né? Maremotos, terremotos... Então, constantemente, eles estão numa situação difícil. Mas hoje o local funciona como turismo. Assim, nada que se planta lá progride. Podia vir um vendaval e destruir tudo. Mas historicamente é um lugar que se fortaleceu pelo comércio marítimo com as Coreias, o Japão, a China... E isso girava a economia da ilha.

Falando um pouco do meu projeto de arte, que não tem relação com o que mencionei antes, este se trata de um filme de ficção, que fiz há quatro anos. Era uma espécie de síntese em que não se abordava necessariamente essa questão da identidade japonesa, embora ela fizesse parte. Porque na região do ABC é assim: nos anos setenta, só havia fábricas por lá, né? E todos eram metalúrgicos, inclusive meu pai. Então, a minha geração teve um agravante: os anos noventa. Aquele momento em que as empresas vão embora, e todo mundo fica desempregado. Começam a surgir vários shoppings centers, e entra a internet! E a gente no meio disso tudo.

Tudo está mudando, e o futuro era uma incerteza. Fazer o SENAI, trabalhar na petroquímica... De repente, esses não são mais os planos. E aí também entra a internet, o celular... E tem o videogame, que força a individualização da relação humana... Eu no meio disso tudo... Aí que veio essa questão, de sempre ser o japonês da história né? Meu curta-metragem era sobre isso.

E essa geração que pega a segunda metade dos anos oitenta até a metade dos anos noventa passa por esse período de transição. Passa por uma infância de brincar na rua, e quando chega à adolescência, fica em casa! É um choque, e foi assim comigo. Na minha infância, eu brincava na rua, e na adolescência, ninguém mais ficava na rua, né? Junta isso com o

“boom” das salas de internet, do Playstation, e todos começam a ficar mais fúteis do que o normal... O consumismo aumenta esporadicamente, e essa vertente ascendente surge de maneira estrondosa. E a gente vive nesse momento, né? Tenho um sobrinho de doze anos, cara... O moleque é sem noção, tenho dúvidas se ele está vivo.

Isso aí é consumo... Ninguém sai de casa por conta da violência, né? Assim, não possuem nenhuma experiência, e ao mesmo tempo elas são superinteligentes, pois têm acesso a tudo! O conhecimento está logo à frente, é só ligar o computador. Mas sem conhecimento empírico... Eu vejo isso na UNIFESP, sabe? Agora tenho trinta anos. Mas tem gente lá que entrou com dezessete! E aí era engraçado porque tinha gente na minha turma que já tinha visto toda a filmografia do *Nouvelle Vague*, sabe? E eu levei anos para conseguir os filmes. Isso quando era VHS, e só havia uma locadora em Santo André! Aí tinha que atravessar a cidade para conseguir os filmes, e mesmo assim era um ou outro. Tinha que conhecer uma pessoa que conhece outra pessoa que possuía a cópia da cópia, sabe? Era complicado conseguir, e você vê essa geração de agora que viu tudo pela internet. Com dezessete, já viu filme pra caramba, mas conforme você conversa, percebe que a falta de conhecimento empírico emperra, né? Cria uma espécie de conhecimento vazio. Era legal pegar a capa, ler a sinopse...

E isso aí já era... Nem fabricam mais VHS hoje em dia. E com a música é a mesma coisa. A gente pegava o disco, o próprio CD, e hoje não: a gente baixa. Eu que juntava dinheiro para comprar um CD com dez músicas, ouvia aquilo mil vezes... E pensava: “Mas essa banda tem mais dez CD’s...”, né? Aí para conseguir comprar todos era difícil. Hoje, com um clique você consegue os dez discos assim, em três minutos! A relação é bem mais superficial... Ouve-se tudo, mas de qualquer jeito.

São algumas soluções da pós-modernidade que acabaram criando problemas também. Se você não tem uma profunda reflexão de sua essência, você vai ficando tão desfigurado nessas coisas que acaba se perdendo. Chega um momento em que você sabe tudo e não sabe nada, né? Você é todo mundo e mais ninguém.

2.2.3 Mike Jader de Oliveira Ramos (Mike)

Se a relação com William já existia antes do interesse pela pesquisa, a minha relação com Mike já existia desde os tempos de escola, em que juntamente ao meu irmão, éramos os orientais da turma. Em que medida o distanciamento geracional afasta um indivíduo das raízes culturais de sua família? Em que medida o distanciamento cultural resulta do distanciamento geracional? Essas questões fazem parte de sua trajetória.

A entrevista com Mike se deu no período em que eu já havia concluído a graduação e estava amadurecendo meu projeto de mestrado. Ela ocorreu logo após as comemorações de fim de ano, no dia 03 de janeiro de 2015. O local escolhido foi minha residência, tanto pela proximidade quanto pela familiaridade: durante o período de adolescência, minha casa era o *point* em que os amigos de escola se reuniam praticamente todos os dias.

Algo que sempre me deixou instigado se associava ao seu nome: onde está a herança japonesa nele? Por que ele não tem o sobrenome japonês? Porém, esta que era minha principal questão acabou revelando outras dimensões da experiência de Mike que eram muito mais importantes. Mike trouxe na sua fala diversas reflexões que, aparentemente, estavam adormecidas até aquele momento. As lembranças surgiram conforme ele foi apresentando sua trajetória, o que deu à entrevista uma riqueza narrativa peculiar.

Dentre ausências e conflitos, a figura do pai, que vive no Japão, apresentou grande importância. Tal ausência, contudo, não despertou uma recusa aos valores e à cultura japonesa, mas sim, o desejo de compensá-la. O que não o desprende deste desejo se associa ao forte elo existente entre ele e seu pai – e, neste caso, os recursos tecnológicos da era da informação foram aliados para que a relação pudesse resistir ao distanciamento presencial.

“(...) não quero ser um desconhecido para meus próprios irmãos”.

Meu nome é Mike Jader de Oliveira Ramos. Tenho vinte e cinco anos e trabalho com consultoria. Sou formado em Design, pois gosto muito dessa área. Meu pai é neto de japoneses, mas minha mãe é brasileira. Na minha família, japonesa mesmo foi a minha bisavó, que veio de da região de Kumamoto.

Até onde eu sei sobre a história da minha família, e isso não foi algo que eu tenha perguntado diretamente à minha bisavó, ela veio ao Brasil na época da Segunda Guerra Mundial. Veio na condição de refugiada, provavelmente de navio, quando ainda era criança... Então ela cresceu no Brasil, mas sua família deve ter mantido as raízes japonesas de maneira mais forte aqui. Porém, eu nunca vivi próximo a eles...

A casa dela se localiza em Perus. Eles viviam lá, e muito de vez em quando eu visitava a *baa*, um termo japonês para se referir a avós... Mas eu não tenho nenhuma memória forte em relação à minha bisavó, nenhuma conversa... Por ser bisavó, ela já era bem idosa quando eu era criança. Então, nunca tivemos uma relação forte. A relação que eu tive na infância mesmo foi com meus avós.

Minha avó, que se chama Sueko, é filha da minha bisavó japonesa, então ela é *nissei*. Já meu avô, que se casou com ela, era baiano, e ambos tiveram três filhos: dois homens e uma mulher. Um deles, Silvio Nakasima, é meu pai. Também tem o meu tio, Paulo, e havia uma tia que se chamada Sueli. Houve um erro de registro, pois provavelmente o sobrenome seria Nakashima. Eles acabaram criando a ascendência japonesa dos Nakasima! Acredito que isso se deu por descuido de alguém no momento de fazer o registro da minha bisavó, pois ela precisava de documentos para se legalizar aqui no Brasil.

Aliás, por meu pai ser neto de japonês, ele é *sansei*. E eu, logo, sou *yonsei*, pois sou bisneto. E pelo fato de ser *yonsei*, eu não posso ir ao Japão para trabalhar... Só posso ficar por três meses lá. Descobri isso quando estava para completar dezoito anos. Se eu fosse *sansei*, poderia! Meu pai foi ao Japão quando tinha pouco menos de trinta anos de idade. Então também não precisava ser muito novo, bastava ser *sansei*. Bom, não sei se é verídico, mas dizem que *yonsei* com até dezesseis anos que queiram ir ao Japão conseguem, mas cheguei atrasado ao barco e não pude embarcar... Bom, pelo menos eu tentei né!

Apesar disso, acho que sempre fui mais brasileiro do que qualquer outra coisa... Pelo fato de meu pai ter ido ao Japão quando eu tinha seis anos de idade, e por ele ser a presença japonesa mais forte da minha família já que, como eu disse, havia pouco contato com a parte japonesa dela. Minha tia Sueli morreu quando eu era criança, e meu tio Paulo sempre ficou afastado da gente, por morar em outra região... Além de ter havido alguns desentendimentos de família, o que contribuiu para que eu não convivesse tanto com ele. Na verdade, o tio Paulo sempre foi legal com a gente, mas o problema era entre a esposa dele e minha mãe. Não dava muito certo...

Então faltou essa relação com a parte japonesa da minha família. Como meu pai partiu quando eu tinha seis anos, eu acabei sendo criado mesmo pela minha mãe e meu avô paterno. Aliás, ele fez o papel de pai. Ele dava o suporte para minha família, para minha mãe... Um suporte que meu pai não podia dar por estar no Japão, e a situação lá também não estava das melhores. Em outras palavras, toda a minha infância foi vivida com a parte brasileira da minha família. Não havia ninguém oriental ao meu redor. Logo, a comida que eu comia era brasileira. A linguagem que eu usava era brasileira... Não tive muita influência japonesa na minha formação.

Foi assim também com as pessoas que não faziam parte da família, os amigos de escola por exemplo. É que na verdade, eu não sei qual é o ponto de vista 100% do brasileiro, porque sou descendente, né? Então não tenho essa ótica de um brasileiro, mas pelo que eu podia notar, eu não era tão diferente deles, até porque eu não pareço muito com um japonês. Uma porque sou *yonsei*, e outra porque sou mestiço. Metade da minha família é brasileira e metade, japonesa... Meu avô é baiano!

Então nunca tive uma relação tão próxima com a formação japonesa, e às vezes eu sinto falta disso. Eu queria ter essa proximidade pelo lado do meu pai, uma afinidade maior com a cultura oriental... Ter alguma relação com o idioma, crescer acostumado com a culinária japonesa... Mas isso não foi possível pelo distanciamento. Na verdade, meu interesse despertou após eu ter formado minha própria opinião, e aí eu fui atrás por conta. E eu tenho consciência de que, na época, era complicado isso. Minha mãe fez o que podia para me dar uma condição de vida boa, mas ela é brasileira. Não tinha nada relacionado ao Japão para acrescentar à minha educação. O que eu adquiri com relação a isso foi por conta própria.

Inclusive, quando eu tinha dezessete anos, além de levantar informações para trabalhar no Japão, eu também busquei um advogado para que pudesse colocar o nome de meu pai no meu registro. Eu não tenho o sobrenome Nakasima, e isso foi por uma questão particular envolvendo minha mãe. Por um motivo que desconheço, na época em que nasci ela estava muito brava com meu pai... Acredito que fosse por causa da mãe dele, que sempre foi contra o casamento, não aceitava minha mãe de jeito nenhum. Então por causa desse conflito, minha mãe não quis acrescentar o nome japonês em mim! Ela acabou colocando o sobrenome Ramos, que é do meu avô paterno, baiano, e sempre foi muito querido pela minha mãe. Por outro lado, ela não gostava dos Nakasima, e por isso ela se recusou a colocar Nakasima no meu registro.

Eu corri atrás disso, e por conta de uma burocracia quase infinita, não consegui... E fiquei indignado! Outro dia eu estava assistindo o jornal e um dos destaques dizia: “Mulher fanática pelo Corinthians consegue colocar Corinthians no nome dela. Fulana Corinthians da Silva”... Na hora, eu falei: “Como assim! Só porque ela é fanática pelo time, ela consegue mudar o nome, e eu que tenho laços diretos com a família não consigo colocar o nome do meu pai no meu nome?”. Fiquei bem bravo com isso... A facilidade que ela teve, e eu me matando pra tentar colocar um sobrenome que é meu! E tudo porque minha mãe falou “não” no cartório, e não colocou...

E meu nome ficou sendo Mike Jader de Oliveira Ramos. Oliveira vem da parte materna da família e Ramos, da paterna. Agora, Nakasima que também é paterno não tem. Um dia tenho esperança de conseguir, mas tenho tantos documentos assinados com meu nome que dá até medo de mudar... Engraçado como o futebol no Brasil tem um peso grande, né? Maior do que questões mais importantes! A mulher se chama Corinthians, não me conformo...

De vez em quando, numa data importante — meu aniversário, por exemplo —, ele fazia um esforço e me ligava. Meu pai reservava essa ligação, pois o Brasil na época era proibitivo, então não havia plano que permitisse realizar uma ligação que custasse menos de cem reais na conta. Era questão de dez reais por minuto, muito caro, então era complicado...

Muitos anos depois eu fui ter um computador, e aí passamos a trocar e-mails, também de vez em quando. Hoje em dia, é muito mais fácil, por causa do Skype. E mesmo assim, costumamos nos falar apenas uma vez por mês, e às vezes até menos, por conta do fuso-horário. As rotinas são diferentes, ele tem a família dele por lá... A última vez em que nos falamos foi no ano novo de 2014 para 2015, e antes disso, pelo que me lembro, foi em meados de setembro, porque meu pai precisava de uns documentos e eu o ajudei a correr atrás dessa papelada. Antes disso, nos falamos no dia dos pais. Então, nosso contato se dá normalmente em alguma data especial ou coisa assim, quando ele tem tempo, ou quando está em casa. Às vezes, ligo no horário de almoço do trabalho dele, mas... Costuma demorar um pouco.

De vez em quando, também utilizamos a câmera para conversar. Lá no Japão, após um tempo, ele se casou com a Adriana e tiveram três filhos, meus irmãos por parte de pai. O mais velho se chama Rafael Hiki, deve ter por volta de oito anos de idade. A do meio se chama Mariana Ayumi, que tem uns cinco anos, e tem a caçulinha, Bruna Maia. Não conheço a história da Adriana, mas lá onde eles vivem, em Toyama-ken, há uma comunidade de brasileiros que foram ao país com finalidade de trabalho, assim como meu pai. Então ela também é descendente de japoneses, mas não sei se *nissei* ou *sansei*. Mas *yonsei* ela não é!

Quando meu irmão Rafael nasceu, meu pai voltou ao Brasil e o trouxe. Fazia onze anos de sua ida, então eu tinha dezessete anos. E ele chegou de surpresa! Não avisou, fez as coisas sem organizar, e achou que estava fazendo o certo, isso foi engraçado. Eu estava tranquilo em casa, de bermuda, e alguém bate na porta de casa. Quando abro, lá está ele! Sem aviso, depois de não sei quantos anos! Foi aquela emoção, né... A gente não se via há tanto tempo!

Foi um dia especial, me recordo muito bem: 28 de setembro de 2006. Nessa época, eu estava querendo entrar na ETEC. Marquei essa data pelo retorno de meu pai, mas ela é emblemática para mim por outros motivos também, que se relacionam com videogame. Então, somando uma série de coisas, o dia 28 de setembro se tornou muito importante para mim.

Ele ficou poucos dias no Brasil... Mas pudemos conversar, pudemos nos ver... Peguei meu irmão no colo, fomos à casa do tio Paulo... Pois eu não tinha briga com ninguém, sabe? Ficamos lá uns dois dias, conversamos em família... Quando

meu pai veio, dormiu em casa... Foram dias bem legais! E foi a única vez que o vi quando mais velho, pois ele não voltou mais. E novamente, o contato passou a se dar apenas por telefone.

Meu irmão Rafael, eu só vi quando era bebê. Minhas duas irmãs, eu nunca vi pessoalmente. Na verdade, só as vi no aniversário do meu pai, em 24 de maio, pois liguei para ele via Skype. Na conversa por vídeo, conseguimos nos ver, e as crianças estavam na casa dele. Aqui eram duas horas da tarde, então pelo fuso-horário, lá deveriam ser duas horas da manhã. As crianças estavam colocando o pijama para dormir, e foi aí que vi pela primeira vez a Bruna. E ela estava muito tímida comigo, sabe? “Quem é ele?”. Sou seu irmão! Mas ela estava tímida, até assustada, e isso me chamou a atenção para um detalhe: aquela documentação que eu estava providenciando para meu pai era para acelerar o processo de permanência dele no Japão. Ele não vai mais retornar ao Brasil. Ou seja, para ver meus irmãos, eu vou ter que ir para lá!

Já estou conformado com isso, mas eu não entendo nada do idioma! Por esse motivo: não tive uma relação tão forte com a parte japonesa da minha família. Sequer fui motivado a aprender alguma coisa, isso não fazia parte da minha rotina, nem das minhas necessidades... Até agora. Me vejo frente a uma necessidade que não enxergava antes, então preciso aprender o idioma querendo ou não! Explico por quê.

O Rafael fala português, mas eu percebia que, quando fazia as chamadas de vídeo para meu pai, ele estava assistindo programas televisivos em japonês, ou lendo em japonês, ou jogando joguinhos em japonês. Por viver lá, é natural que ele saiba mais o japonês do que o português. A Mariana possui um nível menor do idioma português, mas aprendeu por conta da família, e para a Bruna, é muito difícil, porque na creche, tudo é transmitido em japonês. O português, ela se esforça para aprender por causa dos pais. Então não posso assumir de forma segura que ela aprenderá bem o idioma, e eu acho inconcebível não ser capaz de me comunicar com os próprios irmãos!

Imagina, no futuro eu falando que não consigo compreender ou conversar com minha irmã! Não se trata de alguém desconhecido que eu possa simplesmente ignorar... É minha irmã! Pelo menos um “oi”, vou ter que falar para ela, por mais distante que sejamos um do outro atualmente. Temos um laço de sangue direto, então um dia vou ter que conversar com ela. E não acho que posso cobrar que ela aprenda o português, pois quem deve se esforçar sou eu. Por mais que seja difícil, pois tenho vinte e cinco anos para aprender um idioma totalmente desconhecido para mim! Por causa de profissão, tenho que aprender outros idiomas, como inglês e espanhol... E por motivos familiares, ainda vou ter que aprender japonês. Por opção, eu aprenderia russo, mas por necessidade, tenho de aprender esses idiomas.

É um grande dilema, mas não posso ignorar isso e deixar de ter uma convivência com minha família. Pelo menos o básico, preciso aprender, e apesar de não saber quando vou iniciar os estudos, eu quero. Existe um enorme obstáculo na minha relação com eles, sempre existiu! Não consigo me aproximar muito, e por causa disso, sofro até com um desfalque cultural por parte dessa minha herança oriental...

Eu tenho um interesse cada vez maior agora por metade da minha família por parte de pai ser japonesa, mas por conta dela ter sido afastada de mim, tudo o que aprendi teve predominância da parte brasileira. Eu era o único oriental! Não tinha com quem aprender... As pessoas tendem a se igualar ao meio em que vivem. Se você entra numa escola nova, tem aqueles estigmas, né?

Orientam a não andar com certo grupo porque são usuários de droga, mas por falta de estrutura, a criança acaba entrando nesse meio para se sentir aceita. É você se sentir igual no meio em que você vive. E eu era o único “japonês”, então no início não havia interesse em me envolver com a cultura japonesa de forma aprofundada. Nem com relação à família, nem com relação aos amigos. Fui conhecer meu primeiro amigo japonês na quinta série! E até aí, eu já tinha vivido de modo predominantemente brasileiro, né?

Meu interesse em procurar coisas da cultura japonesa surgiu depois. Quando tinha meios de busca pela internet, não tinha computador. Depois que tive um computador que as coisas se tornaram mais acessíveis sem precisar sair de casa. E só depois, fui descobrir que em São Paulo podíamos encontrar mais coisas como o Bairro da Liberdade, ainda que seja em pequenas proporções. Não é algo que possamos chamar de cultural, mas talvez, uma exposição cultural. É muito diferente de se ter uma convivência. Ainda quero ir ao Japão, para conhecer um pouco mais, me aproximar da minha família que vive lá. Quero ir enquanto meus irmãos ainda são crianças, pois acho que é a chance de eu ficar próximo deles. Se eu me aproximar deles quando tiverem minha idade, eu já vou estar mais velho, correndo o risco deles não me aceitarem, sabe? Risco de ser algo meio frio... Então, ainda tenho essa barreira para superar, e só a descobri agora, pois não havia pensado nisso antes...

Eu imagino que eles aprendam a falar inglês futuramente. Por conta da globalização, isso se torna uma necessidade, mas pode ser um interesse natural. Mas é que japonês falando em inglês... Japonês mesmo, não descendente. Se você vive no Japão, seu sotaque será japonês, pois é seu idioma. Então, o sotaque se enrijece por conta da rigidez da forma de falar do japonês. O “l” não existe, usa-se o “r”. O idioma inglês é bem flexível por causa do “l”, do “f”, sabe? Soft, por exemplo. Há dificuldades dos japoneses em falar o inglês. Então, eu não posso contar com isso, sabe? Pelo sim ou pelo não, tenho que me esforçar em aprender o básico do idioma japonês, nem que seja para falar apenas “Olá, eu sou o Mike”.

Mas não sei se vou conseguir aprender tantos idiomas... O espanhol já está difícil para mim, tem um monte de verbos irregulares! É diferente do português, acho que espanhol é o pior idioma. A gente pensa que sabe pela proximidade linguística, mas quando vai aprender, percebe que não sabe nada, que é tudo diferente. Há palavras que são parecidas, mas possuem significados diferentes.

Apesar de querer, ainda não fui ao Japão. Por ser distante, a passagem para lá é mais cara. Mas houve uma época em que eu estava economizando dinheiro, e o que juntei era equivalente a uma passagem para o Japão. Poderia ir? Poderia, mas eu tinha que estudar. Então eu investi nos cursos. Sempre havia outras prioridades, então nunca coloquei essa viagem

como prioridade máxima porque até então via como uma mordomia extra à qual não podia me dar o luxo. Mas quem sabe... Atualmente, tenho dado mais valor a essa possibilidade por questões familiares. Antes era apenas uma viagem, mas agora, é uma forma de me aproximar da minha família.

Quando eu tinha dezessete anos, não tinha muita noção do mercado de trabalho. Mas eu tive vontade de trabalhar no Japão, sabendo que seria difícil, porque em certo período de tempo, comparando entre Brasil e Japão, eu sabia que iria lucrar mais no Japão. Então eu iria para lá juntar dinheiro, mas não viver bem. Como meu pai disse, os jovens que vão para lá ganham dinheiro, mas costumam gastar com carros. Carro no Brasil é difícil, e lá, com pouco dinheiro, ele é mais acessível! Então o pessoal acaba gastando o dinheiro de forma desmedida. Se eu fosse, seria para economizar e voltar ao Brasil. Como disse, eu tentei, mas não consegui... E olha que tentei bastante.

Hoje, eu não sei se iria, mas se houvesse uma oportunidade e eu não tivesse tão engajado no meu trabalho, quem sabe? Se bem que, eu não largaria meu emprego atual, a não ser que fosse exercer no Japão algo que tivesse relação com minha área, né? Porque eu não largaria meu emprego para fazer algo totalmente diferente lá. Eu não vou sair daqui para ir lá e trabalhar com agricultura, por exemplo. Não seria produtivo! Lógico que a agricultura é um exemplo, uma suposição, por ser algo totalmente distinto do que faço. Numa perspectiva de carreira, seria prejudicial para eu passar um período trabalhando sem exercer em minha área de formação. Teria de ser algo que realmente valesse a pena financeiramente. Tenho mais cuidado atualmente do que quando tinha dezessete anos. Naquela época, eu era livre, podia ir para qualquer lugar.

Mas já que mencionei meu trabalho, posso afirmar que a raiz dele surgiu a partir de meu interesse quando comecei a mexer com computadores, pelos quinze anos de idade. Era um modelo velho, mas para mim que estava aprendendo, era ótimo! Por um bom tempo, eu não sabia fazer muitas coisas, mas eu sempre estava em fóruns de tutoriais, essas coisas. Quando comecei a entender mais de arquivos digitais... Juntei o fato de que gostava muito de desenhar quando mais novo com a questão das interfaces...

E quando comecei a pensar no meu perfil profissional, imaginei que o criador de interfaces ganha para isso. Então decidi fazer o curso de Design Gráfico na ETEC, que me deu uma grande perspectiva do que era o mercado do design gráfico, pois os professores eram profissionais dessa área. Concluí que não queria ser designer gráfico, porque no Brasil você não ganha muito nessa área e trabalha igual a um burro na chuva, a não ser que seja aquele designer gráfico de carreira que aparece nos jornais. É complicado, o profissional dessa área é muito explorado.

Com esse trabalho, eu aprendi muito, e juntei com outras coisas que eu já havia aprendido e comecei a pensar: “Posso trazer no meu design um tema inspirado em outras culturas, mas não a forma de utilização, pois as pessoas não entenderão”. Mas ainda não faço criações, só consultoria mesmo. Um dia penso em atuar nessa área de criação, porque está diretamente relacionada com interface, que é o que eu gosto.

Então considero importante meu trabalho atual: se eu quero trabalhar com design de interface no futuro, é fundamental eu ter a ótica de um consultor. Dessa forma, não correrei tantos riscos como, por exemplo, produzir uma interface que seja um fracasso e ser responsabilizado por isso. Os testes são necessários para validar a criação de um projeto. Vale a pena, apesar de ser longe da minha casa... Fica lá em Granja Viana. Mas foi algo que consegui logo após concluir a faculdade e tem relação direta com a carreira que quero seguir daqui pra frente. Acho que vale o esforço.

Fico pensando nessa trajetória toda e na minha condição enquanto indivíduo... É difícil eu me definir com relação à nacionalidade. Se eu ignorar a política, o país, e falar que sou brasileiro? Eu nasci aqui, eu cresci aqui, minha formação foi realizada pela parte brasileira da minha família, então tenho essa óptica. Nasci no Brasil, então sou brasileiro. Mas não posso afirmar que sou com orgulho, porque a política do país me dá vergonha.

Se compararmos questões políticas, acredito que o governo japonês beneficia seu povo de maneira mais eficaz, sabe? Eu queria ter oportunidade de vivenciar isso, mas sou brasileiro. Claro, eu gostaria de ter mais orgulho da minha pátria, mas por causa do nosso governo, não consigo tê-lo... E ao mesmo tempo, os japoneses me ignoraram quanto tentei ir para lá... Eles são muito rígidos! Mas acredito que, graças a isso, o país deles é como é. Então não tenho direito de falar que eles deveriam ser mais flexíveis.

Tem também a questão de se identificar com o país, né? Quem se identifica com um país corrupto como o Brasil? A gente vê tanto desrespeito aqui... Ninguém se identifica com isso. E se pensarmos em âmbitos climáticos, eu gosto muito de frio, não sou muito fã de calor. Então eu tendo a preferir o Japão por ser um país mais frio. Com relação à educação, também prefiro o Japão pelo pouco que conheço. Existem tantos âmbitos que tornam o Japão preferível que até mesmo quem não descende de japoneses poderia pensar dessa forma. Mas por criação, eu sou brasileiro mesmo, não tem jeito. Aqui poderia ser um país melhor que o Japão, pois a terra é maravilhosa, mas quem administra o Brasil o torna um país pequeno...

Eu gostaria de ter tido mais contato com a parte japonesa da minha família, e digo isso com relação aos parentes que estão no Brasil. Já senti muitas vezes certo desfalque cultural por conta desse distanciamento. A rotina, né? As relações familiares, o idioma, os gostos, seja por objetos ou literatura... Coisas oriundas dos japoneses mesmo. Gastronomia, por exemplo: não tive muito contato. Todo dia comendo uma comida brasileira, e de repente me deparo com um peixe cru! É destoante, muito diferente do que o meu paladar está acostumado. Um dia, fui num restaurante japonês com amigos, e alguns nem são descendentes de japoneses. E gostavam mais de comida japonesa do que eu! Eles sabem apreciar melhor do que eu, talvez por um interesse particular com relação à cultura.

Então, quando chegamos frente a algo diferente, é estranho, né? É difícil ter uma aceitação instantânea. A gente vai se aproximando aos poucos. Mas quando a questão está no paladar, não tem essa: se gostou, gostou. Se não gostou, não gostou. Se eventualmente eu resolvo viver no Japão, seria diferente, mas as pessoas se adaptam. Porém, o paladar se associa

diretamente com nossos sentidos. É como a música: se você não gosta de um ritmo, é difícil aprender a gostar dele. Funk bate aqui e volta pela mesma orelha, nem passa pela outra!

Acredito que se tivesse crescido mais próximo da parte japonesa de minha família, muita coisa seria diferente. Eu saberia separar melhor aquilo que eu gostaria de ser ou apreciar, sabe? Poderia ter pensado até com outra perspectiva sobre a possibilidade de viver no Japão. Porque admirar, eu admiro bastante, mas só agora com os meios de informação vou ter uma proximidade maior do que é esse país. Não que eu tenha vontade de ir lá para buscar informações, mas quando criança, eu não tinha essa opção. Não havia formas de contato, por tudo o que falei. Realmente, passei a sentir essa ausência a partir do momento que soube da minha outra família existente no Japão. Vou ter que correr, principalmente com o idioma, para poder me aproximar dela.

O engraçado disso tudo é que, por conta desse afastamento, tive muito mais contato com aspectos culturais de origem americana e inglesa. Não que eu admire os Estados Unidos, eu nem ligo para isso, mas os jogos, os sites, as interfaces... Se pararmos para pensar, é um ramo muito novo no Brasil ainda. Ele está se desenvolvendo, enquanto existem outros países que estão mais avançados nesse sentido, e em grande parte, os suportes se encontram em inglês. Mesmo se a gente pega um jogo como Pokémon, ele vai estar em inglês, e não em japonês! Fora que não havia jogos em português, né? A tradução desses jogos para nosso idioma é recente, então desde um tempo atrás, eu me via mais necessitado a aprender o inglês do que o japonês.

E aí que a gente vai percebendo a discrepância cultural do Mike: ele é um “baionês”, mistura de baiano com japonês, cujas referências culturais pendem para o lado americano!

Por outro lado, nunca tive apego às coisas provindas do Japão, mesmo com minha origem familiar. Meu desvio cultural pende mais para o inglês do que para o japonês, engraçado isso né? Há conteúdos em inglês que quero aprender. E vamos supor que eu aprenda os conceitos do design japonês. E aí, o que eu faria? É muito diferente do conceito aqui no Brasil, não se aplica! Aprenderia apenas a título de curiosidade, teria que exercer por lá. E se não tivesse como? Teria sido perda de tempo! Vejo aqui a oportunidade de eu exercer minha profissão, então primeiro aprendo o conceito aqui e, quando tiver minha base construída, aprendo coisas novas.

Se a gente pensar no mercado de trabalho, o indivíduo que sabe falar o idioma japonês só vai ser contratado com certeza nas empresas japonesas, pois a grande maioria dá preferência aos fluentes em inglês. Mas pensando no lado fútil da questão, eu adoro um bom hambúrguer de bacon. Então minha motivação para reparar esse desfalque cultural tem por base minha família constituída no Japão por meu pai: não quero ser um desconhecido para meus próprios irmãos.

2.2.4 Lucas Marzullo Teraoka (Lucas)

Uma vez que também fazia parte de uma rede comum de amizade, não era difícil encontrá-lo. Essa possibilidade se restringiu a partir do momento em que ambos concluíram a graduação. Curiosamente, em vários momentos fiz referências a ele como sendo o “japa”, uma vez que este era seu apelido entre os amigos. O essencialismo ou a familiaridade me levou a esta prática?

A recordação de um trabalho que produzimos em conjunto não se esvaiu de minha mente. Analisando o discurso do MHIJB, compartilhamos experiências de nossas famílias, que de certo modo estavam representadas no conjunto expográfico do espaço. Com tal lembrança, no momento de elaboração do projeto de Mestrado imaginei que as origens familiares de Lucas poderiam revelar muitos aspectos de sua própria experiência de vida e sua visão de mundo frente às questões que eu trabalho. Assim, retomei contato com Lucas, que aceitou a proposta de prontidão.

O contato foi retomado via Facebook, e após diversas trocas de conversa, agendamos a sessão para 06 de outubro de 2015. Lucas brincou dizendo que estava se sentindo importante, pois havia duas entrevistas no mesmo dia – a primeira, referente ao processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em História da UNIFESP. Por isso, o local escolhido foi o próprio campus da universidade.

Ocorrida no período da manhã, a sessão foi marcada, principalmente, pela informalidade e espontaneidade. Lucas revelou diversos contrapontos referentes aos valores e à cultura japonesa. A idealização de um Japão imaginado a partir de suas referências – que foram buscadas de maneira autônoma em diversos momentos da vida – parece ter sido o elo que conduziu suas falas. Uma idealização paradoxalmente positiva e negativa. Afinal, entre o churrasco e o *sashimi*, qual é o mais atraente?

“Quando você é criança, existe uma idealização, né?”

Meu nome é Lucas Marzullo Teraoka, tenho vinte e cinco anos, sou casado e são paulino. Moro em São José dos Campos, e atuo como professor de História da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Marzullo vem da parte italiana da família, e Teraoka, da parte japonesa. Sou descendente de japoneses por parte de pai.

Eu não sei precisar quem é italiano na minha família, pois minha mãe nasceu no Brasil e meu avô materno também. Eu sei que alguém da família dela veio da Itália, mas quem exatamente, eu não sei. Se não me engano, talvez tenha sido o bisavô dela. Meus avós paternos, por outro lado, nasceram no Japão.

Meu avô, Motoo Teraoka, nasceu em 1924, e minha avó, Missao Moritani Teraoka, também nasceu em torno desse período. Sei que meu avô é da cidade de Tsuyama, localizada em Okayama-ken, mas minha avó eu não sei dizer. Vieram crianças para o Brasil, e se conheceram aqui. Sabe aqueles casamentos arranjados, os *mia*? Foi por esse sistema que eles se conheceram... Se não me engano, meu avô, que chamo de *jii-chan*, veio em 1932, e minha avó talvez tenha vindo até antes. Depois que se conheceram, ficaram morando no interior de São Paulo por um tempo. Moraram em Bastos, em Rancharia... Aí depois, foram para São José dos Campos. Nessa época, eles já tinham três filhos, e minha avó estava grávida do meu pai, que é o caçula.

Então meu pai, Mário Koji Teraoka, nasceu em São José dos Campos, e passou a vida inteira dele nessa cidade. Eu nasci lá também, meus irmãos nasceram lá... Então meu avô veio na década de 1930, se não me engano. Já está há uns oitenta anos no Brasil, e eu o vejo com certa frequência. Todo ano, pelo menos três vezes, contando a época do natal.

Ah, eu mencionei dos meus irmãos, né? Tenho três: um irmão, que se chama Leandro, e duas irmãs: Carolina e Camila. Todos são Marzullo Teraoka, igual a mim. Eles são mais velhos do que eu. A irmã mais velha tem trinta e cinco anos, a mais nova tem trinta e dois, e meu irmão tem vinte e nove. Então eu também sou o caçula, tal como meu pai. Na ordem de nascimento, seria: Carolina, Camila, Leandro e eu.

Sabe o que é *Shindo-Renmei*, ou Liga do Caminho dos Súditos? Aquele grupo de japoneses nacionalistas que foi formado na década de 1940... Foi um grupo bem radical e causou um tumulto. Meu avô era um dos suspeitos de participar desse grupo, porque houve um assassinato — ou algo do tipo —, e o criminoso tinha um cavalo branco. Esse criminoso era do *Shindo-Renmei*. Por coincidência, meu avô também possuía um cavalo branco, e aí começaram a perseguir ele. Segundo ele fala, não aconteceu nada demais, só que ele não gosta muito de falar sobre isso. Além disso, ele criou bichos-da-seda na época da guerra, e a seda era vendida para os Estados Unidos, para fabricação de paraquedas. Então, apesar de ele não contar, em certa medida ajudava os americanos, né? Eu havia lido o material do DEOPS, e lá, vi que vários galpões de bicho-da-seda foram queimados. Ele sabia que se a *Shindo-Renmei* descobrisse ia fazer alguma coisa, mas... Ele não fala muito sobre isso, não...

O *jii-chan* sempre trabalhou no campo. Criação de galinha, cultivo de hortaliças... Até ele ir para São José dos Campos, com mais ou menos trinta ou quarenta anos, viveu do trabalho no campo. Então, ele abriu uma bicicletaria, no centro da cidade, que existe até hoje. Eu perguntei por que ele resolveu se mudar especificamente para lá, e ele me respondeu: “os filhos estão crescendo, né?”. Precisava estar perto das escolas, e segundo o que ele diz, não havia muitas escolas em Bastos ou Marília, pelo menos para os adolescentes. Por isso, resolveu se mudar para perto da capital.

A vida dele é essa. Ele viveu no campo durante uns trinta anos até se mudar para São José dos Campos, na década de 1960. De repente, na cidade, ele iniciou outro tipo de trabalho, que foi com a bicicletaria. Apesar disso, naquela época São José ainda não era uma cidade grande. Atualmente, vivem lá cerca de seiscentos mil habitantes, mas quando meu avô chegou, não havia nem cinquenta mil. O “boom” se deu mesmo na década de 1960, quando a cidade começou a crescer. Teve a instalação da Via Dutra, que passa por ali... A cidade cresceu muito nos últimos cinquenta anos. Então, quando da chegada do *jii-chan*, ainda se tratava de um ambiente meio rural. Era uma cidadezinha que ficava perto da capital da praia... De Campos do Jordão, de Minas Gerais, enfim.

Apesar de minha mãe não descender de japoneses, meus pais se conheceram numa colônia de japoneses. Lá em São José dos Campos, tem muitos japoneses, e descendentes também. Havia uma fábrica chamada Kanebo do Brasil (KDB), que nem existe mais... Enfim, só tinha japoneses nessa fábrica. Não sei afirmar se eram só japoneses do Japão ou descendentes de japoneses também, mas só tinha japoneses.

Minha mãe morava no bairro Jardim Oriente, que fica perto dessa fábrica. Inclusive, as ruas desse bairro têm nomes de japoneses. Então, onde ela morava também só tinha japoneses. Consequentemente, ela conviveu muito com eles, e ela era uma das únicas brasileiras que viviam neste bairro. Aliás, desde sempre ela conviveu com japoneses, pois ela nasceu em Mogi das Cruzes, onde também havia muitos japoneses. Se não me engano, é a cidade com mais descendentes de japoneses no estado de São Paulo.

O interessante é que meus tios — dois tios e uma tia — casaram com descendentes de japoneses, né? Só o meu pai que não. Ele e minha mãe se conheceram numa espécie de baile, pois faziam parte do mesmo ciclo de amizade. Mas não foi aquela coisa de se conhecer e já começar a namorar. No início, eram colegas, sabe? Conhecido do amigo. Aí, algo aconteceu, e eles se casaram!

Meu pai nunca foi ao Japão, mas meus avós chegaram a voltar. Eu já tinha nascido nessa época. Porém, eles não voltaram com o intuito de ficar por lá, só foram visitar mesmo. Coisa de uns três meses, mais ou menos. Eu era muito pequeno, então não sei dizer, mas acredito que tenham ido para visitar parentes, ou conhecer as cidades. A *baa-chan* sempre comeu comida japonesa na casa dela, até hoje. O interessante é que, quando ela foi para lá, ela estranhou a comida! Disse que o gosto era estranho, que não conseguia comer... Ela disse que a culinária mudou muito. Ou foi o paladar dela que mudou e se acostumou com a comida brasileira, é interessante isso aí.

Voltando, meu pai nunca foi ao Japão. Os únicos da família que tiveram essa experiência foram meus avós mesmo, e com o intuito de visitar o país. Meus tios e primos nunca foram... Eu tenho doze primos, todos mais velhos do que eu, e nenhum deles foi. Nem meu irmão, e nunca apresentaram desejo de ir, pelo menos para trabalhar. Pelo menos, não que eu saiba. Eu tenho um primo que foi para os Estados Unidos. Minha irmã e meu irmão também foram para lá, mas com relação ao Japão, não.

Sobre a infância... Meu irmão é quatro anos mais velho do que eu, então sempre estava junto dele. Pelo menos, até eu ter uns dez anos de idade, a gente fazia tudo junto, sabe? Brincar, jogar bola na rua... A gente jogava videogame: Super Ness, Playstation, Game Boy. Ah, eu acho que fazia bastante coisa que as crianças faziam de modo geral, né? Bolinha de gude, empinar pipa. Eu gostava de brincar com os bonequinhos, de criar histórias em que eles eram os personagens... Mas jogava muita bola na rua! Tinha um terreno perto de casa onde a gente colocava umas pedras para simular gol, né?

E eu estudava no período da tarde. Da primeira à oitava série, sempre estudei à tarde, então minha infância foi isso. Acho que tive uma infância normal, né? Bem parecida com a das crianças com quem eu convivi.

Não me recordo muito bem da escola onde estudei antes da primeira série, mas da primeira à oitava série, estudei no Colégio Joseense, que fica no Jardim Oriente, bairro em que minha mãe cresceu. E lá tinha muito descendente de japoneses, né? Consequentemente, eles sempre fizeram parte da minha convivência. Por sala de aula, sempre tinha uns quatro ou cinco descendentes. Então nenhum era apelidado de japa, né? Se você apelidasse um assim, você vai apelidar todos! No ensino médio, eu mudei de escola, e aí já não tinha tantos descendentes, mas nesse bairro que eu mencionei, dependendo do ano, tinha pelo menos seis, sete, oito descendentes...

Com relação à vizinhança, me recordo de dois descendentes de japoneses que moravam na minha rua, e a gente também convivia bastante. Eu moro num bairro próximo ao Jardim Oriente, chamado Bosque dos Eucaliptos, que inclusive, também concentra muitos descendentes. Então essa presença não é exclusiva do Jardim Oriente, mas este é um caso peculiar por conta da fábrica. Tanto que minha irmã conhece a cunhada dela, esposa do meu tio, desde criança. Tinha muito japonês nesse bairro.

Existem alguns resquícios de cultura japonesa que fazem parte do cotidiano na minha família. Como a *baa-chan* e o *jii-chan* nasceram no Japão, por exemplo, eles não falam direito a língua portuguesa. Então, temos que fazer um esforço para os entendermos. Eles leem em japonês também, e quando você vai pra casa deles, vê que tem *origami* nas prateleiras, jornais... Eles assistem o canal da NHK, né? Sigla para Nippon Hōsō Kyōkai, ou Corporação de Radiodifusão Japonesa se traduzirmos para o português. Então meu contato com eles acaba me proporcionando o contato com essa cultura japonesa. Às vezes, me dão presente, ou alguma coisa assim...

Se eu bem me lembro, lá em casa tinha um livrinho de dobradura em japonês, e por ele, aprendi a fazer um monte de coisas: leão, garça... Várias dobraduras. Então essas coisas acabavam sendo passadas para a família, né? Alguém deve ter comprado esse livro e não usou mais. Ai, passou para meus primos mais velhos, etc. Então eu pegava muita coisa na casa dos meus primos também. Esse livro, alguns bonequinhos que vieram do Japão... Tinha duas bonecas grandonas que meus avós deram para minhas irmãs. Elas guardaram numa caixa e colocaram em cima do armário, porque dava medo... Diziam que elas eram bem assustadoras, mediam um metro. Então eu tive contato com a cultura japonesa sim. Ah, sabe aqueles *origamis* (ou dobraduras) que são compostos por vários triângulos pequenos para dar um efeito 3D? Minha *baa-chan* faz, e meu irmão tentou aprender quando era pequeno.

Também há um livro de conversação em japonês, eu sempre folheava ele. Tinha diálogos em japonês e, do lado, a tradução em português. Ele estava bem danificado, amarelado. Sei lá de onde veio, mas está em casa até hoje.

Com relação à alimentação... *Kare!* Sabe aquela sopa? Não sei se é bem japonesa, porque o molho é indiano, né? Molho curry... Em japonês, fica *kare*. Sempre comemos essa sopa. Até hoje, quando vou para a casa do meu tio mais velho, seja no natal ou em alguma outra data importante, sempre tem comida japonesa! Ah, é na casa do meu tio que sempre fazemos as comemorações. Então sempre tem *sushi*, *sashimi*. E, sinceramente, eu não gosto muito não. O *sashimi*, ou peixe cru, é meio estranho, você come e... Sei lá, até que é legal. No churrasco, além da carne tinha o *sashimi*, e eu comia, mas não curto não. Mas lá em casa, não temos tanto apego a isso. Minha irmã mais velha comprou aquelas panelas de arroz japonês e, de vez em quando, fazia. Eu não comia, porque não gostava, mas porque eu era meio enjoado para comida...

Meu pai sempre gostou de um programa que passava na TV Cultura. Um programa sobre o Japão, a história do Japão, não me recordo bem o nome... Mas eu acabava assistindo junto. Então você tem o contato com essa cultura, mesmo sem ser da parte da família, sabe? Eu assistia muito anime, sabe? Dragon Ball, Pokémon... Jogava muito Game Boy, Super Ness, que são do Japão, o jogo do Super Mario... Essa cultura que mesmo os jovens de hoje, que não possuem nenhuma relação direta com os japoneses, possuem.

Na escolinha, a gente falava de Dragon Ball, Yu-Gi-Oh! Era normal falar sobre isso com quem convivi, mesmo eles não tendo ascendência. Então, eu acho que meu contato com o Japão é o mesmo contato que a maioria das pessoas possui. Não é tanto pela ascendência familiar... Fico pensando aqui, a coisa faz parte do nosso cotidiano e nem paramos para pensar, né? Não percebemos, e acabamos naturalizando...

Em termos de religião, a família toda é cristã, com exceção de meus avós. Não sei qual é a religião deles, se é o Budismo ou alguma outra. Não sei nem mesmo se é alguma crença relacionada ao Japão, mas sei que eles não são cristãos. Aliás, meus avós são bem reservados. Meu avô tem noventa e dois anos, não é de falar muito... E minha avó até conversa bastante com a gente, mas para saber da família, dos estudos etc. Nada relacionado ao Japão.

Eu cheguei a entrevistar meu avô para um trabalho que fiz na faculdade. Aí, ele me falou bastante sobre o Japão. O que pude perceber é que, mesmo tendo boas lembranças, ele não trocaria o Brasil pelo Japão. Ele disse que o Brasil é o melhor lugar para se morar. Falou exatamente assim. Ele não queria nem mesmo que a família morasse lá, pois todo dia tem terremoto lá. Essa questão de desastres naturais, né? Eu acredito que não deva ter terremoto todo o tempo, mas realmente deve ser normal. Na entrevista, ele falou bastante, porque como disse, ele é reservado. Normalmente, ele pergunta como anda a vida, e como tenho doze primos... Doze primos! Aí não sobrava tempo para ele falar sobre o Japão.

Já que mencionei um trabalho da faculdade, vou falar um pouco sobre a vida universitária. Em 2008, eu fiz cursinho pré-vestibular. No início, queria fazer Engenharia Ambiental, mas de repente, mudei de ideia e quis fazer História, pois não me dava muito bem com matemática. Em 2009, entrei na UNIFESP. Tive de me mudar para Guarulhos, morar em república estudantil, onde vivi de 2009 a 2013. Aliás, falando em república, às vezes as pessoas já associam com American Pie, né? Mas não era assim não, eu estudava... Bom, a diversão que tínhamos era no contexto interno mesmo. Havia um computador que eu tinha levado, um computador bem velho, e a gente ficava jogando os joguinhos. Mas não queria voltar para essa vida não. Está tudo bem assim.

Digamos que no primeiro ano eu estava aprendendo, me adaptando, não estava acostumado... No cursinho, o professor ensinava as coisas, e de repente você tem que ler um livro ou texto de trinta ou quarenta páginas, toda semana! É difícil né? A gente vem de um sistema voltado para o vestibular, e quando consegue passar, é algo totalmente diferente. No terceiro ano, eu já havia me acostumado. Já conseguia fazer os trabalhos, escrever para as provas... Mas confesso que no primeiro ano, não me dediquei muito não. Deitava cedo, não conseguia ler os textos... Mas depois consegui pegar firme. No final, tem que estudar!

Bom, eu mencionei que sou casado. Conheci minha esposa, Jéssica, em setembro de 2009, lá na faculdade mesmo. Namoramos até 2013, e em julho, lá em Guarulhos, começamos a morar juntos. Nessa época, eu já dava aulas. Em 2014, fomos para São José dos Campos, nos casamos e estamos por lá, morando na casa dos fundos à casa de meus pais. Mas a gente se casou apenas no civil. Pretendemos fazer a cerimônia, se tudo der certo, na cidade dela. Lá no interior de São Paulo, em Leme. Aliás, ela curte a cultura japonesa mais do que eu. *Anime*, música... Isso é engraçado, muitos brasileiros que não descendem de japoneses curtem muito... E eu mesmo, que sou neto, mal tenho esse contato cultural com a mesma intensidade.

Mas a Jéssica deixou isso um pouco de lado, muito por falta de tempo. De vez em quando, ela ouve uma música, mas eu vejo que desde que nos conhecemos até hoje, ela deixou muita coisa da cultura japonesa de lado. Mesmo assim, tem muitos *animes* que assisti por causa dela, fui no Anime Friends, uma feira de *anime*, por causa dela também...

Sobre o Japão... Vamos por partes. Eu não gostaria de morar lá. Se soubesse falar o idioma local, até passaria as férias, mas morar... Até porque as coisas que acabo sabendo sobre o Japão, do pessoal que só trabalha, e trabalha, só

vivendo para trabalhar para os outros... Isso é algo que não quero para mim, embora no Brasil não esteja tão diferente, né? Mesmo assim, não moraria lá, e por vários motivos: índices de suicídio, essa loucura pelo trabalho, as ruas e apartamentos apertados... Só visitaria mesmo! E isso se eu tivesse dinheiro, ou me virasse com o idioma. Passaria um ou dois meses tranquilamente.

Por outro lado, me interesse bastante pela história do Japão. Existe aquela visão do Japão imperial, até certo ponto idealizada, dos *samurais*, né? Muitos jogos, filmes... A gente acaba se interessando. Eu acredito que é mais uma questão de estereótipos — nesse caso, bem positivo. Mas também há estereótipos negativos... Não sei se todos têm essa ideia, mas sempre ouvimos histórias de japoneses serem tarados, principalmente em espaços públicos... Já vi mulheres falando que lá, deve-se ter muito cuidado com os japoneses... Bom, é mais um motivo para eu não ir, embora seja um equívoco generalizar, né? Às vezes isso ocorre em locais muito específicos, mas a imaginação leva a generalizar, não sei...

Outra coisa também é pensar que os produtores de *anime* estão bem de vida. Ouvi dizer que, na verdade, esse pessoal tem que trabalhar muito, e muitos não conseguem vender. Hoje em dia, parece que essa indústria está em decadência, por mais que a produção tenha aumentado muito.

Na graduação, eu cheguei a fazer alguns trabalhos sobre a imigração japonesa, e até pensei em seguir com esse tema na monografia, mas acabei indo por outro caminho. Mas esse interesse vem muito por questões familiares, né? A história do Japão no Brasil, como os japoneses se inseriram... É interessante saber um pouco desse contexto. Pensar, por exemplo, por que meu avô decidiu vir para cá.

Na entrevista que fiz com meu avô fui acompanhado de meu pai. A *baa-chan* estava junto. Perguntei sobre a vida no Japão, sobre as lembranças, sobre a vinda... Ele me falou bastante sobre os locais em que trabalhou — principalmente no Brasil. Mas se meu pai não tivesse perguntado do *Shindo-Renmei*, o *jii-chan* não teria tocado no assunto. Ele disse: “ah, é uma questão complicada... Não quero falar muito sobre isso”. Falou poucas coisas, como por exemplo, da perseguição que eu havia mencionado.

Ele também contou sobre a Segunda Guerra Mundial, quando a comunicação em outros idiomas (principalmente referentes ao Eixo) foi proibida, mas disse que não dava muito problema. Às vezes havia um grupo de japoneses, conversando no idioma, que era encaminhado para a delegacia e não acontecia nada! Mas não sei não, se não acontecia nada, viu... Quando perguntei se ele voltaria ao Japão, ele disse que não, pois o Brasil é o melhor lugar que existe para se morar.

Outro trabalho que fiz foi sobre o contexto do fim da escravidão no Brasil, quando se inicia a vinda dos imigrantes europeus. Os japoneses e chineses também começam a vir, e aí entra a questão da hierarquização das raças, né? O branco no topo, o negro lá embaixo, juntamente aos índios... E o amarelo, onde se encaixa? Havia certo receio com relação à

entrada desses imigrantes asiáticos no Brasil. Então, analisei essa questão a partir de alguns documentos que contêm discursos anti-japoneses, né? Havia, por exemplo, administradores falando que “era um absurdo trazer esses japoneses, eles se reproduzem igual coelho!”. Bem pejorativo... Havia ainda a ideia do perigo amarelo, de que eles queriam dominar o Brasil! Se a gente lembrar, nessa época, no fim do século XIX, o Japão estava colonizando vários territórios, e havia receio de que o Brasil se tornasse mais uma colônia. Depois foram ver que os japoneses só vieram com o intuito de trabalhar.

E hoje em dia, o governo tem orgulho de dizer que o Brasil é o país onde existem mais japoneses fora do Japão, e que a imigração foi um sucesso! Tem um livro do Michael Hall, que faz uma análise da imigração de sírios, espanhóis, italianos, japoneses etc. Ele afirma que o sucesso da imigração japonesa também se deu por acordos dos governos, de modo que os japoneses já tinham lugar para onde ir, já tinham destino. Não era chegar aqui e se virar, necessariamente... Acho que o governo japonês comprou algumas terras no Brasil, e os imigrantes tinham de vir em famílias de pelo menos três adultos. Ou seja, mantendo o vínculo familiar, minimizava a possibilidade de um japonês querer voltar, pois sua família estava ali, unida, vivendo na colônia com outros japoneses. É por isso que esse autor disse que foi uma imigração bem sucedida: era uma coisa mais organizada, né?

Acho que vem daí aquele certo orgulho de falar que o Brasil ser o segundo país com mais japoneses: porque deu certo. Aliás, o Brasil deve ser o segundo país com maior número de diversas nacionalidades, né? Tem muito espanhol, italiano, alemão, sei lá... Mas só se fala do Japão, neste sentido.

Olha... Eu gosto muito de ser professor, apesar dos problemas que existem, sabe? Se alguém me falasse que existe uma máquina do tempo e perguntasse o que eu faria se pudesse voltar para 2008, eu escolheria cursar História na faculdade e escolheria ser professor novamente. Mas há dificuldades, não posso negar.

Primeiro, o salário. No Estado de São Paulo, a educação não é prioridade para o governo... Acho que essa é a pior dificuldade, viu? Tem a indisciplina dos alunos, mas para mim, isso é o de menos. Dá para lidar com isso, pelo menos no Ensino Médio. Mas a principal dificuldade é com os próprios professores. Nossa, tenho alguns colegas... Não dá nem para imaginar por que dão aula, sabe? São conservadores, homofóbicos... Tem um casal de meninas lá na escola, e já ouvi cada absurdo sobre elas por parte dos professores... “É sapata, aquela aluna sapata!”. Ontem mesmo, eu conversava com um professor de Física, e ele dizia que a ditadura foi ruim só para os criminosos, os comunistas! Ai lhe perguntei: “E o Vladimir Herzog, enforcado no quartel do exército?”, e ele disse que havia sido um “erro do sistema”. Então, eu perguntei para ele: “E quantos erros do sistema devem ter ocorrido, né?”. Pela minha reação, ele ficou meio assim, mas porque sou professor de História.

Não sei se você sabe, mas a partir do ano que vem as escolas vão ter ciclo único. Os professores da minha escola não estão nem aí para isso. Então, acho que o mais complicado é isso: tem muito professor que é sem vergonha, sabe?

Finge que dá aulas, e querendo ou não, isso sempre existiu, e não adianta defender o contrário. Também há muitos pais que não dão a devida atenção aos filhos, e isso acaba se refletindo nos comportamentos... É muito complicado.

Em 2016, comecei a lecionar na Educação de Jovens e Adultos. Faz dois meses, e eu achei bem melhor. Os alunos são bem mais interessados. Eles ouvem! É até estranho dar aula no EJA, porque eles prestam atenção! Não preciso ficar chamando atenção para eles pararem de jogar bolinhas de papel. Mas lógico que, às vezes, eles também não querem fazer a atividade né? Sempre querem ir embora mais cedo, na sexta-feira não querem ir à escola... Mas acontece.

Não pretendo ficar muito tempo na rede de ensino do Estado não. Por isso, quero passar no mestrado, né? Para poder dar aula em colégio particular... Ou virar historiador, né? Dar aula em faculdade, não sei. Eu gosto de dar aula no Estado, mas por causa dos alunos. Eles me motivam a continuar. Se eu penso nos professores, no salário... Dá vontade de desistir. Mas os alunos... É muito legal quando eles te cumprimentam: “iaê professor, beleza?”. Antes de lançarem o novo Pro Evolution Soccer, eu jogava League of Legends com eles, sabe? Um jogo online. É bacana ter uma boa relação com os alunos, pensar que você pode servir de exemplo para eles, pensar que daqui a dois ou três anos ele se lembrarão de você...

Até quando discutimos política, tento conscientizar eles. Um dia comecei a falar de financiamento privado de campanha, tal como da dívida pública, para os alunos do EJA. Avisei que, nas próximas eleições, a primeira coisa que eles devem fazer é entrar no site do Tribunal Superior Eleitoral e ver de onde veio o dinheiro de campanha do candidato que pretendem votar.

Ah, é até utópico pensar que vamos conseguir conscientiza-los, né? Mas mesmo assim, temos que tentar. É isso que motiva: o contato com os alunos e o pensamento de que podemos fazer algo para que, de alguma forma, eles possam e tentem mudar a sociedade de alguma forma. É meio clichê falar do “aluno crítico”, mas acaba sendo isso. Torço para que, quando ele estiver assistindo uma notícia sobre o Movimento Sem Terra no Jornal Nacional, possa pensar: “Ah, o professor disse que qualquer notícia sobre o MST que passar ali vai ser ruim!”. Então, o que me motiva a continuar a dar aulas no Estado são os alunos.

Às vezes, as pessoas me criticam: “Nossa, você escolheu ser professor? Mas é tão inteligente, por quê?”... Mas aí eu reafirmo: faria tudo de novo! Pode ser que daqui a cinco anos, eu mude de ideia, mas no momento, não. Vejo professores que atuam há vinte anos e não aguentam mais... Eu tenho medo de virar um deles.

Você acredita que eu nunca fui a nenhum festival cultural japonês? Eu sempre quis ir ao *Sakura Matsuri*, ou Festival das Cerejeiras, mas quando via o anúncio na televisão, já tinha passado ou era o último dia. Mas eu gosto de ir à Liberdade! Faz tempo que não vou, mas... Assim, quando morei em Guarulhos, sempre ia lá para comer *yakisoba*, apesar de ser um prato chinês. Também tem as galerias... É bem legal. Não pelas coisas que compramos, mas aquela região em volta da estação de metrô... Não sei se é a arquitetura, ou as avenidas, ou aquelas luminárias orientais que se chamam *suzuranto*,

mas a gente se sente em outro lugar, sabe? Agora, festival, só mesmo de anime. Mas mesmo assim, já faz tempo que não vou ao Anime Friends, pois atualmente é muito caro e lotado! As pessoas param no meio do corredor para tirarem fotos!

Para você ter uma ideia, meus três tios casaram com japoneses — modo de falar, eles são brasileiros descendentes. Mas meu pai casou com uma brasileira. Desse modo, ele é brasileiro... Ah, você entendeu! Depois, tem meus primos. Sou o décimo primeiro de doze, e o mais velho tem trinta e seis anos. Nenhum deles namorou descendente de japonês, em momento algum. Não namorou e nem casou. Aliás, os que casaram fizeram uma cerimônia bem brasileira, na igreja católica. Os primos que têm religião são cristãos, embora tenha um que segue o Budismo... Mas da culinária japonesa, eles gostam! Agora, falar e escrever em japonês, nenhum deles sabe. Então, acho que eles também se veem como brasileiros, mesmo às vezes falando mal do país — coisa que eu evito fazer. Interessante é que nenhum deles foi ao Japão, mas não por falta de oportunidade: foi por escolha própria. Tenho meu primo que mora nos Estados Unidos, meus irmãos que viajaram para lá, e outro primo que viajou para a Europa. Então, são ocidentais, né?

Uma coisa que eu fiquei pensando... Pode ser até uma besteira, mas um dia eu estava em casa, e no quarto estavam comigo meu irmão e minha irmã. Era quase meia noite, e meu irmão estava tocando violão. Minha irmã falou que ele estava fazendo barulho e ia acordar o pai, pois o quarto dele ficava bem do lado! Mas no Brasil, a parede é de tijolo, né?

O que eu fiquei pensando, é que pelo menos a ideia que eu tenho do Japão antigo se refere àquelas paredes de madeira, de papel. Com certeza o som passa mais facilmente para os cômodos do que se fosse uma parede de tijolo. Ai me veio a pergunta: será que isso é influência da cultura japonesa? O hábito de fazer silêncio aqui porque, lá do lado, alguém pode se incomodar? Pode ser que não tenha nada a ver e minha irmã só tenha alertado pelo barulho mesmo, mas às vezes... De repente, o bisavô, que viveu no Japão em casa com parede de papel falava isso, e foi se reproduzindo, não sei...

Já que mencionei sobre essa questão da educação familiar, é meio estereotipante afirmar que japonês estuda muito. Mas percebi que meus avós se preocuparam muito com a educação dos filhos, a ponto de mudarem de cidade para viverem perto da capital. Meus dois tios fizeram faculdade, assim como o marido da minha tia. Meu pai até começou, mas não concluiu. Se a gente pensar que isso foi na década de 1970, todo mundo fazia faculdade. Dos meus primos, só o mais novo não fez faculdade, porque ainda não tem idade para isso. Então, desde a infância, minha função era estudar.

É claro, eu brincava também, mas minha mãe nunca me dizia que teria de trabalhar a partir dos quinze anos, como é comum. Eu me formei, e estou tentando o mestrado né? Até mencionei para minha mãe que seria difícil se eu não conseguisse a bolsa de pesquisa, mas ela disse: “calma, a gente dá um jeito, o importante é você estudar, caso passe”.

Ela não tem ascendência japonesa, mas mesmo assim, tem essa ideia da importância dos estudos. Foi com ela que eu mais convivi, por ela ser dona-de-casa. Meu pai trabalhava... Então, ela sempre ficava em cima. Foi graças a ela que, em

casa, todos estudaram. Não foi por causa da educação japonesa não. Lógico, meu pai incentivava sempre, acompanhava os estudos, via se a escola ajudava... Mas ele não gostou muito de eu ter escolhido a faculdade de História. E minha mãe disse: “faz assim, primeiro faz um curso de engenharia que você quer fazer, aí depois você faz faculdade de História, como hobby!”. Fazer faculdade de História é hobby! Mas voltando, tive influências sim, mas não só da educação japonesa: minha mãe também me influenciou bastante.

Como disse, quem me criou basicamente foi minha mãe. No fim de semana, íamos no parque com pai e mãe, mas no dia-a-dia, era ela. E era brava! Ela que cuidava de casa, cuidava da nossa educação, no sentido de colocar limites. Ela possuía alguns artifícios para educar que eram muito piores do que apanhar: por exemplo, arrancar o controle do videogame. Me lembro que meu irmão era bagunceiro e eu nem tanto, mas o quarto era dos dois. Então quando estava muito bagunçado, minha mãe pegava o controle e deixava a gente sem videogame por uma semana. Se ficasse tudo arrumadinho, ela devolvia, mas se continuasse bagunçado, era mais uma semana. E aí, nossa... O quarto ficava perfeito! O chão estava até encerado!

Outra coisa: urinar e deixar respingar no chão. Se não ensina desde cedo, a criança vai deixando. Então, com todo o carinho, minha mãe dizia: “se eu vir uma gota de urina no chão, vocês vão limpar com a língua, e não quero saber quem foi!”. Foi ela quem criou a gente, né? Com relação a castigos, não me lembro de ter apanhado — só algumas chineladas, mas nada que machucasse. Lógico, ela xingava bastante quando via o quarto bagunçado. Houve alguns episódios esporádicos em que isso funcionou muito bem, aliás! A gente previa a bronca... É que ela é tão forte que não precisava nem ameaçar.

Já meu pai é uma pessoa mais séria. Minha mãe nunca chegou a ameaçar contar para o pai: ela mesma resolvia as coisas dentro de casa. Quando tinha que falar com meu pai, ele sempre falava sério, mas não bravo. E dialogava bastante... Na verdade, eu tinha que ouvir o que ele tinha para falar. Mas ele não se estressava como minha mãe. Se bem que ela mudou bastante. Como todo mundo já cresceu, agora nem dá para imaginar o quanto ela era brava!

Olha, acho que minha relação com o Japão está mais distante do que próxima, viu? Nunca tive vontade de ir para lá, e de uns tempos para cá, tenho menos vontade ainda. Quando você é criança, existe uma idealização, né? E quando comecei a estudar, a ler alguns artigos que falam sobre o Japão, descobri coisas absurdas. Altos índices de suicídio, pessoas que ficam confinadas em casa na frente dos computadores, japoneses tarados... O país, até onde eu sei, é meio machista, né? Então, se eu for, vai ser só para visitar. E isso é estranho. Na faculdade, meus amigos me chamavam de japa. Ninguém se refere a mim como descendente de japoneses. Na escola, sou o professor japonês. Agora, se eu for ao Japão, eu sou o brasileiro! É um paradoxo, né? Aqui o cara é japonês, é chamado assim. Ai ele chega ao Japão, e chamam-no de brasileiro!

Então, eu me vejo mais como brasileiro. Num casamento que tinha churrasco e *sashimi*, eu comi o churrasco. Não vejo tantos filmes ou *animes*. No curso de desenho que fiz, todos desenhavam *mangá*, mas eu preferia os heróis americanos. Eu gosto de futebol, e mesmo quando não é jogo do São Paulo, eu assisto. Gosto da música brasileira, do rock e do rap

nacionais, sabe? No máximo, assisto algum anime mesmo. Por outro lado, sempre vou ter algum contato com a produção cultural do Japão. Mas, mesmo assim, apesar do pessoal brincar me chamando de japa, sou muito mais brasileiro.

Acho que a maioria das pessoas que descendem de japoneses vai dizer aproximadamente o que eu disse. Eu tenho essa impressão de que os japoneses daqui se veem mais como brasileiros, principalmente nas cidades grandes. Falo isso porque ainda existem colônias espalhadas por aí, né? Não conheço nenhuma, mas sei que tem.

2.2.5 *Evandro Teruo Nishimaru Neves (Evandro)*

A infância. A nostalgia. Um momento que, geralmente, temos como um arquivo em nossas memórias. Um arquivo empoeirado, em desuso, fragmentado. Não é assim para Evandro: para ele, a infância é um momento que se essencializa e se torna um lugar de conforto, frente ao mundo real, em que a beleza e a alegria da vida se resumem não mais às experiências vividas, mas sim, ao produto final delas.

Ainda que frequentando os mesmos espaços e fazendo parte de uma mesma rede de amizades, levou um tempo para que os primeiros contatos fossem ocorrer. Quando ocorreram, foram breves. Não sei precisar em que momento que se estabeleceu o forte vínculo que existe até hoje, mas ele se consolidou numa naturalidade similar à que ele apresentou ao narrar sua experiência de vida.

Foi durante o ano de 2015 que, dentre as raras conversas cotidianas, emergiam as questões que trabalho na pesquisa. Sabendo que Evandro passou um período de sua vida no Japão – informação que, a princípio, obtive por meio de uma amiga em comum –, imaginei que essa experiência poderia ser interessante para reflexões futuras. Ao propor que ele fizesse parte dessa pesquisa, foi animador o aceite imediato. Em uma das raras ocasiões daquele ano em que nos encontramos – a saber, no dia 16 de outubro – decidimos realizar a sessão, na própria faculdade.

Achar um lugar ideal naquele espaço foi difícil – durante a entrevista que teve duração média de uma hora e meia, passamos por duas interrupções. Apesar disso, conseguimos encontrar lugares sem interferência de som e com espaço privativo que permitiu a Evandro expor suas experiências e questionamentos da melhor maneira possível. Rememorar e falar sobre vivências que, até então, não haviam sido compartilhadas com outras pessoas em rodas de conversa informais parece ter sido importante para ele, que me agradeceu após a sessão.

(...) voltar agora seria romper com alguns mitos.

Meu nome é Evandro Teruo Nishimaru Neves, tenho vinte e cinco anos. Atualmente, resido em Mogi das Cruzes, há quinze minutos do centro. Pelo próprio sobrenome, já fica evidente que minha ascendência com japoneses se dá pela minha mãe, e a parte brasileira, pelo meu pai. Ele, aliás, tem cabelos castanhos, e acho que isso pode ser um fator diferencial para entender algumas coisas, pois também tenho cabelos castanhos. Eu tenho dois irmãos, e sou o mais velho. Minha irmã do meio, Gabriela Sayuri, tem dezenove anos, e o mais novo, Walter Kenji, dezesseis. A Sayuri nasceu no Japão, mas como era praticamente recém-nascida, ela não tem muitas lembranças de lá. Foi possível reparar que o nome de todos nós é composto, né? Acho que isso foi uma preocupação de meus pais em deixar clara a nossa ascendência japonesa.

Minha avó paterna viveu em Minas Gerais. Não sei exatamente aonde, mas acredito que em Santa Rita... Sei que ela tinha uma fazenda, e se não me engano, tem entre oito e dez irmãos. Meu avô veio do Rio de Janeiro, seu nome era Walter, tal como o do meu irmão mais novo. Meu pai se deslocou bastante pela região sudeste (para citar algumas regiões paulistas, Barra Mansa e Mogi das Cruzes), e é o quarto filho. Passou alguns problemas na infância relacionados à fome, às condições precárias de vida, e por isso ele sempre valorizou muito os alimentos. A situação dele foi bem diferente da nossa geração.

Meu avô materno faleceu no mesmo ano em que nasci, e por acaso, o nome dele era Teruo. Eu sei que quando ele veio ao Brasil, tinha planos de fazer poços artesianos. Porém, pela incompatibilidade da técnica japonesa com o solo brasileira, ele acabou migrando para outras áreas. Foi uma espécie de construtor, pedreiro... Ele fazia casas, revendia... Era uma pessoa bem centrada, segundo meus pais, apesar de ter tido o hábito de beber bastante. Porém, nunca soube de brigas que ele poderia ter causado, e sempre bebia em casa. Ele era bem respeitado no bairro em que morou.

Já a minha avó Toshiko Nishimaru, que atualmente deve ter em torno de oitenta e seis anos, é uma pessoa bem ativa no *bunkyo* japonês. Ela frequenta os karaokês, tem uma função mais representativa do que administrativa, e é bem consultada, reconhecida etc. Sabe administrar muito bem o dinheiro: sua poupança é considerável, meus tios pagam as contas, e ela mora comigo. Costuma assistir o canal da NHK do Japão, e com relação à cultura brasileira, teve pouco envolvimento. Por isso, ela fala pouquíssimas coisas em português — geralmente são substantivos, e quando são verbos, ela sempre os conjuga no passado. Isso acaba me confundindo às vezes, mas o nosso relacionamento é bom. Eu entendo que ela tem personalidade forte, e carrega até traços de uma cultura machista... Minha mãe tem muitos problemas com ela, mas eu não: chego, explico o que vou fazer, e não tenho atritos.

Bom, se pegarmos o mapa do Japão, ele é composto por quatro grandes ilhas: Hokkaido, Kyushu, Honshu e Shikoku. A região de meus avós se localiza ao norte da região de Shikoku. Minha avó fala muito de lá, até com uma visão romantizada. Coisas no sentido de que ela e meu avô estavam predestinados a ficar juntos desde a infância, e o casamento

de fato ocorreu, etc. Não sei se convém comentar, mas a cultura que minha avó trouxe do Japão tem traços machistas, em certa medida. Ela, pela sua rigidez, teve muitos problemas com a segunda filha dela, que tinha problemas psicológicos e veio a falecer. Minha mãe, Marisa, que é a quarta filha, já evitava os conflitos, por sua personalidade mais pacífica. Bom, eu sei que eles vieram para cá na década de 1950 ou 1960, a bordo do Argentina-Maru. Vieram meus avós, que já eram casados no Japão, e três filhos. Minha mãe é a quarta filha, e a primeira a nascer no Brasil.

Meu avô ia participar da Segunda Guerra — ele era da reserva. Não me ficou muito claro os motivos da vinda para cá. Minha avó dizia que o motivo era a falta de espaço lá, mas quando perguntei isso eu era uma criança, né? Deve haver outros motivos que desconheço. Aliás, e isso contarei em breve, nessa época eu havia acabado de retornar do Japão, em 1997. Então ainda conversava em japonês, e era minha avó que me levava para a escola. Foi neste cenário que perguntei sobre o motivo da vinda.

Como disse, minha mãe é uma pessoa muito tranquila, sempre me orientou neste sentido, sabe? De evitar conflitos, etc. Na minha história de vida, só me recordo de uma briga que tenha envolvido agressão física, mas até mesmo conflitos de diálogo eu prefiro evitar — sempre utilizo alguma estratégia para contornar.

Meu pai, ao contrário, brigava muito desde a infância. Ele tinha aquele espírito *fitness*, de malhar e ir para a academia etc. sempre foi brigão, lutava karatê, mas eu sei que ele teve uma vida sofrida. Ele começou a trabalhar com catorze anos, e ajudou no sustento da família dele. E este é outro contraste: minha mãe viveu de modo a nunca ter lhe faltado nada. A faculdade, ela pagou com a ajuda do meu avô, por exemplo.

Falando de meus irmãos, atualmente a Gabriela está fazendo curso de Letras na USP. Embora tenhamos brigado muito na infância, nos damos muito bem hoje em dia. O caçula, que dorme no mesmo quarto que eu, tem que aturar as minhas chatices de historiador, de falar da faculdade ou de política. Mas eu não enxergo muito o “ser japonês” nos meus irmãos, sabe? Talvez, carreguem alguma coisa cultural que tenha sido passada pela família, mas de casa, quem conheceu e viveu no Japão fui eu.

Em linhas gerais, não sou nativo de Mogi das Cruzes. Nasci na capital de São Paulo, e de lá minha família foi para São José dos Campos, onde meu pai vendia peças automotivas em oficinas. Diz meu pai que o motivo para sairmos de lá e irmos ao Japão se referia à posse de poder do Fernando Henrique Cardoso, que afetaria a política inflacionária, além da oportunidade de trabalho surgindo no Japão. Já no Japão, para onde fomos em 1993 e vivemos durante quatro anos, nos estabelecemos primeiramente num *kit-net* localizado em uma colônia de brasileiros, e um tempo depois, num bairro residencial da prefeitura. Quando voltamos ao Brasil, ficamos em Mogi das Cruzes vivendo numa chácara.

Antes de ir para lá, me lembro que tinha caído de uma rede. Caí com a língua para fora e cortei ela. Então, um dia antes de embarcar, o médico colocou alguns pontos nela. Uma das primeiras memórias que tenho chegando ao Japão é

de estar conversando com meu tio (irmão mais novo da minha mãe) e mostrar a língua para ele! Foi com ele que moramos ao chegar. O nome da região é Hikone, próxima do lago de Biwako e do Castelo de Hikone, na região de Shiga ¹⁹⁶.

Como disse, ali era uma espécie de colônia de brasileiros. Era uma espécie de conjunto residencial com uma passarela em cima, e havia vários apartamentos de dois andares, com uma passarela. Ficamos numa casa que tinha uma sala grande, dois quartos — um para meus tios e outro para a gente —, e um banheiro com *ofurô*, aquela banheira japonesa que é aquecida com lenha.

Uma coisa engraçada foi quando meu tio disse sobre a minha primeira ida à escola. Fui matriculado em uma creche japonesa, e ele tem a imagem de eu ser passado do colo da minha mãe para a professora batendo loucamente no busto dela e gritando: “Não quero ficar aqui! Me leve embora!”. Eu mesmo não me recordo disso.

Eu lembro que cheguei ao Japão falando em japonês, mas não me lembro de ninguém me ensinando. Foi algo meio mágico, não sei. A memória dos três anos de idade é muito... Muito curta. Eu gostava muito da pré-escola. Lembro que era um campo grande, com um pátio muito bonito. Tinha o corredor onde se localizavam as salas que eram sinalizadas pelas etapas de escolarização. Cada sala era um animal. Tinha o *usagi* (coelho), depois a *kitsune* (raposa)... Não me lembro dos outros, mas eram tantos...

E eu adorava quando meus pais se atrasavam para me buscar de lá! Havia um momento em que todo mundo já foi embora, e ficam lá apenas as crianças que foram “esquecidas” pelos pais, que estavam atrasados e etc. Eu até pedia para meu pai demorar para me buscar, porque gostava de ficar lidando com crianças de outras idades. Na escola, eu tinha meus amigos, e nessa faixa etária não havia atritos ou desentendimentos. Acho que, por ser criança, você ignora esse tipo de situação né? Só aquela coisa mínima de reclamar com os pais sobre alguma coisa, e já passava.

De lá, também tenho a imagem de diversas gincanas... Como tenho fotos em casa desse período, não sei afirmar se eu construo minha memória a partir delas, ou se eu realmente vivi aquilo. Havia muitas gincanas, passeios... Mas em especial, não lembro de um episódio marcante com relação a isso. Eu sei que do outro lado da escola havia um colégio ginásial, com piscina. Acho que era para turmas da primeira à sexta série. A gente atravessava uma estação de trem pelos trilhos, né? Aquelas linhas de trem, inclusive, lembravam muito a CPTM aqui de São Paulo.

E também lembro que os brasileiros que viviam naquela região gostavam de me levar para passear! Era um grupo pequeno de jovens, e me levavam junto porque... Não sei, como meu cabelo tem uma cor diferente, isso chamava a atenção. Assim, as pessoas interagiam com o grupo quando eu os acompanhava. Isso meu pai que diz, mas eles me levavam para passear mesmo.

¹⁹⁶ Ver item 25 no anexo C.

A gente frequentava muito a casa de um vizinho nosso, que aparentemente, reside em Mogi das Cruzes nos dias de hoje. Ainda é amigo dos meus pais, e tem uma loja que vende produtos de agricultura. Ele se lembra bem dessa fase da vida no Japão, quando frequentávamos as casas uns dos outros. Também havia um vizinho que tinha um casal de filhos, então era super normal frequentar as casas. Temos até algumas fotos de recordação, mas na minha memória esses momentos não estão presentes.

Também havia outro garoto que morava no andar de baixo, e um dia fizemos um boneco de neve que ficou muito feio! E assim, eu era um parasita: gostava de ir à casa de quem tinha videogame. Lembrei agora de um rapaz chamado Ken! Ele era um japonês muito enrolado. Tinha uma namorada, viviam juntos, e ele não consegue arrumar emprego. Não sei o que se passa em torno dele, mas recentemente teve uma filha. Bom, esse cara gostava muito de mim, e eu ia à casa dele, pegava os óculos dele, mexia com os brinquedos de pelúcia da namorada, esse tipo de coisa.

Bem, do outro lado da linha de trem, havia um casarão de cinco ou seis quartos. Aquele outro lado também era uma colônia de brasileiros, e me lembro desse casarão de madeira. Não era bem uma casa japonesa, mas íamos bastante praquela lugar. Também havia, próximo do centro da cidade, uma farmácia que a gente frequentava. Havia uma senhora de uns cinquenta ou sessenta anos que gostava muito de mim. Eu adorava essa senhora! Ela me enchia de presentes, me deu um cofrinho que fiz questão de encher. Se não me engano, dormimos uma vez na casa dela, e ela nos tratou super bem. Acho que fui uma criança alegre, bem extrovertida.

Nessa mesma época, meu pai estava fazendo curso de japonês. Enquanto ele estudava, eu ficava numa sala com a secretária, em toda a tarde de sábado. Tinha uma senhora de uns quarenta anos que me fazia companhia. A gente conversava, fazia *origami*... Era muito bom!

Acho que tenho boas lembranças dessa etapa, e das posteriores também. Depois que mudei da pré-escola, no mesmo momento em que conseguimos uma casa da prefeitura, houve uma espécie de ruptura: a primeira casa se situava numa colônia de brasileiros. A segunda casa era da prefeitura, então viveríamos numa região com japoneses. Acredito que a mudança tenha se dado por motivos de economia, pois a casa alugada tinha um preço diferente. E neste momento, começa meu convívio com os japoneses.

Quando nos mudamos, eu era uma criança generosa, sabe? Minha mãe dizia para eu compartilhar as coisas, e lembro que um dia estávamos passando na rua e vimos uma mãe e um filho andando juntos. Por acaso, ofereci ao menino um chiclete, e ele virou meu amigo. O nome dele é Shoya-kun. Acho que é um dos poucos nomes dos quais me recordo bem. Ele é um ano mais novo e a gente ficava andando juntos e etc. Tanto ele quanto eu tínhamos uma bicicleta.

E aí saí efetivamente da pré-escola, né? A dinâmica mudou completamente, e comecei a conviver com mais crianças. Acho que, visualmente, era muito bacana aquele conjunto habitacional. Várias casas acopladas, do lado havia outro grupo de

apartamentos, então seria uma espécie de minibairro dentro do bairro. Era tudo padrão, mas dava para distinguir. Isso é uma coisa que assusta quando se retorna ao Brasil. O primeiro impacto que tive quando cheguei aqui foi ver as pichações. Até então, eu não havia visto uma pichação.

Bom, voltando lá, nessa nova casa nasceu minha irmã. Também havia alguns brasileiros que moravam próximos... Ah, a gente tinha pelo menos um conhecido dos meus pais que eles costumavam visitar. Então, como disse, a dinâmica mudou quando saímos da primeira casa. Mudei de escolinha, e era bem diferente. Havia mais passeios, porém dessa época eu tenho uma lembrança não muito legal...

Tinha a hora da soneca, né? Quando eu era criança, nunca dormi! Sempre levantava, saía correndo e bagunçando com mais meia dúzia de colegas, né? Hoje, fico pensando: “será que se eu tivesse seguido essa regra de dormir, seria um pouco diferente hoje?”. Isso pensando em termos de disciplina. Também fazíamos plantações, sabe? Alguns trabalhos da escola em que plantávamos mudas de repolho, e etc. Envolvia algumas questões educativas bem legais.

No geral, minha relação com as crianças dessa escola era normal. Porém, tendo mais maturidade, muda a escolarização. Lembro-me, por exemplo, de um garoto que tinha algum tipo de problema que eu não conseguia identificar. Ele tinha algo que o destoava dos demais alunos, e por isso recebia um cuidado especial da professora.

Também tinha uma garota bem específica, que roubou a minha bicicleta. Era uma espécie de líder de gangue, e vivia no bairro vizinho. Aí, acho que entra a questão da minha mãe, sabe, de nunca reagir. Essa garota me deixou um pouco indignado, até hoje. Meus pais intervieram, mas ainda ficou uma pequena ferida, né? E provavelmente, esse grupo de três ou quatro crianças... Acabei acatando, não sei se sobreviveria exatamente, entende?

Se sofri preconceito por ser brasileiro, ou mesmo pela tonalidade do cabelo, eu não sei dizer. Acredito que, para uma criança, o preconceito seja mais sutil. O maior preconceito que sofri, na verdade, talvez tenha sido com essa menina e esse grupo. Porém, alguns membros desse grupo faziam um papel duplo: era questão de momento, de estarem cooptados pela autoridade dela.

Outra cena marcante foi quando eu estava com um amigo na rua, há uns cinco minutos de casa, e tinha uma menina que tentava me expulsar. A memória que eu tenho é de estar sentado próximo ao córrego, e ela vindo com a bicicleta para me expulsar. Conforme ela foi inclinando, houve a queda! Tinha um metro e meio esse córrego, e ela machucou o rosto. Essa garota sempre foi hostil comigo. Se não me engano, ela era o número dezoito da chamada.

Além do Shoya-kun, eu tinha outros amigos. Havia outro menino que tinha um Game Boy, e mais um que era o número quatro da chamada. Até a minha adolescência, eu sempre adorei games: Super Nintendo, Nintendo 64, o próprio computador que veio depois... Então, nossa órbita girava em torno deles: era pegar a fita de um, ir à casa do outro, jogar uma hora aqui e uma hora ali... Também pegamos uma fase muito legal dos desenhos animados e... Ah! Os produtos

japoneses eram bem legais, muito bem elaborados. Os chicletes eram temáticos, então havia gosto em colecionar os brindes. Também havia os minicards do Pokémon. Eu nunca soube jogar o game, mas adorava ter esses minicards!

Algo que pode ser curioso é o fato de eu sempre gostei de uma mesa. Todo estudante japonês que se preze tem que ter uma bendita de uma mesa de estudo! Uma mini escrivaninha! Sei lá, se você é estudante, tem que ter a sua mesa. Também havia versões temáticas para meninas — Sailor Moon, ou algum *anime* referente. E eu sempre quis ter uma mesa. O detalhe é que a mesa que meu pai pegou veio do lixo!

Mas assim, lixo é modo de dizer. Lá no Japão, meu pai queria economizar. Uma vez por mês, havia um encontro em que os japoneses juntavam objetos para dissipar. Então, meu pai ia com o carro e pegava! Ele pegou uma televisão de 29", um Super Nintendo, um sofá em plenas condições de uso. Já geladeira e outros utensílios, a gente comprou.

Dessa forma, a casa toda foi mobiliada com móveis usados. O japonês compra um objeto, usa durante dois meses e troca ele. Minha mesa não possuía a parte inferior, mas era temática do Doraemon. Até hoje, eu acho que um dos desejos que ainda não consegui consumir nessa vida é a de ter essa mesa. Talvez por conta disso, atualmente eu coleciono livros, possua minha estante, minha escrivaninha... Mas esse objeto de desejo...

Falando da primeira série, em cada época do ano (considerando primavera, verão, outono e inverno) a gente usava um boné diferente. No inverno era um quepe, no verão era um boné grande, na primavera, um chapéu amarelo, e no outono... Eu não lembro.

Uma coisa bem bacana eram as filas que fazíamos para ir à escola. Isso era muito comum. Acordar às oito horas da manhã, tomar o café e ir à praça do bairro. Ali, a gente sentava e fazia uma espécie de fila, do menor para o maior, sempre guiado por um aluno do sexto ano. Então, havia uma noção de ordem diferente.

A dinâmica da escola também era bem legal: você era dono da sua carteira. Na sala, havia vinte meninas e vinte meninos. Mas dava para perceber uma simetria. Tinha um armário no fundo da sala, com coisas como massinhas, trabalhos... Fazíamos a limpeza da sala de aula também, e almoçávamos lá.

Do lado da lousa, ficava uma espécie de calendário com os nomes dos alunos, de modo que cada folha virada configurava a formação de grupos distintos. Conforme se vira, o grupo de alunos vai mudando, segundo uma função. Então, uma vez por semana essas funções eram trocadas. Para citar um exemplo, essa semana eu tenho a função de servir o almoço. Então, vou eu com um grupo de alunos, e a gente traz a panela de arroz para a sala de aula. Com as carteiras, fazíamos uma espécie de bancada para servir. Usávamos aquela máscara higiênica descartável. Então, por também sermos responsáveis pela sala de aula, tínhamos que cuidar bem dela. Isso criava uma noção de responsabilidade muito grande.

A gente também fazia simulação de terremoto. Então tínhamos que fazer a fila, alinhar e etc. Era outra noção... Por falar em terremoto, eu não vivenciei o acontecimento de nenhum enquanto estive lá... Quer dizer, até vivenciei, mas eu

estava dormindo! Lembro que, quando acordei, minha mãe disse que teve e eu fiquei muito bravo! Sei lá, para uma criança, terremoto é surfe na terra, né? Fiquei bem chateado.

Eu valorizo muito essa coisa da responsabilidade. Havia coleta seletiva de lixo, que funcionava da mesma forma que a alimentação. Uma vez por semana a gente trocava, e aí uma pessoa cuidava do local onde se depositava o lixo. Imagino que não seja frequente em todo o Japão essa prática, mas pelo menos no nosso bairro isso era importante. Assim, todo mundo levava o lixo e fazia a coleta. Se não me engano, cada tipo de material tinha determinado fim. E o banheiro era uma coisa muito bizarra. Era o vaso com um buraco onde caíam os dejetos, e uma vez por semana passava um caminhão sugando eles.

Com relação à alimentação, não sinto muita falta por ainda comer o *gohan* (arroz) em casa. Mas me lembro de comer ovas de peixe nas excursões escolares, e também tomávamos muito leite por lá. Vinha numa caixinha retangular... Para falar a verdade, lembro mais das guloseimas do que propriamente da comida! Nunca liguei muito para comida. Mas as guloseimas... Eu achava surreal! Havia uma dimensão plástica das coisas lá muito diferentes. Não sei se é uma parte humanista, mas quando bato o olho, sei que algo é de lá. Sinto uma espécie de conforto estético.

Aproveitando, me lembro que a comida da minha avó paterna foi uma novidade deliciosa. Eu adorava aquele arroz, tão diferente do *gohan*. O arroz que ela fazia era bem espalhado, oleoso... Realmente espalhado! Havia diferença alimentar, uma comida mais gordurosa e etc. Os biscoitos Passatempo também foram uma novidade muito saborosa quando voltei do Japão.

Já que segui por este caminho, pensando no retorno ao Brasil a primeira coisa que me recordo é de uma brincadeira do meu tio paterno. O alarme do carro dele fazia um barulho parecido com um rato. Então eu chamava o carro de rato, e só depois de alguns dias descobri que se tratava do alarme. O alarme era uma novidade para mim.

Outro choque que levei na chegada se refere à assimetria das casas, né? Eu não sabia como me expressar na época, e acabei ignorando, mas eu sentia isso. Passei uns quinze dias em São Paulo e depois fomos para Mogi das Cruzes. Lá, estudei durante seis meses numa escola do centro, e depois mais seis meses numa escola da zona rural. E algo que me impressionou nesse tempo foi a diversidade racial!

Explico. Para mim, até aquele presente momento, todo mundo tinha o mesmo tom de pele! No máximo, havia uma diferença na tonalidade do cabelo. Então, o convívio dentro da sala de aula era algo interessante. Pessoas carecas também me assustaram quando voltei ao Brasil! Eu nunca tinha visto ninguém careca. Meu pai dizia que a minha primeira reação ao ver uma pessoa era falar: “ele é caleca!”. Era aquela coisa de criança, né.

Me lembro que, por ter iniciado os estudos no Japão, minha aprendizagem aqui foi rápida. Acho que pela vergonha de falar “elado”, fui abrindo mão do idioma japonês. Eu me esqueci do idioma, talvez pela necessidade de me enturmar,

pela vergonha, não sei... Ainda sei escrever algumas letras e *kanjis*, mas minha grafia está muito feia. Mostrei para minha avó... Sei escrever meu nome, mas teria que estudar de novo para resgatar o que eu já soube anteriormente.

Outra coisa que eu achei muito estranha no início foi as brincadeiras das crianças, de dar rasteirinha, empinar pipa, etc. Essas eram brincadeiras que não faziam parte do meu mundo. Minha vida até então girava em torno dos videogames, dos brinquedos... Não sei se isso me afetou de tal forma que sei lá. Passei a vida como um estranho? Saí do eixo japonês e entrei pro eixo brasileiro, e da cidade praquela região. Muito estranho...

As primeiras memórias que tenho da escola se referem à minha professora da primeira série. Eu era muito ansioso, e queria mostrar serviço, sabe? E por ter conhecimento com a caneta e algo com relação ao idioma, meu processo de alfabetização foi muito rápido. Minha dificuldade mesmo foi em trocar o “r” pelo “l”, então muitas pessoas me chamavam de Cebolinha e eu demorei a entender o motivo.

Eu comecei a me destacar bastante em matemática, por ser universal. A finalidade dela no Japão é a mesma no Brasil, então isso me deu uma janela de oportunidade grande — mas acabei virando o “nerdzinho” da primeira à oitava série. Em geral, eu ia bem, à exceção das aulas de português: até hoje tenho alguma deficiência na gramática.

Nos primeiros meses em que fiquei na escola, foi bem tranquilo. O convívio com as crianças começava e terminava naquele espaço, e não havia tantas brincadeiras durante o ano: só uma festa junina, em que fui com meus pais, o próprio convívio, a dinâmica no pátio... E havia duas garotas que me paparicavam. Não sei, era algo no sentido de: “nossa, esse aqui é diferente”. Mas não tenho lembranças de amigos ali.

As bocas de lobo das ruas me assustavam. Formavam aqueles degraus feios, e etc. Na minha cabeça, imagino que gostava de andar na calçada por ser pedestre. Para uma criança de sete anos, ver aqueles degraus acidentados era muito estranho. Acredito que aí se iniciaram alguns choques...

Quando morei na cidade, eu não saía de casa como saio atualmente. Era até uma casa movimentada... Aliás, quando morei no Japão, eu não falava em japonês dentro de casa. Meus pais queriam que eu falasse em português, mas me lembro que era teimoso e não queria falar. Então meus pais me forçavam, mas acho que eu entendia e respondia em japonês. Já na presença de amigos, eu falava em japonês mesmo! Interessante, né? É engraçado notar essa inversão: no cenário japonês, eu queria ser japonês, e no Brasil, eu queria ser brasileiro.

Na casa da minha avó, só tínhamos contato com os parentes. Minha mãe ainda tentou reatar algumas amizades e a gente frequentava esses espaços. Mas de modo geral, acho que para mim a televisão foi um meio educativo. Principalmente os canais abertos, aqueles desenhos para o público infantil...

Foi muito estranho para eu perceber que a série Pokémon, que assisti em 1997, só começou a passar no Brasil em 2001. Aí que comecei a pensar: onde eu estou? Por que essa diferença? Até mesmo Dragon Ball: eu já sabia o final antes

dele começar a ser transmitido aqui. Isso me serviu como uma reflexão para pensar que... Existem lugares diferentes. É um exercício de alteridade.

Outro ponto: futebol! Para mim, é algo estranho, nunca gostei de futebol — nem de jogar, nem de assistir. Então, a partir do momento em que cheguei aqui, meus primos começaram a me perguntar sobre o time que eu torço, e eu olhava... “Oi? Não sei, cara”. Isso até hoje, eu não torço pra nenhum time. Não faz sentido! Mas acho que o futebol, neste caso, serviu para dar um contraste identitário. É muito estranho.

A programação da televisão, como disse, foi um choque para mim. Além do que eu já disse, também havia aquela coisa de estar acostumado com desenhos e etc. De repente, passa uma programação erótica, ou até mesmo pornográfica. Isso é algo que surgiu para mim no Brasil, e logo nos primeiros dias! Lembro que eu e alguns primos fomos dormir na casa de um tio, e todo mundo com idade entre sete e dez anos, né? Ai a televisão estava ligada, às dez da noite, e de repente no meio do filme surgia uma cena chocante. Eu fiquei de olho arregalado. Como assim, né?

O Brasil me assustou muito com a política. Eu não me preocupava com a política! Me sinto até meio idiota falando isso, mas quando era criança e assistia aqueles programas eleitorais tinha um candidato... O Quércio, né? Ele tinha um jingle fenomenal, aí eu falava: “Nossa, esse cara vai mudar! Vota nele pai!”. E logo em seguida, todo mundo falava para mim: “Nossa, esse cara é ladrão”. Mas poxa, com um jingle tão legal! Ai que algumas questões começaram a surgir.

Desemprego também era algo com o qual eu não me preocupava tanto. Porém, quando chegamos aqui, meu pai se tornou desempregado automaticamente. E acho que, por ser um pouco teimoso, ele não procurava trabalho, tentando ir sempre pelo lado autônomo: vender *bonsai* e etc. Foi no Brasil que comecei a me preocupar com essas coisas. E quando compramos a chácara, passamos a usar o dinheiro para reformas, e até hoje a casa não foi terminada. É como se algo sempre tivesse faltando desde que voltei para cá, sabe? Dá uma sensação de que alguma peça não está no lugar.

Iniciei o curso de Ciência da Computação, mas acabei saindo por um misto de motivos: falta de dinheiro com algumas frustrações... Nada deu certo ali. Inclusive, era no campus da UNIFESP de São José dos Campos. Atualmente, curso História no campus de Guarulhos, mas ingressei nele não pela vocação. Fiz a prova do Enem, tinha feito cursinho e tudo o mais... Com a nota que saiu, eu vi uma oportunidade de entrar num curso legal. E assim, eu achava que era mais simples né? E estou cursando História. Mas não é por uma questão de vocação, até porque ainda hoje me dou mal com a gramática, com a escrita. Como não tenho pretensão de seguir na área acadêmica, eu encaro todas as disciplinas como se fossem para a licenciatura, e penso como adaptar aquilo na sala de aula. Já tenho alguma experiência com isso: em 2013, eu dei aula, e vejo em boa parte dos alunos as minhas dificuldades de socialização. Então tento facilitar isso para eles, de modo a ser mais do que um professor.

Pensando num eventual retorno ao Japão... Se for no âmbito do trabalho, pela minha formação não vejo oportunidade, porque o curso daqui é voltado para cá, né? Para o Brasil, especificamente. Porém, voltar para lá seria uma experiência fantástica! Rever os lugares que eu vi... No olhar de uma criança, o mundo é enorme. Você tem aquela admiração, aquela contemplação... E voltar agora seria romper com alguns mitos, que fazem parte da minha construção. Rever aquela cultura japonesa atualmente... Iria para voltar. Conhecer, fazer uma viagem, voltar com alguma coisa mais no lugar, talvez... E com certeza pela diversão! Aproveitar as outras dimensões da cultura, sabe?

Uma coisa que eu faço bastante é tentar me apropriar de algo, seja numa conversa, lendo um livro ou qualquer situação. Em alguma medida, sempre me achei o Frankenstein. Uma composição meio pitoresca que não faz sentido do começo ao fim. Eu gosto bastante dessa metáfora!

Eu sei que se hoje for ao Japão, eu não serei um japonês, mas sim, um brasileiro. Porém, ao mesmo tempo, estou aqui e não tenho uma unidade brasileira. O que é ser brasileiro? Eu não me sinto realmente um brasileiro. Não sei, tenho outra cabeça... Minha vida social gira em torno da faculdade, e as coisas que vejo aqui vão muito contra o que penso. É como se eu não tivesse um lugar. Claro que é um exagero, mas...

É uma confusão. Mudando um pouquinho de assunto, gosto muito da literatura japonesa. Tem um autor chamado Kenzaburo Oe, que ganhou o Prêmio Nobel de 1994. Encontro várias coisas que penso na obra dele, e me identifico muito. Tem outros livros, como por exemplo, *Yakuza Moon*, que trata do código de ética da *Yakuza*. Até hoje, leio muitos *mangás* também, e encontro no jeito japonês dessas referências muito de mim. Porém, sei que eles não me consideram um deles...

Se eu tiver algum arrependimento, é talvez de não tiver olhado para o futuro no passado. Eu perdi muito da língua japonesa! Por estar no Brasil, não quis continuar a ler, escrever... Minha avó era uma pessoa que conversava muito comigo e, pela falta de convívio, isso se perdeu... E é algo que supervalorizo hoje. Me vejo assistindo um filme do Akira Kurosawa, por exemplo, e sinto que poderia apreciar melhor, sabe? São assim, pequenos arrependimentos que me levam a muitas reflexões. Acho que acabei aceitando a condição, né? A contragosto, já que racionalmente falando não há o que fazer... De todo modo, eu vou tentando montar o Frankenstein. Seja no computador, no livro ou no que for, as coisas japonesas têm um lugar especial para mim.

Eu me identifico muito com a filosofia japonesa... Atualmente estou cursando História da Arte da Ásia, e a professora traz uma leitura das obras. No meio dessa exposição, encontro pequenos fragmentos que fazem parte do meu jeito de pensar. É assustador: será que estou tentando compor uma identidade japonesa, ou preciso ver isso para poder repelir? É uma questão de identidade muito confusa. Uma coisa que acho muito bacana é o jeito oriental de se escrever. Do lado direito para o esquerdo, de cima para baixo. Isso gera uma perspectiva, uma orientação.

A delicadeza nas coisas também é algo com a qual me identifico. Eu não sou o tipo de homem considerado “bruto”, de curtir futebol e encher a cara no bar. Acho que isso tem a ver com meu pai — eu tento ser a antítese. Tenho a impressão de que, desde os primórdios, evito confrontos na minha vida, em oposição à figura do meu pai.

E voltando a pensar no retorno... Eu tenho a sensação de não ter um lugar, uma identidade. Ser meio despregado, sabe? Eu quero conhecer alguns lugares. Não contei, mas quando tive quatorze anos, eu não conseguia aceitar o pessoal da minha idade buscando formas de socialização que embocariam num relacionamento. Eu achava que éramos muito novos para isso. Na minha mente, o certo seria a partir dos dezoito, pensando num romance, para aí culminar num relacionamento.

Acho que isso me trouxe muita dificuldade, até hoje. O molde que criei, idealizado, não é viável nos dias atuais. Até mesmo a timidez, sabe? A timidez que eu não tinha no Japão. Ela surgiu no Brasil! Lá, eu era bem extrovertido, não pensava em consequências... Isso se perdeu, não sei. É como se eu deixasse de fazer as coisas por uma timidez que se desenvolveu durante minha trajetória.

Essa timidez pode ter surgido do fato de eu pensar que existem etapas. Acho que criei essas etapas na minha mente, e elas devem ser seguidas religiosamente. Porém, pela prática alheia não ser assim, acabei criando certa aversão, de não seguir aquilo por estar errado segundo minha forma de pensar.

Paradoxalmente, acabei perdendo alguns momentos. Tentei envelhecer muito cedo, sempre me encontrei com pessoas mais velhas. Eu gostava de ter conversas adultas com o pessoal que frequentava a lanchonete do meu pai, já no Brasil. Talvez isso tenha sido prejudicial, pois perdi parte da minha adolescência.

E no Ensino Médio, a coisa mais bonita entre o pessoal com quem convivi era falar de bebida! “Nossa, eu enchi a cara!”. Assim, não é que eu não beba, mas eu só comecei a partir dos dezoito anos. O cigarro que eu fumo, só comecei depois dos dezenove. Então percebe como eu fui tentando seguir as etapas, né? Hoje, penso que poderia ter me privado delas.

Mesmo assim, acho que deveria ter criado planos de futuro. Talvez, ter feito outro curso, como engenharia, porque não sei... As críticas que a gente faz não se materializaram em algo, sabe? Um peixe se debatendo na água. Me arrependo das oportunidades que não aproveitei, e sei que devia me lamentar menos, mas aí é outra questão.

Eu sinto uma saudade do Japão. A escola, as pessoas, a organização, a falta de preocupação... Um mundo tão diferente, mas ao mesmo tempo tão próximo da forma como eu ajo e penso. Porém, essa saudade é ideal, não pode ser... Antes de eu sair da escola no Japão, cada aluno escreveu uma mini carta, assinou e compactou num caderninho para mim. Eu tenho esse caderninho em casa, e não consigo ler... Eu perdi isso. Sei que algumas cartas devem dizer: “você voltará um dia?”, “quando você vai voltar?”. Me sinto como se algo estivesse faltando.

Queria reencontrar o Shoya-kun também. Há um poema do Bukowski que fala de um amigo da infância. Enquanto ele vive sua vida, nos parâmetros ocidentais, está tudo certo, mas ele não esqueceu a outra pessoa. Seria muito bom reencontrar esse amigo e realizarmos juntos esse choque de lembranças.

Além disso, também há as fotos! Depois que voltamos do Japão, a foto virou um lugar. Eu não gostava de fotos, sempre saia mal nelas, mas as únicas fotos em casa são as fotos de lá. A viagem à Disney, o Lago Biwako... São fotos boas, sabe? Trazem uma época bacana, o cotidiano e etc. No Brasil, tenho a impressão de que as pessoas tiram fotos para se auto afirmarem, olharem para si... E as fotos da infância não tem esse sentido para mim.

Eu não queria tirar fotos, era criança. Neste sentido, meu pai se preocupou muito com a memória, né? Vira e mexe, posto uma no Facebook. Tenho saudades, são mais espontâneas que essas de hoje em dia, do tipo: “ah, vou tirar uma foto aqui”. Muitas fotos viraram um lugar banal. Além das fotos, guardo outras coisas, como o boné da escola, os videogames, um garfo do avião de volta pro Brasil... Coisas singelas. A memória do Japão está bem presente, não é preciso procurar muito para encontrá-la.

Para mim, foi uma experiência fantástica compartilhar tudo isso. Gosto de falar do tema, de ter vivido isso... Às vezes, é estranho não ter com quem compartilhar essas coisas. Na minha cabeça, conversar sobre isso com as pessoas poderia levar à exaustão, pois é tedioso. Penso que existe aquela dimensão em que você deve conviver com as pessoas: a minha exposição poderia incomodá-las. Isso também pode ser consequência da timidez que desenvolvi, mas é apenas uma hipótese.

2.2.6 Emerson Issa Kamiya (Emerson)

Uma pessoa de poucas palavras, mas muita objetividade e clareza em sua forma de falar. Os primeiros contatos que tive com Emerson se associavam diretamente ao fato de ele trabalhar na biblioteca da universidade. Em época de graduação, eu conheci o Marcelo, graduando em Letras, que trabalhou durante um período lá também. Ele se tornou, indiretamente, o mediador deste diálogo que foi se estabelecendo aos poucos.

Em 2015, em uma conversa muito rápida, perguntei a Emerson da possibilidade de ele ser um colaborador da pesquisa que comecei a desenvolver naquele ano. Seu olhar, que de maneira quase imperceptível revelou surpresa e espanto, revelou a questão, que em seguida ele verbalizou: “mas não sei em que medida eu poderia ajudar na sua pesquisa”.

Tal prerrogativa, no entanto, revelou também o interesse em ajudar de alguma forma. Em conversas posteriores, ele já havia lido o projeto de pesquisa e, ao fim, aceitou a proposta. O próximo passo seria encontrarmos uma data ideal para que a sessão pudesse ocorrer.

A entrevista foi agendada para o dia 23 de outubro de 2015. Assim como ocorreu com grande parte dos colaboradores, a entrevista com Emerson também se deu no espaço universitário. A entrevista com ele ocorreu em dois momentos, por conta da interrupção necessária para que ele cumprisse seus horários de trabalho. A sua narrativa, que no início continha colocações pontuais e objetivas, foi ganhando corpo conforme o seu desenrolar. Ao final, Emerson apresentou perspectivas pertinentes que envolvem a condição do nipo-descendente, tendo como principal viés a sua própria experiência de vida.

Eu fico naquele limbo, não sei...

Meu nome é Emerson Issa Kamiya. Tenho trinta e oito anos, nasci em São Paulo no ano de 1977. Até me casar, morei na zona leste da capital, na Vila Alpina. Após me casar, fui morar na zona norte. Atualmente, trabalho como bibliotecário.

Minha família era bem simples. Não éramos ricos, mas... Minha primeira casa ficava nos fundos do terreno da minha avó, em Olaria. Era um terreno bem amplo, então dava para umas quatro famílias morarem nele. Morei por lá até 1984, quando tinha sete anos, e minha infância foi... Bom, eu ficava mais em casa.

Em 1984, nos mudamos para uma casa que não ficava tão longe. Acho que ficava na Vila Bela. Saímos do terreno da avó e fomos para uma casa nossa, da nossa família. Vivi por lá até me casar, em 2007. Todo o colegial eu fiz numa escola estadual perto de casa... Me enganei. Terminei o ensino fundamental numa escola municipal, e depois fui para uma escola estadual, mas ambas próximas de casa.

Tenho dois irmãos. O irmão do meio se chama Daniel, que é um ano mais novo do que eu, e o caçula se chama Celso, que é cinco anos mais novo. Todos nascemos nessa casa, e... Raramente ia brincar na rua, tinha poucos amigos na rua. Quando comecei a fazer o ensino fundamental, ainda morava nessa casa. A escola era um pouco longe, e me lembro que meu pai ia buscar.

Minha família nunca foi muito apegada à história, então tenho poucos relatos sobre o passado. Conheci apenas minha avó materna, e um pouco meu avô paterno, porque os outros avós já haviam falecido antes de eu nascer.

Via meu avô paterno apenas nos fins de semana, mas eu também era pequeno quando ele morreu. Eu devia ter entre sete e nove anos. Com minha avó materna, convivi até parte da adolescência, mas a gente também não conversava muito sobre família, essas coisas. Então não sei, por exemplo, a data em que meus bisavós maternos chegaram do Japão. Conheço muito pouco sobre esse aspecto, mas sei que veio bastante gente, muitos primos. Minha mãe nasceu em Oriente, perto de Marília. Posteriormente, a família veio para São Paulo.

Da parte de pai, apenas meu avô paterno era japonês. Minha avó paterna já era brasileira, e eles vieram de Campo Grande. Na verdade, nem sei se minha avó paterna veio para São Paulo, pois ela já era falecida antes de eu nascer. Então, não tenho lembranças, e também não me recordo de meu pai falar nada sobre isso.

Minha mulher, que se chama Lúcia, não é descendente de japoneses. Frequentávamos a mesma igreja, uma igreja budista... Uma seita que se chama *Soka Gakkai*. Eu já não frequento mais, porém ela continua frequentando. Nós tocávamos na orquestra da igreja e assim nos conhecemos. Ela tem uma afinidade com a cultura japonesa, mas ela mesma não tem essa ascendência.

A minha memória de infância é muito precária. Acredito que os primeiros registros que tenho são a partir de, no máximo, sete anos de idade. Uma vida simples, mas feliz. A gente brincava, não passava fome, nada disso. Meu pai era bancário e minha mãe, dona de casa. Tínhamos uma vida confortável, sem ser luxuosa. Diria que minha família era classe C e D.

Comecei a ter amigos a partir do momento em que comecei a frequentar a escola. Me lembro que tinha uma colega da mesma idade, e era vizinha de casa. Então às vezes brincava na casa dela, brincava com ela e o irmão, essas coisas. Quando me mudei para a outra casa, já um pouco mais velho, fiz umas amizades, mas a gente raramente ia para a rua. A gente brincava mais em casa mesmo. Só teve uma fase na adolescência em que fiz amizade com o povo da rua e a gente jogava bola. Nessa época, eu brincava mais na rua.

Nessa região, havia um número relativo de descendentes de japoneses. Ao se comparar com a população geral, é claro que é bem menor esse número. Mas, pela convivência religiosa, acabava tendo mais contato. No bairro tinha famílias japonesas, sim. Lógico, embora houvesse muitas famílias na Vila Alpina, está longe de ser um bairro da Liberdade. Bem longe. Mas tinha gente sim, um número considerável até.

Inclusive, me recordo que anualmente tinha *Undoukai* no bairro. A gente frequentava um centro esportivo chamado Arthur Fredenreich, que inclusive foi um jogador de futebol famoso, um dos primeiros. O *Undoukai* ocorria neste centro. Eu ia lá, ganhava os brindes, sabe? Vários cadernos, canetas, lápis...

Também havia um *kaikan* mais ou menos próximo, mas não era tão frequente eu e minha família irmos a esses eventos, né? Apenas ocasionalmente. O *Undoukai* só ocorria uma vez por ano, e eventualmente, havia um aniversário e alugavam o *kaikan* para comemorar. Agora, esses festivais tradicionais mesmo eu nunca frequentei. A minha família nunca tendeu para este sentido tradicional de, por exemplo, falar o japonês. Quem falava a língua era a minha avó, mas minhas tias, meu tio, minha mãe não.

Os filhos da minha avó eram em seis: cinco mulheres e um homem, e ninguém fala japonês. Então, neste sentido somos bem pouco tradicionalistas. Meu pai também não aprendeu o idioma, então nunca fomos tão apegados ao passado, às tradições... Mas ambas as partes da minha família são da região de Okinawa.

Por via oral, nunca conheci nada sobre a história do Japão. Minha avó, meus pais nunca me falaram sobre isso. Acho que só depois de adulto me interessei um pouco, e mais especificamente, Okinawa. Interessei-me em aprender o japonês na época da faculdade. Em 1996, iniciei o curso de Letras na USP, só que acabei desistindo, porém me recordo que foi nessa época que iniciei a aprender o japonês de forma autodidata, sem sucesso. Nessa época que tentei aprender um pouco mais sobre o idioma, a história... Mas nunca me aprofundei.

Frequentei e frequento pouco o bairro da Liberdade. Costumava ir à Rua Tamandaré, onde fica a sede da igreja. Conheço o Edifício do *Bunkyo*, Associação Brasileira de Cultura Japonesa, já fui lá uma vez para assistir a um concurso de karaokê, e outras vezes para conhecer o espaço. Tem a feirinha da Liberdade também... Mas eu diria que vou ao bairro mais como morador da cidade do que como um japonês, digamos. Talvez eu seja mais um turista do que um “nativo”. Vou lá para comer, mas nunca fui conhecedor da culinária, nada disso.

Eu disse que não havia concluído o curso de Letras, mas em 2002, iniciei o curso de Biblioteconomia, também na USP. Concluí o curso em 2005. Nessa época, morei na casa de uma tia-avó distante que mora no Parque Continental, próximo à Cidade Universitária. Ia de bicicleta para as aulas, e também na maior parte dos estágios que fiz durante a graduação, pois também ficavam próximos. Então estagiei na Lapa, na Estação Abril lá na Marginal Pinheiros... Só depois estagiei na Faria Lima, aí tinha de ir de ônibus. Era relativamente próximo, mas de bicicleta já era meio complicado.

Então, eu acabava vendo menos minha família. Apenas nos finais de semana, e também foi assim com minha namorada, na época. Aí eu ficava por lá porque a casa é grande, ela é viúva... E os três filhos dela estavam no Japão nesta época. Só um voltou recentemente, com a família que ele constituiu. Nessa época, ela alugava para estudantes da USP. Só tinha uma moça que não estudava na USP, mas trabalhava lá perto. Depois, ela veio a fazer graduação em História.

Eu nunca tive a experiência de ir ao Japão. Não sei porque, tinha certo preconceito sobre ir ao Japão para trabalhar, mas me arrependo... Eu poderia ter feito *arubaito*, para ter uma experiência, para conhecer o país. *Arubaito* é um emprego temporário de três meses. Eu tive um amigo que cursou Economia na USP, e aproveitava o recesso de fim de ano para fazer esse *arubaito*. Aí ele trabalhava numa estação de esqui, alguma coisa de alta temporada, né? Ficava três meses e voltava.

Mas na época do “boom”, não me interessei em ir para lá. Tenho um primo que foi e ficou durante cinco anos, eu acho... Foi para fazer dinheiro e voltar. Também teve os filhos da minha tia-avó que eu mencionei. Eles foram bem cedo, e dois ainda continuam por lá. Se não me engano, eles foram no início da década de 1990. Tenho uma prima que foi tardiamente, em meados dos anos 2000, mas ela conseguiu se estabelecer mesmo com a crise que aconteceu em 2008. Um outro primo foi mais recentemente do que ela, e com a crise, acabou retornando.

Então, de certo modo, eu me arrependo de não ter ido, para ter pelo menos a experiência de ter conhecido o Japão. Agora, acho que o bonde das oportunidades já passou, também pela idade... Acho que já não tenho idade para trabalhar, fazer dinheiro e voltar, sei lá.

Atualmente eu sou servidor público e tenho uma vida, digamos, estável em termos de emprego. Não é a maravilha que todos falam sobre o servidor público, afinal não ganho horrores, né? Penso sim, em outras oportunidades... Eu fotografo,

e penso em fazer *freelance*. Talvez, eventualmente, até penso em um trabalho sério e, quem sabe, me dedicar exclusivamente à fotografia. Mas isso são planos, a princípio, distantes.

Não sei exatamente quando comecei a me interessar por fotografia, mas eu lembro que meu tio tinha uma câmera digital. Um dia, peguei a câmera e resolvi fotografar o churrasco da família. Isso aconteceu em 2005, e eu gostei! Em 2006, comprei uma câmera compacta, e em 2007, me trouxeram do Japão outra câmera compacta, um super zoom. A partir daí, o entusiasmo só foi crescendo.

No início, eu gostava muito da parte técnica. Aprender a parte técnica e utilizá-la. Só que eu ainda fotografava de maneira muito amadora... Não no sentido técnico, mas no sentido estético. Não que hoje eu seja um fotógrafo que pudesse fazer uma exposição numa galeria, por exemplo, mas eu acho que sou um bom fotógrafo. Hoje, domino bem a técnica, e acredito que meu senso de estética melhorou bastante também. Já não me preocupo tanto com a técnica, embora seja importante.

Recentemente, pedi ao meu irmão trazer do Japão uma câmera profissional, com as lentes, várias lentes... Tenho uma síndrome que na fotografia se chama Gear Acquisition Syndrome (GAS), ou simplesmente Síndrome de Aquisição de Equipamento. Só não compro mesmo porque não tenho grana, e o equipamento fotográfico é caro. Mas eu fui comprando lentes, e como se trata de um equipamento que não se vende no Brasil, compro usado. Hoje tenho duas câmeras, sete lentes nativas, três lentes manuais, lentes para câmeras analógicas, enfim.

Eu acabei me recordando de um dia, quando eu era criança, em que meu pai pediu para eu tirar uma foto. A gente estava numa festa, ele me deu a câmera, mas eu não disparei... Porque achava a foto uma coisa sagrada, sabe? Então no início, a fotografia era um hobby, mas com o tempo, foi virando coisa séria. Lógico, ainda não é meu ganha pão, mas eu gosto muito. Acabei de fazer um *freelance* bem simples, mas foi minha primeira experiência ganhando dinheiro com a fotografia.

E pretendo continuar me aprofundando. Talvez conhecendo mais fotógrafos, pois meu conhecimento ainda é pouco. Conheço uma dúzia de fotógrafos, e meia dúzia que posso dizer que admiro. Mas sinto que preciso conhecer a obra de outros fotógrafos. Além dos famosos, também acho o Flickr interessante. Por quê? Porque é uma rede social dos fotógrafos anônimos, e lá tem muitos fotógrafos bons. Lá, conheci pessoas com as mesmas afinidades e os mesmos gostos, e a partir disso, conheci outras obras, que embora não sendo cânones, para mim não são menos importantes. Acho tão relevantes quanto as obras do Sebastião Salgado.

Sobre ser brasileiro ou japonês... As duas coisas, ou nenhuma das duas... Complexo, né? Não me considero nada assim, japonês ou brasileiro. Acredito que são convenções arbitrárias. Só porque você nasceu aqui, nessa região... Claro, quando você é criança, ainda não processou as informações. Então, por exemplo, a seleção brasileira joga e você se emociona

com o hino, torce para o time, mas a partir do momento em que começa a refletir sobre as coisas, penso que a questão da nacionalidade é cada vez menos relevante, pelo menos para mim. Para mim, o nacionalismo não tem importância nenhuma.

Então, não vou dizer que tenho orgulho de ser brasileiro, e nem desgosto. É diferente, pois nunca me considerei japonês... Pelo que falei, a gente não tem nenhum apego às tradições. Não conheço direito o Japão, muito menos o idioma. Eu acho que me sinto na situação do *dekassegui*, que vai ao Japão e fica totalmente deslocado, porque... Ele é o quê? Um brasileiro ou um japonês? Ele não se acha um japonês porque sobre preconceito dos nativos de lá. Ao mesmo tempo, não sei como se sentem com relação à sua brasilidade. Se eu vou num evento de japoneses, eu vou ficar deslocado! Porque é uma questão de estar entrosado, e como eu não estou, me sinto deslocado.

Por outro lado, com os brasileiros... É claro que a gente é marcado. Somos diferentes, uma minoria. Então é claro que me sinto marcado. Acho que todos os japoneses, pelo bem ou pelo mal, são rotulados. Eu fico naquele limbo, não sei...

Desde a escola, fui rotulado como japonês por pessoas que não descendem de japoneses. Me lembro que na primeira série, meu apelido era “chininha”, achava até engraçado. Não levava a mal... Acho que para mim, é difícil me identificar como japonês. Mas é claro que, quando ocorre alguma desavença em público, o estereótipo acaba sendo utilizado como estopim, né? Acho que isso acontece comigo: se há uma desavença, “tinha que ser o japonês”. Acaba sendo uma marca.

E eu percebo nas pessoas que elas falam naturalmente, no contato comum. Então, vamos supor que eu encontre o segurança. Eu o cumprimento, e ele: “e aí, Japão”. Esse “Japão” é como se fosse João, José. Não é falado na intenção de depreciar, mas é como se fosse uma marca mesmo. Mas o engraçado é que, se outra pessoa se encontrar com ele, ele não vai falar “e aí, caucasiano”. Ninguém fala isso. É muito peculiar você ser identificado pela nacionalidade, sendo que outras pessoas não. É bem estranho, na verdade. Para as pessoas é bem marcante, então chamam de japonês, mesmo que seja coreano — ou vice-versa. Às vezes, chamam alguém de “chinês” sem saber se a pessoa é ou não chinesa.

E só para complementar essa questão da nacionalidade, acredito que é uma coisa boa eu não me identificar com um grupo nacional, porque... Como disse Samuel Johnson, o patriotismo é o último refúgio dos canalhas. Então acho que para mim, essa questão de ser ou não ser brasileiro, alemão, italiano tinha que ser ultrapassada. Toda essa coisa da intolerância parte por você se diferenciar em algo... Por ser mulher, ou negro, ou homossexual... Ou japonês!

Concordo que faltam estudos sobre os japoneses no Brasil, com relação a outros grupos... E acho que talvez essa seja uma culpa nossa também, não sei. Acho que também deveríamos correr atrás dessa identidade, ou falta de identidade, pensar como nos sentimos aqui por mais que as gerações atuais não tenham nenhuma ligação direta com o Japão... E por outro lado, fenotipicamente nós somos identificados como tal, né?

2.2.7 *Christian Yuji Betim (Chris)*

Em que medida a distância é um elemento que, ao invés de afastar, aproxima? Essa foi a principal relativização com a qual me deparei ao conversar com o Chris. Foi em uma conversa de bar que lancei a proposta a ele, sabendo já de alguns aspectos de sua experiência – sobretudo, o fato de ter vivido no Japão.

Sua atuação militante e seu dom natural de acolher o torna uma pessoa querida entre muitos. Por isso, talvez não fosse uma surpresa que tivéssemos algum amigo em comum – dentre os quais, Monge. No dia em que coleei grau, ambos estavam lá por uma feliz coincidência: uma pessoa da rede de amigos deles também estava colando grau na mesma oportunidade, em fins de 2013.

Em processo gradativo, começamos a conversar com mais frequência. Eventualmente, nos jogos de futebol semanais do campus, ele aparecia também. Esses pequenos intervalos foram suficientes para que pudéssemos combinar os detalhes da entrevista, que ocorreu no dia 04 de dezembro de 2015. O horário era favorável, uma vez que muitas salas de aula do campus estavam desocupadas no período da manhã. Assim, não foi difícil encontrar um ambiente próximo do ideal para o início da sessão. Porém, ao mesmo tempo, era um período restrito, por conta dos compromissos da tarde. Em uma hora e dez minutos, conseguimos realizar a sessão sem maiores problemas.

Sempre com o bom humor transparecendo, ele colocou à minha frente perspectivas sobre a experiência emigratória que contrapunham o que eu pensava a respeito. A maneira leve com a qual ele se expressou ao relembrar desses momentos representou também um retorno ao passado, que foi compartilhado em tons nostálgicos.

Sua experiência o levou a associar dois aspectos que parecem ser fundamentais na sua militância: o amor pelo ensino / aprendizagem e a humanização do trabalho. Ao fim da sessão, foi possível perceber a sua felicidade em rememorar as experiências. Um brasileiro com amor pelo Japão.

(...) gostaria que o Japão ficasse mais próximo para poder visita-lo sempre.

Meu nome é Christian Yuji Betim. Tenho quarenta anos, sou nascido e criado na capital de São Paulo. Eu sou descendente de japoneses por parte de avós maternos, já que da parte de pai, há uma diversidade. Minha avó paterna é descendente de espanhóis, enquanto meu avô, de negros e indígenas.

Falando um pouco sobre a família materna, meu avô se chama Tomoichi Matsuda, e minha avó, Ishie Matsuda — mas o sobrenome da família dela é Murai. Vieram do Japão para o Brasil em 1935, no terceiro navio que trouxe imigrantes japoneses, o Arizona Maru. Pelo que sei, eles vieram por opção mesmo.

Desde aquela época, eles ficaram aqui. Já tinham três filhas — as minhas tias mais velhas —, e quando chegaram ao Brasil tiveram mais cinco: quatro mulheres e um homem. Minha mãe, Tereza Matsuda Betim, é a última das mulheres, e depois veio meu tio, Sérgio Kazuto Matsuda, que é o caçula. O engraçado é que, dos oito, o único que vive no Japão atualmente é ele, que foi naquela onda *dekasegui* e ficou por lá. Isso foi em 1992.

Quando chegaram aqui, foram para o interior paulista, próximo da fronteira com o Mato Grosso do Sul, sabe? A minha mãe nasceu em Presidente Venceslau, e depois de um tempo, se mudaram para Presidente Epitácio, onde temos parentes. Pelo que me lembro, das histórias que minha mãe conta, ele tinha uma espécie de pensão por lá. Enquanto minha avó cuidava de algumas coisas, ele trabalhava na roça, e parece que houve uma época em que ele perdeu a pensão no jogo.

Depois disso, vieram para São Paulo e começaram a fabricar chapéus de pano de costura. Costuravam, e minha avó saía para vender na feira, na rua... Minha mãe até comenta que ia junto com minha avó, na região do Brás, vendendo os chapéus que fabricavam. Após um tempo, começaram a vender chapéus todos os domingos na feira da Liberdade, sabe? Hoje em dia, ela ocorre sexta-feira, sábado e domingo. Porém, naquela época, era só domingo. Aí eles tinham a banquinha e foi dessa forma que sustentaram a família durante um tempo.

Sobre o Japão, minha família não comentava muito. Primeiramente, pelo fato de que, quando eu era criança, eles falavam em japonês e eu não entendia. Então, não conversava muito com meus avós. Mesmo minha mãe não conhecia muito, até o momento em que fomos para lá.

Sempre tive muita curiosidade de ir para lá, e teve um ano em que alguns representantes da província de Mie-ken, terra natal de meus avós, vieram ao Brasil para promover uma festa comemorativa a todos os imigrantes de Mie-ken que residiam aqui! Isso ocorreu mais ou menos em 1980, se não me engano, e já havia mais ou menos cinquenta anos que meus avós estavam no país. Fazia muito tempo, né? Eles ganharam até uma passagem de avião para voltarem ao Japão! Aí eles voltaram, passearam...

E lembrando agora, meu avô tinha muito receio de voltar. Isso porque, se não me engano, ele veio ao Brasil num momento em que a guerra estava começando se configurar. O receio dele era de voltar e ser tratado como desertor ou algo

nesse sentido. Como ele era jovem, provavelmente teria idade para servir o exército, não sei... Mas não chegou a receber a carta de convocação, nem nada.

Agora falando da família paterna, é engraçado que não há ascendência japonesa... Mas meu pai, apesar disso, é o mais japonês dentro de casa! E isso considerando que no ambiente vivemos eu, minha mãe, minhas duas irmãs mais novas e ele! Sempre andou com japoneses, gosta muito dos costumes de lá, ele até se casou com uma japonesa! Ele diz que o povo japonês tem princípios, caráter... E desde sempre ele nos fez frequentar a escola de língua japonesa, *nihongakko*. Então, esse lance foi meio forçado né, de estar por dentro da cultura japonesa. Foi porque meu pai sempre valorizou muito isso. Então ele frequentava os *kaikan*, né? As festinhas da comunidade local, onde se reúnem numa espécie de sede. Cada província tem a sua, e etc. E, com exceção de meu pai, nós nunca fomos de frequentar esses espaços. Quando íamos, era porque meu pai levava.

Minhas duas irmãs são formadas em Pedagogia. A do meio, Erika Tiemi Betim trabalha no Colégio São Luís, na Avenida Paulista. A mais nova, Sheila Mayumi Betim Marques, trabalha na agência de turismo e é responsável pelos trâmites para idas ao Japão.

Na minha infância, morava no centro de São Paulo, em um apartamento. Sempre tive muito contato com minha família, sempre fomos bem unidos. Geralmente nos finais de semana, todo mundo se reunia na casa dos meus avós. Os primos, etc... A maior parte da família japonesa, né? Mas todo mundo brasileiro já.

Eu estudei numa escola particular de freiras, perto de casa. E não sei se muito, mas dava para sentir um pouco da discriminação que existia com japoneses, né? Tinha muito *bullying*. Eu sofri bastante — por ser descendente de japoneses, por ter nome japonês, e a molecada não perdoava. Quando criança, eu tinha raiva de ser descendente de japoneses! Ficava pensando: “por que é assim?”. E olha que eu sou... Como dizem, metade brasileiro, né? Meus olhos não são muito puxados, mas o pessoal já zoava pra caramba! Só que depois de um tempo, o Japão virou moda. Quando eu era criança, o Japão era algo estranho. Hoje já é algo legal. Então atualmente, já tenho orgulho dessa ascendência. Hoje já é diferente.

Fora a minha família, não conhecia muitos japoneses. Tinha um garoto na minha turma que era descendente, o Maurício, mas só na adolescência fizemos amizade. Isso porque começamos a fazer o *nihongakko* juntos. Então saíamos de onde morávamos, na região de Santa Cecília, Barra Funda, e íamos até a Liberdade de metrô. Não comentei, mas antes de ir ao Japão, eu já havia estudado japonês durante cinco anos. Lá na altura da estação São Joaquim, onde fica a Associação Brasileira de Cultura Japonesa, ou *Bunkyo*. O curso era lá.

Na escola, nossos amigos eram em maior parte brasileiros sem ascendência. Às vezes saíamos para fazer alguma coisa — jogar bola, ir ao shopping... Mas fora o Maurício, havia também os primos dele. Mas com eles era mais superficial, quando rolava uma festa de aniversário ou algo do tipo.

Tirando os *bullying* que sofri na escola, era uma relação normal a minha com as pessoas. Inclusive, por não conviver muito com a cultura japonesa. A exceção era meu pai. Só depois — e isso vou falar em breve —, que surgiu a curiosidade. A questão tecnológica, a possibilidade de ser *dekassegui*... Aí que fui me interessando, até o dia em que fui ao Japão para viver por lá.

Isso ocorreu no final de 1992, quando eu tinha dezessete anos. Foi na época que ocorreu aquilo que chamamos de *boom dekassequi*, né? Quando os descendentes de japoneses voltaram ao Japão para trabalhar. As fronteiras estavam abertas. Muitos brasileiros foram fazer o pé de meia, para guardar o dinheiro, mas eu não. Eu fui porque queria conhecer o Japão. A parte tecnológica me chamava muita atenção! Então, graças a esse esforço do meu pai, de nos ter feito estudar, tive mais facilidade em aprender o idioma japonês na prática. Fiquei durante dezessete anos e retornei. Faz seis anos que estou no Brasil.

O curioso disso tudo é que meu objetivo era ir para conhecer. Porém, como não tinha condições financeiras de pagar a passagem só para esta finalidade, aproveitei para trabalhar. Aí fui para a fábrica. Trabalhei muito, mas vivi bem lá, conheci bastante coisa... O Japão é um lugar que gosto muito, apesar de não ter a intenção de voltar a morar por lá. Minha intenção agora é viver aqui.

Lá, eu morei com meus tios, né? Fiquei durante uns três meses, trabalhando e etc. Minha mãe e minhas irmãs, depois, também foram para lá, e fui morar com elas. Moramos durante um bom tempo num conjunto habitacional semelhante ao CDHU aqui. Eles chamam de *danchi*. O nome de onde morávamos é Homi Danchi. Existem vários tipos de Danchi, tais como Kyuuban Danchi, Chiryu Danchi, etc. Deve estar relacionado ao bairro, pois a região da nossa moradia é Homigaoka. Atualmente não sei dizer, pois por conta da crise dos bancos em 2008, muita gente veio embora. Mas acredito que deva haver em torno de três a quatro mil brasileiros morando neste conjunto habitacional. Uma concentração bem grande. Eram cerca de setenta prédios.

Então durante boa parte do tempo em que vivi no Japão, eu morei no Homi Danchi. Trabalhei com algumas firmas, mas a maior parte do tempo era em fábricas de peças automotivas. Lembro também que trabalhei numa firma que fazia peça de prensas para os carros da Toyota. Nessa firma, eu produzia prensas para um modelo que era vendido para os Estados Unidos: Tundra.

Por estar em um lugar com muitos brasileiros, não houve muito contato com os japoneses. Até tinha, mas a maior parte das amizades era com brasileiros mesmo. Eu saía muito com eles, íamos nessas baladas brasileiras, em festas... Tudo nesse sentido era com a comunidade brasileira. Mas claro, tínhamos uma relação de amizade com o pessoal da firma, mas era meio superficial. No Japão, sempre costumam fazer a festa de fim de ano da firma, que seria o *bonenkai*. O pessoal se junta, vai beber, comer etc. Não era bem uma amizade, mas o contato existia sim. Fora isso também fiz amizade com

japoneses na igreja que frequentava. Até tive amizades, mas foi no final do meu período de vivência no Japão. No início, era mais com brasileiros.

A meu ver, o Japão é um lugar bem aberto, e a discriminação quase não existe. Porém, existem pessoas de todos os tipos, né? Assim como no Brasil, embora acredite que aqui o preconceito é muito maior. Mas no Japão, não. Assim, se existe algum preconceito é por conta da questão cultural, porque a cultura brasileira é muito diferente. Os brasileiros são mais expressivos, bagunceiros em certa medida... E o japonês tem mania de seguir as regras, de fazer tudo certinho, então estão acostumados com a ordem.

Muitos japoneses gostam dos brasileiros, justamente por essa alegria, né? Quando fui para lá, era a época do Ayrton Senna, e pouco tempo depois ele morreu. Os japoneses o adoravam. Aí tem o lance do futebol, que já é bem valorizado, samba, carnaval... E ao falar que você é brasileiro, eles associam essas coisas na hora! Então muitos perguntam, têm curiosidade, etc.

Mas também tem muita gente preconceituosa... Na última fábrica onde trabalhei, havia um chefe que não gostava só de brasileiros, mas de estrangeiros em geral. Quando eu cheguei lá, lembro que eram vários chefinhos. Supervisores, né? Esse cara era um deles. E tinha um japonês que gostava muito de conversar! Dizia que gostava de brasileiros e etc. Ele também era peão, mas era encarregado de passar o serviço para a gente. Éramos quatro brasileiros na firma.

Uma vez, me lembro de que havia terminado o serviço e fui falar com aquele chefe que não gostava de estrangeiros. E eu falo japonês. Aí perguntei se havia outra tarefa para fazer... Ele simplesmente olhou para mim, virou a cara, continuou o que estava fazendo e foi embora. Aí fiquei confuso, né? O que será que houve... Mas tudo bem. Voltei para o meu lugar, fiquei arrumando algumas coisas, varrendo, vendo se alguém aparecia, até que chegou esse japonês que gosta dos brasileiros.

Puxou papo, e perguntou se eu havia terminado a tarefa. Afirmei, e ele me passou outra tarefa. Depois, no final, ele comentou comigo: “quando você precisar de algo, não fale com ele. Fale comigo, porque às vezes ele não tem... Tempo para falar. Me procura que eu te passo outro serviço”. Na hora eu nem me liguei! Só com o tempo, fui percebendo que ele não gostava de falar com nenhum estrangeiro. Havia uma chinesa e um coreano na firma, e ele também ficava bem incomodado com eles.

Eu trabalhei lá durante cinco anos, e no final eu já conversava com ele. Havia pego confiança... E ele me tratava como japonês! Notei isso porque, às vezes, quando estávamos próximos ou mesmo distantes, ele falava mal dos outros estrangeiros para mim. “Ah, aquela chinesa, não sei o quê... Aquele coreano lá, tal!”. Ele não falava sobre o serviço da pessoa. Falava sobre a pessoa em si, deixando nítido que não gostava. Só que esse foi um caso entre alguns, né?

No geral, eu gostei muito de morar lá. Gostei muito de ter vivido lá. Gostaria até mesmo que o Japão fosse mais próximo, para poder voltar! Pretendo voltar um dia, se um dia eu me tornar rico como professor... Ah, difícil! Mas quem

sabe, né? Sempre que me perguntam: “e aí, conseguiu ficar rico lá?”, eu respondo: “vixe, só gastei!”. Se um dia eu tiver condições financeiras, volto para passear. Inclusive, tenho duas filhas: Camila Suzuki Betim e Luana Suzuki Betim, e elas nasceram lá no Japão. Elas têm muita curiosidade, porque vieram pequenas para cá.

Isso, aliás, foi um dos motivos que me fez voltar ao Brasil. Na verdade, foram vários motivos. Um deles foi o meu desejo de que elas se alfabetizassem em português. Não queria que se alfabetizassem em japonês, porque minha intenção sempre foi a de voltar. E, vendo muitos amigos que tiveram filhos alfabetizados em japonês, vendo a dificuldade deles de falar o português, mesmo entendendo algumas coisas, e vendo essas crianças fazendo amizade com japoneses na escola... Imagino que seria muito mais difícil o retorno.

Outro motivo... Medo de terremoto. Lá tem terremoto, e é normal. Mas já há algum tempo, eles estão prevendo o *Tokai Jishin*, que agora mudou o nome para *Tonankai Jishin*, ou Grande Terremoto. Eu sei que é um terremoto imenso que vai abalar tudo! Aliás, o pessoal incentivava todos da região a terem um kit de sobrevivência.

No apartamento em que eu morava, deixava umas bolsas e mochilas na entrada, com esses kits. Água, alguma comida, roupa, medicamentos, etc. Coisas básicas para sobreviver durante três dias, que afirmam ser o período médio em que a ajuda pode chegar ao local do eventual desastre natural. Lá, isso é algo normal. Porque o Japão fica acima das placas tectônicas, então eu tinha muito receio de acontecer algo nesse sentido e, assim, não ter como voltar ao Brasil.

Depois de um tempo, minha mãe e minhas irmãs voltaram, e só eu fiquei por lá. Eu queria estar próximo delas novamente, né? Ficar próximo da minha família, inclusive, foi mais um motivo que me levou a querer retornar.

Além de todas essas questões, havia também a vontade de estudar. Fazer um ensino superior, que é difícil no Japão. Geralmente, lá é ensino integral, então é necessário ter alguém que te sustente. Assim, seria difícil. Então, quando voltei — e isso foi mais ou menos em outubro de 2009 —, o plano que combinei com minha ex-companheira foi de arrumar um emprego enquanto ela ia estudar para a gente se manter, e após ela se formar, acontecer o inverso: ela trabalhar enquanto eu estudava. Porém, durante esse período a gente acabou se separando, então não foi assim. Como já estava vivendo por mim mesmo, comecei a fazer a faculdade.

Me recordo que, quando fui ao Japão, era um lugar muito diferente para mim. Havia a questão da tecnologia, da educação... O pessoal pensa no próximo, né. Você não encontra lixo jogado na rua. Eles estão acostumados a limpar seus espaços. Na escola, as crianças são acostumadas desde pequenas a limpar a sala de aula, os banheiros, a escola de modo geral. Não há funcionários de limpeza que limpam os espaços: as crianças que aprendem a fazer essas coisas. Então, notei essa diferença quando estive por lá.

Depois de quatro anos em que fiquei no Japão, eu voltei. Como fui para lá com dezessete anos, e era um local em que o uso do carro seria muito importante, voltei ao Brasil para tirar minha habilitação. Isso porque é mais fácil fazer a

tradução do que tirar a habilitação japonesa. Eu teria que saber o idioma, escrever... Falar eu sei, mas para ler e escrever tenho alguma dificuldade. Então, tirei a habilitação e voltei.

Nesse primeiro retorno, me senti voltando ao passado... Cheguei ao aeroporto, e minha impressão na época... É até um pouco pedante falar desse jeito, não sei, mas senti como se tudo parecesse meio sujo, sabe? O aeroporto, aquela poluição... Notei esse contraste quando cheguei aqui... E os carros velhos, né? Depois me acostumei, mas foi algo chocante no momento em que cheguei. Ao mesmo tempo é legal isso, porque me deu uma nostalgia de estar aqui.

Em 2002, voltei para o Brasil de novo. Dessa vez, vim para passear, e já estava casado. Dessa vez foi a mãe das minhas filhas quem veio tirar a habilitação. Aproveitei para renovar a minha e voltei. Ela ficou um tempo ainda, porque havia um período de três meses de habilitação para poder tirar a carta lá no Japão. Engraçado é que nesse segundo retorno, não tive o choque que tive no primeiro. Já vim preparado.

E fora isso, acredito que o Brasil tenha evoluído bastante desde aquela época... Pelo que eu vejo atualmente, né? Não sei se pela abertura tecnológica, mas temos informações de tudo quanto é coisa hoje em dia. Quando eu morava no Japão, só tínhamos acesso ao que acontecia no Brasil por meio de fitas de videocassete, sabe? A galera filmava a programação da televisão brasileira e mandava para nós. Até havia um mercado em que o pessoal comercializava essa programação.

Após um tempo, começaram a surgir os canais internacionais, né? Globo Internacional, Record Internacional... O pessoal que assinava tinha esse contato, que ainda era um pouco restrito. Quando a internet chegou, começamos a ter mais acesso à informação, mas foi no período em que havia voltado definitivamente para o Brasil... E o contrário também ocorre: hoje em dia, temos acesso à programação japonesa, né? Assim, mantenho contato com o que acontece por lá. Meu pai assina a NHK, emissora japonesa com transmissão internacional. Quando vou para a casa dele, assisto também. Fora isso também tem a internet. A minha irmã Sheila, que estudou também na escola japonesa que comentei, entende muito do idioma japonês. Ela fala, lê, escreve... E ela assiste muito aquelas novelas japonesas, que chamam de *dorama*.

Minha intenção quando cheguei era cursar Engenharia Mecânica, área em que eu trabalhava. Fazer programação de máquinas. Mas aí, arranjei trabalho em Itaquera, numa fábrica de facas industriais, sabe? Facas grandes de corte industrial, para máquinas de corte de cigarro, papel higiênico... E então percebi a diferença que era trabalhar aqui e trabalhar no Japão. Achei que aqui, o salário é baixo, e a peãozada é tratada muito mal! Eu comecei a me sentir mal trabalhando ali, ainda mais vendo o engenheiro chefe sempre exigindo muito do pessoal...

Então eu pensava: “se eu for engenheiro um dia, vou ter que me submeter a esse tipo de tratamento? Ou pior: vou ter que submeter as pessoas a esse tipo de tratamento?”. Dessa forma, comecei a pensar em outras coisas para fazer! Então, como aprendi a exercer esse serviço no Japão, onde os nomes técnicos e de ferramentas estava em japonês, comecei a

fazer SENAI — justamente para aprender essas coisas no idioma português. E foi lá, que ouvi sobre a carreira docente no Senai. E, para dar aula lá, é necessária a graduação em Pedagogia. Por isso, estou cursando Pedagogia: para mudar um pouco de área sem me distanciar dela.

Me adiantei um pouco, deixa eu retomar. Quando cheguei do Japão, fui fazer o vestibular da Uninove para o curso de Engenharia. Fiz a prova, porém, eu havia vivido no Japão durante dezessete anos, e durante esse período eu não estudei, porque havia saído da escola. Me formei no ensino médio e fui direto para lá, né? Então eu me achei muito burro, porque não lembrava de nada! E aí veio aquele pensamento de que eu não ia passar. Porém, depois descobri que essa prova era apenas uma formalidade. Então eu passei, mas quando fui fazer a matrícula, não havia vaga para o curso de Engenharia, e me perguntaram se eu queria fazer Arquitetura... Eu disse que não, né meu! Aí não me matriculei, mas resolvi entrar no cursinho.

Nesse mesmo período eu estava trabalhando, e foi aí que comecei a ficar com dúvidas sobre o que eu queria fazer. Cheguei a prestar Medicina na Fuvest, sabendo que não ia passar. Mas na época, pensei: “qualquer coisa, faço cursinho mais um ano e tento de novo”. Só que meu pai disse que não, que eu estava jogando dinheiro fora, e me sugeriu que fizesse outra coisa. Aí descobri que também havia o ENEM. Fiz a prova do ENEM e entrei na Unifesp para o curso de Pedagogia, justamente pelo que eu havia dito né? Do lance de lecionar no Senai e etc. Foi mais ou menos essa trajetória.

E foi cursando Pedagogia que percebi a amplitude do campo de atuação do pedagogo. Estudamos Política da Educação, História da Escola, Psicologia em Educação, Filosofia e Educação... Então tem muitos caminhos. Me encantou muito isso, e atualmente estou fazendo uma pesquisa sobre as políticas de acesso ao ensino superior, vamos ver como vai ficar.

Nos estágios e no período de residência — que fazem parte da grade curricular —, eu consegui atuar um pouco dentro dessa área. Dei aulas para turmas do Ensino Fundamental I, para turmas de berçário, né... Inclusive, nessa época trabalhei com os sentidos, o que envolveu uma parte musical. Também dei aulas para Educação de Jovens e Adultos quando fiz a residência. Era uma sala especial de alunos surdos. Então, se tratavam de adultos surdos que estavam se alfabetizando. Foi uma experiência bem legal o uso de Libras... Bem diferente! E por serem adultos, é interessante porque eles passam muita experiência do que viveram.

Eu também dou aulas de japonês para quem tem interesse no idioma. Inclusive, havia montado um curso para a UNIFESP, só que com a correria não conseguimos colocar em prática. Mas, provavelmente, em breve conseguimos reabrir este curso. Antes do campus se transferir para o centro de Guarulhos, havia um Centro de Línguas onde eu dava esse curso. O projeto que tenho é de, uma vez por semana, dar aulas de graça, e com isso fazer uma propaganda para aulas particulares. Também faço trabalho de tradução, ou o que precisar. Mas se o bicho pega, corro para a minha irmã me auxiliar!

Quando estive no Japão, conheci um rapaz que se tornou meu amigo, né? Também é descendente de japoneses, foi como *dekassegui*... E ele é rapper. E uma vez, ele escreveu um rap em que o refrão dizia o seguinte: “Se aqui sou brasileiro / no Brasil sou japonês / Se aqui sou brasileiro / no Brasil sou japonês”. É o que realmente a gente sente. Aqui no Brasil, somos japoneses. E lá no Japão, somos considerados brasileiros. Ai fica essa crise de identidade, né?

Porém, de acordo com minha experiência de vida, me considero mais brasileiro. Isso porque, mesmo depois que eu morei no Japão, conseguindo assimilar bem a cultura japonesa, eu tenho amigos japoneses de lá, e mesmo gostando muito de lá... É como eu disse: gostaria que o Japão ficasse mais próximo para poder visitá-lo sempre. Eu acho que me considero cem por cento brasileiro... Eu sinto como se o Brasil fosse realmente a minha casa, o lugar onde nasci, o lugar em que me desenvolvi, o lugar onde quero viver e morrer. Estar com a família, né?

Minhas filhas estão crescendo... A Camila está com treze anos, e a Luana, com dez. Eu quero que elas cresçam aqui para depois elas decidirem se querem ir para lá. Sempre me dizem: “ah, não lembro como era o Japão”. Eram muito pequenas, né? A gente conversa, vemos fotos, e elas ficam bem curiosas. Só que isso é para o futuro, né? Assim como foi comigo, quero que o desenvolvimento delas ocorra aqui no Brasil.

É isso: me considero cem por cento brasileiro, com um amor cem por cento pelo Japão. Vivi muitas experiências boas por lá! Eu achei legal a experiência de lembrar algumas delas... São momentos gostosos de lembrar. O Japão me traz boas memórias e eu gosto muito de lá...

2.2.8 *Cristiane de Melo Shirayama (Cris)*

Ainda me recordo da primeira vez em que tivemos um contato mais próximo: o ano de 2013. Quando eu tentava uma Bolsa de Iniciação à Gestão pela biblioteca da EFLCH, fui entrevistado por Cris. Lembrar este dia faz tornar inevitável o pensamento de que, no ano de 2015, os papéis se inverteram, e eu a entrevistei – ainda que não sob o mesmo pretexto.

Como fator comum, os diálogos anteriores ao dia da sessão se deram via Facebook, embora também fossem possíveis encontros presenciais, de maneira breve. Ao procurá-la, eu já tinha em mente a importância de trazer também a voz das mulheres para as discussões propostas, pois se trata de uma perspectiva diferente. Com a dinamicidade do tempo e as obrigações de cada um, a data acabou sendo fechada após semanas de conversa.

Assim como Emerson, o local de trabalho foi o espaço em que ocorreu a sessão com Cris, em uma sala reservada na biblioteca. O dia em que ocorreu foi a mesma em que se deu a sessão com Christian: 04 de dezembro de 2015 – porém, no período da tarde. Durou uma hora, e foi tempo suficiente para que houvesse trocas interessantes e pertinentes.

Tímida no início e respondendo objetivamente às questões colocadas, conforme a sessão foi se desenvolvendo a naturalidade foi tomando conta de sua fala. As expectativas iniciais, de fato, se excederam, e Cris revelou na sua experiência de vida a oposição a um estigma ao qual atribuíam sua pessoa. Sua relação com o Japão é distante, embora o consumo da produção cultural japonesa seja uma realidade. Ainda assim, ela queria ultrapassar as fronteiras do que a alteridade determinava. Ela queria ser ela mesma.

“(...) eu tentava escapar e ser o oposto daquilo que diziam”

Meu nome é Cristiane de Melo Shirayama. Nasci em São Paulo, tenho trinta e três anos e atualmente sou funcionária pública. Trabalho como bibliotecária.

Meu pai, Masanori Shirayama, é filho de japoneses. Se não me engano, os pais dele, Jasutaru e Toyo Shirayama, vieram para cá por volta da década de 1920, para fugir da guerra. Vieram e foram morar em Araçatuba na condição de agricultores, mas exerciam outras profissões no Japão. Minha avó, Toyo, era professora. Tiveram vários filhos no Brasil, dos quais meu pai é o mais novo.

O pouco que sei do local de onde meus avós vieram foi baseado na pesquisa que fiz no Museu da Imigração. Na pesquisa, aparecia a data da viagem e o nome da cidade, mas não sei se necessariamente é a cidade deles, pois Kobe é uma região portuária, e de lá saíam os navios.

Aos dez anos, minha avó havia morrido, e o trabalho era muito duro na fazenda. Acho que meu avô ficou muito desestruturado após a morte dela, virou alcoólatra... Perdeu muito dinheiro com jogos. Assim, meu pai foi criado pelos irmãos, que maltratavam muito ele. Aos catorze anos, ele fugiu de casa, e desde então não tem mais contato com a família. Eu mesma tenho pouco contato com essa parte da família, e até mesmo com as tradições. Justamente por ele ter saído de casa muito cedo, rompendo essa relação, né? Ele ainda conhece algumas coisas, várias palavras em japonês, mas perdeu bastante no que tange à tradição e cultura.

Meu pai, que hoje tem setenta e três anos, conta várias coisas sobre o que passou depois de sair de casa. Ele quase morou na rua, chegou a se mudar para o Paraguai... Depois trabalhou com vários ofícios, até que ele começou a trabalhar como motorista. Já trabalhou com ônibus, com caminhão. Me lembro que, quando pequena, ele tinha uma cooperativa de transportes especializada em cinema. Aí ele também trabalhou na Petrobrás, até que se aposentou. Toda vez que ele conta essas histórias, são memórias bastante esparsas, sabe? Ele não sabe precisar o que fez depois de sair de lá, mas fala muito dos trabalhos que exerceu, das viagens que fez...

Já minha mãe, Josefa Maria de Melo Shirayama, é pernambucana, então ela não tem nada de japonês além do sobrenome. Ela é do interior do estado de Pernambuco, e vivia numa cidade muito pobre. Não tinha luz, banheiro, essas coisas né? Com treze anos, ela veio para São Paulo com uma tia para trabalhar em casas de família, sabe? Ela teve vários ofícios também, trabalhou em loja... Até que um dia ela conheceu meu pai, começaram a namorar, casaram... E aí ela virou dona de casa. A vida dela também foi bastante dura no começo.

Ela diz que, quando jovem, era bem bonita, recebia muita cantada... Também dizia que havia trabalhado bastante, e assim, se recorda muito da infância, né? Uma infância muito pobre, ela não podia ter bonecas... Por isso, até hoje quando ela vê, compra uma bonequinha. Como não teve na época de criança, é uma forma de compensar esta ausência, não sei.

É triste, mas acho que por conta disso, o sentimento que meus pais têm é de vencedores, sabe? Eles conseguiram construir uma casa própria, conseguiram criar os filhos, que por sua vez foram para a faculdade... Acho que para eles tudo fez sentido no fim. Apesar do sofrimento, eles se sentem confortados pelo que conseguiram conquistar apesar das dificuldades.

Eu tenho dois irmãos: o Márcio, que é quatro anos mais velho, e a Grazielle, que é quatro anos mais nova. Ambos são de Melo Shirayama. Sem o nome japonês. Normalmente descendentes têm dois nomes, né? O primeiro e o segundo, que é japonês, mais os sobrenomes. Me recordo que na infância, eu e meu irmão sempre brincávamos na rua, com o pessoal da vizinhança. Depois, quando minha irmã nasceu, também, e... Nossa! Acho que por ser a irmã do meio, eu sempre tive uma relação muito forte com meus irmãos. Conseguia brincar com os dois sem problema nenhum. E sempre fui um pouco moleca, por sempre estar com meu irmão. Aí tinham os amigos dele, e a gente brincava de carrinho, de amarelinha, etc. Acho que a infância foi bem tranquila, neste sentido.

A gente morava em Lauzane Paulista, na Zona Norte de São Paulo, e quando eu tinha uns cinco ou seis anos, meu pai comprou uma casa no Jardim Peri, lá na região. Mas assim: o Lauzane foi o bairro em que eu cresci, tinha conhecidos... E o Jardim Peri era um bairro mais periférico. Quando fomos para lá, meus pais tiveram um choque, e logo depois da mudança, eles presenciaram um assassinato. Isso fez com que ficássemos mais presos, no sentido de não brincar tanto na rua. Mas isso durou pouco tempo: com treze anos, já era mais tranquila a região.

Comecei os estudos na pré-escolinha, depois fui para uma escola. E parece que, durante este período, eu sempre acabava mudando de turma. Acho que isso fez com que eu me adaptasse de modo a interagir com as pessoas de maneira fácil, porque quando você é criança, existe uma barreira para você começar a conversar com alguém. Mesmo assim, embora eu tenha tido muitos amigos, ainda me considero uma pessoa tímida. Acho que me desenvolvi melhor em relação a isso quando saí de casa para fazer a faculdade.

Quando moramos em Lauzane Paulista, convivemos sempre com uma família boliviana. Eu me identificava muito com eles, minha amiga com quem cresci junto... E quando me mudei, consequentemente mudei de escola. E nunca tive amigos que também fossem descendentes de japoneses. Isso levava as outras crianças a me incomodarem muito, de me chamarem de japonesa. Sempre inventavam algum apelido por causa do meu sobrenome... Quando estudamos a Guerra da Chibata, as pessoas associavam com meu sobrenome. Isso fazia com que eu me sentisse estranha, porque sempre pensei: “não sou japonesa”, mas ao mesmo tempo alguma coisa me diferenciava. As pessoas olhavam para mim e falavam que eu era diferente, não sei. Não era algo claro para mim. E como não havia essa convivência com outras japonesas, era muito estranho.

Depois, prestei o vestibulinho e fui para um colégio técnico. Aí eu convivi com várias pessoas, e incrivelmente a gente, que descendia de japoneses, se aproximava. Mesmo sem ter o contato prévio. Mesmo sem eu ter tido tantas relações

antes, de alguma maneira acabava me relacionando muito com outros descendentes. Eu vejo que existem muitas comunidades em que as pessoas só convivem com japoneses, mas nesse caso era diferente...

É meio complexo, parece que você observa e já compreende, mas ao mesmo tempo você não sente nenhuma relação por não ter tido convivência... Você saber que é diferente. Mas sempre pensei: “não, não sou japonesa”. Sempre quis ser diferente disso, então quando tentavam me colocar dentro dos estereótipos do japonês, eu tentava escapar e ser o oposto daquilo que diziam.

As pessoas olham às vezes, e tem algumas coisas que são até violentas, sabe? Os homens falarem “olho rasgado”, por exemplo... Coisas assim, quando você é uma criança, comentários assim te atingem muito, né? Soam como um defeito. Conforme você cresce, as pessoas vão atribuindo características boas, do tipo “você é inteligente porque você é japonesa”. Mas na infância, você se sente como um peixe fora d’água...

Eu nem tinha ideia de que entraria numa faculdade, sabe? Como ninguém na minha família havia feito uma faculdade, isso não era algo tão almejado. Porém, entrando no colégio, havia muitos alunos que vinham de colégios particulares e tinham uma condição socioeconômica boa. Para alguns deles, parecia muito claro que fazer uma faculdade era o próximo passo, e acho que a partir desse contato que comecei a pensar sobre.

Até pensei em fazer faculdade de Odontologia, então comecei a trabalhar como auxiliar odontológica antes — até mesmo porque os materiais são caros, eu teria que pagar. Então, comecei a trabalhar como auxiliar e vi que, apesar de gostar da área, gostar muito de anatomia e conhecer muita coisa, eu sentia que queria algo diferente. Imaginei o quão seria ruim eu ficar presa o dia inteiro num consultório, e aí comecei a pensar em outras possibilidades. Gostava muito de matemática, mas depois falava para mim mesma que deveria ser algo diferente. Eu tinha que fazer algo diferente. Foi assim que, pesquisando sobre as profissões, achei o curso de Biblioteconomia interessante. Aparentemente, era uma área mais dinâmica, com amplas possibilidades de trabalho em museu, biblioteca, empresa... Gostava bastante de livros também, e isso me ajudou na decisão.

Após fazer os quatro anos de colégio técnico — três anos de ensino médio e um de ensino técnico —, não me senti preparada para o vestibular e resolvi fazer um ano de cursinho. Continuei trabalhando como auxiliar odontológica nesse interim, até que em 2003 passei na Unesp e na UFSCar em Biblioteconomia. Me lembro que no vestibular da USP, dez pessoas ficaram na minha frente na lista de espera, mas ela não rodou...

Eu pensei em estudar mais um ano no cursinho para passar na USP, até comentei isso com meu pai, mas ele disse que não precisava ficar estudando. Já que passou em duas, vai estudar no interior, né? Então decidi pela UFSCar, que era mais próxima. Era até engraçado quando as pessoas com quem eu conversava diziam: “Você vai fazer Biblioteconomia? Ah, é porque você quer transferir de curso depois, né?”, e ao dizer que não, elas achavam estranho.

Diria que foi um momento bem legal da minha vida. Em São Paulo, eu sempre estudava e trabalhava, estudava e trabalhava... Na faculdade, eu tive mais relações sociais. Mesmo na época de escola, eu era muito tímida, e ao ingressar na faculdade, me soltei. Foi a época em que comecei a beber... (risos) Sair em festas, enfim. Coisas que eu não fazia em São Paulo por ser perigoso, por não ter carro, por ser tudo longe...

Em São Carlos, montei república com mais três pessoas, e uma delas era “japa”, daquelas bem tradicionais. Ela fez o curso de Terapia Ocupacional, e as outras duas moças, que eram primas, faziam Ciências Sociais e Psicologia. Eu achava engraçado que, na hora de dividir os quartos, eram as japonesas em um e as outras meninas em outro. Eu as conheci no primeiro dia de aulas e já combinamos de morar juntas. Teve até um dia engraçado... Saíamos juntas né, e teve uma época em que essa menina começou a se envolver com um menino que não era descendente de japoneses. Uma vez ela me disse: “acho que meu pai acharia muito ruim se soubesse que estou ficando com um cara que não é japonês”. Aí eu fui percebendo como é diferente essa relação, e por isso eu acho que sempre tive um pouco de aversão a ser japonesa muito tradicional, que só se mistura com japonês... Exatamente por isso: uma coisa não tem nada a ver com a outra.

Sobre o curso, eu acho que apesar de muito abrangente, ele não é muito específico em algumas áreas. Me decepcionei um pouco no sentido de não precisar estudar tanto, sabe? Por outro lado, aproveitei bastante a faculdade por conta disso. Participei de movimento estudantil, de várias coisas nesse sentido. Além disso, era um curso noturno, eu trabalhava como estagiária no espaço universitário... Vivía lá, afinal.

Acredito ser tradicional as pessoas se formarem em, no máximo, cinco anos na UFSCar. Talvez por conta da distância, da dificuldade de morar fora... No último ano, eu já não aguentava mais, e queria voltar. Não necessariamente para a casa dos meus pais, mas para São Paulo, porque São Carlos é uma cidade pequena. Lá é legal por ser uma cidade bem cultural, o SESC de lá é bom, tem as produções culturais das próprias universidades, porque lá também tem a USP, né? Sempre havia apresentações teatrais, eventos dentro da universidade... Era bem tranquilo para sair, frequentar festas... Mas chega uma hora que fica cansativo, e no último ano ainda tinha o TCC! Então eu queria muito voltar para São Paulo e ter uma vida mais agitada.

E logo que cheguei, me deu um desespero porque fiquei muito tempo desempregada: três meses (risos). Aí comecei a trabalhar em uma escolinha, depois trabalhei durante três anos na FGV, e após passar no concurso, fui trabalhar em Guarulhos. Fiquei super feliz, porque imaginava a relação dos universitários com a universidade. A relação que eu tive com a UFSCar me fazia imaginar isso na UNIFESP. E nesse sentido fiquei um pouco decepcionada. Como Guarulhos é próximo a São Paulo, as pessoas continuam morando em São Paulo. É uma cidade bem alternativa... Fico um pouco triste, pois meu plano inicial era morar perto da universidade, e no fim, continuo morando na capital, fazendo os trabalhos em Guarulhos.

Atualmente, estou em um programa de Mestrado na USP Leste, de Estudos Culturais. É bem interessante. Antes, quando eu trabalhava na FGV, fiz um curso de MBA, ou *Master in Business Administration*, voltado para a área

administrativa. O curso era sobre cultura e economia, e eu havia conseguido bolsa e tudo. Na época de UFSCar, já pensava em fazer um Mestrado. Continuei estudando, prestei o processo seletivo na ECA-USP e não passei. No outro ano, resolvi prestar o processo no programa de Estudos Culturais, porque achei muito mais interessante.

Enquanto estudei como aluna especial em algumas disciplinas de História da Ciência na USP-Leste, conversei com o professor e ele disse que gostaria de me orientar. Passei, e agora realizo alguns estudos sobre o filósofo Francis Bacon, pensando na classificação do conhecimento que ele elaborou e que foi apropriada pela Biblioteconomia. Minha ideia é questionar a permanência deste uso considerando alguns aspectos ligados à época dele, como o fato de a ciência ainda estar muito atrelada à religião, à política... Ele coloca a ciência e, logo, o conhecimento como poder, mas se trata de um conhecimento que hierarquiza.

Eu gosto bastante do meu trabalho atual, embora tenha visto diferenças notáveis com relação à FGV. Foi um momento em que fiquei um pouco em crise, porque eu gostava do trabalho anterior. Porém, eu havia passado num concurso público, que possui seus benefícios... E foi justamente num momento crucial em termos de política interna da universidade. Trabalhei em várias áreas da biblioteca, como a catalogação, a parte de referências para o banco de dados, auxílio na normatização etc.

No ano em que cheguei, havia ocorrido uma greve estudantil. Como trabalhar para um público que não existe, sabe? Foi um momento de crise, não sabia se queria permanecer... Nessa época, eu estava para concluir o MBA e já pensei em continuar estudando. Foi uma espécie de fuga para não cair em uma rotina. Mesmo com esses impasses, eu considero um trabalho legal. Acho que conseguimos mudar um pouquinho a cara da biblioteca, que antigamente tinha uma postura mais rígida no atendimento às pessoas, e isso fazia com que elas se afastassem um pouco. Além disso, havia muitos livros encaixotados, alguns problemas estruturais... Mas hoje, acredito que ela seja vista de outra forma.

Outro aspecto interessante é a participação interna em termos políticos. Participamos de várias comissões e etc. Ao mesmo tempo, isso é muito difícil, pelos problemas que existem. Não tem como não nos envolvermos, e isso acaba sendo desgastante também. Temos diversos projetos que ainda não podem ser executados. No novo prédio, a biblioteca terá dois andares, e pensamos em salas multimídia, salas de estudo... Porém, num primeiro momento o segundo andar será ocupado por outros setores, pois as obras não foram concluídas...

Eu nunca fui ao Japão, e sempre que se referiam a isso, principalmente na adolescência, eu achava uma coisa ruim. Eu via muitas pessoas indo para trabalhar, e me dava aquela sensação estranha, de um... Um lugar frio, em que as pessoas tinham muito trabalho. Hoje em dia, acho que tenho mais vontade, pela carga de conhecimento que tenho. Gostaria de ir para conhecer as paisagens, que acho bonitas, os modos de vida... Mas devo confessar que não é algo que sempre me tocou, viu? Apesar de ter vários amigos de famílias bem tradicionais que já foram, ou que têm muita vontade de ir, essa vontade

não me tocou. Hoje em dia, eu até penso em ir, mas como penso em ir para qualquer outro país, sabe? Não como algo de origem. Talvez, se eu conhecesse melhor...

Minha relação com as tradições japonesas é mínima, embora eu goste de muitas coisas relacionadas à cultura. Gosto de ir ao bairro da Liberdade... Às vezes vou com meu pai para a Festa do Morango em Taubaté... Gosto muito do cinema japonês, cujos filmes são bem interessantes. Um que é demais se chama Dolls, do Takeshi Kitano. Também tem o Zatoichi, Os Sete Samurais... As animações do Studio Ghibli também são demais... Até mesmo as séries animadas, que invadiram a adolescência de todo mundo, como Cavaleiros do Zodíaco, né? Depois vieram os *mangás*, dos quais eu lia Sakura Card Captors. Mas o Dolls foi o que mais me fascinou. É muito bom! Acredito que isso se dá muito pelo meu interesse em procurar e conhecer várias coisas. Inclusive, acho que isso também deve se relacionar com a escolha da minha profissão de bibliotecária, né?

Sempre tentei fugir do conservadorismo, e para mim isso sempre foi algo forte, de falar: “eu quero ser diferente, quero ser diferente, quero ser diferente”. Eu quis fugir dessa imagem, embora veja coisas interessantes, como os valores. Quando falamos dos filmes, esses valores perpassam de maneiras para além de um conservadorismo no sentido patriarcal, ou mesmo de gênero. Princesa Mononoke, por exemplo: uma mulher guerreira criada por espíritos da floresta representados por lobos!

Uma coisa que sempre falo quando me dizem que sou japonesa: “Não, eu sou brasileira!”. De fato, sou brasileira: tenho documentação, nasci aqui... Mas também acho que existem coisas das quais não conseguimos fugir. Depois de muito tempo, a gente percebe que se identifica com algumas coisas. Eu possuo duas identificações fortes: pernambucana e japonesa. Além disso, também sou mulher...

Acho que ninguém é uma coisa só: somos parte de toda uma complexidade de identidades, e não dá para fugir disso. Então, pode ser apenas uma característica física, um detalhe, mas querendo ou não, isso te faz pertencer a esse mundo. Essa coisa de identidade... Stuart Hall fala das identidades, porque isso envolve outras questões. Mas sou brasileira, viu?

2.2.9 Letícia Sakamoto Godoi (Letícia)

Pôneis saltitantes e bolinhos de arroz que dançam no ar. Não poderia iniciar de outra maneira a experiência de ter entrevistado a Letícia – minha prima de consideração. Talvez por conta de ser a mais jovem a ser entrevistada, seu repertório cultural remete às tendências recentes – sobretudo, o pop coreano, ou *k-pop*. Sua jovialidade também se expressou na maneira de falar, na vitalidade existente em suas expressões e, principalmente, nas manifestações sentimentais reveladas de forma espontânea.

Apesar da proximidade familiar, foi apenas a partir do ano de 2013 que se iniciou de fato uma aproximação recíproca. Uma aproximação que se deu, dentre outros motivos, por conta de experiências de perdas similares. Nossas avós, que eram comadres desde a juventude, hoje continuam a fofocar em outro plano. A união delas neste espaço simbólico representou o laço que passou a existir entre Letícia e eu – mediado também pela parceria forte existente entre sua mãe, Noemy, e minha tia, Lourdes.

Foi, novamente, em uma conversa cotidiana que mencionei a possibilidade de Letícia colaborar com minha pesquisa, que tendo lido o projeto, me procurou para agendarmos o dia. De maneira esporádica, o dia em que ela entrou em contato comigo para decidirmos foi o dia em que a sessão ocorreu – 19 de abril de 2016. Como somos praticamente vizinhos, ela veio até minha casa – um ambiente familiar que remetia às visitas que a Sakamoto-san fazia à minha *baa-chan*. Isso proporcionou um estado de conforto que auxiliou muito na quebra de tensão que o gravador gera ao ser ligado.

A imagem de Sakamoto-san, que teve papel importante na formação de caráter, foi também a principal manifestação existente nas falas de Letícia. Seu tom afetivo ao se referir a ela foi comovente e emocionante. Ela trouxe à tona a emoção e se deixou levar pelas ondas de um oceano de memórias que são presentes na sua vida e nas suas ações.

“Então quando minha avó contava essas histórias, e eu estava quase dormindo, ficava me imaginando no cenário descrito por ela...”.

Meu nome é Letícia Sakamoto Godoi, tenho vinte e um anos. Sou de São Paulo, capital. No momento, sou graduanda no curso de Turismo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, IFSP.

Em tempos de escola, eu me lembro que não tinha muitos amigos, mas conversava com todo mundo. Apesar disso, eu era muito tímida. Naquela época, o local onde moro tinha muitas crianças, mas eu não me relacionava com elas. A minha avó materna, com quem mais convivi, não me deixava brincar muito na rua, pois acredito que a região já estava mais perigosa naquela época...

Tenho duas avós, e isso me possibilita separar bem a respeito das partes materna e paterna da minha família. Uma delas é brasileira, e a outra era japonesa de raiz. Então a minha infância envolvendo essas duas pessoas ficou bem marcada.

Falando da parte japonesa da família, acredito que meu avô materno, Noboru Sakamoto, tenha vindo de Osaka, não posso afirmar. Ele já era falecido, então não cheguei a conhecê-lo. Mas minha avó, Hisao Sakamoto, era da ilha de Hokkaido. Da cidade de Sapporo, igual a marca de cerveja. Será que essa cerveja é boa? Até me dá vontade de experimentar, mas é cara...

Foi com a minha avó que tive o máximo de contato. Se não me engano, ela tinha em torno de quatro ou cinco irmãos, e eu não conheci nenhum. Já meu avô tinha mais quatro irmãos: o tio Nelson, a tia Maria e a tia Rosa. O quarto irmão, que era o mais velho, eu não conheci. Ele vivia no Japão e já era falecido.

Se não me engano, ela tinha uma sobrinha em Marília, que virou freira. A gente foi lá visitar ela uma vez, mas eu não me lembro. Minha mãe tem um primo, que se chama Valter, que foi visitar a gente quando eu era pequena. Talvez por isso, eu também não me recorde dele.

Havia muitas regras em casa, por exemplo, com relação à alimentação: eu não podia comer muita besteira. O acompanhamento das refeições era sempre tabelado, digamos. Quarta-feira, por exemplo, era dia de peixe, isso é a única coisa que me recordo até hoje — sempre que chegava da escola, pensava: “blah, hoje é peixe!”. Ela tinha essa preocupação em me ver crescer saudável porque, desde pequena, já sabia do meu problema dentário. Então acredito que minha avó pensasse assim: se tem esse problema, todo o restante tem que ser saudável. Talvez por isso, eu também não tenha sofrido com problemas de obesidade ou colesterol alto, embora após o falecimento dela, eu e minha mãe, Noemy Sakamoto, tenhamos começado a deixar de seguir essas regras.

Ela também era bem metódica com horários. Exatamente às dezenove horas, a gente jantava. Durante a tarde, eu dormia exatamente durante uma hora, e isso era uma coisa que me irritava muito! Quando dava exatamente uma hora, ela

tirava a minha coberta parra me acordar. E ao contrário disso, minha outra avó já era mais, digamos, desencanada neste sentido. “Ah, deixa a menina!”. Mas acho que essa rigidez da minha avó materna era um mal necessário.

Hoje em dia, a gente está tentando passar por um processo de reorganização na rotina de casa — ainda mais agora que minha tia se mudou para a casa dos fundos, então ainda temos que organizar as caixas de mudança, etc. Eu e minha mãe não somos tão rígidas quanto a regras, então em um dia jantamos às dezenove horas, no outro estamos lanchando à uma hora da manhã. Não digo que é uma bagunça total, porque pelo fato de eu estar fazendo faculdade, tenho horários a cumprir — e por eu fazer muito barulho quando acordo, minha mãe também acaba acordando. Claro que tentamos nos organizar, mas também tentamos ser mais leves.

Da minha família paterna, já é mais complicado... Me recordo, no máximo, a partir dos meus avós — e o avô, já falecido... Mas tiveram sete filhos, dos quais meu pai é um deles. Não sei o nome do meu avô, mas minha avó se chama Leonor Godoi. Tem algum outro nome no meio, mas esqueci. Aliás, essa ausência de recordação com relação a meu avô pode se dar pelo fato de que o meu pai, Valter Godoi, nunca conversou sobre o assunto. Quando ele faleceu, meu pai tinha nove anos de idade, e desde essa época, não gosta de ir a velórios. Eu só fico sabendo do meu avô mesmo quando a família se reúne. Aí ocorre aquela nostalgia, de lembrarem que fazem não sei quantos anos do falecimento... E então as histórias começam a surgir.

Uma coisa que não mencionei é que essa parte da família é de Minas Gerais. Da cidade de Guaxupé. Então, desde pequena, uma ou duas vezes por ano eu vou visitá-los. Por isso, minha relação mais próxima foi com a família materna — principalmente, na figura da minha avó, com quem eu convivi praticamente todo dia.

Hoje em dia, a relação que tenho com meus pais é muito boa. Teve momentos complicados, por conta do divórcio deles, e nessa época, digamos que essa relação não existiu... Eu não gostava de ficar no meio das discussões, não gostava de ouvir. Então, eu corria para a casa da minha avó e ficava lá. Mas isso mudou. Eles são bem amigos, e sabem que independentemente da separação, eles têm de fazer o bem para mim. Essas discussões são mais ponderadas, e só ocorrem entre eles separadamente, sempre ocasionando em acordos. Moro com minha mãe, mas nos finais de semana, estou sempre com meu pai, e nos falamos com certa frequência.

A primeira coisa que me recordo pensando em ensinamentos foi algo que minha avó materna ensinou: ser organizada em tudo na vida para as coisas fluírem, né? Não que eu seja muito organizada hoje em dia. Mas, por exemplo, desde que eu tinha oito anos, recebia uma mesada semanal dela, de dez reais. E gastava com gibi, comida, etc. Aí ela falava assim: “Só dez reais por semana. Se você quer comprar alguma coisa mais cara, eu não vou dar mais do que isso. Você vai ter que economizar”.

Hoje eu vejo que isso é absurdamente importante, uma vez que minha mãe não teve essa aprendizagem como eu tive. Embora eu não trabalhe, recebo auxílio da faculdade, então pelo menos dez reais por mês têm que sobrar. Então não sei se é considerado um ensinamento ou valor, acredito que seja uma questão cultural.

Ela sempre me falava também sobre se alimentar direito. Eu nunca comi verdura, legumes, etc., e até hoje não como. Cuidar da saúde foi algo que ela também sempre me ensinou. E acredito que por ela ter sido enfermeira, também me ensinou a manter a calma em momentos de desespero.

Eu falo muito da minha família materna — e principalmente da minha avó — porque é a família com quem tenho mais contato. É a família que mora em São Paulo. E acho que pela idade dos meus parentes, é a família que adoece mais rápido também. Então me foi ensinado a manter a calma, e eu levo isso para as mais diversas situações. Não sofrer por antecedência, sabe?

Com a família paterna, posso dizer que hoje a relação é muito boa. Mas acho que por conta de todos estarem cientes que minha avó está bem debilitada. Assim como minha outra avó, ela tem mal de Alzheimer. Mas ao contrário da Hisao, que ficou bem agressiva no final, essa avó não reconhece mais os filhos, me chama por outro nome... Isso depende muito: tem dias que ela está bem, lembra datas de aniversário, etc.

Neste último natal, conseguimos juntar quase todos da família, né? Só faltou uma pessoa, mas é porque ela não comemora o natal. A comemoração ocorreu na casa da minha prima, que fica há dez minutos da casa dessa minha avó, que não sai por nada. Ai estávamos todos lá, e eu já me sentia feliz por estar com a família reunida. Nunca fui de conversar com meus primos, e esse natal foi muito bom porque eu consegui conversar com eles. Ai, acho que no final da festa, meu tio apareceu com minha avó! E foi uma festança, todo mundo começou a beber e gritar, e aquela euforia. Eu nunca tinha visto minha família tão unida, sabe?

Na época de adolescência, eu tive bem mais amigos do que na infância... Aliás, tenho essa péssima mania de chamar qualquer conhecido com quem conversei uma vez de amigo. Só que isso coincidiu com o período em que minha avó Hisao ficou mal de verdade. Não sei, embora tivesse muitos colegas, com a situação dentro de casa e o stress, eu comecei a me afastar de todo mundo... Não porque eu queria, mas acho que comecei a entrar em uma depressão. Então, acho que esse período eu apenas fui levando porque tinha que levar. Não conseguia estudar muito... Acredito até que eu tenha ficado bastante antipática.

As pessoas mais próximas a mim sabiam o que estava ocorrendo, mas eu tentava me esconder, não sei explicar muito bem. Me viam mal, e conversavam comigo, né? Daquela época, até hoje ainda tenho amigos. Aqueles que continuaram comigo e superaram essa minha fase complicada. Mas esse ciclo de amizades também foi se modificando, por conta de eu ter saído do colégio, entrado na faculdade e etc.

Aliás, o colégio onde estudei desde sempre, me dava a impressão de criar uma ilusão de que o mundo é lindo e perfeito. Talvez por ser um colégio católico e religioso, não sei. Eu acreditava na bondade das pessoas, cresci com isso. Meus amigos eram muito bobinhos, como um que se autodenomina Pokémon, sabe? Assiste *anime*, não vê maldade em nada etc. Depois que saí do colégio, vi que não é assim. Eu vivia numa redoma de pôneis e *sushis* dançarinos.

E isso se refletiu quando fui para Barretos, onde estudei no primeiro ano de faculdade. Uma amiga que conheci por lá disse que eu parecia aqueles japoneses que haviam saído de um *anime*! Que eu era muito expressiva e etc. Acredito que tenha sido influência dos meus amigos de escola, porque eles também são assim.

E já que falei da faculdade, devo confessar que no começo foi péssimo. Eu sou antissocial. Embora eu tenha mencionado que falava com bastante gente, vamos considerar que eu convivi com eles durante muitos anos. E ir para um lugar totalmente diferente, conviver com pessoas totalmente diferentes... Foi muito complicado no início. Eu tive que fingir, entre muitas aspas, ser uma pessoa normal. Porque sou muito expressiva, e não sabia como isso poderia ser encarado naquele lugar. Poderia passar a impressão de que eu e meus amigos do colégio vivíamos numa bolha dos Pokémon que não crescem, por mais que estivéssemos ficando mais velhos.

Esse choque, então, foi o que me fez maquiari essa minha característica expressiva... Mas só durou um semestre. Depois, já me enturmando, o pessoal viu que sou assim mesmo e me aceitaram como eu sou. Se não me engano, na minha turma era só eu e mais um asiático. Engraçado que não sei explicar, mas ele foi o único com quem não fiz amizade, embora eu tenha amigos de diversas etnias diferentes: meu melhor amigo na faculdade é negro e homossexual.

Então, digamos que eu consegui sair da “pokébola” e me relacionar com o mundo. Mas não deixei de ser quem eu sou. Tudo bem eu continuar assim, porque... Quem me aceitar desse jeito vai continuar comigo, independentemente de ser assim ou assado. Eu fingia ser o que não era.

Em fevereiro do ano passado, me transferi para o campus de São Paulo. Mas as amizades que fiz em Barretos duram até hoje. É até engraçado, porque lá fiz amizade com pessoas de várias turmas, de vários cursos, e aqui em São Paulo, só conversei com meu amigo que também se transferiu de lá. Até me relaciono com as pessoas, mas não é aquela coisa de chamar para sair e etc., sabe?

No geral, o curso é muito bom, embora a sociedade não reconheça dessa forma. Até mesmo no mercado de trabalho, esse meu amigo que comentei se candidatou a uma vaga e foi recusado porque disseram que se tratava de um curso tecnológico. Na USP, a grade curricular é praticamente a mesma. Mas nosso curso no IFSP é voltado para o mercado, e a USP, para a pesquisa. O que o mercado de Turismo pede hoje em dia é mão-de-obra! Pesquisa é para, por exemplo, pensar em estratégias para aumentar ou diminuir circulação em tais espaços, impactos sociais, essas coisas. Mas são coisas que também nós aprendemos. E nosso curso é um curso superior, não um curso somente técnico. Acho que deveria alguma estratégia para

evidenciar isso. E além disso, não me lembro se meu professor falou que o IFSP possui o único curso do Brasil ou de São Paulo que oferece uma viagem por semestre aos graduandos, para vermos a prática. A USP não faz isso!

Não posso dizer que existe um preconceito por ser oriental, mas acho que as pessoas que não convivem com essa cultura possuem uma visão muito restrita sobre nós. Talvez até a mídia ajude nisso, viu? “Aquele povo é santinho, aquele povo não faz nada de errado”. Minha amiga em Barretos ficou chocada com a quantidade de palavrões que eu falo! Não sei se isso é um preconceito. Acho que está mais para estereótipo. Preconceito eu considero aquelas piadinhas do tipo “abre o olho japonês”, sabe? Olha o tamanho dos meus olhos! Eu sou mestiça mais puxada para o lado brasileiro! Mas acho que nunca me importei com isso.

“Para passar no vestibular, mate um japonês”. Isso existe até hoje, mas ganhou tom de piada... Comentar sobre isso me faz lembrar que minha avó, sim, sofreu muito preconceito. Principalmente quando ela estava começando a falar o português. japoneses trocam o “L” pelo “R”, sabe? A fonética é diferente. Então, quando minha avó falava as coisas de maneira errada, as pessoas tiravam sarro ao invés de ajudarem ou corrigirem. Ela disse que o começo foi bem complicado...

Minha avó foi uma guerreira, realmente. Chegou aqui sem nada, morando de favor, trabalhando em fazenda, sem falar o idioma local... E ela deixou para mim e minha mãe... Assim, não somos ricas, mas temos uma vida estável. Minha mãe não trabalha, e mesmo assim temos uma vida estável para cuidar do restante da família graças ao que minha avó nos deixou, sabe?

Então por isso, a considero a top mulher da minha vida. O dia em que me sinto um lixo por não conseguir nada, por ver pessoas com quem eu convivo comprando automóvel, ou tendo filhos, ou casando... Não que eu queira filhos ou casamento agora, mas vendo o pessoal conseguindo bancar isso, enquanto eu junto dinheiro da mochila para comprar um pão de queijo... Me lembro de tudo o que minha avó conquistou e penso: por que eu não seria diferente? Não preciso ficar para baixo!

Ela, aliás, adorava conversar. Não me recordo de todas as histórias porque na época eu achava isso um pouco entediante, e a voz dela me dava sono. Cinco minutos depois que ela começava a falar, eu já estava cochilando. Assim, as poucas histórias que eu me recordo são as que ela mais repetia. Como ela veio para cá, como foi o começo da vida aqui, como conheceu meu avô...

Pelo que me recordo, ela dizia que a situação no Japão estava complicada, embora nunca tenha dado detalhes. Só dizia que estava impossível viver por lá. Então chegou aqui com doze anos de idade, com mais um irmão, ou mais uma irmã, não sei. Na última vez que fui ao Museu da Imigração, surgiu uma curiosidade de saber, e eu não faço ideia de como conseguir algumas informações. Eles possuem o registro de quem passou por lá, né? Sobre isso ela não chegou a falar.

Outra coisa que ela falou muito foi sobre a vida no navio! Era péssimo, porque ela ficava lá na parte de baixo. Balançava muito, foram três meses de viagem... Ela dizia ser muito ruim, pois havia pessoas doentes, e tinha medo de adoecer também. Acho que como noventa por cento dos japoneses, ela trabalhou em fazenda de café, né? Ela não disse se essa época era ruim ou não, mas falava que era difícil, embora não reclamasse.

Agora, não sei se é algo da minha mente ou história que ela contou, mas pelo que lembro, ela fugiu da fazenda porque não aguentava mais trabalhar por lá. Não me recordo o que ocorreu, mas ela veio para São Paulo. Acho que morou um tempo na rua, mas ela conheceu uma enfermeira que a acolheu, e foi aí que ela começou a aprender o português, depois fez curso de Enfermagem, e fez os contatos dela. Até ganhou um nome brasileiro! No hospital, chamavam ela de Maria Teresinha. É que havia tanta Maria naquele lugar que tiveram que colocar um nome composto.

Eu tenho muita vontade de ir ao Japão, principalmente para conhecer a cidade de minha avó. Francamente, esta é a única motivação que tenho de ir para lá. Me distanciei muito da cultura, então não tenho vontade de conhecer Tóquio, por exemplo. Mas a cidade dela, em especial, me desperta essa vontade.

Ela falava muito sobre o Japão, e é essa imagem que eu tenho na cabeça. Hoje, com certeza mudou completamente, porque faz o que... Cento e dez anos que minha avó veio para cá? Brincadeiras à parte, ela me dizia que a casa era enorme, no inverno a neve chegava a um metro de altura... Havia muitas fazendas na cidade dela. Ela me dava vários detalhes, e eu construía isso na minha cabeça para criar a imagem. Também havia fotos do local, sabe?

Então quando minha avó contava essas histórias, e eu estava quase dormindo, ficava me imaginando no cenário descrito por ela... Igual no filme *Inception*. Você vai arquitetando o ambiente do sonho conforme sua vontade. Até hoje eu tenho isso. Acho que minha curiosidade de ir para lá é justamente essa: mesmo sabendo que já está tudo diferente, e a população aumentou naquela cidade... Quero observar ali o que minha mente imaginava.

Já que falei sobre isso, acho que o grau de relação que tenho com a cultura japonesa deu uma boa diminuída. Quando minha avó era viva, eu comia muita comida japonesa. Pelo menos duas ou três vezes na semana ela fazia algo. Os hábitos que ela tinha... E nessa época em que ela era viva, eu fazia curso de japonês, ouvia muita música japonesa, assistia muito *anime*... Hoje em dia isso foi bem reduzido. Do curso, a única coisa que lembro ainda é como se lê o *hiragana*.

Por outro lado, muitas expressões que minha avó usava permaneceram dentro de casa comigo e com minha mãe. Algumas palavras bem pontuais, sabe? Por exemplo, *dorobô*, que é ladrão em japonês. Esse é o principal! Às vezes o nariz da minha mãe está sujo, e eu falo *hanakuso*, que é catarro!

Acho que foi em 2011, que entrei num grupo de dança de *k-pop*. Pop coreano. Eu sempre fui quietinha com quem eu não conhecia, já comentei sobre isso. Era muito restrita ao meu grupo de amigos. E me lembro que entrei nesse grupo exatamente dois meses após o falecimento de minha avó. Eu estava muito mal.

Na época em que minha avó já não andava mais, em meados de 2010... Isso é tão pessoal... Eu namorava, e era meu primeiro amor. Bom, me decepcionei com ele, e ao mesmo tempo, minha avó com quem eu mais convivia, adoeceu. Meus pais trabalhavam, então eu voltava da escola e ficava o dia inteiro com ela, e só retornava para casa para dormir... Eu jantava, almoçava, tomava café da tarde com ela, e de repente acompanhar esse processo degenerativo... Da pessoa que sempre foi a minha base... Por isso, eu choro sempre que me lembro dela... Desculpa.

Isso foi a coisa mais difícil que tive que processar. Eu não tinha idade para aquilo, na época eu não entendia... Enfim, foi uma época em que eu não tinha motivação para nada. Nesse período eu comecei a ouvir música coreana, e observar as coreografias... Mas eu era muito tímida, e por isso também não conversava muito com as pessoas... Sempre fui julgada nesse quesito, então eu só conversava com quem me aceitasse. Se olhasse torto, eu já não conversava.

Bom, eu vi que o grupo estava fazendo audições para novos integrantes e fui tentar. Fui com uma amiga, porque eu esperava que entrássemos juntas, né? No fim, só eu entrei, e fui com objetivo de... Me distrair de tudo o que estava acontecendo. E a dança foi... Nossa, eles nem sabem disso, mas foi uma terapia muito boa para mim. Com eles eu comecei a dançar, comecei a conversar com pessoas que não eram do meu círculo de convivência, e daí comecei a perder a vergonha... De desencanar do que as pessoas pensam sobre mim. Não quer me aceitar? Qual o problema? Tem tantas pessoas que me aceitam e gostam de mim! E foi com o grupo que aprendi isso. Não era só dançar no fim de semana e esquecer. O grupo foi muito importante para meu processo de transição.

Aliás, como minha avó faleceu depois que entrei no grupo, ela nunca testemunhou isso. Mas minha mãe dizia: “sua avó está se revirando no caixão agora, por você ouvir esses coreanos!”. No primeiro ano, ela pegou muito no meu pé, mas principalmente por deixar de fazer coisas com a família para dançar. “Sua avó está revirando no caixão! As cinzas estão flutuando! Ela está vendo tudo!”. Mas fazer o quê, música coreana é legal, embora eu não ouça tanto de uns dois anos para cá.

Recentemente, voltamos a dançar! Não todo mundo, né? Depois que fui para Barretos, fiquei sedentária, e o máximo de exercício que eu fazia era subir a escadaria do prédio. Senti falta de uma atividade física. Então uma das meninas do grupo casou no início do ano, e a gente se encontrou na festa de casamento dela. Comentei que sinto saudade, e meu amigo sugeriu que voltássemos a dançar, mas sem nos apresentarmos como antigamente. Apenas para prática de exercício físico mesmo.

Fico pensando sobre questões de pertencimento... Pensar em quem sou não se desvincula do meu sentimento de pertencer, né? Ainda mais pelo cenário político atual. Não tem como eu não me sentir parte deste lugar que vivo, apesar de tudo o que ocorre. Não tem como eu não ter um carinho. Mas pensando no lado emocional, por mais que haja esse meu afastamento com relação ao Japão, eu sinto um carinho por ele mesmo não estando lá.

As copas do mundo que assisti com minha avó, por exemplo. Ela sempre torcia para o Japão, e eu cresci torcendo para o Japão. Assim como nos Jogos Olímpicos. E também tenho minha família brasileira de Guaxupé. Se alguém me fala que é de Minas Gerais, já sinto amor! Tenho esse carinho, mas por uma questão familiar, obviamente. Mas eu não moraria não. Nem no Japão e nem em Guaxupé! O primeiro é muito longe e o segundo é um ovo.

Na época da minha avó, eram três meses de viagem, e hoje em dia, ela dura em torno de vinte e oito horas, de avião. Se eu já passo mal viajando para o Rio Grande do Sul, imagina o Japão? Para morar? Estou bem aqui.

No dia a dia, a gente mal para pra pensar, né? Eu não paro para pensar nas coisas que ela dizia, no que ela me ensinava... Eu penso nela todo dia, mas muito por conta da saudade que sinto, e não das coisas que vivemos. É bom parar e relembrar esses momentos... De sentir saudades e lembrar como era bom... Acho que queria dizer algo para minha avó e minha mãe. Elas são o maior exemplo que eu posso ter, sobretudo de força e de que os problemas não são tão grandes que eu não possa resolvê-los...

2.2.10 *Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa (Jana)*

Mais uma pessoa que eu conheço desde os tempos de graduação, Janaína passou a fazer parte do ciclo comum de amizades por conta de seu relacionamento com meu amigo Diego, com quem eu convivi durante grande parte da graduação – e convivo até hoje. Atualmente, ambos estão casados e são pais de duas crianças: Heitor e Nara.

O contato associado à pesquisa se deu com a Jana nos primeiros dias em que iniciei as disciplinas da pós-graduação, ainda em 2015. Porém, por conta dos compromissos de ambos, a entrevista de fato foi ocorrer em 2016, no dia 03 de junho.

Em vários momentos, tive que ficar na casa de Diego e Jana, que vivem nas proximidades da faculdade. Numa dessas estadias, foi possível a realização da sessão. Jana já havia comentado em outras oportunidades sobre a importância de seu falecido pai, Yoshio. No ato da entrevista, esse sentimento esteve presente de maneira significativa.

Em ambiente caseiro e familiar, Janaína juntou suas reflexões com algumas lembranças materiais que carrega sempre consigo. O ambiente escolhido para isso foi a cozinha. Tais lembranças remetem à figura de seu pai, tais como um vídeo de aniversário, cartas, materiais da Igreja Messiânica do Brasil, da qual Yoshio foi ministro etc.

Foram raros os momentos em que intervi com algum comentário. Jana apresentou precisamente, unidos às lembranças, detalhes que remetiam a elas – como datas, por exemplo. Sua memória afetiva é de uma dimensão indescritível, e seu afeto por todos que ama transpareceu na sua voz, que carregava em si um tom de nostalgia e de saudade, mas também de alegria ao rememorar períodos mais recentes.

“Se pudesse, conheceria mais sobre o Japão, só que motivada pela memória de uma pessoa que eu amava!”

Meu nome é Janaína Araújo Ogawa. Tenho trinta anos, nasci em Tatuí, sou casada com o Diego há sete anos. Temos um filho, Heitor Ogawa Moura Amaral, que tem seis anos. Atualmente, sou estudante de Letras, Português e Espanhol, pela UNIFESP. Estudo sobre a área da língua de sinais.

Meu pai nasceu em Chiba, no Japão. Ouvi dizer que é uma pequena ilha. O nome dele é Yoshio Ogawa, e nasceu em dezessete de março de 1922. Aqui, ele adotou o nome de Carlos. Só o pessoal da família chamava ele de Yoshio mesmo. Veio ao Brasil em 1929, quando tinha sete anos de idade. Meus avós se chamam Nami e Yoshiharu Ogawa. Não conheci nenhum dos dois. Quando estavam vindo ao Brasil, minha avó estava grávida de gêmeos, e faleceu durante o serviço de parto. Então estavam juntos dos meus avós a irmã da minha avó, meu pai e o meu tio Paulo.

A avó que eu conheci, na verdade, é cunhada do meu avô. Após o falecimento da minha avó no navio, ela se casou com meu *jii-chan*, e foi a *baa-chan* que conheci. Ela faleceu quando eu tinha em torno de cinco ou seis anos. Quando mais velho, meu pai pagou uma viagem para meus avós irem ao Japão, para passearem, mas eles retornaram ao Brasil.

Eu tenho algumas informações que são de meus tios, primos e pai. Meu pai faleceu quando eu ia completar treze anos. Eu não tenho muita intimidade com o passado dele, mas pelo que ele me disse, a viagem de navio durou nove meses. As condições não eram boas... Teve o episódio da morte de sua mãe, ele era novinho, e veio trabalhar nas lavouras de café.

Ele morou em Marília e, durante muito tempo, em Oswaldo Cruz. Sei que ele se casou bem jovem, com vinte anos. Foi o primeiro casamento, e dele vieram quatro filhos: Hélio, Geraldo, Sônia e Cristina. Todos têm o segundo nome japonês, mas me recordo apenas do tio Geraldo, que é Jiro.

Eu não tenho segundo nome japonês porque minha mãe ficou com receio de escolher um nome não muito bonito para a cultura brasileira. Apesar disso, eu gosto muito de Mayumi, e é por esse nome que as pessoas da família de meu pai me tratam. Janaína Mayumi Araújo Ogawa.

O que eu sei do meu pai, antes de ele se casar com minha mãe, é que numa das duas cidades em que ele morou, teve o Bazar Quinze com a sua primeira esposa. Era um bazar de roupas, e você podia chegar, escolher uma peça para experimentar, e se ficasse folgada a peça, ele próprio fazia os ajustes. Era uma espécie de comércio com alfaiataria, e ele se aposentou como comerciante.

Durante muito tempo, ele foi vereador em Oswaldo Cruz. Vereador e presidente da Câmara dos Vereadores. Eu achei essa informação na internet. Eu até sabia, mas foi no ano retrasado que eu fui procurar sobre. Ai achei o nome dele, a foto dele nos registros da Câmara, achei até mesmo o registro de imigração dele. Foi naturalizado como brasileiro e se não me engano, era reservista.

Além disso, ele foi muito ligado à colônia japonesa. Frequentou *Undoukai*, que eram gincanas da colônia, jogou beisebol... Ele tinha vários troféus. Se não me engano, ele chegou a ir para a Argentina. Eu cheguei a ir em alguns *Undoukais*, e até tive outros contatos além da minha família paterna com relação à cultura japonesa.

Ele falava japonês fluente com meus tios, e após ele ficar doente, esses tios iam visitá-lo... Tenho muitos tios, mas não tenho contato com eles. Também tenho muitos primos morando no Japão, mas o contato é com poucos. Meu pai se adaptou bem à cultura brasileira, mas seu sotaque japonês era bem marcado. Não conseguia, por exemplo, pronunciar o “j”. A ideia do meu nome foi da minha mãe, aliás. Então, ele sempre falava “Dianaina”.

Meu pai também foi membro da Igreja Messiânica por muito tempo, assim como a maioria dos meus irmãos. Só uma irmã, a Sônia, que é de outra religião de matriz japonesa, o *Seicho No Ie*. Mas a grande maioria da família é messiânica. Meu pai foi ministro da Igreja Messiânica na Vila Mariana. Foi lá que conheceu minha mãe. Ele tinha um altar em casa e cultuava os antepassados. Há o *mitamaya*, que é o altar dos antepassados, e o *hassoko*, que é o altar das orações. Além disso, ele também foi mestre de *ikebana*, e foi dando o curso dentro da igreja que conheceu minha mãe.

Da figura paterna, eu lembro muito dos ritos japoneses. Não tive tempo de aprender os códigos de escrita, nem a ler... Mas a parte religiosa é algo muito forte da cultura que ficou. Com relação à alimentação, eu comia muito pouco. Só mesmo em reunião de família. Me recordo de frutas, como melão... Que até hoje falo que é uma fruta de japonês. Também tinha peixe, arroz... *Mocchi!* Aquele bolinho de feijão. O Diego detesta, acha a coisa mais sem graça do mundo, mas eu adoro, por conta da memória afetiva. Meu pai adorava *mocchi*.

Recordo dele fazendo as oferendas no *mitamaya* e no *hassoko*, tanto na igreja quanto em casa. Fomos criados sob essa doutrina, né? As oferendas eram feitas com o peixe, que ficava amarrado e envergado num pratinho, o arroz, o sal, a água e fritas. Um ritual muito forte está relacionado ao aniversário de falecimento. Meu pai tem um jazigo no cemitério de Congonhas, mas ele está enterrado em Tatuí, onde está o tronco da família Ogawa. Em finados, comprávamos flores, velas e levávamos sal, água e arroz. Fazíamos o *Amatsu Norito*, que é uma oração da Igreja Messiânica para os antepassados...

Mokiti Okada foi o fundador da Igreja, e ao fundá-la, ele troca de nome e se torna Meishu Sama. Os três pilares dela são a verdade, o bem e o belo. Eu observo isso hoje e vejo diálogos com Aristóteles, Platão, etc. Ele recebeu a revelação no Monte Fuji, que os seguidores dessa religião chamam de “Monte da Revelação”. Ah, esqueci de dizer: a verdade, o bem e o belo nos guiam no plano físico, mas também existe um plano espiritual. Eu falo assim, mas não faço mais parte. É que estou naquele momento, no passado, né?

Tem o plano espiritual, mas não sei dizer sobre reencarnação. A ideia é que existe um mundo espiritual, mas não sei dizer se há a reencarnação de volta para a Terra. Eu sei que há um plano superior, um plano intermediário, que é o nosso mundo físico, e o plano inferior, onde estão as almas que não possuem essa iluminação.

Existe o *johrei*, que é a principal prática da igreja. Ocorre entre duas pessoas: o ministrante e o receptor. *Johrei* é uma energia que flui do corpo de quem ministra, através da mão. Os dois ficam de frente um para o outro, sentados numa cadeira, a uma distância de mais ou menos três palmos. Eles fazem a saudação pedindo a liberação da energia, e quem recebe o *johrei* não pode estar com as mãos cruzadas. Geralmente, elas ficam apoiadas sobre as pernas. Falando isso agora, me remete ao Kardecismo, quando você recebe o passe. Essa energia sai da mente, do coração, passa pelo braço e é ministrada pela palma da mão. É um foco de luz e energia.

Atualmente, existem pesquisas que se concentram na eficácia terapêutica do *johrei*. Essa transmissão pode ocorrer em dois ou três turnos: durante quinze minutos de frente e quinze de costas, ou então, dez de frente, dez de costas e mais dez de frente. É como se fosse o passe do Kardecismo, mas bem mais demorado. E quando acaba, a pessoa que recebeu o *johrei* pode ministrá-lo na pessoa que o transmitiu. É uma prática comum. Ah, não existe o contato físico direto. A transmissão é indireta. É até curioso, porque conforme vamos conhecendo outras vertentes, enxergamos sincretismo em tudo. Essa transmissão remete um pouco também aos chakras dos pontos fundamentais de energia.

E tudo isso através do *ohikari*. É uma medalha que possui o símbolo da Igreja Messiânica. *Hikari* são as pessoas consagradas na religião, *shoko* é um período de escolha do que você quer, para conhecer mais sobre a doutrina. Geralmente, as crianças possuem esse *shoko*. Um passo até se dedicarem àquela religião de forma definitiva. É como se fosse o celibato. Até fazer os votos para se tornar padre, você passa pelo seminário e etc. Então só quem possui o *ohikari* ou o *shoko* pode ministrar o *johrei*. Mas qualquer um pode receber.

Essas são as lembranças que tenho da igreja... Também havia as ofertas e o solo sagrado, que é muito importante. No Japão tem o solo sagrado, e no Brasil também. ele fica do lado da represa de Guarapiranga. É um lugar que visitei duas ou três vezes, e é a coisa mais linda. É um pedaço do Japão, um pedaço do céu no Brasil, a arquitetura é maravilhosa... Um lugar assim, sublime. As pessoas peregrinam, e tem o grande culto da celebração em sete de setembro, que é o dia da Revelação da Luz Divina de Meishu Sama...

O culto acontece num altar, que consideramos *hassoko*, onde as oferendas são colocadas. Ai tem a foto do fundador, da filha dele. Tem um quadro escrito em japonês que fala da Luz Divina, e tem o ministro, chefe dos ministros aqui no Brasil, que faz a cerimônia. Orações aos antepassados, o *johrei* coletivo, quando ele ministra para todos os membros presentes...

É tudo muito respeitoso assim, eu não sinto uma austeridade, sabe? Não é aquela coisa rígida que eu vejo em outras religiões... Talvez porque para mim ainda seja muito natural, por ter crescido dentro dessa religião. Os meus pais se casaram na Igreja Messiânica. Por isso, quando minha mãe quis batizar a mim e à minha irmã, ela não pôde, pois antigamente não era permitido o batismo de filhos que não são frutos de casamentos realizados na Igreja Católica. No religioso, se casaram em dezembro de 1985, embora já fossem casados no civil.

Meu pai e eu éramos muito próximos. Minha irmã também era muito próxima dele. Fomos criadas por ele na prática, pois na época já era aposentado, né? Morávamos em São Paulo e minha mãe trabalhava durante meio período como telefonista da Coca-Cola e meio período na Telesp. Depois de um tempo, ela ficou só na Coca-Cola.

De manhã, eu lembro de vir uma empregada cuidar da limpeza, e etc. Mas meu pai cozinhava, dava comida... Ele montou os armários de casa, ele fez as cortinas por conta do ramo de alfaiataria anterior. Ele fez bonecos pra gente, ele fez a decoração do quarto. Ele passava tempo com a gente assistindo televisão, dançava com a gente, levava a gente para andar de motoca, jogar milho para os pombos...

Eu lembro de andar no carro com ele. Era um Fusca, mas antes era uma Brasília... Só tenho memórias do Fusca. Cuidava muito bem de casa, me lembro dos *ikebanas*... Existe toda uma estrutura: Terra, Sol e Lua. Você possuía os três arranjos principais, e os localizava. Conforme a localização, você punha arranjos menores para preencher. Então ele fazia os arranjos com aquela beleza pensada nas posições... Não sei ao certo se existe alguma relação com o *feng shui*, mas quem criou o *ikebana* foi Mokiti Okada. Meu pai estudou muito sobre isso, e como disse, foi dessa maneira que ele conheceu minha mãe: nas aulas de *ikebana* que meu pai oferecia aos frequentadores da igreja.

Pela proximidade com os trabalhos manuais, o Diego me lembra muito meu pai. Para mim, não é algo do acaso: a gente acaba criando um arquétipo do parceiro ideal com base nas ligações emocionais com pessoas que foram importantes, né? O Diego tem muito disso.

Meu pai cuidava do jardim, e tínhamos várias plantas. Pé de romã, que é muito simbólico no Japão, que mais? Uma goiabeira, dois pés de mamão... Mamão macho em um canto do quintal e, na outra diagonal, mamão fêmea. Havia roseira, espada de São Jorge, laranjeira... Tudo isso num quintal relativamente pequeno e retangular.

Ele sempre me acompanhou nos estudos, me levava e buscava da escola. Mesmo depois de doente, ele ensinou tabuada para mim e para minha irmã... Minha mãe era boa em português e meu pai, em matemática. Assistíamos desenho juntos, aprendi a gostar de futebol com ele... É uma ligação forte, mas meu pai era são paulino. E não sei por que resolvi me tornar corintiana! E foi uma decisão que meu pai respeitou bastante. Aliás, ele sempre me ensinou a respeitar a opinião dos outros.

A gente também assistia os treinos da Fórmula Um, porque a escola ficava ao lado do autódromo, e em dias de corrida o barulho era tal que a gente era dispensado. Nunca fomos assistir ao vivo, víamos pela televisão mesmo. Acompanhamos o Nigel Mansell, o Schumacher no início de carreira, o Senna... Eu sabia de tudo por causa dele.

Nós éramos muito companheiros, e depois do acidente, nos tornamos mais companheiros ainda! A gente ficava muito em casa, não tínhamos uma vida social de sair, né? Então ficávamos com meu pai. Ele adorava o Chaves... O Chaves! Toda a tarde a gente parava o que estava fazendo para assistir Chaves, era o momento de nós quatro assistirmos, e ele ria demais...

Ah, ele era fumante também. fumava o Marlboro Red, mas nunca fumou perto da gente. Sempre escondido porque minha mãe não gostava. Ela também era fumante mas parou três ou quatro meses antes de eu nascer. Pelo que conheço da história, eles foram ao velório de um membro da igreja que morreu de câncer de pulmão. Ela ficou tão impressionada que parou... E depois descobriram que aquele rapaz nunca havia colocado um cigarro na boca!

Meu pai reduziu a quantidade, mas minha mãe parou completamente. Para ela foi mais fácil, pois não tragava a fumaça, e ela fumava porque naquele tempo era bonito uma mulher fumando.

Me lembro da caixa de ferramentas do meu pai... Era amarela de metal, e abria em três compartimentos. Enxada, todas essas coisas me remetem à uma forte ligação que eu tinha com ele... Porque ele mexia em tudo, cuidava de tudo. Ele passava as roupas, estendia, lavava, cozinhava, limpava de maneira perfeccionista.

Lembro que a gente tinha um espanador. Lembrei disso porque estava falando de limpar a casa... E japonês tem essa mania de espanador. Meu pai tinha uns três ou quatro espanadores, para limpar o altar, espanar os quadros, etc. As oferendas ficavam no *mitamaya* das deis da tarde, quando fazíamos a oração *Zenguen Sanji*, até a manhã do dia seguinte, quando rezávamos o *Amatsu Norito* e trocávamos os potes. Depois que retirávamos essas oferendas, a gente comia. E me lembro de experimentar o *sake* com minha irmã, porque era um solinho só. O *sake* até hoje não é estranho para mim por causa disso: culturalmente, cresci com aquilo.

Então minha relação com meu pai tinha muito a ver com comida, religião, esportes, televisão e estudos, de maneira geral. Uma coisa que me marcou muito, que aconteceu pouco antes do falecimento, foi a minha primeira menstruação, aos doze anos. Ele estando no leito de morte, me chamou para conversar, e foi uma das conversas mais legais que já tive com qualquer pessoa, pensando nessa ideia do sábio ensinando ao aprendiz, ou o mais velho ensinando ao mais jovem. Ele disse que eu já não era mais uma criança, e deveria ajudar minha mãe. Ser responsável, cuidar de minha irmã três anos e meio mais jovem que eu... E deu instruções nesse sentido. Foi um rito de passagem, mesmo.

Após a doença do meu pai, deixamos de ter qualquer relação com a Igreja Messiânica, com exceção dos livros. Minha mãe devolveu o *hassoko* e o *mitamaya*, pois o ministro era meu pai e ela era apenas membro. E após um tempo, ela também deixou de frequentar, retornando às raízes católicas dela.

Minha mãe, na época em que conheceu meu pai, era considerada solteirona, e o pessoal da igreja começou a agitar a união dos dois, já que meu pai nessa época era viúvo. Coisa do tipo “Ah, o Carlos é bom partido, é viúvo, você está solteirona” e etc. Aí começaram a namorar, e em 1985 ela ficou grávida. Tinha trinta e nove anos.

Ela nasceu em Fortaleza, no Ceará, e seus pais foram feirantes. Mas assim, eu sei mais das raízes familiares do meu pai do que da minha mãe, por uma questão cultural. Não sei se foi intencional, ou foi por questão de sobrevivência, pois há

ainda em São Paulo aquela ideia de que o nordestino é inferior... Mas ela não possui o sotaque, embora ainda utilize de uns ditados antigos de lá. “Quem come do meu pirão prova do meu cinturão”, coisas assim.

Se não me engano, ela é a segunda filha mais nova dos meus avós. E, no total, são nove irmãos. Ela viveu em Fortaleza até os vinte e um anos, segundo me falou, e... Não tenho outras informações sobre ela, porque a família da minha mãe se espalhou. Eu tenho tios em Pernambuco, no Espírito Santo...

Minha mãe diz que os pais dela só queriam que ela estudasse, então passava o dia lendo enquanto eles trabalhavam duro. Eram analfabetos... Minha avó era neta de indígena, e meu avô, mestiço de português com índio. Ele tinha um olho azul... Assim, eu vi fotos, pois não os conheci pessoalmente. Mas essas fotos eram de santinhos, de quando eles faleceram. Naquela época era uma prática corrente, fazer um cartão com foto 3x4 da pessoa, uma oração, os dias de nascimento e falecimento e a missa de sétimo dia. Então os dois, pelas fotos, aparentavam ter aquele tom de pele caramelizado quase indo para o negro, sabe?

E me recordo de minha mãe dizer que veio a São Paulo para acompanhar minha avó, que teve câncer no útero. Ela retirou a tromba, o útero, e já tinha quase sessenta anos. Depois de ela se tratar, minha mãe a embarcou no avião e ficou por aqui. Então não sei dizer se ela foi uma boa filha, ou se isso foi uma fuga, assim como não sei se meu pai foi um bom pai para meus quatro irmãos do seu primeiro casamento.

Ela morou em pensão, porque ela se deslocava de um emprego para o outro. Vivia com vale refeição, que as próprias empresas forneciam para funcionárias solteiras. Era uma excelente telefonista, há até fotos dela com aquele aparelho gigante fazendo as transferências de trabalho... Talvez por isso ela tenha limpado o sotaque nordestino.

Em Fortaleza, ela alfabetizava adultos no MOBRL, que seria o equivalente à Educação de Jovens e Adultos hoje em dia. Possui magistério, mas sempre detestou a docência. Tanto que, quando veio para São Paulo, quis fazer tudo menos lecionar. E assim, se realizou como telefonista, embora seu sonho fosse ser jornalista. Aconteceu de ela transferir este sonho para mim, de modo que o desejo dela passou a ser que eu me tornasse jornalista, já que ela não pôde.

Quando houve o casamento dos meus pais, ela já estava grávida de cinco meses de mim. Nas fotos, já dava para perceber a barriga. O preconceito por parte da família de meu pai foi muito, muito grande... Apesar do meu pai já ter se aposentado, ter a vida ganha, o preconceito ocorreu por conta de não ser visto com bons olhos o casamento entre japoneses e brasileiros, sabe? A mistura de raças. Meu pai já tinha filhos do primeiro casamento, como comentei, e esses filhos já tinham filhos, sempre em relacionamentos dentro da comunidade japonesa — embora, pouco tempo depois do início de relacionamento dos meus pais, um dos meus irmãos tenha se sentido no direito e se casou com uma nordestina. Não me recordo se ela é de Pernambuco ou Rio Grande do Norte. Eles são os pais dos meus sobrinhos mais velhos, Ana Carolina e Carlos.

Além disso, ainda havia a diferença de idade: vinte e quatro anos de diferença. Mas não era algo tão impactante se pararmos para pensar, como se meu pai tivesse cinquenta anos e ela dezoito, né? Mesmo assim, configurou para eles um golpe do baú, porque apesar de minha mãe ter dois empregos e se sustentar, meu pai era aposentado com cinco salários mínimos, além de possuir cinco terrenos. No fim, esses terrenos ficaram todos para a família dele.

Esses terrenos seriam destinados a cada um dos quatro filhos, e o quinto, para a sua primeira esposa. Era usufruto dele. Com o falecimento dela, o quinto terreno seria dividido entre os quatro. E deu uma briga gigante! Minha mãe fez meu pai e os filhos dele cortarem relações, por conta de todo esse preconceito que ela sofreu. Mesmo na foto do casamento, dá para perceber que os únicos felizes eram meus pais. Meus irmãos só haviam ido para cumprir uma formalidade: afinal, era o casamento do ministro da Igreja Messiânica de Vila Mariana, e pegaria mal os filhos não comparecerem.

Tais relações só retornaram após o acidente... Mas principalmente por motivos financeiros. Os terrenos que mencionei não foram registrados aos filhos de maneira escrita, mas seriam destinados a eles. O quinto terreno seria para a esposa que faleceu... Mas nesse interim, eu ainda não havia nascido! Eu sou uma filha temporã, e a briga da minha mãe com meus irmãos se deu por conta de que o quinto terreno deveria ser meu, já que era um para cada filho. Só que para meu pai não entrar mais em desacordo com eles, acabou cedendo os cinco terrenos. Recordo da minha mãe dizendo que essa seria uma mágoa que carregaria para sempre com relação a meu pai...

Tenho muitos primos e tios no Japão, muitos parentes que moram na região do Jabaquara e etc. Não tenho contato com muitos. Um dos meus primos, o Carlos, vive no Japão há vinte e cinco anos. Trabalha, constituiu casamento e tem três filhos. Uma vida estável, mas trabalhando doze... Às vezes, quinze horas por dia. A cada cinco ou sete anos, ele vem ao Brasil, mas perdemos contato. Ele tem aquela ideologia da prosperidade e do trabalho duro. Mas de modo geral, meu contato com a família Ogawa é bem escasso. Ano passado falei com meu irmão sobre a remoção dos restos mortais de meu pai do cemitério de Tatuí para o jazigo em Congonhas.

Quase fui ao Japão duas vezes para trabalhar como *dekassegui*, porque sendo filha direta de um imigrante, seria muito mais fácil. Tudo havia sido arranjado, eu me hospedaria inicialmente na casa do Carlos. Ele me disse para tirar a habilitação aqui no Brasil, categoria A e B, e que não adiantaria aprender o idioma inglês. Teria que aprender a ler e escrever em japonês na marra mesmo, pois o inglês dos japoneses é um pouco incompreensível. Além disso, eu iria me estabelecer numa colônia brasileira, então fora do ambiente de trabalho eu utilizaria minha língua materna.

Ele é uma excelente pessoa, apesar de eu não concordar muito com o pensamento liberal dele. Trabalha com chips e robôs. Na época em que o Playstation era lançado aqui, ele já falava do Playstation III. É porque os chips que ele prepara são referentes aos jogos, então ele faz bateria de testes com o público escolhido, que avalia para aprimorá-los.

Atualmente, eu não sei o que ele faz, mas sua vida era de muito ganho, dava para viver bem. Ele enviava fotos em estação de esqui, em parque temático... Usava o dinheiro com comida, roupa e entretenimento — além da educação dos três filhos, que é muito levada a sério. O que me impediu mesmo de ir ao Japão foi o fato de minha mãe ter ficado enlouquecida com isso. Ela queria que eu fosse jornalista! E no Japão, eu seria pião de fábrica, né?

O casamento durou treze anos, até a morte do meu pai. Seis anos com ela trabalhando e meu pai cuidando da gente, nos levando para passear. Todo fim de semana era no shopping. Lembro dele se vestindo de Papai Noel, e etc. Ele deixava minha mãe estipular as regras da casa, e ele as executava. A renda dos dois se equiparava: ele pela aposentadoria e ela pelo salário do emprego na Coca-Cola.

As coisas mudaram drasticamente após o acidente. Em 25 de janeiro de 1992, ele foi atropelado por um ônibus em Santo Amaro, saindo do Banco do Brasil. Ele não havia visto o ônibus chegando. Sofreu traumatismo craniano e ficou internado durante nove meses... Naquele dia, ele tinha ido resgatar o dinheiro do Plano Collor. E aí, com o acidente, roubaram tudo, né? Ele foi levado pelo motorista para o pronto-socorro, mas as pessoas levaram o dinheiro. A crise econômica era brava, todo mundo estava desesperado!

Minha mãe entrou em depressão, não sabia o que fazer sem ele. Ela chegou a visitá-lo quando estava em coma, mas teve que ser carregada de lá. Trocou o dia pela noite, perdeu vinte e cinco quilos... Tinha parado de trabalhar, e consequentemente o dinheiro parou de entrar, e ela não sabia a senha do cartão do meu pai. Ficamos durante três meses sobrevivendo de favor dos vizinhos!

Os meus irmãos confiscaram o cartão do meu pai, e só devolveriam quando minha mãe descobrisse a senha. Ela tentou data de casamento, data de nascimento dos filhos, data de tudo. Mas meu pai em coma sempre repetia um número: os dígitos do telefone da sua casa antiga. Mas esse número possuía seis dígitos, sendo o último zero, e a senha possuía cinco. Um belo dia, minha mãe disse que havia descoberto a senha, pegou o cartão e foi até o gerente da conta tentar utilizar esse número sem o zero do final. E ela conseguiu sacar o dinheiro da aposentadoria dele. Mas antes disso, realmente passamos maus bocados.

Durante os nove meses em que meu pai ficou internado, ele atrofiou as pernas por omissão de cuidados. Minha mãe sofreu muito com meus irmãos, que diziam para ela ir trabalhar e colocar eu e minha irmã na creche... Mas ela estava num colapso tremendo. Tudo o que meu pai representava não existia mais! A nossa vida foi de um conto de fadas para o inferno. Meu pai saiu de casa de manhã, e no período de doze horas, a gente já estava desamparada! Na época eu tinha seis anos, e minha irmã, dois anos e três meses... Eu já estudava, mas saí da escola por um tempo. Depois, voltei, pois era uma escola particular, na qual minha mãe conseguiu uma bolsa para mim.

Em outubro de 1992, meu pai retornou para casa, mas nunca mais voltou a andar por conta da atrofia nas pernas que eu havia comentado. Esqueci de comentar, mas um dos meus irmãos o internou num hospital chamado Santa Monica, em Itapecerica da Serra. Se não me engano, esse hospital foi processado por maus tratos, e lá só havia idosos. Meu pai foi jogado lá para morrer!

Ele ficou em posição semifetal, e delirava dizendo que havia sonhado com Meishu-Sama. Ele ficou pesando quarenta quilos, e já era magro. Havia muitas feridas na região do quadril. Então quando o retorno se deu, ele voltou num colchão de água com cano hospitalar, e a nossa casa virou um hospital. Ele já estava consciente na época. Minha mãe tinha que ter cuidados imensos, e nunca desistiu de tentar fazer ele voltar a andar. Quando a fisioterapia não apresentou avanço algum, ela tentou a AACD para ele fazer hidroterapia. Ainda havia o fato de ele ter setenta anos de idade quando sofreu o acidente... Já tinha uma estrutura óssea debilitada.

Nesse período, toda essa conexão com o Japão pelos ritos, e mesmo pela família, se tornou algo negativo. Minha mãe devolveu tudo o que estava relacionado à Igreja Messiânica, exceto os livros. Parou de frequentar a igreja, pois as pessoas perguntavam do meu pai e ela pedia ajuda... E o pessoal se afastava. Família paterna então... Tampouco foi de algum auxílio. Mas, mesmo assim, meu pai sobreviveu por sete anos.

A partir da melhora do quadro de saúde, meus meio irmãos começaram a tentar uma reaproximação. Visitavam, levavam alimentos... O Geraldo, que era gerente do banco na época, pagava o aluguel da casa. Isso em 1993, quando ele ainda estava bem financeiramente. Retornei a estudar, consegui bolsa de estudos... lá de ônibus, pois a escola ficava em outro bairro.

Em 1996, nos mudamos para Tatuí, porque o aluguel da casa onde vivíamos dobrou de preço. Para pagar a mudança, minha mãe vendeu o carro do meu pai, já que ele não podia mais dirigir. A mudança ocorreu no dia do aniversário de São Paulo. Recordo que, para meu pai, a viagem foi excruciante... Ele não tinha força na região sacral. Então, meu pai sentia as pernas, mas não podia movê-las, o que parece ser bem pior, né...

Todos os cuidados eram necessários para cuidar de meu pai: o tempo no banho, o tempo que ele suportava ficar sentado... O colchão em que ele deitava. Minha mãe vivia para ele. Então, eu não conheci muito da cultura japonesa por conta disso. Eu me sentia excluída quando meus irmãos e primos visitavam meu pai. Levavam remédio, comida... Às vezes, roupas também. Eu tinha primas mais velhas, então elas levavam as roupas que não serviam mais e eu as usava. Meu pai tinha uma irmã chamada Luiza, que era advogada. Ela levava as coisas que a filha, de nome Marili, não usava mais para eu usar... E depois, minha irmã.

Eu me sentia muito excluída, e até mesmo com raiva, quando eles começavam a conversar em japonês — até porque, durante muito tempo, minha mãe alimentou um ódio das coisas relacionadas ao Japão. Não digo que ela tenha ou não tenha razão, mas isso me afetou profundamente, entende? Era mais um motivo para eu detestar a cultura japonesa!

Do meu pai, as únicas coisas que aprendi se referem aos pequenos rituais do cotidiano. Recordo dele dizendo *itadakimasu* quando iniciava a refeição, e *gochisosan* quando terminava. E é curioso, pois eu sempre pedia a benção para ele e minha mãe antes de dormir, mas até os nove anos, eu não tinha ideia de quem era Jesus Cristo. Eu fui criada dentro de uma religião japonesa, que rezava o Pai Nosso! Só que a história da salvação, a Trindade... Eu não tinha nem ideia do que era isso.

Eu conheci essas coisas por meio de um dos rapazes que ajudava a carregar meu pai da cama para o banho, quando ainda morávamos em São Paulo. A casa ficava de frente para uma empresa de viação. Se não me engano, Bola Branca, já nem existe mais. Os motoristas conheciam meu pai, porque a gente ia lá dar milho para as pombas. Depois do acidente, quem estava em horário de almoço ia para casa para ajudar. E o rapaz que mencionei era da Deus é Amor. Ele estava lendo a bíblia, que eu nunca tinha visto até então. E aí ele foi me explicando.

Acho que, a partir desse momento, minha cultura religiosa foi se “abrasileirando”, e juntou ao fato de eu ter estudado em um colégio adventista. Porém, até hoje tenho muito respeito pela igreja messiânica, mesmo não frequentando mais. Ainda me é muito presente a seriedade do meu pai... Acho que não tenho nenhuma memória ruim dele...

Na verdade, ele só não gostava de bexiga. Guerra de bexiga! Às vezes, eu e minha irmã enchíamos bexigas e ficávamos jogando uma para a outra, como se fosse voleibol. E meu pai deitado na cama — isso já em Tatuí.

Antes de continuar, acho importante mencionar que tanto lá quanto em São Paulo, era um quarto. A cama do meu pai ficava do lado da janela e a televisão ficava num suporte colocado na parede, meio alto. Tinha um sofá cama, que era onde eu dormia, e um colchão com estrado abaixo, onde dormiam minha mãe e minha irmã. De dia, a gente levantava tudo para liberar espaço.

Continuando, a gente começou uma guerra de bexigas, e meu pai já estava dando sinais de irritação. Ele tinha uma espátula de matar moscas, e a cama dele era de metal. Quando ouvia música, batucava no apoio de metal com essa espátula. A gente gritando, e ele incomodado, apesar de já não ouvir direito. De repente, ele deu um grito, e foi a única... A única vez! A única vez que eu chorei por causa de uma bronca. Foi a primeira vez que ele levantou a voz para mim, e eu fiquei espantada. Foi o fim do mundo para mim, mas depois ele veio conversar comigo com mais calma.

Ele sempre foi disciplinado, organizado, mas nunca austero como imaginei que os japoneses seriam. E a nossa casa era muito organizada também, diferente das casas que visitei de tios e primos, que considero tipicamente japonesas: quinhentos mil pratos de comida na mesa, frutas, gato, tomada, cabos, computadores, telefones e enlatados misturados com

coisas domésticas... Casa de japoneses tem um jeito meio peculiar... Sabe, aquela bagunça organizada? É impressionante! O cheiro das comidas, meio gelado, porque se tratam de alimentos que vão para a geladeira... *Sushi, mocchi...*

Atualmente, penso que só iria ao Japão para visitar. Conhecer Chiba, cidade de meu pai, para tentar encontrar o tronco familiar que antecede meus avós, ou encontrar algum tipo de registro... Iria com olhar antropológico, para conhecer a gênese da minha família. Claro que não iria sozinha: iria com meu marido e meu filho.

Por outro lado, tenho resistência em ir, não pela diferença linguística ou pelo fuso horário, ou pelo sistema de trabalho. Seria muito mais pela diferença cultural. Acho que o papel da mulher lá é ambíguo, ainda é complicado... O poder que os homens têm, a submissão das mulheres, essa ideia de respeito e dignidade que não se aplica quando um homem está com uma mulher... Tanto em local privado quanto público! Parece que ela é vista como um espólio!

Vejo muito esse tipo de situação por vídeos do YouTube. Amigos me enviam e dizem: “olha como é lá no Japão!”. É uma coisa de exploração sexual mesmo! A cultura machista, a cultura do machismo... É terrível. Eu imagino, por exemplo, a YUKI, nome artístico da cantora Yuki Isoya, do grupo Judy and Mary. Toda a performance dela, e a sua postura no palco... O que ela passou para chegar ali? Como ela é vista pela geração de homens anterior à geração dela, sabe? Como ela é vista pelos seus contemporâneos?

O Japão, falando com os olhos de uma estrangeira, é um lugar muito ambíguo, porque a tradição e a modernidade estão atreladas. Você vai para um bairro, as pessoas estão produzidas. Você vai para outro bairro, as pessoas também estão produzidas, mas na Era Edo! Tem gente que anda de cosplay durante o dia inteiro, e ao mesmo tempo, tem *gueixas*! Além das casas de massagem com as mulheres usando aquelas roupas típicas. Não sei como lidar com isso... Não sei o quanto minha liberdade de expressão é permitida, principalmente por ser uma filha de imigrante. Filha de traidor da pátria, por mais que meu pai tenha vindo para cá quando criança. Ele não teve poder de decisão para isso!

Então, eu iria pelos motivos já apontados, mas pensaria muito antes. Precisaria conhecer melhor o Japão para ir até lá. Conhecer o que existe de escrita, produção, educação, níveis culturais, etc. Pelo que meu primo me passa, o Japão é próspero, mas vive em crise. E as dualidades se conflitam: honra e desonra, fartura e miséria... Tudo ao mesmo tempo. Não sei como lidar com essa sensação.

Acho que tenho mais vontade de ir para Fortaleza conhecer meus parentes de lá, do que ir ao Japão. Prefiro conhecer minha sobrinha, que tem uma idade próxima à minha, e que está aqui no Brasil. Tenho curiosidade de pedir que ela pergunte ao pai como era a irmã dele, minha mãe. Queria conhecer meus pais antes de eles se tornarem meus pais, entende? Tenho pouquíssima informação sobre isso. Minha família é pequena e localizada: eu, minha mãe e minha irmã. Minha mãe não fala quase nada, e meu pai faleceu quando eu era muito jovem e, além disso, teve aquela tensão que te falei. Por isso, vivi a cultura japonesa apenas até o acidente.

Falando do meu casamento, conheci o Diego durante a graduação, na primeira festa da faculdade em que eu fui. Isso foi em maio. Eu era caloura do curso de Letras, e ele, já veterano do curso de História. Em junho, começamos a namorar, e em agosto engravidei do Heitor. Nunca passou pela nossa cabeça abortar, e foi um choque para nossos amigos, sabe? Eu estava começando a pensar em Iniciação Científica na área de surdez e o Diego estava vivendo a faculdade.

Eu soube logo da gravidez por conta dos enjoos. Contamos aos pais do Diego, e foi um pouco chocante pelo pouco tempo de relacionamento. Em dezembro, fomos morar com os pais dele, em São Vicente, para ele poder trabalhar por lá, e trancamos um ano de faculdade. O Heitor nasceu em 29 de abril de 2010. Tivemos todo o apoio deles, e eles se tornaram minha família.

Não tivemos apoio algum da minha mãe. Conte para ela da gravidez apenas quando eu sabia que já não havia riscos de perder o bebê por stress emocional. Por isso demorei para contar: minha mãe fez da minha vida um inferno depois que soube: queria que eu fosse morar com ela e largar tudo. Queria que eu vivesse reclusa, pois teria vergonha da minha barriga, teria vergonha de uma filha grávida sem estar casada. Nesse sentido, ela é muito conservadora. Porém, eu sinto que meu pai aceitaria muito mais tranquilamente, se estivesse vivo. Isso pensando na forma de ele lidar com as coisas, pela forma como aceitou a própria condição após o acidente...

O Diego tentou diversos empregos, e por ter feito o Senai quando mais jovem, conseguiu na Usiminas — que fechou recentemente. Subiu de cargo rapidamente, mas ele tinha receio de viver apenas daquilo: não era o que ele gostava de fazer. Era uma questão de necessidade do momento. E, nessa época, ele já havia se envolvido com o curso de História, e já havia decidido que era aquilo que queria para a vida.

Além disso, ele estava muito ligado à vida que construiu em Guarulhos. Ele criou a sua identidade, após sair da casa dos pais. Sofremos muita pressão nesse período, para ficarmos por lá. “Diego, vocês ficam aqui, e com o salário da Usiminas, você paga uma faculdade aqui e conclui o curso por aqui mesmo. Não volta para lá, é arriscado”.

Quando voltamos a Guarulhos, consegui assumir vinte e cinco aulas semanais de uma professora com licença-maternidade. O Diego não conseguiu. Nessa época, o Heitor tinha dez meses, e como mãe, foi difícil para mim. O arroz era meu, não mais da minha sogra. O Diego era meu marido, não mais filho dos meus sogros. Digamos que 2011 foi nosso primeiro ano de casados.

Por conta da minha agenda, o Heitor ficou distante de mim, pois o Diego ficava com ele durante dois períodos do dia — manhã e noite —, e eu, apenas um, de tarde. Porém, a tarde era o período da soneca do Heitor. Então era tudo papai, papai... Foi bem difícil. Tivemos que adequar bem nossos horários depois que ele começou a trabalhar também.

Como somos de lugares distantes, não temos uma família aqui em Guarulhos. Somos Diego, Heitor e eu. Então, se eu não estou em casa, o Diego cuida do Heitor, e vice-versa. Atualmente, dou aula de Libras como estagiária, e faço o curso de

interpretação em Libras — tradução e interpretação em língua portuguesa. Embora seja uma área que eu goste, o que desejo de verdade é o ensino. O Diego, por sua vez, é professor de História concursado do estado. Ah, também trabalho com revisão, mas de maneira informal. Já revisei dissertações, monografias, livros...

E assim, a família do Diego nos dá total apoio, me dou muito bem com eles. Aliás, o tronco familiar dele é de Portugal, por parte de pai. A avó paterna dele veio de Trás-os-Montes, aos doze anos de idade. Embora essa seja uma região tida como humilde, a família dela era uma das mais abastadas. Parece que vieram para cá meio fugidos. Então, meu sogro tem uma raiz portuguesa bem forte. É loiro do olho azul. E minha sogra, por sua vez, é de Carabuçu. Uma mistura de mouro com alguma coisa... Parece que tem nórdico, tem mouro, não sei. Ela tem tios ruivos, tios caboclos...

Quando é necessário, eles ficam cuidando do Heitor, lá na baixada mesmo. E são minha família. São nossa fonte de alegria, e graças a Deus não dependemos mais financeiramente deles. Eles nos ajudaram em muitas coisas. A mudança, os móveis, utensílios domésticos, o Corsinha 1999... Só gastamos com a geladeira e a máquina de lavar roupa. Mesmo em momentos apertados, a gente tem conseguido se segurar. Não temos, por agora, condições financeiras para dar entrada numa casa — e na atual conjuntura do país, é quase impossível.

O pessoal fala que o Heitor tem olho puxado, cabelo liso... Mas por conta da minha experiência, consequentemente ele também não possui quase nenhuma conexão com a cultura japonesa. Tanto é que alguns dizem que ele tem a minha cara, e outros dizem que ele tem a cara do Diego.

Mas assim, se você me perguntar sobre minha identidade... Eu vou falar que sou brasileira filha de japonês, mas mestiça. Não sou necessariamente *nissei*, eu sou mestiça. *Sushi* com pirão, sabe? E é muito mais pirão do que *sushi*. Se pudesse, conheceria mais sobre o Japão, só que motivada pela memória de uma pessoa que eu amava! Seria um laço emocional que eu poderia criar com meu pai. Um laço que existiu por pouco tempo. E se pensar sobre minha irmã, menos ainda! Ela mal lembra de nosso pai, pois tinha nove anos quando ele faleceu. Eu sou mais memorialista nesse sentido: coisas que se conectam fortemente com minha memória. Não esqueço os odores, os gostos, os lugares... O laço que tenho com meu pai é forte, porque muitas dessas memórias permaneceram comigo.

É diferente a forma como eu me vejo da forma como os outros me veem. Por viver no Brasil, tem momentos em que eu esqueço ser descendente de japoneses: a minha cultura é brasileira, os meus parâmetros são os brasileiros. Posso até ter uma parte de mim japonesa pela ligação emocional com meu pai, mas quando as pessoas olham para mim, esquecem que eu também sou filha de uma nordestina! Acham que sou filha apenas de japoneses, e que eu tenho que saber falar japonês, e que eu já fui ao Japão, que sou casada com japonês, que sou ótima em exatas, inteligente... Todos os estereótipos relacionados ao Japão acabam caindo em cima de mim, sabe? Fazer *sushi*, *missô*... Acham que eu gosto de comer peixe cru e que sou submissa.

Quando a família do Diego me conheceu, foi um choque — principalmente para a avó dele, que já havia ido ao Japão duas vezes — me ver rindo, falando palavrões, bebendo e fumando. A avó dele me olhou e ficou chocada, porque ela idolatra o Japão. Diz que é primeiro mundo, esse tipo de coisa. Para ela, o Japão é o sucursal do céu, mas quando me conheceu, ela disse: “minha filha, você é tão diferente do que eu pensei...”. Poxa, só porque tenho olho puxado? Eu sou um paradoxo para ela, mas ela gosta muito de mim. Me chama de “neta japonesa”.

Isso é engraçado. Ela sempre dá cinquenta reais no aniversário dos netos e, depois de um tempo, ela passou a dar para mim também de presente de aniversário. Isso já faz uns três anos, e às vezes me faz retornar à raiz japonesa, porque é uma tradição entregarem um envelope com dinheiro na cerimônia de falecimento de algum parente. Foi assim com meu pai. Mas claro que aqui se trata de outra situação.

Acho que esse amor que a avó do Diego tem pela cultura japonesa se justifica pelas viagens. Imagina, ela loira no Japão em 1980. Ela virou fenômeno lá, porque a beleza ocidental é muito valorizada no Japão. Queriam que ela permanecesse no país... Ela foi duas vezes como professora para aprender métodos educacionais, pela prefeitura de Santos. Parecia pinto no lixo: todos estavam à disposição dela, aprendeu a cultura, comprou um monte de coisa... Fez o que turistas costumam fazer. E ela entende mais o idioma japonês do que eu. Então, para ela eu devo ser uma japonesa de araque!

O Diego é mais ligado ao Japão do que eu, ele viveu um tempo em Mogi das Cruzes e em Ribeirão Pires também. Nessas regiões tem muitos japoneses né? Os melhores amigos dele eram descendentes e ele fala muito de um, chamado Diogo, que apresentou o Super Nintendo, de onde conheceu Zelda e Super Mario. O primeiro computador que ele viu também foi lá. E o Diego comenta que a casa era caótica: comida com gato na pia, fios para todo lado... Eu disse: casa de japonês! Quinhentos espanadores espalhados pela casa e tudo o mais!

São esses choques culturais que me fazem lembrar minha ascendência japonesa, porque no cotidiano, é só pelo olhar do outro. Assim, eu nunca sofri preconceito por ser japonesa, embora tenha sofrido *bullying* na escola. Coisas do tipo “japoronga”, “Jaspion”. Eu odeio esses personagens por isso. Só fui acompanhar Yu Yu Hakusho, por exemplo, porque foi um anime marcante para o Diego, e os episódios estavam disponíveis no YouTube. E foi mágico! Eu nunca tive acesso a isso, minha mãe nos fazia estudar durante três horas por dia. Ela que parecia a japonesa, sabe?

E aí eu só lembro de ser filha de japonês quando os outro pressupõem uma coisa que é inata. Eu não tenho privilégios por ser japonesa, mas sofro de expectativas sim! Sofri isso na escola por muito tempo. Todo mundo espera o dez! Eu era bolsista, além de tudo, então eu tinha que ser a número um da sala o tempo inteiro! “Janáina é inteligente”. “Ah, você passa”. E se eu não passo? As pessoas pressupõem que eu vou mandar bem sempre.

Então, quando eu tenho uma conquista real, as pessoas minimizam! Porque eu conseguir é diferente de alguém que não tem ascendência conseguir, entende o que eu quero dizer? Elas não reconhecem meu esforço. Eu não conquisto as coisas

por ter facilidade “natural”. Eu passo muitas horas estudando! Fui treinada rigidamente pela minha mãe para isso. Eu detestava absurdamente participar das olimpíadas de matemática, mas sou japonesa, tenho que ser boa com números, né? Esses pressupostos do que é ser japonês me irritam muito.

Claro que me recordo dessa ascendência quando as memórias afetivas emergem. Mas do contrário, eu sou brasileira. Adoro samba, adoro pagode! Eu conheci o Japão pelos olhos de pessoas que não possuem relação sanguínea comigo! Pessoas que não são japonesas, mas que amam essa cultura no seu sentido artístico. Elas não seriam obrigadas a ter esse laço com o Japão, mas têm, por um interesse particular.

Eu tentei frequentar colônias japonesas, fui no *Undoukai* algumas vezes, participei de gincanas valendo uma toalha de mão! Essas gincanas são divertidas: correr com a colher na boca equilibrando o ovo, pulando corda e etc. Isso me faz lembrar do meu padrinho, Hayashi. Ele é filho de japonês, e trabalha com transporte de verduras do Ceagesp a Tatuí. Abastecia os mercados locais, sabe?

Ele me ensinou muitas coisas, e eu tinha dezoito anos quando o conheci. A mãe dele, que chamávamos de *baa-chan*, só falava em japonês. Então, ele tem o sotaque muito forte! O curioso é que a mulher dele, minha madrinha, é brasileira e filha de nordestino também! Ela sabia fazer diversos pratos japoneses, porque viveu com a sogra por muito tempo e foi muito oprimida por aquela mulher. Por causa da cultura de que o Brasil é sempre menos, sabe? Mesmo você morando aqui! Mesmo o Brasil tendo aberto as portas, brasileiro é menos que japonês, e tudo bem... Essa é uma das minhas grandes revoltas.

Minha amiga da faculdade, a Cinthia, que também é Mayumi, mas de berço, também me ensinou muita coisa sobre o Japão. A *baa-chan* dela também só fala *nihonjin*. Então, acabei conhecendo algumas palavras e termos, principalmente os pejorativos com relação ao brasileiro. *Gaijin*, sabe? Aquele que não é japonês, mas num tom bem pejorativo mesmo.

Meu padrinho dizia muito isso para as filhas, “não me tragam um *gaijin* aqui”. Não namore um brasileiro, em outros termos. E é engraçado que esse preconceito nem sempre é dos japoneses para com os brasileiros, mas sim, dos descendentes! Que nasceram aqui, estão aqui e comem do nosso pirão! Eles não se consideram brasileiros!

Eu, pelo contrário, tenho um discurso de brasileira. O que eu falo sobre o Japão está muito atrelado às memórias de meu pai. Então, o tom afetivo que eu tenho é pelo meu pai, e não pelo país em si. O Japão, para mim, é apenas mais um lugar que eu gostaria de conhecer, por fazer parte da vida de pessoas que eu amo. Eu mesma não tenho um elo tão forte.

Mas já tive esse sonho. Imaginava Tóquio com aqueles prédios, aquelas luzes... Aquele mundo digital, e o *shinkansen*, ou trem-bala... Neve! E nossa, hoje em dia isso não dialoga nada com os meus desejos. Até rio ao lembrar que eu já desejei isso. Já não tenho mais essa vontade, não...

Eu acho que sou bastante memorialista... Não para manter tradições, mas às vezes a gente percorre um caminho tão longo que... A gente se esquece. E, quando alguém pergunta sobre algo, é como se eu tivesse a oportunidade de reviver e revalorizar aquilo. Às vezes pensamos que não fazemos nada, e em contato com outra pessoa, nos damos conta do que passamos, e como lidamos com essas situações! A queda, a superação...

É uma sensação muito boa, principalmente pensando nas pessoas da faculdade que não conheciam a minha história com o Diego. Toda vez que contamos, sentimos aquele orgulho de pensar o que conseguimos fazer para estar aqui! Olha como o Heitor está bem! Um amigo nosso não conhecia o Diego, mas de tanto as pessoas falarem dele, ele foi até a nossa casa, e quando chegou disse: “Tô querendo te conhecer porque todo mundo fala de você!”.

Acho que perdemos muito desse caráter memorialista, porque hoje em dia temos a escrita e os meios digitais. Outros suportes, outros códigos. A emoção da tradição oral se perdeu. Eu vejo essa tradição em séries e filmes, da transmissão de valores e ensinamentos a partir dos mitos — como é o caso da série *Vikings*.

No Brasil, eu vejo que na região Nordeste isso ainda existe, na literatura de cordel, nos saraus etc. O sarau ainda me soa como algo estranho. Não é algo natural você recitar um poema no meio de uma roda, não é da nossa raiz cultural. Soa muito artificial... Não é que eu não aprecie, mas eu vejo como uma tentativa de ressuscitar alguma tradição que já se perdeu. Para nós da região Sudeste, isso soa estranho, ainda que haja as rodas de caipira no interior paulista, e é pouco! Eu sou do interior, e não presenciei essas rodas.

Então, eu não me sinto tão à vontade num sarau como me sinto à vontade aqui em casa, ouvindo o Diego e os amigos tocando o violão, fazendo uma música. Um encontro informal, mesmo. Me deslocar para ir a um sarau, da mesma forma como se vai ao teatro ou cinema? É algo muito morno, culturalmente falando, para nós do Sudeste.

Outra coisa que sempre falo: sou filha de cearense com japonês. É uma mistura. As pessoas sempre me perguntam se sou filha ou neta de japoneses, e eu faço questão de enfatizar o lado nordestino da minha origem. Eu já passei por situações em que pessoas falaram mal do Nordeste perto de mim. “Esses nordestinos que não sabem votar”, colocando-os num status de mal instruídos, miseráveis, vagabundos... Usurpadores, que roubam o emprego dos paulistas. E fazem isso perto de mim sem saber que também sou filha de nordestina. Já passei por diversos estresses por conta disso, sabe? A ponto de responder: “prazer, usurpadora do seu emprego”.

E não é pelo meu lado japonês: é porque eu sou filha de nordestina! Como pirão, como polenta! Como cuscuz no café da manhã. Você me vê pelos olhos puxados, mas não sou feita apenas disso. Faço muita questão de valorizar o sangue nordestino que corre nas minhas veias. Se você me perguntar “restaurante japonês ou com culinária nordestina?”, eu vou ao restaurante de culinária nordestina! Comer um escondidinho de carne seca com mandioca frita, favada, baião de dois! Apesar de minha mãe ter tentado abdicar do lado nordestino dela.

Eu adoro o sotaque das pessoas que vêm do Nordeste, acho tão gostoso! A minha amiga, Valéria, é filha de pernambucanos e a mãe dela faz um pirão tão bom! Tive professores na faculdade que provêm da região Nordeste, e têm o sotaque mais lindo que eu já ouvi... Meu amor é pelo Nordeste. Se pudesse escolher... Eu quero ir para Jericoacoara, ver dunas, ver praia! Comer pratos típicos, ouvir literatura de cordel. Isso dialoga comigo muito mais do que a cultura japonesa. Muito mais!

CAPÍTULO III – MOVENDO AS PEÇAS DO MOSAICO

No presente capítulo propõe-se a análise das experiências dos colaboradores desta pesquisa sob uma perspectiva identitária. Considerando as reflexões apresentadas nos capítulos anteriores, é importante elucidar novas vozes que possam enriquecer ainda mais os estudos sobre a comunidade nipo-brasileira. Neste sentido, considerar os nipo-descendentes como personagens desta longa trajetória é pertinente e necessária, uma vez que eles configuram papel fundamental neste processo de integração com a sociedade brasileira.

Muitas vezes, a construção identitária se dá a partir da relação com o outro. Em que medida isso pode ocorrer com os nipo-descendentes, quando ele é visto como este “outro”? Esta foi uma das principais chaves que nortearam os temas que emergiram das entrevistas.

Considerando o espaço que o Japão ocupa no cenário mundial contemporâneo, não é de se estranhar que a figura do japonês carregue em si uma gama de imaginários que dão a ele aspecto peculiar com relação a outras nacionalidades. Muitos aspectos costumam ser positivos – inteligente, organizado, reservado, honesto, etc. –, mas outros acabam ganhando conotação pejorativa – antissocial, reprimido, frio, etc. O fato é que tais imaginários são produtos de uma relação longa e duradoura entre o Japão e o mundo ocidental ¹⁹⁷, que se evidencia nos quadrinhos, na literatura, na música, no cinema etc. Paralelamente, a comunidade nipo-brasileira – que, em tese, carrega parte deste Japão idealizado pelos olhares da alteridade – praticam o que podem ser consideradas releituras de alguns elementos da cultura japonesa, gerando assim uma troca cultural. Segundo Greiner,

A chegada da cultura japonesa ao Brasil passou por diversas fases. (...) ela também pode ser reconhecida através de “operadores poéticos” que, até hoje, têm papel fundamental na obra de muitos artistas e pesquisadores brasileiros e foram se transformando, da admiração pelo Japão tradicional até a febre de consumo estimulada pelos produtos da indústria cultural *j-pop* ou do Japão pop ¹⁹⁸.

No Brasil, existem poucas obras que se referem ao Japão ou que se preocupem em pensar nele para além do que é acessível em termos de informação ¹⁹⁹. Este dado é

¹⁹⁷ Tais trocas já vinham ocorrendo desde as Grandes Navegações em termos comerciais, mas só se intensificou na Era Meiji (1868-1912), quando o Japão abriu suas portas ao Ocidente. Disponível em: GREINER, Christine. “As traduções estéticas no trânsito Japão-Brasil”. In: SHIODA, Cecilia Kimie Jo; YOSHIURA, Eunice Vaz; NAGAE, Neide Hissae. *Dô – Caminho da arte: do belo do Japão ao Brasil*. SP: Editora UNESP, 2013, p.52.

¹⁹⁸ *Idem*, p. 51.

¹⁹⁹ A maior parte dos trabalhos produzidos, na verdade, se refere à presença japonesa no Brasil. A impressão que se tem é que este grupo só passa a ocupar os espaços de discussão a partir do momento em que se estabelece uma relação direta que os insere no contexto social brasileiro.

emblemático, considerando que o país possui a maior colônia de japoneses no mundo fora do país oriental. Isto pode ser um dado que justifica, inclusive, a construção desses imaginários sobre o japonês: o contato superficial com a complexidade da qual ele faz parte, assim como qualquer outro grupo. Durante as análises, serão destacados inúmeras vezes os elementos simbólicos que existem neste universo do que é o Japão – seja na perspectiva dos nipodescendentes ou daqueles que estão à sua volta. A experiência, neste sentido, é elemento preponderante nestas análises, uma vez que, segundo Tuan, “a experiência pode ser direta e íntima, ou pode ser indireta e conceitual, mediada por *símbolos*”²⁰⁰.

Uma vez apresentados os colaboradores da presente pesquisa, foi possível destacar a singularidade característica dos indivíduos de um grupo social que, embora seja quase sempre tratado como homogêneo, possui inúmeras variações, que podem se ampliar ainda mais quando há o convívio com outros grupos sociais.

Neste sentido, é um desafio pensar historicamente o papel desses sujeitos. Thompson reconhece a complexidade que envolve o ofício do historiador, uma vez que a disciplina transita entre outras disciplinas, cujas regras do campo são mais delimitadas – como a Antropologia, por exemplo²⁰¹. Porém, o autor defende a existência de uma “lógica histórica”, que entende por:

(...) um método lógico de investigação adequado a materiais históricos, destinado, na medida do possível, a testar autoconfirmadores (“instâncias”, “ilustrações”). O discurso histórico disciplinado da prova consiste num diálogo entre conceito e evidência, um diálogo conduzido por hipóteses sucessivas, de um lado, e a pesquisa empírica, do outro. O interrogador é a lógica histórica; o conteúdo da interrogação é uma hipótese (por exemplo, quanto à maneira pela qual os diferentes fenômenos agiram uns sobre os outros); o interrogado é a evidência, com suas propriedades determinadas²⁰².

Além disso, dado o aspecto subjetivo das falas dos colaboradores, a própria subjetividade é elemento essencial nos estudos que envolvem a História Oral. Segundo Schmidt,

²⁰⁰ TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. SP: Difel, 1983, pp.06-07. Meu grifo.

²⁰¹ Para Thompson, “os modos de escrever a história são tão diversos, as técnicas empregadas pelos historiadores são tão variadas, os temas da investigação histórica são tão díspares e, acima de tudo, as conclusões são tão controversas e tão veementemente contestadas dentro da profissão que é difícil apresentar qualquer coerência disciplinar”. In: THOMPSON, E. P. “Intervalo: a lógica histórica”. In: THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. RJ: Zahar, 1981, p. 48.

²⁰² *Idem*, p. 49.

Famoso ou anônimo, o depoente é o rei, aquele que tem sua identidade afirmada ou ocultada, explicitada ou protegida, e a partir de quem o dito ganha sentido. É somente desde esse ponto de vista que podemos pensar em explorar a subjetividade do depoente, aquilo que existe no sujeito, que se passa no espírito de uma pessoa, que lhe é particular, que o singulariza ²⁰³.

Não se trata, portanto, de lidar com acontecimentos extraordinários, mas sim, com pequenos acontecimentos do cotidiano que compõem a experiência de cada sujeito – que por sua vez, faz parte de diversos grupos. Neste sentido, é importante considerar que as questões biográficas ²⁰⁴, que foram produto de reflexão no primeiro capítulo, são fundamentais para se pensar nos casos que serão apresentados a seguir. A memória também é um elemento a ser considerado, já que está intrinsecamente ligada às questões que envolvem a identidade. Não se pode perder de vista que, nas entrevistas, emergem experiências que não as dos colaboradores, mas que de certo modo, fazem parte de sua vivência. Afinal,

Mesmo quando os nossos entrevistados falam de outras pessoas ou de eventos dos quais não participaram diretamente, eles o fazem a partir de suas vivências e visões de mundo particulares – ainda que socialmente condicionadas –, e de seu próprio “eu” ²⁰⁵.

As questões de identidade estão diretamente atreladas às questões de memória que se apresentam nas análises que se seguirão. Sendo assim, é importante enfatizar que as principais reflexões sobre tal questão se apoiam na ideia de uma composição identitária que não possui clareza definitiva – o que, para Bauman, é natural dos tempos modernos. Segundo o autor,

[nós, habitantes do líquido mundo moderno] buscamos, construímos e mantemos as referências comunitárias de nossas identidades em movimento – lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo ²⁰⁶.

O fato de o termo “identidade” ser apresentado no plural já revela aspectos dos caminhos percorridos na análise das entrevistas. Os colaboradores, em geral, revelaram múltiplas identidades nas suas falas, que ora se complementaram, ora conflitaram. Considerando que essas identidades estão em constante negociação, há momentos em que a

²⁰³ SCHMIDT, Benito Bisso. “Do que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral?”. In: In: LAVERDI, Robson... [et. al] (orgs.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, pp. 83-96, 2012, p. 87.

²⁰⁴ Ver nota 47.

²⁰⁵ SCHMIDT, Benito Bisso. “Do que falamos quando empregamos o termo “subjetividade” na prática da história oral?”. In: LAVERDI, Robson... [et. al] (orgs.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, pp. 83-96, 2012, p. 83.

²⁰⁶ BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. RJ: Jorge Zahar, 2005, p.32.

contradição se faz presente, justamente por conta desta indefinição. “Ser japonês” ora é um aspecto positivo, ora negativo, tal como “ser brasileiro” – e tal aspecto nem sempre é atribuído pelo indivíduo em si, mas pelo olhar do outro. Afinal, a construção identitária muitas vezes se dá pela relação com o outro, seja pela afirmação ou pela negação. Como afirma Boschilia,

(...) sendo a memória um fenômeno social, ela carece da inter-relação com os outros para que sua construção se efetive e, posteriormente, possa emergir, ganhando materialidade a partir de práticas discursivas ou não.²⁰⁷

Assim, é de grande importância trazer elementos de reflexão sobre o perfil do grupo que compõe o corpus documental. O fato de se tratar de um estudo que não lida essencialmente do fenômeno migratório – embora esteja inserido dentro do tema – leva à necessidade de evidenciar que os estudos contemporâneos, sobretudo a partir da década de 1970, têm lidado com o tema a partir da relação cultural entre os grupos migratórios e os espaços receptores.

Neste sentido, o cerne da discussão proposta está atrelado às reflexões identitárias que fazem parte da trajetória de vida de sujeitos de ascendência japonesa nascidos no Brasil – especificamente, no estado de São Paulo. Considerando que a imagem do Japão e do japonês se associam a diversas representações de caráter estereotipante, uma pergunta importante a ser feita é: o que esses sujeitos pensam sobre o Japão? De que maneira este país se configura nas suas memórias? De qual Japão estamos falando?

Infere-se que a perspectiva sobre o referido país é diferente para os olhares externos à comunidade, quando comparada com o olhar de agentes que fazem parte deste processo migratório. Sobretudo no caso estudado, a questão étnica parece ser um elemento crucial para a consolidação das diferenças a partir do olhar estereotipante. As questões de etnicidade, consequentemente, fazem parte da discussão proposta, uma vez que os grupos migratórios preservam sua cultura de origem, para que sua relação com o país natal não seja perdido. Com isso, a partir da relação com o novo ambiente, surgem novas configurações desta cultura, que se torna única, por conta do processo de sua “hifenização”. Segundo Lesser,

Os imigrantes desafiaram os conceitos simplistas de raça, acrescentando à mistura um elemento novo: a etnicidade. Todos os 4,55 milhões de imigrantes que entraram

²⁰⁷ BOSCHILIA, Roseli. “Memória e subjetividade em relatos de imigrantes portugueses”. In: LAVERDI, Robson... [et. al] (orgs.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, pp. 97-114, 2012, p. 98.

no Brasil entre 1872 e 1949 trouxeram consigo uma cultura pré-migratória e criaram novas identidades étnicas. Entretanto, foram os 400 mil asiáticos, árabes e judeus (...) que mais puseram em xeque as ideias da elite sobre a identidade nacional²⁰⁸.

Compondo o mosaico de niponicidades, os colaboradores elucidaram com suas falas uma série de temas existentes desde as primeiras experiências migratórias – dentre as quais o sentimento de não pertencer ao espaço no qual estão inseridos. Ainda que no caso dos imigrantes japoneses esse deslocamento possa ser entendido inicialmente em uma dimensão espacial, o mesmo não ocorre com as gerações que os sucedem.

Portanto, é importante trazer ao debate as vozes daqueles que passam por esta espécie de encruzilhada sem destino em busca de si, de modo a questionar a homogeneização de uma categoria identitária que não é apropriada para os dias atuais:

A categoria da identidade não é, ela própria, problemática? É possível, de algum modo, em tempos globais, ter-se um sentimento de identidade coerente e integral? A continuidade e a historicidade da identidade são questionadas pela imediatez e pela intensidade das confrontações culturais globais²⁰⁹.

O exemplo dado acima lida apenas com um dos infinitos temas que poderiam ser desenvolvidos a partir do material coletado, e, passar direto por esses temas seria negligenciar e até mesmo tirar a importância da sua existência. Desse modo, em diversos momentos eles serão colocados em evidência. A importância da história oral frente ao estudo proposto é fazer a mediação entre as singularidades e as coletividades características de um grupo. Dessa forma, a experiência individual, ainda que seja exclusiva do sujeito, está inserida em experiências coletivas. Não é incomum perceber nas falas dos colaboradores situações não idênticas, mas similares, que causaram a elas quase que as mesmas tensões.

3.1 “Entre o churrasco e o sashimi”: relações inter-étnicas

Durante a elaboração das entrevistas para a pesquisa, foi contrastante a predominância de um perfil composto por nipo-descendentes mestiços (oito de dez colaboradores) – uma realidade que Lesser, ao tratar da questão nipônica no Brasil, não observa com espanto:

²⁰⁸ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, Patrícia de Queiroz C. (trad.) SP: UNESP, 2001, p. 25.

²⁰⁹ HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10ª edição. RJ: DP & A., 2005, p. 84.

Um alto índice de casamentos inter-étnicos (quase 46%, em geral, chegando a 60% em algumas regiões do país) é também um fato na comunidade Nikkei. Isso se explica, em parte, pela entrada da comunidade nipo-brasileira nas classes média e alta, o que reduz a escolha de parceiros para os que não estão dispostos a “se casar para baixo”.²¹⁰

Sendo assim, esta é a primeira questão a ser pensada para a presente proposta. Ao se considerar que os descendentes de imigrantes em geral pertencem a dois mundos – ainda que não exista necessariamente uma identificação e um sentimento de pertencimento –, a situação dos mestiços pode ser considerada mais complexa ainda, uma vez que emerge um terceiro mundo, que quase sempre é cooptado pela predominância nipônica fenotipicamente falando²¹¹. Assim, será importante pensar na questão identitária que se reflete nos oito casos: William, Mike, Lucas, Evandro, Christian, Cristiane, Janaína e Letícia.

Algo que deve ser mencionado é que grande parte deles especificou e delimitou bem os lados materno e paterno da família. Isso revela em si a importância que os colaboradores observam nessas diferenças, principalmente pelo fato de serem produtos diretos de relações inter-étnicas. Neste sentido, é pertinente trazer como primeiro ponto a ser refletido tal separação presente na fala dos colaboradores. Iniciamos com o colaborador William:

Meu pai é o japonês da família, e minha mãe é brasileira. Meu pai é engenheiro, e minha mãe é auxiliar de contabilidade, e cuida da casa. (...)

Meu pai é mais tranquilo, sossegado, enquanto que minha mãe é mais elétrica e mais ativa, na questão da própria personalidade, né? Eu já puxei a parte japonesa do meu pai, já sou mais sossegado. Meu irmão já é o elétrico, já puxou a personalidade da minha mãe, mesmo sendo mais japonês.

William Tomio Shinkai

Na fala de William, não é especificada a região de origem de sua mãe, mas por via de conversas informais, pode-se afirmar que ela é da região de Pouso Alegre, em Minas Gerais. Ao mesmo tempo, uma vez que ambos viviam na região de São José dos Campos, é possível inferir que foi nesta cidade que se relacionaram. De todo modo, é importante salientar que o colaborador, a partir de caracterizações, define a personalidade de seus pais associando-as a

²¹⁰ LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, Patrícia de Queiroz C. (trad.) SP: UNESP, 2001, p. 296.

²¹¹ Esta é uma questão que pode ser relativizada, uma vez que nem todos os mestiços possuem traços predominantemente japoneses – e, mesmo assim, acabam sendo identificados como tal por outros signos, dentre os quais o sobrenome, por exemplo.

uma questão nacional – o que implica, subjetivamente, a própria ideia de “ser japonês” que o colaborador toma para si.

Apesar da maneira simplificada que William utiliza para se referir a tal questão, é evidente que se tratam de relações complexas – como, por exemplo, no momento em que ele afirma que seu irmão, apesar de ser o “mais japonês”, herda características de sua mãe, que ele toma como “características mais brasileiras”. Assim, nota-se que a questão identitária está presente na fala, de modo a evidenciar a porosidade das múltiplas identidades que o sujeito pode ter em relação a si e em relação a um grupo.

É importante problematizar aqui em que dimensões o irmão de William é “mais japonês”. A resposta para tal indagação pode se refletir, na verdade, quando o colaborador afirma a sua brasilidade, inclusive se referindo a outros nipo-descendentes como “japoneses”. Portanto, a relação de alteridade está colocada em diversos momentos da fala de William, como por exemplo, quando ele se refere ao ciclo de amigos:

Tenho dois ou três amigos que chamo de “japonês”, e eu sendo japonês! Descendente, filho de japonês. E acho isso engraçado, porque eu mesmo falo: “não, eu não sou japonês”. Eu não me considero muito japonês, porque eu sou brasileiro! Brasileiro com olho puxado e filho de japonês (...).

William Tomio Shinkai

Nota-se, a princípio, que William não possui conflitos com essa questão de ser ou não ser japonês, uma vez que consegue lidar bem com as duas condições – utilizando, inclusive, expressões que poderiam ser utilizadas com relação a ele próprio. Isso leva a inferir que, embora tendo sido criado a partir de alguns elementos e valores da cultura japonesa, a sua formação familiar enquanto sujeito permitiu que ele lidasse bem com as suas duas ascendências. Porém, este pode ser considerado um caso ímpar, ao se unir a fala do colaborador com os demais. Tomando o caso do colaborador Mike, que nasceu e foi criado na capital, o conflito já é evidente ao se notar que ele não possui sobrenome japonês, mesmo sendo um *yonsei*:

Eu não tenho o sobrenome Nakasima, e isso foi por uma questão particular envolvendo minha mãe. Por um motivo que desconheço, na época em que nasci ela estava muito brava com meu pai... Acredito que fosse por causa da mãe dele, que sempre foi contra o casamento, não aceitava minha mãe de jeito nenhum. Então por causa desse conflito, minha mãe não quis acrescentar o nome japonês em mim! Ela acabou colocando o sobrenome Ramos, que é do meu avô paterno, baiano, e sempre foi muito querido pela minha mãe. Por outro lado, ela não gostava dos Nakasima, e por isso ela se recusou a colocar Nakasima no meu registro.

Mike Jader de Oliveira Ramos

Este é um caso muito específico, e de certa maneira, até mesmo inusitado. Uma questão que emerge ao se falar em casamentos inter-étnicos envolvendo famílias de origem japonesa é justamente as tensões existentes por conta de um conservadorismo no sentido de “não se misturar”. Porém, a situação apresentada por Mike revela um grau desta tensão que até então pode ser considerada peculiar. O caso se assemelha em alguns pontos com o caso de Janaína, que apesar de ter o sobrenome japonês, não possui um segundo nome japonês. Obviamente, os motivos são distintos, mas não há como não associar os dois casos:

Eu não tenho segundo nome japonês porque minha mãe ficou com receio de escolher um nome não muito bonito para a cultura brasileira. Apesar disso, eu gosto muito de Mayumi, e é por esse nome que as pessoas da família de meu pai me tratam. Janaína Mayumi Araújo Ogawa.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Algo importante de se mencionar é o fato de os pais de Mike serem separados – de modo que o colaborador tenha sido criado por sua mãe e seu avô paterno, ou seja, a parte brasileira da família. Isso parece implicar, segundo ele, numa espécie de lacuna com relação à sua formação, já que o contato familiar japonês foi menos intenso. Isso cria, inclusive, uma espécie de conflito interno no próprio colaborador, que sente os impactos de tal ausência:

Então nunca tive uma relação tão próxima com a formação japonesa, e às vezes eu sinto falta disso. Eu queria ter essa proximidade pelo lado do meu pai, uma afinidade maior com a cultura oriental... Ter alguma relação com o idioma, crescer acostumado com a culinária japonesa... Mas isso não foi possível pelo distanciamento. Na verdade, meu interesse despertou após eu ter formado minha própria opinião, e aí eu fui atrás por conta. E eu tenho consciência de que, na época, era complicado isso. Minha mãe fez o que podia para me dar uma condição de vida boa, mas ela é brasileira. Não tinha nada relacionado ao Japão para acrescentar à minha educação. O que eu adquiri com relação a isso foi por conta própria.

Mike Jader de Oliveira Ramos

É de se destacar que Mike, diferentemente de William, possui mais dificuldades no sentido de identificação cultural com o Japão por conta da ausência de seu pai. Isso não significa necessariamente que haja um ressentimento quanto a tal ausência, visto que ambos mantinham contato conforme as possibilidades que surgiam. A ausência de seu pai se deu no plano geográfico, pois este havia se mudado para o Japão. Porém, no plano afetivo, a relação dos dois é a melhor possível dentro das circunstâncias colocadas:

De vez em quando, numa data importante — meu aniversário, por exemplo —, ele fazia um esforço e me ligava. Meu pai reservava essa ligação, pois o Brasil na época era proibitivo, então não havia plano que permitisse realizar uma ligação que custasse menos de cem reais na conta. Era questão de dez reais por minuto, muito caro, então era complicado...

Muitos anos depois eu fui ter um computador, e aí passamos a trocar e-mails, também de vez em quando. Hoje em dia, é muito mais fácil, por causa do *Skype*. E mesmo assim, costumamos nos falar apenas uma vez por mês, e às vezes até menos, por conta do fuso-horário. As rotinas são diferentes, ele tem a família dele por lá... A última vez em que nos falamos foi no ano novo de 2014 para 2015, e antes disso, pelo que me lembro, foi em meados de setembro, porque meu pai precisava de uns documentos e eu o ajudei a correr atrás dessa papelada. Antes disso, nos falamos no dia dos pais. Então, nosso contato se dá normalmente em alguma data especial ou coisa assim, quando ele tem tempo, ou quando está em casa. Às vezes, ligo no horário de almoço do trabalho dele, mas... Costuma demorar um pouco.

Mike Jader de Oliveira Ramos

Assim, nota-se um paradoxo existente na trajetória de Mike: ao mesmo tempo em que a sua formação familiar careceu do lado japonês da família, o elo existente entre ele e seu pai não permitiu que seu distanciamento fosse total. Isso porque seus laços se estreitaram ainda mais a partir do momento em que o colaborador mencionou ter irmãos que nasceram e viverão no Japão — o que gerou um estímulo para que ele se interessasse em visitar o país:

Lá no Japão, após um tempo, ele se casou com a Adriana e tiveram três filhos, meus irmãos por parte de pai. O mais velho se chama Rafael Hiki, deve ter por volta de oito anos de idade. A do meio se chama Mariana Ayumi, que tem uns cinco anos, e tem a caçulinha, Bruna Maia. Não conheço a história da Adriana, mas lá onde eles vivem, em *Toyama-ken*, há uma comunidade de brasileiros que foram ao país com finalidade de trabalho, assim como meu pai.

(...) Na conversa por vídeo, conseguimos nos ver, e as crianças estavam na casa dele. Aqui eram duas horas da tarde, então pelo fuso-horário, lá deveriam ser duas horas da manhã. As crianças estavam colocando o pijama para dormir, e foi aí que vi pela primeira vez a [minha irmã] Bruna. E ela estava muito tímida comigo, sabe? “Quem é ele?”. Sou seu irmão! Mas ela estava tímida, até assustada, e isso me chamou a atenção para um detalhe: aquela documentação que eu estava providenciando para meu pai era para acelerar o processo de permanência dele no Japão. Ele não vai mais retornar ao Brasil. Ou seja, para ver meus irmãos, eu vou ter que ir para lá!

Mike Jader de Oliveira Ramos

A dimensão familiar, como visto pelos casos apresentados até aqui, parece ter fundamental importância no processo de construção identitária dos colaboradores: no primeiro caso, percebe-se aparente equilíbrio, e no segundo, uma disparidade. É interessante perceber como essa questão se reflete de maneiras distintas ao se pensar no caso dos

colaboradores André e Emerson – os únicos não mestiços –, no tópico destinado a tal reflexão. Assim, reforça-se a ideia de que as análises não possuem caráter generalizante e não se aplicam a um quadro total dos nipo-descendentes: os levantamentos analíticos se baseiam nos dados coletados e apresentados, a partir de um grupo restrito que representa uma coletividade.

De todo modo, se faz necessário pensar sob este prisma nos demais casos. O caso do colaborador Lucas também possui sua singularidade. Nascido e criado em São José dos Campos, tal qual William, a trajetória de Lucas se distingue por diversos fatores: enquanto William atribui uma brasilidade ao seu lado materno, Lucas evidencia a italianidade do lado materno de sua família:

Meu nome é Lucas Marzullo Teraoka, tenho vinte e cinco anos, sou casado e são paulino. Moro em São José dos Campos, e atuo como professor de História da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo. Marzullo vem da parte italiana da família, e Teraoka, da parte japonesa. Sou descendente de japoneses por parte de pai.

Eu não sei precisar quem é italiano na minha família, pois minha mãe nasceu no Brasil e meu avô materno também. Eu sei que alguém da família dela veio da Itália, mas quem exatamente, eu não sei. Se não me engano, talvez tenha sido o bisavô dela. Meus avós paternos, por outro lado, nasceram no Japão.

Lucas Marzullo Teraoka

Apesar disso, fica evidente que esta é uma questão mínima para o colaborador, já que sua mãe é nascida no Brasil. Ainda assim, é importante mencionar que a trajetória familiar do colaborador evidencia as fortes relações existentes entre membros de diversas comunidades migratórias – e, no caso em questão, a relação dos japoneses com os italianos. Assim como William, Lucas possui concepções sobre o que é o Japão a partir da sua relação com os pais – ainda que não declaradamente, mas contrastando a figura materna da paterna:

(...) quem me criou basicamente foi minha mãe. No fim de semana, íamos ao parque com pai e mãe, mas no dia-a-dia, era ela. E era brava! Ela que cuidava de casa, cuidava da nossa educação, no sentido de colocar limites. Ela possuía alguns artifícios para educar que eram muito piores do que apanhar: por exemplo, arrancar o controle do videogame.

(...) Já meu pai é uma pessoa mais séria. Minha mãe nunca chegou a ameaçar contar para o pai: ela mesma resolvia as coisas dentro de casa. Quando tinha que falar com meu pai, ele sempre falava sério, mas não bravo. E dialogava bastante... Na verdade, eu tinha que ouvir o que ele tinha para falar. Mas ele não se estressava como minha mãe.

Lucas Marzullo Teraoka

Ao mesmo tempo, percebe-se que o colaborador atribui à sua mãe algumas características que, normalmente, são associadas aos japoneses. Nota-se que o colaborador tenta desconstruir estereótipos na própria fala. Paradoxalmente, não se pode perder de vista que Lucas possui fortes relações com ambas as partes de sua família – e, mesmo assim, apresentou uma disparidade com o sentimento de pertencer a dois mundos. Com relação à questão educacional, por exemplo, ele é enfático ao apontar a importância da mãe neste âmbito:

Ela não tem ascendência japonesa, mas mesmo assim, tem essa ideia da importância dos estudos. Foi com ela que eu mais convivi, por ela ser dona-de-casa. Meu pai trabalhava... Então, ela sempre ficava em cima. Foi graças a ela que, em casa, todos estudaram. Não foi por causa da educação japonesa não.

Lucas Marzullo Teraoka

De todo modo, não se pode desconsiderar também o fato de sua mãe ter convivido muito com a comunidade japonesa, como afirma o colaborador. Inclusive, foi em meio a este ciclo social que seus pais se conheceram:

Minha mãe morava no bairro Jardim Oriente, que fica perto dessa fábrica [KDB]. Inclusive, as ruas desse bairro têm nomes de japoneses. Então, onde ela morava também só tinha japoneses. Consequentemente, ela conviveu muito com eles, e ela era uma das únicas brasileiras que viviam neste bairro. Aliás, desde sempre ela conviveu com japoneses, pois ela nasceu em Mogi das Cruzes, onde também havia muitos japoneses. Se não me engano, é a cidade com mais descendentes de japoneses no estado de São Paulo.

Lucas Marzullo Teraoka

Neste sentido, por mais que o colaborador atribua as questões educacionais à sua mãe de modo a minimizar a influência cultural japonesa, ela, por sua vez, esteve envolvida em um meio predominantemente nipônico. Não se quer dizer que o meio social constrói o perfil do indivíduo, porém, trata-se de uma informação importante que levanta a possibilidade para tal análise, ao colocar em evidência os dois trechos da entrevista. Dado importante também se relaciona com o casamento de seus pais:

O interessante é que meus tios — dois tios e uma tia — casaram com descendentes de japoneses, né? Só o meu pai que não. Ele e minha mãe se conheceram numa espécie de baile, pois faziam parte do mesmo ciclo de amizade. Mas não foi aquela coisa de se conhecer e já começar a namorar. No início, eram colegas, sabe? Conhecido do amigo. Aí, algo aconteceu, e eles se casaram!

Lucas Marzullo Teraoka

É pertinente destacar o fato de que o colaborador fala sobre a questão do casamento de seus pais com um tom de curiosidade, mas ao mesmo tempo, de naturalidade. Em contraste com os seus tios, que se casaram com membros da comunidade nipônica, cabe aqui apontar que esta questão não gerou, aparentemente, conflitos familiares – pelo menos, isso não se deixa transparecer na fala do colaborador, em contraste à trajetória de Janaína, que será apresentada em breve.

Da mesma maneira que ocorre com os colaboradores apresentados até aqui, é pertinente apresentar a trajetória de Evandro no que se refere a esta questão. Diferentemente dos anteriores, que possuem a linhagem japonesa por parte de pai, o colaborador possui tal linhagem por parte de mãe. Ainda assim, ocorre movimento similar quando ele se refere aos seus pais:

Meu nome é Evandro Teruo Nishimaru Neves, tenho vinte e cinco anos. Atualmente, resido em Mogi das Cruzes, há quinze minutos do centro. Pelo próprio sobrenome, já fica evidente que minha ascendência de japoneses se dá pela minha mãe, e a parte brasileira, pelo meu pai. (...) Eu tenho dois irmãos, e sou o mais velho. Minha irmã do meio, Gabriela Sayuri, tem dezenove anos, e o mais novo, Walter Kenji, dezesseis. A Sayuri nasceu no Japão, mas como era praticamente recém-nascida, ela não tem muitas lembranças de lá. Foi possível reparar que o nome de todos nós é composto, né? Acho que isso foi uma preocupação de meus pais em deixar clara a nossa ascendência japonesa.

(...) minha mãe é uma pessoa muito tranquila, sempre me orientou neste sentido, sabe? De evitar conflitos, etc. Na minha história de vida, só me recordo de uma briga que tenha envolvido agressão física, mas até mesmo conflitos de diálogo eu prefiro evitar – sempre utilizo alguma estratégia para contornar.

Meu pai, ao contrário, brigava muito desde a infância. Ele tinha aquele espírito *fitness*, de malhar e ir para a academia etc. Sempre foi brigão, lutava karatê, mas eu sei que ele teve uma vida sofrida. Ele começou a trabalhar com catorze anos, e ajudou no sustento da família dele.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

Certamente, seria equivocado afirmar que Evandro atribui características a seus pais a partir de um prisma cultural, principalmente ao considerar a tranquilidade de sua mãe em contraponto ao gênio forte de seu pai. Ainda assim, é interessante notar que, diferentemente do caso anterior, aparentemente os conflitos familiares são inexistentes, uma vez que o nome de Evandro é composto pelo sobrenome de ambos – de modo a deixar claras as suas origens.

Essa é uma questão que surge em outras trajetórias, e é pertinente aqui pensar no que o colaborador Christian fala a respeito. Tal como no caso de Evandro, o tronco nipônico da família de Christian se situa no lado materno. O detalhe desta situação é que, diferentemente

do caso de Lucas, que reforça que o empenho de sua mãe não esteja relacionado a um valor essencialmente japonês, Christian atribui ao pai um papel determinante no que cerne ao seu contato com aspectos da cultura japonesa:

(...) falando da família paterna, é engraçado que não há ascendência japonesa... Mas meu pai, apesar disso, é o mais japonês dentro de casa! E isso considerando que no ambiente vivemos eu, minha mãe, minhas duas irmãs mais novas e ele! Sempre andou com japoneses, gosta muito dos costumes de lá, ele até se casou com uma japonesa! Ele diz que o povo japonês tem princípios, caráter... E desde sempre ele nos fez frequentar a escola de língua japonesa, *nihongakko*. Então, esse lance foi meio forçado né, de estar por dentro da cultura japonesa. Foi porque meu pai sempre valorizou muito isso.

Christian Yuji Betim

Esta informação é importante, principalmente quando o tema desenvolvido se refere a uma dimensão cultural e uma perspectiva identitária. Normalmente, muitos estereótipos são atribuídos aos japoneses e/ou os nipo-descendentes, sem que necessariamente eles possuam vínculos reais acerca de tais representações.

O caso de Christian atenta para o fato de que, muitas vezes, os valores e tradições de uma cultura não possuem uma gênese, mas sim, uma influência da alteridade. Mesmo sendo filho de mãe com ascendência japonesa, foi com a figura do pai – que, por sua vez, possui uma concepção de Japão que também se construiu a partir do olhar sobre o outro – que ele se aproximou inicialmente da cultura japonesa, criando assim um vínculo forte com o país – a ponto de ter vivido lá durante dezessete anos.

No caso de Cristiane, Janaína e Letícia, é importante mencionar que a matriz apresentada para os casos anteriores – sobre a importância do papel familiar na construção identitária – também se faz presente na experiência das três:

Meu pai, Masanori Shirayama, é filho de japoneses. (...) [ele] foi criado pelos irmãos, que maltratavam muito ele. Aos catorze anos, ele fugiu de casa, e desde então não tem mais contato com a família. Eu mesma tenho pouco contato com essa parte da família, e até mesmo com as tradições. Justamente por ele ter saído de casa muito cedo, rompendo essa relação, né?

Cristiane de Melo Shirayama

No caso de Cristiane, fica evidente que a trajetória de seu pai passou por um momento de ruptura. A questão que envolveu a infância dele pai acaba fazendo com que sua trajetória não possuísse uma conexão forte com o tronco japonês, implicando também a trajetória de Cristiane, que possui um elo mais forte com o lado não nipônico de sua família. Da mesma

maneira, a relação familiar implicará as experiências de Janaína e Letícia. Porém, suas relações serão distintas das de Cristiane, uma vez que suas relações com o tronco japonês se associam diretamente a figuras familiares que são deste tronco – e, conseqüentemente, a ausência deles se tornará o momento de ruptura.

É interessante notar que, pela ruptura, o casamento dos pais de Cristiane não foi alvo de conflitos entre famílias. O caso de Janaína elucida a contramão disso: por conta da figura paterna ter relações diretas com as tradições japonesas, o conflito existiu, e de certa maneira, é possível traçar semelhanças com o caso de Mike, ainda que se trate de diferentes gerações e também de graus diferentes de conflito:

Quando houve o casamento dos meus pais, ela [minha mãe] já estava grávida de cinco meses de mim. Nas fotos, já dava para perceber a barriga. O preconceito por parte da família de meu pai foi muito, muito grande... Apesar do meu pai já ter se aposentado, ter a vida ganha, o preconceito ocorreu por conta de não ser visto com bons olhos o casamento entre japoneses e brasileiros, sabe? A mistura de raças. Meu pai já tinha filhos do primeiro casamento, como comentei, e esses filhos já tinham filhos, sempre em relacionamentos dentro da comunidade japonesa – embora, pouco tempo depois do início de relacionamento dos meus pais, um dos meus irmãos tenha se sentido no direito e se casou com uma nordestina.

(...) Mesmo na foto do casamento, dá para perceber que os únicos felizes eram meus pais. Meus irmãos só haviam ido para cumprir uma formalidade: afinal, era o casamento do ministro da Igreja Messiânica de Vila Mariana, e pegaria mal os filhos não comparecerem.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

A colaboradora Letícia, em contrapartida, não menciona eventuais conflitos que possam ter existido, à exceção do divórcio dos pais, que se dão bem nos dias atuais. Em sua trajetória, nota-se a importância marcante atribuída às suas avós. Ela, inclusive, atribui às avós características que podem ter por origem a concepção de Japão criada por ela durante sua convivência com ambas, da mesma maneira que William com seus pais – embora a presença da avó materna seja predominante:

Tenho duas avós, e isso me possibilita separar bem a respeito das partes materna e paterna da minha família. Uma delas é brasileira, e a outra era japonesa de raiz. Então a minha infância envolvendo essas duas pessoas ficou bem marcada.

Ela [minha avó] também era bem metódica com horários. Exatamente às dezenove horas, a gente jantava. Durante a tarde, eu dormia exatamente durante uma hora, e isso era uma coisa que me irritava muito! Quando dava exatamente uma hora, ela tirava a minha coberta para me acordar. E ao contrário disso, minha outra avó já era mais, digamos, desencanada neste sentido. “Ah, deixa a menina!”. Mas acho que essa rigidez da minha avó materna era um mal necessário.

Letícia Sakamoto Godoi

O cruzamento dessas informações aponta para elementos similares e distintos. Isso reforça a ideia do mosaico que se compõe a partir das experiências coletivas. Assim, percebe-se que o elo familiar pode ser considerado elemento importante para o processo de construção identitária dos sujeitos – de modo a criar ou não uma relação forte com o país de seus ancestrais. Porém, este não é o único fator preponderante para tal.

A relação e visão de mundo também estão ligados a esta construção, que não é de forma alguma absoluta e cristalizada, ao contrário das representações que são criadas a partir dos estereótipos e das essencializações existentes sobre este mundo que muitos ainda tratam como exótico. Considerando aqui que oito colaboradores foram apresentados, não se pode perder de vista os dois restantes, que não são mestiços: André e Emerson.

3.2 Okinawa: uma das facetas do Japão?

Conforme evidenciado durante a apresentação dos colaboradores, um aspecto sintomático que surge para uma breve reflexão é o fato de haver, dentre um grupo predominantemente composto por mestiços, dois nipo-descendentes que não possuem esta mistura inter-étnica: André e Emerson. Mais sintomático é considerar que ambos os colaboradores são descendentes de okinawanos.

Este fato requer um tópico específico para ser desenvolvido, uma vez que a importância de lidar com ele está diretamente ligada com uma das motivações que sempre permeiam o meu interesse pela pesquisa desde os primeiros anos de iniciação científica, na graduação: evidenciar a heterogeneidade e os conflitos existentes em um grupo que é visto pela maioria das pessoas como homogêneo e coeso.

Durante o desenvolvimento da pesquisa monográfica, foi estabelecido o contato com o colaborador André, em março de 2013. A questão sobre Okinawa já era de meu conhecimento nesta época, mas os diálogos com André evidenciaram de vez a importância desta questão. Na própria apresentação do colaborador, isso fica claro:

Sou descendente de japoneses e tenho trinta anos. Da parte de pai, sou neto de japoneses, e da parte de mãe, sou bisneto. E peculiarmente, os dois lados de minha família são provenientes de Okinawa.

André Massanori Okuma

André considera que ambas as partes de sua família terem proveniência de Okinawa é uma característica peculiar de sua trajetória. A mesma peculiaridade, embora não tratada da mesma maneira, faz parte da trajetória de Emerson:

Os filhos da minha avó eram em seis: cinco mulheres e um homem, e ninguém fala japonês. Então, neste sentido somos bem pouco tradicionalistas. Meu pai também não aprendeu o idioma, então nunca fomos tão apegados ao passado, às tradições... Mas ambas as partes da minha família são da região de Okinawa.

Emerson Issa Kamiya

De fato, é uma característica notável ao considerar os imigrantes do país asiático, que de maneira geral são tratados como uma categoria homogênea. Por efeito, a figura “do japonês”, e não “dos japoneses”, acaba se cristalizando – e tal cristalização pode conter efeitos negativos, principalmente ao se considerar o caso de Okinawa. Ainda que Emerson ressalte em diversos momentos da entrevista que o apego aos valores e à cultura não fosse tão importante, não se pode desconsiderar o fato de que o colaborador tenha atribuído certa relevância ao afirmar a proveniência okinawana de ambas as partes de sua família, tal como no caso de André.

Algo que deve ser destacado da fala de ambos os colaboradores é a presença das variações dos termos “japonês” e “okinawano” – muito mais marcante na fala de André, quando este afirma ser neto/bisneto de japoneses. Um exemplo que pode ser apontado é quando o colaborador mescla, na mesma chave de raciocínio, ambos os termos:

(...) desde criança, minha família nunca foi ligada intensamente às colônias japonesas. Apesar de minha avó sempre frequentar o *kaikan*, dançar, falar a língua japonesa e o dialeto de Okinawa, meus pais nunca foram intimamente ligados a esta cultura.

André Massanori Okuma

Nesse trecho, aspectos importantes podem ser destacados. Um deles é o fato de o colaborador se referir a “esta cultura”. No contexto da entrevista, André se refere à cultura okinawana. Porém, o fato de mencionar a língua japonesa e o dialeto de Okinawa antes leva a se inferir que existe uma diferenciação entre esta e a cultura japonesa. Paradoxalmente, parece haver uma mescla de ambas, já que a avó de André sabia lidar com ambos os idiomas – o japonês e o dialeto okinawano, denominado *uchinaaguchi*.

Apesar de serem trajetórias distintas e particulares, é de se notar que há uma experiência coletiva pela qual muitos descendentes de japoneses passaram. No caso das experiências de

André e Emerson, isso se revelou em diversos âmbitos – sempre pensando nas relações de intersecção existentes entre as experiências dos demais colaboradores. Ainda sobre o último fragmento exposto, é de se notar a aproximação com a experiência relatada por Emerson:

O *Undoukai* só ocorria uma vez por ano, e eventualmente, havia um aniversário e alugavam o *kaikan* para comemorar. Agora, esses festivais tradicionais mesmo eu nunca frequentei. A minha família nunca tendeu para este sentido tradicional de, por exemplo, falar o japonês. Quem falava a língua era a minha avó, mas minhas tias, meu tio, minha mãe não.

Emerson Issa Kamiya

Diferentemente do caso de André, Emerson não difere o japonês do okinawano – pelo menos, aparentemente. Mesmo assim, no fragmento exposto não fica claro se o idioma falado por sua avó se refere ao japonês ou ao *uchinaaguchi*, o que possibilita inferir-se a ideia de uma aproximação dos dois idiomas.

A vivência do *Undoukai*, do *kaikan*, etc., inclusive, não é exclusiva apenas das experiências de André e Emerson: este é um elemento que faz parte das tradições japonesas, e não exclusivamente da província de Okinawa. Talvez por este motivo, haja este conflito entre a dimensão total (Japão) e a dimensão local (Okinawa): muitos aspectos da cultura acabam se fundindo ou entrando em processos de negociação, de modo a gerar outras culturas que já se diferem de suas matrizes.

Algo que chama a atenção na experiência de ambos, inclusive, se refere ao fato de ambas as famílias não possuírem uma relação tão forte com os valores e a cultura japonesas / okinawanas – a partir da geração dos pais. Ainda assim, nos dois casos trata-se de uma relação paradoxal entre o próximo e o distante:

Por via oral, nunca conheci nada sobre a história do Japão. Minha avó, meus pais nunca me falaram sobre isso. Acho que só depois de adulto me interessei um pouco, e mais especificamente, Okinawa. Interessei-me em aprender o japonês na época da faculdade. Em 1996, iniciei o curso de Letras na USP, só que acabei desistindo, porém me recordo que foi nessa época que iniciei a aprender o japonês de forma autodidata, sem sucesso. Nessa época que tentei aprender um pouco mais sobre o idioma, a história... Mas nunca me aprofundei.

Emerson Issa Kamiya

(...) comecei a estudar algumas coisas em relação à história de Okinawa, à história do Japão e à história das imigrações, para produzir o filme, né? E há uns dois anos atrás, comecei a fazer isso de maneira mais efetiva. Li alguns livros, comecei a conhecer pessoas e entrevistá-las informalmente, inclusive dentro da minha própria família. Entrevistava pessoas que também passavam por uma situação similar à minha. E assim, comecei a frequentar esses eventos com

mais intensidade, mas ainda assim, me sentindo um estrangeiro. É como se eu quisesse fazer parte, mas não conseguisse.

André Massanori Okuma

Aqui, já é possível identificar alguns aspectos que envolvem a questão identitária acerca de um Japão multifacetado. Apesar de em diversos momentos das falas o Japão e a província de Okinawa se confundirem, ambas as categorias parecem ser compostas de fragmentos que ora se juntam, ora se distanciam. O fato de haver interesse nos aspectos históricos da região dos ancestrais revela que, mesmo com o distanciamento cultural a partir da geração dos pais, a relação com o Japão – e nos casos apresentados, especificamente com Okinawa – existe para os colaboradores, e se manifesta de diversas formas.

A tentativa de André e Emerson em compreenderem o seu passado a partir do viés da história evidencia a dimensão utópica da busca de um sentido de identificação que aparenta não existir, colocando ambos os colaboradores em uma situação de desconforto – que se potencializa com as representações às quais são atribuídos. Quando colocada a questão sobre a possibilidade de uma experiência no Japão ²¹², notou-se especificidades em cada resposta:

Então, eu nunca fui ao Japão, mas por pura fatalidade do destino. Sempre que pensei em ir, aconteceu alguma coisa que me fez mudar de ideia. Quando eu estava desempregado, pensava: “vou ao Japão”. E assim que pensava, conseguia arrumar um emprego. Em outra fase, pensei: “vou ao Japão!”. Aí, começava a namorar e falava: “não vou mais ao Japão!”. Então fui perdendo as chances, até chegar um momento em que eu também não queria mais, então deixa pra lá.

Atualmente, tenho certa curiosidade em conhecer o Japão, embora não seja a minha prioridade. Inclusive Okinawa, sabe? Acho que eu preciso, sinto que esse ciclo se fecharia quando eu visitasse a cidade. As minhas questões internas. Mas não é minha prioridade.

André Massanori Okuma

Eu nunca tive a experiência de ir ao Japão. Não sei porque, tinha certo preconceito sobre ir ao Japão para trabalhar, mas me arrependo... Eu poderia ter feito *Arubaito*, para ter uma experiência, para conhecer o país. *Arubaito* é um emprego temporário de três meses. Eu tive um amigo que cursou Economia na USP, e aproveitava o recesso de fim de ano para fazer esse *Arubaito*. Aí ele trabalhava numa estação de esqui, alguma coisa de alta temporada, né? Ficava três meses e voltava.

Então, de certo modo, eu me arrependo de não ter ido, para ter pelo menos a experiência de ter conhecido o Japão.

²¹² Tal questão faz parte do “corpus” narrativo definido para a realização das entrevistas como um todo.

Nota-se que, neste âmbito, as relações de André e Emerson com o Japão se diferem: enquanto o primeiro enxerga nesta possibilidade o fechamento de um ciclo, o segundo pensa a partir do viés do trabalho. Mesmo assim, Emerson enfatiza o fato de ter perdido a oportunidade de poder conhecer o Japão, no seu sentido empírico. Assim, a imagem do Japão vai se compondo em um mosaico a partir das experiências que os colaboradores compartilharam.

3.3 Cerejeiras tropicais: as nipo-descendentes

Até aqui, foram apresentadas diversas facetas do Japão que está sendo composto. Porém, é importante ressaltar que as perspectivas apresentadas vieram de experiências predominantemente masculinas. Assim, seria interessante para a pesquisa trazer tais facetas a partir de experiências de mulheres nipo-descendentes. Certamente, as situações vividas se assemelham à dos homens em diversos aspectos.

Ainda assim, o olhar feminino sobre a questão identitária pode trazer contribuições primordiais para a discussão – visto que dentre as múltiplas identidades que podem compor indivíduos e grupos, ser mulher é uma delas, e carrega em si a bandeira de luta pelos direitos de igualdade. O que interessa aqui é pensar de qual maneira as nipo-descendentes pensam sobre a questão do Japão ou de ser japonesa. Assim, a participação das colaboradoras Cristiane, Janaína e Letícia foram primordiais para se pensar sob este aspecto. É importante que tal questão seja apontada, uma vez que a questão de gênero é pouco explorada nas temáticas migratórias.

Começando pela fala da colaboradora Cristiane, a questão do conservadorismo – presente também em outras falas, como a de André por exemplo – é algo tocante no que se refere à sua negação parcial sobre a condição de “ser japonesa”. A trajetória da colaboradora, inclusive, foi marcada justamente por uma luta contra atribuições de imagem que eram feitos sobre ela, sobretudo acerca desta questão nacional:

Sempre tentei fugir do conservadorismo, e para mim isso sempre foi algo forte, de falar: “eu quero ser diferente, quero ser diferente, quero ser diferente”. Eu quis fugir dessa imagem, embora veja coisas interessantes, como os valores.

Cristiane de Melo Shirayama

Nota-se no fragmento que o fato de Cristiane querer ser diferente está diretamente atrelado a estereótipos que, geralmente, são atribuídos aos japoneses – se estendendo aos nipo-descendentes. Os conflitos internos que isso causa são comuns nas experiências dos colaboradores, e o fato de Cristiane não ter convivido diretamente com aspectos da cultura japonesa também pode ter contribuído para tais conflitos. Os momentos de sua infância, inclusive, revelam a dimensão dos impactos que tais caracterizações causaram na sua formação de personalidade:

As pessoas olham às vezes, e tem algumas coisas que são até violentas, sabe? Os homens falarem “olho rasgado”, por exemplo... Coisas assim, quando você é uma criança, comentários assim te atingem muito, né? Soam como um defeito. Conforme você cresce, as pessoas vão atribuindo características boas, do tipo “você é inteligente porque você é japonesa”. Mas na infância, você se sente como um peixe fora d’água...

Cristiane de Mello Shirayama

É importante pensar que o momento da infância / adolescência pode ser tido como fundamental no processo de construção identitária, uma vez que é uma das primeiras experiências de sociabilidade. É neste momento que os conflitos também podem emergir, e para os nipo-descendentes, por uma questão étnica – da qual nem sempre fazem ou estão fazendo parte –, isso pode levar a reflexões sobre si e o lugar ao qual pertence cujas respostas sempre estarão sendo revisitadas e repensadas.

Em contrapartida à afirmação anterior, o caso das colaboradoras Letícia e Janaína se difere de Cristiane, uma vez que ambas possuíam fortes laços com os aspectos da cultura japonesa por viés de parentes. Não se afirma com isso que os demais colaboradores não tenham tido tal laço ²¹³, mas nas entrevistas realizadas, ficou evidente o papel primordial que as figuras de Hisao, avó de Letícia, e Yoshio, pai de Janaína, teve em suas vidas.

Há de se considerar que ambos ganharam nomes brasileiros durante as suas relações sociais, com fins de facilitar o diálogo e a referenciação. Assim, Hisao foi “batizada” como Maria Teresinha, e Yoshio, como Carlos. Para além disso, o nome pode ser considerado

²¹³ O colaborador William foi criado por seus pais, cujo pai, Shinji, é nascido em Fukushima, no Japão. Porém, neste caso, Shinji veio ao Brasil quando era criança.

elemento de reflexão identitária – e, por efeito, da negociação das identidades de um indivíduo em meio aos grupos dos quais faz parte²¹⁴. Sobre isso, Lesser afirma:

Cada um de nós tem um nome dado, e normalmente esse nome vem com uma história contada pelos pais. Pessoas de grupos minoritários freqüentemente recebem múltiplos nomes – um que, visto por dentro, representa a etnicidade, e o outro para “o brasileiro ver”²¹⁵.

Grande parte da infância de ambas as colaboradoras está ligada a essas figuras tutoriais, deixando em segundo plano, por exemplo, a relação com outras crianças. Janaína atribui à figura de seu pai, Yoshio, os momentos que viveu quando jovem, e o comprometimento de sua saúde marcou um momento de transformação:

Minha família é pequena e localizada: eu, minha mãe e minha irmã. Minha mãe não fala quase nada, e meu pai faleceu quando eu era muito jovem (...). Por isso, vivi a cultura japonesa apenas até o acidente.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

A trajetória de Janaína foi marcada por eventos tidos como traumáticos, e uma questão que parece ser marcante está associada a preconceitos e conflitos familiares. Isso pode ter causado o distanciamento dela com relação à cultura japonesa, considerando que grande parte de tais elementos culturais foram vivenciados a partir da presença de seu pai – que chegou a ser, inclusive, ministro da Igreja Messiânica²¹⁶. Isso fica claro em diversas passagens da fala da colaboradora:

²¹⁴ É pertinente inferir que a mesma dinâmica se perpetua nas gerações seguintes, embora em uma lógica invertida de marcar a ascendência, de modo que grande parte dos nipo-descendentes possui dois nomes – ainda que haja nuances neste sentido. No caso dos colaboradores, pode-se pontuar William (Tomio), André (Massanori), Evandro (Teruo), Emerson (Issa) e Christian (Yuji) – além de Janaína (Mayumi), ainda que não esteja registrado efetivamente. Os demais colaboradores, por questões específicas, não possuem o segundo nome japonês: Mike não possui nem mesmo o sobrenome do pai, por questões que envolvem o conflito de sua mãe com a parte japonesa da família; Lucas, Cristiane e Letícia possuem apenas o sobrenome de ambos os lados da família, sem possuírem assim um segundo nome japonês.

²¹⁵ LESSER, Jeffrey. “Reflexões sobre (codi) nomes e etnicidade em São Paulo”. In: *Revista de Antropologia*. SP, USP, v. 51, n. 1, pp. 267-281, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/download/27308/29080>> (Acesso em 27/10/2013), p. 270.

²¹⁶ Fundada em 1953 no Japão, a Igreja Messiânica Mundial teve sua primeira sede brasileira fundada em 1955, e, segundo Gonçalves, no Brasil “a religião de Mokiti Okada foi introduzida em 1955 através do trabalho dos missionários Minoru Nakahashi e Nobushiko Shoda. De 1955 a 1965, a expansão ficou restrita a comunidades de descendentes de japoneses, apresentando, portanto a característica de religião étnica. A partir de 1965, com a vinda do reverendo Tetsuo Watanabe a expansão adquiriu outra natureza, passando a ocorrer de modo vigoroso entre brasileiros sem origens japonesas”. Informação disponível em: GONÇALVES, Hiranclair Rosa. “Igreja Messiânica Mundial e suas dissidências: a Religião de Mokiti Okada no Brasil”. In: *Revista Nures*, n.9, ano 4,

Meu pai foi ministro da Igreja Messiânica na Vila Mariana. Foi lá que conheceu minha mãe. Ele tinha um altar em casa e cultuava os antepassados. Há o *Mitamaya*, que é o altar dos antepassados, e o *Hassoko*, que é o altar das orações. Além disso, ele também foi mestre de *Ikebana*, e foi dando o curso dentro da igreja que conheceu minha mãe.

Da figura paterna, eu lembro muito dos ritos japoneses. Não tive tempo de aprender os códigos de escrita, nem a ler... Mas a parte religiosa é algo muito forte da cultura que ficou. Com relação à alimentação, eu comia muito pouco. Só mesmo em reunião de família. Me recordo de frutas, como melão... Que até hoje falo que é uma fruta de japonês. Também tinha peixe, arroz... *Mocchi*! Aquele bolinho de feijão. O [meu companheiro] Diego detesta, acha a coisa mais sem graça do mundo, mas eu adoro, por conta da memória afetiva. Meu pai adorava *mocchi*.

Meu pai cuidava do jardim, e tínhamos várias plantas. Pé de romã, que é muito simbólico no Japão, que mais? Uma goiabeira, dois pés de mamão... Mamão macho em um canto do quintal e, na outra diagonal, mamão fêmea. Havia roseira, espada de São Jorge, laranjeira... Tudo isso num quintal relativamente pequeno e retangular.

Lembro que a gente tinha um espanador. Lembrei disso porque estava falando de limpar a casa... E japonês tem essa mania de espanador. Meu pai tinha uns três ou quatro espanadores, para limpar o altar, espanar os quadros, etc.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

O que se percebe em tais passagens é que foi a partir do convívio paterno que Janaína construiu suas referências sobre o que é “ser japonês”. Claro que isso se dá num primeiro momento – a saber, a infância. No decorrer de sua trajetória, a colaboradora se deparou com situações que se agregaram à sua concepção de Japão, muitas delas sendo inclusive motivos para seu afastamento voluntário desta cultura. Em outras palavras, houve uma transformação radical na vida da colaboradora a partir do momento em que seu pai adoeceu, e isso implicou também a sua concepção sobre o Japão – uma vez que, a partir daí, as memórias dos seus parentes paternos emergiram na fala. A sua relação com os demais membros da parte japonesa de sua família, inclusive, não trazem boas experiências para a colaboradora:

Minha mãe sofreu muito com meus irmãos do primeiro casamento de meu pai, que diziam para ela ir trabalhar e colocar eu e minha irmã na creche... Mas ela estava num colapso tremendo. Tudo o que meu pai representava não existia mais! A nossa vida foi de um conto de fadas para o inferno. Meu pai saiu de casa de manhã, e no período de doze horas, a

gente já estava desamparada! Na época eu tinha seis anos, e minha irmã, dois anos e três meses... Eu já estudava, mas saí da escola por um tempo. Depois, voltei, pois era uma escola particular, na qual minha mãe conseguiu uma bolsa para mim.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Sobre Letícia, pode-se dizer que tenha ocorrido situação parecida à de Janaína – embora o conflito familiar existente em sua trajetória tenha sido causado mais por conta do processo de divórcio dos pais do que essencialmente por um conflito entre famílias:

Hoje em dia, a relação que tenho com meus pais é muito boa. Teve momentos complicados, por conta do divórcio deles, e nessa época, digamos que essa relação não existiu... Eu não gostava de ficar no meio das discussões, não gostava de ouvir. Então, eu corria para a casa da minha avó e ficava lá.

Letícia Sakamoto Godoi

A semelhança das duas trajetórias se dá pelo fato de que a colaboradora Letícia, tal como Janaína, tenha convivido durante grande parte de sua vida com uma figura que a fez criar concepções sobre o Japão – no caso em questão, a sua avó, Hisao. Ainda que a colaboradora tenha lembranças relacionadas à escola, ou mesmo à convivência com outras pessoas, essas questões se tornam menores frente à figura de sua avó:

Na época de adolescência, eu tive bem mais amigos do que na infância... Aliás, tenho essa péssima mania de chamar qualquer conhecido com quem conversei uma vez de amigo. Só que isso coincidiu com o período em que minha avó Hisao ficou mal de verdade. Não sei, embora tivesse muitos colegas, com a situação dentro de casa e o stress, eu comecei a me afastar de todo mundo... Não porque eu queria, mas acho que comecei a entrar em uma depressão.

Letícia Sakamoto Godoi

Uma questão que a narrativa de Letícia permite levantar é a ausência de situações na sua infância relacionadas ao fato de ela ser uma nipo-descendente – e isso se reflete com o fragmento citado, quando ela fala sobre a adolescência. Tal afirmação não significa, contudo, que questões sobre sua ascendência não existam: elas surgem em outras situações do cotidiano, como por exemplo durante seu ingresso na faculdade.

Com relação a isso, deve ser salientado o fato de Letícia ser a mais jovem do grupo que colaborou para a presente pesquisa. Isso implica o fato de que, durante esta fase de sua vida, o Japão estava deixando de ser um lugar desconhecido, tornando-se um ícone na indústria do entretenimento. Apesar de o Brasil já estar transmitindo séries e animações japonesas desde a década de 1980, foi a partir dos anos 1990 que a *cultura pop* japonesa ocupou seu cenário de

destaque, atraindo público e gerando assim uma aceitação maior – e, obviamente, grande parte dos nipo-descendentes também compôs este público consumidor.

Em contraponto, deve-se considerar também que este não é um dado conclusivo e muito menos generalizante. Ao considerar a experiência dos demais colaboradores, Emerson também não menciona o tipo de situação pelo qual Cristiane passou – e ele é da geração nascida nos anos 1980:

Comecei a ter amigos a partir do momento em que comecei a frequentar a escola. Me lembro que tinha uma colega da mesma idade, e era vizinha de casa. Então às vezes brincava na casa dela, brincava com ela e o irmão, essas coisas. Quando me mudei para a outra casa, já um pouco mais velho, fiz umas amizades, mas a gente raramente ia para a rua. A gente brincava mais em casa mesmo. Só teve uma fase na adolescência em que fiz amizade com o povo da rua e a gente jogava bola. Nessa época, eu brincava mais na rua.

Nessa região, havia um número relativo de descendentes de japoneses. Ao se comparar com a população geral, é claro que é bem menor esse número. Mas, pela convivência religiosa, acabava tendo mais contato. No bairro tinha famílias japonesas, sim. Lógico, embora houvesse muitas famílias na Vila Alpina, está longe de ser um bairro da Liberdade. Bem longe. Mas tinha gente sim, um número considerável até.

Emerson Issa Kamiya

Por isso é importante o cruzamento das narrativas: para evidenciar a singularidade de cada experiência, da mesma forma que para afirmar que existem experiências coletivas comuns que podem se dar por motivos distintos – como é o caso de Letícia e Emerson. No caso de Emerson, deve-se reforçar o fato de que ele viveu em uma região que concentrava na época de sua infância considerável número de famílias de origem nipônica / okinawana: a Vila Alpina – o que leva a inferir que seus amigos de infância também possuísem tal ascendência.

Retomando as semelhanças entre as experiências de Janaína e Letícia, uma delas acaba se referindo também às concepções de Japão personificadas na figura familiar de quem as criou efetivamente durante parte da sua infância. Assim, as colaboradoras conceberam alguns referenciais do país a partir de símbolos recorrentes de tal convivência:

(...) acho que o grau de relação que tenho com a cultura japonesa deu uma boa diminuída. Quando minha avó era viva, eu comia muita comida japonesa. Pelo menos duas ou três vezes na semana ela fazia algo. Os hábitos que ela tinha... E nessa época em que ela era viva, eu fazia curso de japonês, ouvia muita música japonesa, assistia muito *anime*... Hoje em dia isso foi bem reduzido.

Letícia Sakamoto Godoi

É importante mencionar que nas experiências femininas as representações criadas também se associam a um universo masculino – e, em oposição a isso, as colaboradoras extraem da indústria do entretenimento japonesa elementos que refletem aspectos deste universo. Isso se manifesta, por exemplo, no caso da colaboradora Janaína quando reflete sobre a possibilidade de ir ao Japão:

A cultura machista, a cultura do machismo... É terrível. Eu imagino, por exemplo, a YUKI, nome artístico da cantora Yuki Isoya, do grupo *Judy and Mary*. Toda a performance dela, e a sua postura no palco... O que ela passou para chegar ali? Como ela é vista pela geração de homens anterior à geração dela, sabe? Como ela é vista pelos seus contemporâneos?

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

A colocação de Janaína abre margem para outros aspectos que envolvem a construção deste Japão de múltiplas facetas. Considerando a aproximação cada vez maior do público brasileiro com as referências artísticas japonesas, não é de se espantar que este universo também acabe adentrando no campo do imaginário sobre o país. A colaboradora apresenta um exemplo referente ao universo musical, mas na experiência dos demais colaboradores, outros vieses surgem neste sentido. Cristiane, por exemplo, adentra o universo fílmico, e também aponta a referência feminina:

Quando falamos dos filmes, esses valores da sociedade japonesa perpassam de maneiras para além de um conservadorismo no sentido patriarcal, ou mesmo de gênero. *Princesa Mononoke*, por exemplo: uma mulher guerreira criada por espíritos da floresta representados por lobos!

Cristiane de Melo Shirayama

Algumas produções artísticas acabam, aparentemente, se contrapondo a valores que muitos imaginam fazer parte da sociedade japonesa. *Mononoke Hime* (Princesa Mononoke), por exemplo, é uma produção dos anos 1990 que destaca o papel de uma guerreira na sua luta pela proteção da floresta em que vive. É importante que tal referência tenha surgido na fala de uma colaboradora, pois isso revela um elo de identificação dela com a personagem, representada por uma mulher independente, forte e que luta contra as adversidades que surgem em seu caminho.

A cultura do machismo apontada por Janaína a partir de um exemplo midiático reflete aspectos de um conservadorismo japonês que ela repudia. Este é um elemento que, mesmo de forma indireta, emerge também na fala de Cristiane, quando ela projeta na personagem Mononoke um exemplo de força da mulher. Neste sentido, as experiências das três colaboradoras acabam revelando também uma forma de resistência contra um universo

conservador, e embora não seja algo declaradamente explícito nas falas, isso pode ser perceptível nos detalhes.

Assim, percebe-se que no processo de construção do Japão, aspectos positivos e negativos disputam espaço na experiência dos colaboradores, de modo que é difícil definir qualquer coisa definitiva sobre o país e sobre a identificação dos sujeitos com ele. Mesmo o caso de Janaína revela dimensões de distanciamento e aproximação com o país oriental, apesar das experiências traumáticas. Esta relação paradoxal se evidencia, por exemplo, quando as colaboradoras falam sobre a possibilidade de visitar o país de seus ancestrais e as reflexões que pensar sobre isso gera para cada uma:

Eu nunca fui ao Japão, e sempre que se referiam a isso, principalmente na adolescência, eu achava uma coisa ruim. Eu via muitas pessoas indo para trabalhar, e me dava aquela sensação estranha, de um... Um lugar frio, em que as pessoas tinham muito trabalho. Hoje em dia, acho que tenho mais vontade, pela carga de conhecimento que tenho. Gostaria de ir para conhecer as paisagens, que acho bonitas, os modos de vida... Mas devo confessar que não é algo que sempre me tocou, viu? Apesar de ter vários amigos de famílias bem tradicionais que já foram, ou que têm muita vontade de ir, essa vontade não me tocou. Hoje em dia, eu até penso em ir, mas como penso em ir para qualquer outro país, sabe? Não como algo de origem. Talvez, se eu conhecesse melhor...

Cristiane de Melo Shirayama

Eu tenho muita vontade de ir ao Japão, principalmente para conhecer a cidade de minha avó. Francamente, esta é a única motivação que tenho de ir para lá. Me distanciei muito da cultura, então não tenho vontade de conhecer Tóquio, por exemplo. Mas a cidade dela, em especial, me desperta essa vontade.

Letícia Sakamoto Godoi

Atualmente, penso que só iria ao Japão para visitar. Conhecer *Chiba*, cidade de meu pai, para tentar encontrar o tronco familiar que antecede meus avós, ou encontrar algum tipo de registro... Iria com olhar antropológico, para conhecer a gênese da minha família. Claro que não iria sozinha: iria com meu marido e meu filho.

Por outro lado, tenho resistência em ir, não pela diferença linguística ou pelo fuso horário, ou pelo sistema de trabalho. Seria muito mais pela diferença cultural. Acho que o papel da mulher lá é ambíguo, ainda é complicado...

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Cristiane menciona a ausência de um contato e um conhecimento maior sobre a história de seus familiares japoneses, e isso de certo modo criou um distanciamento afetivo dela com relação ao país de seus ancestrais. Por conta das experiências, isso evidencia o contraste com os casos de Letícia e Janaína, que revelam um interesse de conhecer o país por conta do laço

afetivo desenvolvido com avó e pai durante a infância – ainda que Janaína demonstre relutância com relação a esta possibilidade. Com isso, não se afirma que Cristiane tenha tido contato distante, mas pelo contrário: ao relacionar a sua experiência de infância com a questão apresentada, é de se compreender os motivos de tal distanciamento.

Aqui, cabe mencionar que a colaboradora Janaína teve possibilidades reais de ir ao Japão, pois tal situação foi o que a fez se aproximar de alguns parentes do lado japonês da família, mesmo frente às situações colocadas. O caso de Janaína, inclusive, pode ser equiparado à experiência dos colaboradores André e Mike, uma vez que ambos tiveram possibilidades reais de ir ao Japão:

Quase fui ao Japão duas vezes para trabalhar como *dekasegui*, porque sendo filha direta de um imigrante, seria muito mais fácil. Tudo havia sido arranjado, eu me hospedaria inicialmente na casa do Carlos. Ele me disse para tirar a habilitação aqui no Brasil, categoria A e B, e que não adiantaria aprender o idioma inglês. Teria que aprender a ler e escrever em japonês na marra mesmo, pois o inglês dos japoneses é um pouco incompreensível. Além disso, eu iria me estabelecer numa colônia brasileira, então fora do ambiente de trabalho eu utilizaria minha língua materna.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

(...) eu nunca fui ao Japão, mas por pura fatalidade do destino. Sempre que pensei em ir, aconteceu alguma coisa que me fez mudar de ideia. Quando eu estava desempregado, pensava: “vou ao Japão”. E assim que pensava, conseguia arrumar um emprego. Em outra fase, pensei: “vou ao Japão!”. Aí, começava a namorar e falava: “não vou mais ao Japão!”. Então fui perdendo as chances, até chegar um momento em que eu também não queria mais, então deixa pra lá.

André Massanori Okuma

Apesar de querer, ainda não fui ao Japão. Por ser distante, a passagem para lá é mais cara. Mas houve uma época em que eu estava economizando dinheiro, e o que juntei era equivalente a uma passagem para o Japão. Poderia ir? Poderia, mas eu tinha que estudar. Então eu investi nos cursos. Sempre havia outras prioridades, então nunca coloquei essa viagem como prioridade máxima porque até então via como uma mordomia extra à qual não podia me dar o luxo. Mas quem sabe...

Mike Jader de Oliveira Ramos

Os motivos que impossibilitaram Janaína de ir ao Japão não ficam claros, mas pode-se inferir que os traumas e os conflitos familiares – principalmente de sua mãe com os parentes paternos – possa ter relação com isso. De todo modo, foi possível de se perceber que Janaína ainda mantém vivo tal interesse, mas com um grau de prioridade bem menor do que antes.

Este é o gancho que se estabelece para outra dimensão dos estudos propostos: pensar sobre o Japão a partir da memória dos que tiveram base empírica para tal.

3.4 “Meu Japão brasileiro”: experiências empíricas

Uma vez tendo encerrado o tópico anterior com o tema da experiência no Japão, é oportuno que este momento seja dedicado a lidar com outra questão evidenciada após a realização das entrevistas: dos dez colaboradores, três tiveram tal experiência – William, Christian e Evandro.

É importante, antes de adentrar nesta discussão, que a experiência no Japão muitas vezes também é carregada de sentidos cristalizantes – como, por exemplo, a associação da ida ao país asiático quase exclusivamente à questão do trabalho. Assim, o *dekassegui* acaba se tornando também uma figura que representa estes sujeitos – ainda que a ida não seja motivada essencialmente por questões de trabalho.

Desse modo, ocorre com os brasileiros que vão ao Japão um fenômeno similar ao fluxo anterior, quando os japoneses vieram ao Brasil: eles são despidos de suas particularidades, de modo a serem tratados como uma categoria homogênea. Afinal, seria incoerente pensar que os japoneses também não essencializam espaços tidos por eles como “exóticos”. Há, neste caso, uma inversão da situação²¹⁷.

O que ocorre neste caso é que, tanto no Brasil quanto no Japão, os alvos de tais essencializações são os nipo-descendentes. A questão é pensar na dimensão disso a partir da experiência dos três colaboradores que, de maneira empírica, tiveram a experiência de viverem nos dois países – e da mesma forma, pensar se isso realmente se efetiva.

Primeiramente, deve-se considerar que os três colaboradores passaram parte de sua vida no Japão em contextos e fases distintas. Salienta-se isso para evitar o risco de generalizar a análise a partir de apenas uma perspectiva temporal, vista a dinamicidade do tempo e a forma como cada colaborador o encara. Vejamos os casos dos colaboradores Evandro e Christian:

²¹⁷ Tais essencializações, inclusive, também carregam conotações pejorativas. Enquanto procurava colaboradores para a pesquisa – ainda em tempos de monografia –, conversei com um rapaz que trabalhou no Japão como *dekassegui*. Ele relatou que, no horário de almoço, uma senhora japonesa perguntou a ele se era verdade que no Brasil se comia lavagem de porco. Por motivos pessoais, ele não pôde colaborar com a pesquisa, embora tenha se interessado.

Já no Japão, para onde fomos em 1993 e vivemos durante quatro anos, nos estabelecemos primeiramente num kit-net localizado em uma colônia de brasileiros, e um tempo depois, num bairro residencial da prefeitura. Quando voltamos ao Brasil, ficamos em Mogi das Cruzes vivendo numa chácara.

(...) Eu lembro que cheguei ao Japão falando em japonês, mas não me lembro de ninguém me ensinando. Foi algo meio mágico, não sei. A memória dos três anos de idade é muito... Muito curta.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

A questão tecnológica, a possibilidade de ser *dekasegui*... Ai que fui me interessando, até o dia em que fui ao Japão para viver por lá.

Isso ocorreu no final de 1992, quando eu tinha dezessete anos. Foi na época que ocorreu aquilo que chamamos de *boom dekasegui*, né? Quando os descendentes de japoneses voltaram ao Japão para trabalhar. As fronteiras estavam abertas. Muitos brasileiros foram fazer o pé de meia, para guardar o dinheiro, mas eu não. Eu fui porque queria conhecer o Japão. A parte tecnológica me chamava muita atenção! Então, graças a esse esforço do meu pai, de nos ter feito estudar, tive mais facilidade em aprender o idioma japonês na prática. Fiquei durante dezessete anos e retornei. Faz seis anos que estou no Brasil.

Christian Yuji Betim

Observando os fragmentos das falas, nota-se que se tratam de experiências distintas em um contexto similar. No caso do colaborador Evandro, é de se destacar o fato de ter vivido duas fases no Japão: a colônia de brasileiros e o bairro japonês, havendo aí a interação com a sociedade local. Ainda assim, não se pode perder de vista o fato de que ele, por ser uma criança na época de sua vivência no Japão, não teve a possibilidade de pensar sobre tal escolha. Movimento similar ocorreu com os *gaikokujin*, ou seja, filhos de imigrantes que vieram ao Brasil durante sua infância, tal como é o caso do pai de Janaína:

Não sei o quanto minha liberdade de expressão é permitida, principalmente por ser uma filha de imigrante. Filha de traidor da pátria, por mais que meu pai tenha vindo para cá quando criança. Ele não teve poder de decisão para isso!

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Dessa maneira, é uma questão importante entender a motivação dos pais de Evandro em viverem no país asiático durante quatro anos, de 1993 a 1996 – sem antes salientar como a força das representações emerge na fala da colaboradora, a partir de um exercício de alteridade feito por ela a partir de uma situação familiar.

O caso de Evandro, reforçado com a fala de Janaína, traz à tona o fato de que, mesmo não se tratando de um trabalho sobre a imigração japonesa, elementos deste fenômeno estão

intrinsecamente associados às experiências narradas. Nas demais entrevistas, sempre há referências dos colaboradores com relação a seus parentes que emigraram do Japão para o Brasil, seja qual for o motivo. No caso de Evandro, percebe-se o movimento inverso, quando ele menciona a justificativa de seu pai – que não tem origem japonesa – para a emigração:

Diz meu pai que o motivo para sairmos de lá [de nossa cidade] e irmos ao Japão se referia à posse de poder do Fernando Henrique Cardoso, que afetaria a política inflacionária, além da oportunidade de trabalho surgindo no Japão.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

A preocupação com a economia no Brasil da década de 1990, inclusive, foi um dos principais motivos que levou parte da comunidade japonesa do Brasil a emigrar para o Japão. Obviamente, este fluxo havia se iniciado antes, na década de 1980, sobretudo por conta do *boom* econômico que o Japão vivenciava na segunda metade desta década ²¹⁸.

Tal fluxo, que foi efetivado a partir de 1990 “com a mudança da legislação japonesa, que concedeu aos descendentes de japoneses visto temporário de longa estadia” ²¹⁹, revela na essência de tal política migratória a ideologia do *Nihonjiron* ²²⁰. É um movimento que se intensifica por conta da crise econômica no Brasil, e o fato de o pai de Evandro ter se casado com uma nipo-descendente permitiu sua entrada no Japão, mesmo ele não tendo uma origem familiar essencialmente nipônica.

Ao contrário de Evandro, o colaborador Christian teve a possibilidade de escolher, e inicialmente, tal ida não estava diretamente ligada à questão do trabalho – porém, como o contexto o favoreceu neste sentido, acabou que o colaborador *se tornou* um *dekassegui*:

²¹⁸ SASAKI, Elisa. "A imigração para o Japão". In: *Estudos Avançados*, vol.20, n.57, São Paulo, Maio/Agosto 2006, pp.99-117. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a09v2057.pdf>>. (Acesso em 05/10/2017), p.105.

²¹⁹ BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe. "Permanentemente temporário: dekassegui brasileiros no Japão". In: *Revista brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo, vol. 23, n. 1, p.61-85, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n1/v23n1a05.pdf>> (Acesso em 07/02/2014), p. 62.

²²⁰ Espécie de mito da homogeneidade e ascendência divina do povo nipônico, que busca filtrar a entrada de mão-de-obra estrangeira a fim de que essa não comprometa a homogeneidade étnica da sociedade japonesa. In: HATUGAI, Érica R. HATUGAI, Érica Rosa. *A medida das coisas: Etnografia de uma japonesidade*. SP: Novas Edições Acadêmicas, 2013, p. 56.

O curioso disso tudo é que meu objetivo era ir para conhecer. Porém, como não tinha condições financeiras de pagar a passagem só para esta finalidade, aproveitei para trabalhar. Aí fui para a fábrica. Trabalhei muito, mas vivi bem lá, conheci bastante coisa...

Christian Yuji Betim

Aqui, cabe destacar como as experiências podem ser parecidas mesmo em contextos diferentes. A situação de Christian se compara, por exemplo, à de um dos irmãos do colaborador André, ainda que por outras motivações que não a questão tecnológica:

(...) com dezenove anos ele [meu irmão] foi ao Japão trabalhar como *dekassegui*. Mas seu objetivo real era conhecer o país, já que ele gostava tanto dessa cultura pop japonesa. Então ficou por lá durante uns três anos trabalhando, mas justamente por querer conhecer.

André Massanori Okuma

Com relação às estruturas familiares, em ambos os casos tratou-se de *famílias* que emigraram, e não somente indivíduos ²²¹. Na década de 1990, era notável a emigração de famílias inteiras para o Japão, e segundo Lask, era comum que as famílias migrassem com filhos pequenos ²²² – como é o caso de Evandro. Estatisticamente, as informações apontadas por Lask (apud Sellek, 1997, p.192) convergem com o caso dos colaboradores em questão:

Desde 1990, nota-se uma emigração de famílias inteiras para o Japão. Em São Paulo, a demanda de visto quadruplicou em 1990 em relação ao ano de 1987. 15% dessas pessoas tinham uma formação universitária e 21% até um mestrado. Uma em três pessoas, hoje em dia, está acompanhada pela família quando vai ao Japão e cada vez mais famílias migram com filhos muito pequenos ²²³.

Apesar da relevância dos dados estatísticos, durante um grande período a produção acerca do tema não considerou as contribuições que poderiam ser dadas pelos próprios agentes para o desenvolvimento deste campo de pesquisas. Atualmente, tal necessidade foi reconhecida – principalmente por fatores como o desenvolvimento dos meios de informação e recursos tecnológicos que aprimoraram a captação de áudio e vídeo, por exemplo.

A História Oral, neste sentido, tem como uma de suas características a apreensão e o registro da narrativa oral compartilhada pelos colaboradores escolhidos, independentemente

²²¹ Ainda que no caso de Christian, a mãe e as irmãs tenham ido depois. Ainda assim, ele já tinha tios que viviam no Japão, onde se hospedou num primeiro momento.

²²² LASK, Tomke. “Imigração brasileira no Japão: o mito da volta e a preservação da identidade”. In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n.14, pp.71-92, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a04.pdf>> (Acesso em 02/10/2017), p. 76.

²²³ *Ibidem*.

do tema que se desenvolva, considerando que essas narrativas trarão elementos de análise de um caráter vivo e dinâmico – o que não é proporcionado por dados estatísticos.

Assim, as experiências de Evandro e Christian, nesta fase, foram distintas. Afinal, é diferente pensar nesta questão a partir das perspectivas apresentadas: Evandro deu muita ênfase deste momento de sua vida na questão lúdica e educacional, pelo fato de a experiência remeter à sua infância. O colaborador, neste sentido, não traz necessariamente a perspectiva de uma criança, mas sim, de um adulto que rememora. Segundo Boschilia,

(...) longe de trazer à tona uma lembrança congelada do passado, ao rememorar, a pessoa procura dar sentido a sua narrativa a partir de códigos, representações e valores do presente, levando, desse modo, a memória a um processo de ressignificação contínuo. E no exercício dialético de reconstruir o passado, a partir de um olhar ancorado no presente, cada pessoa procura articular questões ligadas ao seu universo particular, ou seja, aquilo que compõe sua subjetividade, com o mundo social externo ²²⁴.

Christian, por sua vez, compartilhou experiências mais relacionadas ao trabalho. Neste sentido, ainda que em contextos diferentes, a experiência de Christian se aproxima mais da compartilhada por William:

Eu já fui para o Japão, trabalhar como *dekassegui*. Então, a visão que tenho do Japão existe a partir dessa minha experiência de vida. O que se fala muito tem relação com as dificuldades de trabalho... Mas a questão do que é ser japonês, de como é um japonês... Eu aprendi sozinho. Que é muito parecido com o que eles realmente são. Não muda muita coisa. O japonês do Brasil, o japonês do Japão... A estrutura é a mesma.

William Tomio Shinkai

Um aspecto a ser considerado na fala de William se refere ao que o colaborador chama de “ser japonês”. Aqui, se começa a trazer à tona as visões sobre o “japonês” que permeiam a sua experiência. O fato de aproximar o “japonês do Brasil” e o “japonês do Japão” em uma mesma categoria revela que, para William, tal questão não chega a ser criadora de conflitos, diferentemente dos casos de André e Emerson – e, quando o assunto for mais explorado, será possível notar os conflitos existentes nas trajetórias de Evandro e Christian ²²⁵.

²²⁴ BOSCHILIA, Roseli. “Memória e subjetividade em relatos de imigrantes portugueses”. In: LAVERDI, Robson... [et. al] (orgs.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, pp. 97-114, 2012, p. 98-99.

²²⁵ Uma vez que o tópico em questão se destina à reflexão da experiência empírica no Japão, tais conflitos serão apresentados em outro momento.

No caso de William, a afirmação em dizer que sua visão sobre o Japão tem como referencial a experiência de vida traz possíveis reflexões – e uma delas, obviamente, é o Japão do trabalho. É muito comum, por questões de xenofobia, trabalhadores estrangeiros serem tratados de maneira pejorativa e até mesmo desrespeitosa – a história da imigração japonesa no Brasil é um exemplo disso ²²⁶, ainda que a memória oficial minimize tal aspecto para enfatizar o sucesso que este grupo conquistou e as provações pelas quais passou durante todo o processo. Por isso, é importante que as experiências segundo seus próprios agentes sejam evidenciadas para trazer à luz os demais aspectos que envolvem o tema, para além daquilo que a literatura produzida abordou. No caso em questão, é notável que a experiência no Japão para os três colaboradores não tenha sido marcada por preconceito ou discriminação – pelo menos de forma declarada:

A meu ver, o Japão é um lugar bem aberto, e a discriminação quase não existe. Porém, existem pessoas de todos os tipos, né? Assim como no Brasil, embora acredite que aqui o preconceito é muito maior. Mas no Japão, não. Assim, se existe algum preconceito é por conta da questão cultural, porque a cultura brasileira é muito diferente. Os brasileiros são mais expressivos, bagunceiros em certa medida... E o japonês tem mania de seguir as regras, de fazer tudo certinho, então estão acostumados com a ordem.

Muitos japoneses gostam dos brasileiros, justamente por essa alegria, né? Quando fui para lá, era a época do Ayrton Senna, e pouco tempo depois ele morreu. Os japoneses o adoravam. Aí tem o lance do futebol, que já é bem valorizado, samba, carnaval... E ao falar que você é brasileiro, eles associam essas coisas na hora! Então muitos perguntam, têm curiosidade, etc.

Christian Yuji Betim

Se sofri preconceito por ser brasileiro, ou mesmo pela tonalidade do cabelo [que tende para o castanho claro], eu não sei dizer. Acredito que, para uma criança, o preconceito seja mais sutil. O maior preconceito que sofri, na verdade, talvez tenha sido com essa menina [que era

²²⁶ Sobre o preconceito racial em relação ao japonês no Brasil, ver: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “A Biotipia do Imigrante Ideal: Nem Negro, nem Semita, nem Japonês”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Márcia Yumi (orgs.). *Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: EDUSP, p. 63-96, 2010; CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra – a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. SP: Edusp, 2000; DEZEM, Rogério. *Matizes do “Amarelo”: A gênese dos discursos sobre os Orientais no Brasil (1878-1908)*. SP: Humanitas, 2005; KIMURA, Rosângela. *Políticas restritivas aos japoneses no estado do Paraná 1930-1950 (De cores proibidas ao perigo amarelo)*. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá; NUCCI, Priscila. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios*. 2000. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas; SHIZUNO, Elena Camargo. “Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: Os Imigrantes Japoneses e o Dops”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Márcia Yumi (orgs.). *Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: EDUSP, p. 123-148, 2010; TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008.

líder de uma gangue] e esse grupo. Porém, alguns membros desse grupo faziam um papel duplo: era questão de momento, de estarem cooptados pela autoridade dela.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

Na fábrica, os japoneses me tratavam super bem... O problema existia quando você ia, por exemplo, à loja de conveniência, e a atendente não falava *sumimasen* ao você entrar... Não me recordo se é *sumimasen*, mas é um tipo de bem-vindo... Não sei se era essa a palavra, se está correta. Mas às vezes para você ela não falava... Às vezes ela até queria falar, mas sabia que você não entenderia. Então, do que adianta falar? Então, às vezes, até para não ficar ruim para você... Não falava, entende? Mas... Estrangeiros, eles tratam bem... Pelo menos, eu acho que fui bem tratado, tirando uma vez em que eu estava com um amigo sentado no ponto de ônibus, esperando o ônibus do trabalho... Daí os policiais perguntaram o que eu estava fazendo lá, e falei que estava esperando um ônibus... O policial me tratou super bem também, todas as vezes em que fui falar com a polícia, ou quando pedia alguma coisa na administração pública... Chefe... Mesmo quando pedia uma informação na rua, fui muito bem tratado.

William Tomio Shinkai

Não se objetiva aqui contrapor com tais casos uma eventual “história oficial” da emigração brasileira ao Japão, mas sim, de trazer à tona as outras versões que compõem essa história – e que, muitas vezes, acabam sendo silenciadas. Como afirma Pollak, “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto”²²⁷.

Sobre as falas apresentadas acerca da questão de discriminação / preconceito, é importante considerar os aspectos de cada uma delas, pois, embora haja relativa coesão coletiva sobre as experiências em uma macro dimensão, a singularidade também revela elementos de análise que merecem destaque.

O primeiro caso traz à tona o fato de que os japoneses também criam estereótipos sobre os brasileiros, a partir de informações que chegam a eles. Isso aparece na fala do colaborador Christian – que, na sua condição de trabalhador estrangeiro no Japão, acredita que a discriminação é maior no Brasil. O fato de Christian ressaltar a questão da índole humana, inclusive, revela uma perspectiva crítica do colaborador com relação à sua trajetória de vida.

²²⁷ POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*. RJ, v. 2, n. 3, pp. 03-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>> (Acesso em 11/04/2012), p. 08.

As situações que ele apresenta sobre os referenciais do Brasil se aproxima de situações que ocorrem no cotidiano dos nipo-descendentes – quando questionados por “comer peixe cru”, por exemplo.

O caso de Evandro é distinto. Por se tratar de memórias de infância, tal ideia provavelmente não poderia ser concebida naquele momento. Ainda assim, o colaborador menciona o caso de uma garota japonesa que praticava *bullying* com ele. Isso não significa necessariamente que o motivo tenha sido pela questão do estrangeirismo – mesmo porque amizades também foram constituídas, como com o garoto Shoya-kun:

Quando nos mudamos, eu era uma criança generosa, sabe? Minha mãe dizia para eu compartilhar as coisas, e lembro que um dia estávamos passando na rua e vimos uma mãe e um filho andando juntos. Por acaso, ofereci ao menino um chiclete, e ele virou meu amigo. O nome dele é Shoya-kun. Acho que é um dos poucos nomes dos quais me recordo bem. Ele é um ano mais novo e a gente ficava andando juntos e etc. Tanto ele quanto eu tínhamos uma bicicleta.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

Ainda assim, este aparenta ter sido um evento marcante na trajetória de Evandro, que demonstrou em sua colaboração clareza de detalhes sobre tal experiência. Por fim, deve-se pensar no trecho da fala de William, que aparenta possuir algumas contradições.

Na breve passagem, o colaborador alterna sua linha de pensamento entre o “ser bem tratado” e o “não ser bem tratado”. Nota-se, nas sutilezas da fala, os momentos em que o preconceito aparentou existir. Dois podem ser destacados: 1) a experiência com a senhora da loja, ainda que na perspectiva de William ela tenha tentado ser educada; 2) a experiência com os policiais – aparentemente, o fato de eles terem se dirigido ao colaborador em espaço público poderia ter sido marcante para ele, ainda que o tivessem tratado com respeito. Obviamente, não são afirmações conclusivas, mas possibilidades de interpretação que o fragmento permite levantar.

Dessa maneira, nota-se a complexidade de lidar com um tema a partir de trajetórias de vida, uma vez que elas permitem explanar diversos âmbitos do tema em questão. Por fim, outro elemento que pode ser destacado com relação a este grupo se refere ao eventual retorno ao Japão. Uma vez que eles já passaram pela experiência de conhecer o país, é possível pensar que a ideia de “retorno” apresentada por Sayad pode ser considerada nos casos em questão? Segundo o autor,

O retorno é naturalmente o desejo e o sonho de todos os imigrantes, é como recuperar a visão, a luz que falta ao cego, mas, como cego, eles sabem que esta é uma operação impossível. Só lhes resta, então, refugiarem-se numa intranquila nostalgia ou saudade da terra ²²⁸.

Esta questão parece estar presente na vida de grande parte dos grupos migratórios. Sayad se refere à figura do imigrante / emigrante associado à questão do trabalho, e os três casos apresentados aqui estão relacionados com ela – até mesmo o de Evandro, sob a perspectiva de Pollak sobre os acontecimentos vividos por tabela ²²⁹, ao se considerar a motivação dos pais, também ligada à questão do trabalho.

Considerando que a experiência empírica também cria representações que se cristalizam, é importante pensar em dois momentos que fazem parte da experiência desses sujeitos: o retorno ao Brasil e a possibilidade de retornar ao Japão. É importante considerar que os três casos são de sujeitos que possuem experiência empírica em ambos os países, de modo que a presença em um lugar implica a ausência em outro. Em outras palavras, se a questão que importa aqui é pensar nas concepções de Japão que foram constituídas na memória dos colaboradores da pesquisa, nos três casos apresentados é possível de se perguntar: durante a vivência no Japão, qual a imagem do Brasil que foi constituída em suas memórias? Qual o Brasil que encontraram ao retornar?

No caso de Christian ²³⁰, o fato de ele ter realizado a escala Japão-Brasil duas vezes antes de voltar definitivamente ao país – há seis anos da entrevista – fez com que suas impressões fossem distintas em cada momento. Isso também se deve aos devidos contextos: o primeiro, quatro anos após a ida; o segundo, em 2002. Sobre sua última impressão, o colaborador toca numa questão importante – o acesso à informação:

(...) acredito que o Brasil tenha evoluído bastante desde aquela época... Pelo que eu vejo atualmente, né? Não sei se pela abertura tecnológica, mas temos informações de tudo quanto é coisa hoje em dia. Quando eu morava no Japão, só tínhamos acesso ao que acontecia no Brasil por meio de fitas de videocassete, sabe? A galera filmava a programação da televisão brasileira e mandava para nós. Até havia um mercado em que o pessoal comercializava essa programação.

²²⁸ SAYAD, Abdelmalek. “O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante”. In: *Travessia: Revista do Imigrante*, São Paulo, v. 13, n. especial, jan. 2000, p. 11.

²²⁹ Ver nota 103.

²³⁰ Levando em consideração que, antes do retorno definitivo ao Brasil, ele já havia retornado ao país duas vezes durante sua vivência no Japão.

Após um tempo, começaram a surgir os canais internacionais, né? Globo Internacional, Record Internacional... O pessoal que assinava tinha esse contato, que ainda era um pouco restrito. Quando a internet chegou, começamos a ter mais acesso à informação, mas foi no período em que havia voltado definitivamente para o Brasil... E o contrário também ocorre: hoje em dia, temos acesso à programação japonesa, né?

Christian Yuji Betim

Na fala, observa-se que, durante a entrada de brasileiros no Japão, estabelecimentos comerciais começaram a ser criados tendo o público este perfil social. Em diversas regiões do Japão, núcleos de brasileiros foram formados – tal como a experiência imigratória dos japoneses no Brasil. Porém, não se pode tratar este fenômeno como uma continuidade do fluxo que se iniciou em 1908: não se trata aqui de um retorno à terra natal, pois os nipodescendentes nunca estiveram lá. Trata-se de um novo movimento, dessa vez emigratório. Afinal, como afirma Sasaki,

Muitas vezes, esse recente fluxo de brasileiros ao Japão é tratado como uma “migração de retorno” (Koyama, 1998; Tsuda, 1999, 2000a, 2000b, 2003; Yamanaka, 1996, 1997). Entretanto, a experiência migratória dos brasileiros que estão indo para o Japão nas últimas décadas do século XX é diferente da dos japoneses que emigraram para o Brasil no início do mesmo século. Sim, eles são descendentes dos imigrantes japoneses, mas o contexto é bastante distinto²³¹.

Outro aspecto importante mencionado na fala de Christian se refere às formas de ter o contato com o país distante. Diversas estratégias foram elaboradas por membros da comunidade brasileira no Japão para manterem um vínculo com o que ocorria no Brasil durante sua ausência. Talvez, isso também fosse uma maneira de preservar na mente deles que sua estadia no Japão era temporária, e que o retorno ao Brasil era iminente.

Diferentemente dos imigrantes japoneses, os brasileiros viveram num contexto em que o retorno – ainda que não fosse o mesmo Brasil do momento da saída – era muito mais palpável do que para os seus antepassados, que vivenciaram as tensões das guerras e dos conflitos internos envolvendo membros da comunidade²³², dentre outros fatores. Considerando tal acesso à informação com o tempo relativamente curto de ausência – quando comparado com o fluxo imigratório para o Brasil –, pode-se inferir que as transformações do local de origem foram mínimas. Ainda assim, a fala de Christian leva a inferir que havia um

²³¹ SASAKI, Elisa. "A imigração para o Japão". In: *Estudos Avançados*, vol.20, n.57, São Paulo, Maio/Agosto 2006, pp. 99-117. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a09v2057.pdf>>. (Acesso em 05/10/2017), p. 111.

²³² Ver nota 108.

contraste entre os dois países, gerando até mesmo um estranhamento. Isso parece se evidenciar no seu primeiro retorno ao Brasil:

Nesse primeiro retorno, me senti voltando ao passado... Cheguei ao aeroporto, e minha impressão na época... É até um pouco pedante falar desse jeito, não sei, mas senti como se tudo parecesse meio sujo, sabe? O aeroporto, aquela poluição... Notei esse contraste quando cheguei aqui... E os carros velhos, né? Depois me acostumei, mas foi algo chocante no momento em que cheguei.

Christian Yuji Betim

O caso de Evandro é distinto por se tratar de uma criança, como tem sido reforçado até aqui, mas isso não quer dizer que ele também não tenha sofrido impactos com as diferenças entre os dois países. Aparentemente, são poucas as memórias de sua infância antes de ir ao Japão, mas elas são mais claras com relação ao retorno, pela questão do impacto causado a ele:

Acho que, visualmente, era muito bacana aquele conjunto habitacional [em que vivi no Japão]. Várias casas acopladas, do lado havia outro grupo de apartamentos, então seria uma espécie de minibairro dentro do bairro. Era tudo padrão, mas dava para distinguir. Isso é uma coisa que assusta quando se retorna ao Brasil. O primeiro impacto que tive quando cheguei aqui foi ver as pichações. Até então, eu não havia visto uma pichação.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

O colaborador sempre coloca em evidência a questão da organização que ele observava com relação a tudo no Japão, de modo a contrastar isso com o apreendido no Brasil. É como se o colaborador preservasse uma relação afetiva com o país, a ponto de estar presente na sua vida até os dias atuais, a partir de objetos preservados desde daquela época:

Além das fotos, guardo outras coisas, como o boné da escola, os videogames, um garfo do avião de volta pro Brasil... Coisas singelas. A memória do Japão está bem presente, não é preciso procurar muito para encontrá-la.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

William, por sua vez, não menciona aspectos do Brasil que ele encontrou ao retornar do Japão. Talvez, isso se dê pelo fato de que o colaborador tenha ficado lá durante pouco tempo (um ano e três meses), considerando que seu objetivo desde o início não era se estabelecer. Mesmo assim, a sua memória afetiva com o Brasil não foi algo que deixou de transparecer. Portanto, não há como imaginar a impressão de William ao retornar para o Brasil, porém, é possível de se inferir que o colaborador construiu, durante o período de ausência, um elo que o impediu de se desprender do seu país de origem:

Quando eu estava no Japão, sentia muita falta da família e dos amigos, pois eu queria estar presente. Nas festas que ocorriam aqui, eu estava lá... Só que isso também é coisa mal resolvida minha. Se eu estivesse curtindo o Japão, se eu estivesse pensando sobre o Japão... Eu não ia sentir saudade daqui. É porque uma parte de mim ainda estava aqui no Brasil.

William Tomio Shinkai

Quando perguntados sobre a eventual possibilidade de retornar ao Japão, os três colaboradores apresentaram reflexões similares:

No geral, eu gostei muito de morar lá. Gostei muito de ter vivido lá. Gostaria até mesmo que o Japão fosse mais próximo, para poder voltar! Pretendo voltar um dia, se um dia eu me tornar rico como professor... Ah, difícil! Mas quem sabe, né? Sempre que me perguntam: “e aí, conseguiu ficar rico lá?”, eu respondo: “vixe, só gastei!”. Se um dia eu tiver condições financeiras, volto para passear.

Christian Yuji Betim

(...) voltar para lá seria uma experiência fantástica! Rever os lugares que eu vi... No olhar de uma criança, o mundo é enorme. Você tem aquela admiração, aquela contemplação... E voltar agora seria romper com alguns mitos, que fazem parte da minha construção. Rever aquela cultura japonesa atualmente... Iria para voltar. Conhecer, fazer uma viagem, voltar com alguma coisa mais no lugar, talvez... E com certeza pela diversão! Aproveitar as outras dimensões da cultura, sabe?

Evandro Teruo Nishimaru Neves

Eu tenho vontade de voltar para o Japão, mas depende do que eu for fazer lá! Se for para ser *dekassegui*, não dá mais... Se você quiser viver no Japão com o que se ganha lá, é muito mal... Você terá uma qualidade de vida melhor do que a média brasileira, mas para as minhas próprias perspectivas, não é legal. (...) Mas acho que aproveitaria mais o Japão se meus amigos do Brasil fossem morar por lá. Com certeza! Seria muito melhor, daria para ficar mais tempo...

William Tomio Shinkai

Dessa maneira, percebe-se que as questões sobre o brasileiro no Japão se desdobram para diversos caminhos, e a experiência dos três colaboradores traz à tona muitos elementos que podem ser explorados sob diversas perspectivas. Uma vez que a presente proposta visa lidar com a perspectiva identitária, este foi o filtro utilizado para a seleção dos trechos apresentados até aqui – considerando que a construção identitária dos sujeitos é composta por diversos elementos, dentre os quais a relação com a alteridade e a relação com o próprio espaço e com o espaço do outro.

Ao trazer tais reflexões, tem-se ciência de que a ida ao Japão nem sempre é causada por apenas um motivo – geralmente associado ao trabalho. Além do interesse em ir ao país na condição de *dekassegui*, outros motivos podem permear tal ida, como por exemplo o “retorno” ao lugar de sua origem familiar ou a curiosidade de conhecê-lo com o olhar de um

estrangeiro. É importante apresentar tais distinções para que não se essencialize também a ideia de que o nipo-descendente só vai ao Japão para trabalhar. Como foi evidente nas três experiências apresentadas, esta questão está atrelada a outras questões, sobretudo os motivos para sair do Brasil.

3.5 A flor se desprende da cerejeira, mas carrega em si uma parte dela

Notou-se que as experiências apresentadas pelos colaboradores trazem na sua subjetividade diversas concepções de Japão construídas durante suas trajetórias – concepções essas que passam por processos de ressignificação conforme acontecimentos que ocorreram e ocorrem no decorrer da vida dessas pessoas. Em grande parte delas, os colaboradores tiveram preocupação em apresentar brevemente a trajetória de seus parentes, de maneira a separá-las para fins sistemáticos – principalmente por parte dos colaboradores mestiços.

Embora a proposta seja refletir sobre questões envolvendo o Japão, não se pode desconsiderar o tronco não nipônico dos colaboradores mestiços – visto que ele também interfere no processo de construção identitária do indivíduo a partir das relações. Essa dimensão apresentada é importante para refletir sobre a importância das histórias de família na configuração da identidade dos sujeitos – e, tal qual a convivência, pode ser um fator importante, pois os antecessores que vieram de outros locais são o “elo invisível” que existe entre o sujeito e a sua origem.

Assim sendo, este tópico é dedicado à manifestação destas pessoas tidas como emblemáticas na fala dos colaboradores. Em tópicos anteriores, algumas delas já apareceram, mas pelo viés da convivência. Aqui, a questão que importa é a narrativa da trajetória dessas pessoas a partir da memória dos colaboradores – que, seguindo a ideia de Pollak sobre as experiências vividas “por tabela”, também fazem parte da experiência dos mesmos, uma vez que eles apreendem tais memórias para si.

Nota-se, neste sentido, uma similaridade com a obra biográfica de José Yamashiro apresentada no primeiro capítulo, em que o autor traça a vida de seu pai, Riukiti, a partir de evidências documentais deixadas por ele. Porém, a diferença aqui é o suporte: os colaboradores se apoiam em uma “tradição oral” para rememorar a experiência de seus antecessores – em outras palavras, é como se as histórias contadas passassem a fazer parte das suas próprias trajetórias, criando assim um vínculo de continuidade que pode ter larga ou curta escala.

Antes de apresentar tais histórias, é deve-se notar que cada colaborador tem uma maneira de manifestar essas memórias compartilhadas por outrem – quando as manifesta. Enquanto alguns apresentam informações detalhadas, outros apresentam dados mais objetivos. Existem duas possibilidades para tal variação, e nenhuma delas pode ser tomada como conclusiva. A primeira se refere à relação existente entre os colaboradores e as referidas pessoas, que pode revelar um distanciamento ou uma aproximação; a segunda se refere ao próprio ato da entrevista.

Fazendo uma autorreflexão, realizar entrevistas implica o desenvolvimento e aprimoramento de tal prática dentro do viés da história oral – tanto para manter a “dinâmica” daquele momento dentro dos objetivos propostos quanto para saber os momentos certos de intervir. Neste sentido, tal ausência pode ser resultado deste processo de amadurecimento, que se deu organicamente com a realização das pesquisas.

De todo modo, é possível extrair alguns elementos importantes das entrevistas em que aparece este “tributo aos ancestrais”. O primeiro deles está associado aos motivos da saída ²³³. Neste âmbito, é pertinente apresentar primeiramente as memórias expostas pelos colaboradores Mike, Cristiane, André e Evandro:

Até onde eu sei sobre a história da minha família, e isso não foi algo que eu tenha perguntado diretamente à minha bisavó, ela veio ao Brasil na época da Segunda Guerra Mundial. Veio na condição de refugiada, provavelmente de navio, quando ainda era criança... Então ela cresceu no Brasil, mas sua família deve ter mantido as raízes japonesas de maneira mais forte aqui. Porém, eu nunca vivi próximo a eles...

Mike Jader de Oliveira Ramos

Meu pai, Masanori Shirayama, é filho de japoneses. Se não me engano, os pais dele, Jasutaru e Toyo Shirayama, vieram para cá por volta da década de 1920, para fugir da guerra. Vieram e foram morar em Araçatuba na condição de agricultores, mas exerciam outras profissões no Japão. Minha avó, Toyo, era professora. Tiveram vários filhos no Brasil, dos quais meu pai é o mais novo.

Cristiane de Melo Shirayama

Da parte de minha mãe, eu não sei direito quando meus parentes do Japão vieram. Da parte de pai, ele não soube me dizer precisamente, mas sua família veio ao Brasil entre 1937 e

²³³ Entre todas as entrevistas, a única que não oferece detalhes sobre tal questão é a do colaborador William. Isso se dá pelo fato de que, na época, seu pai também foi entrevistado para a pesquisa monográfica na sua presença. Então, muito do que se refere aos motivos da vinda possuem uma reflexão direta de quem vivenciou este momento.

1939. Por ser o mais novo da família, ele teve pouco contato com a história da família, pois quando nasceu meus avós já estavam há muito tempo no Brasil, e só parte dessas histórias foi transmitida. Mas ele afirma que foi entre esses dois anos, pois a data culmina com o momento da convocação para o exército japonês, né? Se juntar às forças armadas para iniciar o treinamento e ir para a guerra. Então quando a lista saiu no jornal local, meu avô saiu clandestino do Japão num navio de carga, e veio especificamente para o Brasil por ter um primo que já morava aqui.

André Massanori Okuma

Meu avô ia participar da Segunda Guerra — ele era da reserva. Não me ficou muito claro os motivos da vinda para cá. Minha avó dizia que o motivo era a falta de espaço lá, mas quando perguntei isso eu era uma criança, né? Deve haver outros motivos que desconheço.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

Falando um pouco sobre a família materna, meu avô se chama Tomoichi Matsuda, e minha avó, Ishie Matsuda — mas o sobrenome da família dela é Murai. Vieram do Japão para o Brasil em 1935, no terceiro navio que trouxe imigrantes japoneses, o *Arizona Maru*. Pelo que sei, eles vieram por opção mesmo.

(...) E lembrando agora, meu avô tinha muito receio de voltar. Isso porque, se não me engano, ele veio ao Brasil num momento em que a guerra estava começando se configurar. O receio dele era de voltar e ser tratado como desertor ou algo nesse sentido. Como ele era jovem, provavelmente teria idade para servir o exército, não sei... Mas não chegou a receber a carta de convocação, nem nada.

Christian Yuji Betim

Aqui, nota-se que os motivos de guerra são preponderantes entre os casos apresentados, e embora Mike e Evandro não apresentem uma data precisa, eles se referem ao evento da Segunda Guerra Mundial. O Japão, que estava diretamente envolvido nesta guerra, era na primeira metade do século XX um dos principais países de onde vinham imigrantes para o Brasil.

Não cabe aqui aprofundar as questões envolvendo as guerras, mas os motivos de vinda podem também configurar uma imagem sobre o Japão, que inclusive se perpetuou no cenário político brasileiro daquela época. Tal situação pode se equiparar à dos refugiados contemporâneos, que saem de zonas de conflito em busca de paz para suas famílias — mas, que chegando aos países receptores, acabam sendo associados aos conflitos das suas regiões de origem.

Além disso, quando se fala de imigração, e considerando Sayad como o principal referente a esta questão, geralmente ela está associada à ideia do trabalho. Porém, casos como o dos avós de Christian também existem, e também são referidos como imigrantes — tal como a experiência do colaborador em ir ao Japão. Ainda que, chegando ao destino, possam ser

direcionados a locais de trabalho, não se deve desconsiderar as motivações que envolvem a saída do país de origem. Portanto, o fato de os avós do colaborador terem vindo “por opção” salienta que eles não estavam necessariamente dentro de uma lógica do trabalho, mas fazendo o movimento oposto e utilizando tal lógica para atingir um objetivo: sair do Japão. Pela fala do colaborador, a iminência da guerra pode ter contribuído para a tomada de decisão.

Vejamos, agora, os casos dos demais colaboradores. A começar, é pertinente apresentar a situação de Emerson, cujo pouco contato com a história de sua família – e isso acaba, de certo modo, se refletindo na sua relação com o Japão:

Minha família nunca foi muito apegada à história, então tenho poucos relatos sobre o passado. Conheci apenas minha avó materna, e um pouco meu avô paterno, porque os outros avós já haviam falecido antes de eu nascer.

Via meu avô paterno apenas aos fins de semana, mas eu também era pequeno quando ele morreu. Eu devia ter entre sete e nove anos. Com minha avó materna, convivi até parte da adolescência, mas a gente também não conversava muito sobre família, essas coisas. Então não sei, por exemplo, a data em que meus bisavós maternos chegaram do Japão. Conheço muito pouco sobre esse aspecto, mas sei que veio bastante gente, muitos primos. Minha mãe nasceu em Oriente, perto de Marília. Posteriormente, a família veio para São Paulo.

Da parte de pai, apenas meu avô paterno era japonês. Minha avó paterna já era brasileira, e eles vieram de Campo Grande. Na verdade, nem sei se minha avó paterna veio para São Paulo, pois ela já era falecida antes de eu nascer. Então, não tenho lembranças, e também não me recordo de meu pai falar nada sobre isso.

Emerson Issa Kamiya

A ausência de lembranças passadas, contudo, não impossibilitou que o colaborador puxasse alguns elementos de reflexão sobre este passado. Como visto em tópico anterior, há uma salvaguarda destes resquícios de memória por parte do colaborador, que sabia da origem okinawana de seus parentes que vieram do Japão. É um aspecto a mencionar, e não se pode desconsiderar também que a convivência de Emerson com seus familiares de origem nipônica foi limitada – o que o impossibilitou de ter contatos mais efetivos com relação a esta história familiar. Situação similar ocorreu com o colaborador Mike, cujas lembranças se referem apenas ao que já foi apresentado, ainda que tenha havido esforço em encontrar a raiz dos motivos de vinda da sua bisavó ao Brasil.

As ausências evidenciadas nos casos de Emerson e Mike acabam gerando um contraste ao se apresentar o caso de Letícia, cuja avó materna teve presença providencial durante grande parte de sua trajetória. Segundo a colaboradora, Hisao adorava conversar e contar histórias de sua vida:

Ela, aliás, adorava conversar. (...) Assim, as poucas histórias que eu me lembro são as que ela mais repetia. Como ela veio para cá, como foi o começo da vida aqui, como conheceu meu avô...

Pelo que me lembro, ela dizia que a situação no Japão estava complicada, embora nunca tenha dado detalhes. Só dizia que estava impossível viver por lá. Então chegou aqui com doze anos de idade, com mais um irmão, ou mais uma irmã, não sei. Na última vez que fui ao Museu da Imigração, surgiu uma curiosidade de saber, e eu não faço ideia de como conseguir algumas informações. Eles possuem o registro de quem passou por lá, né? Sobre isso ela não chegou a falar.

Letícia Sakamoto Godoi

Embora a colaboradora não soubesse precisar o período em que sua avó chegou ao Brasil, é importante perceber que a situação apresentada no Japão naquele contexto se refere a um período de crise no país. A ausência de detalhes na fala da avó – que é intermediada por Letícia – implica um silêncio intencional. Não se deve deixar de vista que a colaboradora era uma criança quando ouvia essas histórias e, portanto, Hisao provavelmente não tocava em detalhes que pudessem envolver traumas. Ao mesmo tempo, considerando que ela veio ao Brasil na sua infância – tal como a maior parte dos antecessores dos colaboradores –, existe também a possibilidade de ter havido na construção de Hisao um esquecimento natural daquilo que talvez pudesse ser encarado como algo do qual não se vale a pena lembrar. As inferências são ilimitadas, mas não conclusivas. Sendo assim, tais afirmações se baseiam no material que se dispõe.

Considerando a história da imigração japonesa no Brasil e o fato de Hisao chegar ao país na sua infância, é quase certo que sua vinda tenha se dado antes da Segunda Guerra Mundial. Portanto, a vinda dela e de sua família não se deu por motivos de guerra, mas sim, por motivos de crise – ainda que o primeiro fator não se desassocie do segundo. Agora, é pertinente mencionar neste momento o caso do colaborador Lucas:

Meu avô, Motoo Teraoka, nasceu em 1924, e minha avó, Missao Moritani Teraoka, também nasceu em torno desse período. Sei que meu avô é da cidade de Tsuyama, localizada em *Okayama-ken*, mas minha avó eu não sei dizer. Vieram crianças para o Brasil, e se conheceram aqui. Sabe aqueles casamentos arranjados, os *mia*? Foi por esse sistema que eles se conheceram... Se não me engano, meu avô, que chamo de *jii-chan*, veio em 1932, e minha avó talvez tenha vindo até antes. Depois que se conheceram, ficaram morando no interior de São Paulo por um tempo. Moraram em Bastos, em Rancharia... Ai depois, foram para São José dos Campos. Nessa época, eles já tinham três filhos, e minha avó estava grávida do meu pai, que é o caçula.

Lucas Marzullo Teraoka

Da mesma forma que Letícia, não ficam claros os motivos da vinda dos avós paternos de Lucas para o Brasil, embora o contexto de vinda – década de 1930 – permita inferir as possibilidades da crise, do trabalho e do refúgio.

Por fim, a situação apontada por Janaína para fechar este ciclo:

Meu pai nasceu em Chiba, no Japão. Ouvi dizer que é uma pequena ilha. O nome dele é Yoshio Ogawa, e nasceu em dezessete de março de 1922. Aqui, ele adotou o nome de Carlos. Só o pessoal da família chamava ele de Yoshio mesmo. Veio ao Brasil em 1929, quando tinha sete anos de idade. Meus avós se chamam Nami e Yoshiharu Ogawa. Não conheci nenhum dos dois. Quando estavam vindo ao Brasil, minha avó estava grávida de gêmeos, e faleceu durante o trabalho de parto. Então estavam juntos dos meus avós a irmã da minha avó, meu pai e o meu tio Paulo.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Aqui, nota-se que os momentos relacionados à vinda estão mais centrados a partir do momento da viagem do que necessariamente os motivos da saída. Pela ausência do contato com os avós e pelo fato de o pai ser criança no momento da chegada ao Brasil, estas questões acabaram se perdendo. Mesmo assim, nota-se a preocupação da colaboradora em apresentar o máximo de informações possíveis, de modo a compensar tal ausência.

Com relação aos mestiços, é interessante também apontar a trajetória familiar do lado não nipônico – e de que maneira ela se manifesta na experiência deles. Começando pela colaboradora Cristiane,

(...) minha mãe, Josefa Maria de Melo Shirayama, é pernambucana, então ela não tem nada de japonês além do sobrenome. Ela é do interior do estado de Pernambuco, e vivia numa cidade muito pobre. Não tinha luz, banheiro, essas coisas né? Com treze anos, ela veio para São Paulo com uma tia para trabalhar em casas de família, sabe? Ela teve vários ofícios também, trabalhou em loja... Até que um dia ela conheceu meu pai, começaram a namorar, casaram... E aí ela virou dona de casa. A vida dela também foi bastante dura no começo.

Ela diz que, quando jovem, era bem bonita, recebia muita cantada... Também dizia que havia trabalhado bastante, e assim, se recorda muito da infância, né? Uma infância muito pobre, ela não podia ter bonecas... Por isso, até hoje quando ela vê, compra uma bonequinha. Como não teve na época de criança, é uma forma de compensar esta ausência, não sei.

Cristiane de Melo Shirayama

Observa-se neste ponto o fato de a colaboradora salientar que, de japonês, sua mãe tem apenas o sobrenome – de modo a evidenciar a brasilidade. Considerando a trajetória do pai, apresentada em tópico anterior, é de se compreender o distanciamento da colaboradora com relação ao universo japonês ao qual é atribuída por sua ascendência. A valorização da vitória

de seus pais frente a uma vida sofrida acaba transcendendo na percepção de Cristiane a questão de ser ou não ser japonês, ainda que esta não esteja desassociada do contexto.

No caso do colaborador Lucas, a questão familiar parece ter um peso maior para o lado japonês, considerando a objetividade com a qual se referiu à sua família materna, e a apresentação da família paterna do colaborador Christian ocorre da mesma maneira:

Eu não sei precisar quem é italiano na minha família, pois minha mãe nasceu no Brasil e meu avô materno também. Eu sei que alguém da família dela veio da Itália, mas quem exatamente, eu não sei. Se não me engano, talvez tenha sido o bisavô dela. Meus avós paternos, por outro lado, nasceram no Japão.

Lucas Marzullo Teraoka

Eu sou descendente de japoneses por parte de avós maternos, já que da parte de pai, há uma diversidade. Minha avó paterna é descendente de espanhóis, enquanto meu avô, de negros e indígenas.

Christian Yuji Betim

Em ambos os casos, nota-se a presença predominante da parte da família japonesa durante o desenvolvimento das entrevistas com Lucas e Christian. Isso acaba revelando, de maneira subjetiva, a relação identitária que os dois colaboradores possuem com o Japão a partir das figuras familiares – ainda que o sentimento de pertencimento de Lucas seja mais diluído do que o de Christian.

A partir do lado paterno da família de Evandro, é possível refletir sobre algumas questões que surgiram em tópico anterior, principalmente relacionadas às motivações de ida ao Japão. O colaborador dá uma breve descrição sobre a sua família paterna – porém, com um pouco mais de detalhes do que Lucas e Christian. Aparentemente, é marcante para Evandro a questão do pai ter passado por dificuldades, e de certa maneira, isso acaba também fazendo parte da sua própria construção enquanto sujeito, no sentido de delimitar as diferenças de geração:

Minha avó paterna viveu em Minas Gerais. Não sei exatamente onde, mas acredito que em Santa Rita... Sei que ela tinha uma fazenda, e se não me engano, tem entre oito e dez irmãos. Meu avô veio do Rio de Janeiro, seu nome era Walter, tal como o do meu irmão mais novo. Meu pai se deslocou bastante pela região sudeste (para citar algumas regiões paulistas, Barra Mansa e Mogi das Cruzes), e é o quarto filho. Passou alguns problemas na infância relacionados à fome, às condições precárias de vida, e por isso ele sempre valorizou muito os alimentos. A situação dele foi bem diferente da nossa geração.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

Um aspecto que foi percebido até aqui é como a relação dos colaboradores com a questão identitária acaba se refletindo até mesmo no momento em que falam sobre os seus antecessores – afinal, o fato de se falar mais sobre um lado da família do que do outro é revelador neste sentido. Isso acaba se configurando com a fala da colaboradora Letícia, que projeta no distanciamento físico o vínculo mais forte com a família de parte japonesa, e a fala da colaboradora Janaína acaba convergindo neste sentido a partir de uma dimensão cultural:

Da minha família paterna, já é mais complicado... Me recordo, no máximo, a partir dos meus avós – e o avô, já falecido... Mas tiveram sete filhos, dos quais meu pai é um deles. Não sei o nome do meu avô, mas minha avó se chama Leonor Godoi. Tem algum outro nome no meio, mas esqueci. Aliás, essa ausência de recordação com relação a meu avô pode se dar pelo fato de que o meu pai, Valter Godoi, nunca conversou sobre o assunto. Quando ele faleceu, meu pai tinha nove anos de idade, e desde essa época, não gosta de ir a velórios. Eu só fico sabendo do meu avô mesmo quando a família se reúne. Aí ocorre aquela nostalgia, de lembrarem que fazem não sei quantos anos do falecimento... E então as histórias começam a surgir.

Uma coisa que não mencionei é que essa parte da família é de Minas Gerais. Da cidade de Guaxupé. Então, desde pequena, uma ou duas vezes por ano eu vou visitá-los. Por isso, minha relação mais próxima foi com a família materna – principalmente, na figura da minha avó, com quem eu convivi praticamente todo dia.

Eu falo muito da minha família materna – e principalmente da minha avó – porque é a família com quem tenho mais contato. É a família que mora em São Paulo.

Letícia Sakamoto Godoi

Ela [minha mãe] nasceu em Fortaleza, no Ceará, e seus pais foram feirantes. Mas assim, eu sei mais das raízes familiares do meu pai do que da minha mãe, por uma questão cultural. Não sei se foi intencional, ou foi por questão de sobrevivência, pois há ainda em São Paulo aquela ideia de que o nordestino é inferior... Mas ela não possui o sotaque, embora ainda utilize de uns ditados antigos de lá. “Quem come do meu pirão prova do meu cinturão”, coisas assim.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Porém, ainda que Janaína tenha feito a afirmação apresentada acima, a riqueza de detalhes com a qual ela apresenta a trajetória da família de sua mãe é algo que merece destaque:

Se não me engano, ela [minha mãe] é a segunda filha mais nova dos meus avós. E, no total, são nove irmãos. Ela viveu em Fortaleza até os vinte e um anos, segundo me falou, e... Não tenho outras informações sobre ela, porque a família da minha mãe se espalhou. Eu tenho tios em Pernambuco, no Espírito Santo...

Minha mãe diz que os pais dela só queriam que ela estudasse, então passava o dia lendo enquanto eles trabalhavam duro. Eram analfabetos... Minha avó era neta de indígena, e meu

avô, mestiço de português com índio. Ele tinha um olho azul... Assim, eu vi fotos, pois não os conheci pessoalmente. Mas essas fotos eram de santinhos, de quando eles faleceram. Naquela época era uma prática corrente, fazer um cartão com foto 3x4 da pessoa, uma oração, os dias de nascimento e falecimento e a missa de sétimo dia. Então os dois, pelas fotos, aparentavam ter aquele tom de pele caramelizado quase indo para o negro, sabe?

E me recordo de minha mãe dizer que veio a São Paulo para acompanhar minha avó, que teve câncer no útero. Ela retirou a tromba, o útero, e já tinha quase sessenta anos. Depois de ela se tratar, minha mãe a embarcou no avião e ficou por aqui. Então não sei dizer se ela foi uma boa filha, ou se isso foi uma fuga, assim como não sei se meu pai foi um bom pai para meus quatro irmãos do seu primeiro casamento.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Nota-se, no exemplo citado acima, as estratégias que a colaboradora utilizou para construir a trajetória de seus familiares, mesmo não tendo o relacionamento direto com eles. A partir de uma composição baseada nas memórias de sua mãe e em fotos traz à tona a ideia de que, muitas vezes, elementos externos podem fazer emergir lembranças que, até então, podiam estar adormecidas – ainda que se trate de “vivências não vividas”. Sobre isso, é interessante a forma como o colaborador Evandro pondera essa relação da memória com as fotografias:

Como tenho fotos em casa desse período [da infância], não sei afirmar se eu construo minha memória a partir delas, ou se eu realmente vivi aquilo.

Temos até algumas fotos de recordação, mas na minha memória esses momentos não estão presentes.

Depois que voltamos do Japão, a foto virou um lugar. Eu não gostava de fotos, sempre saía mal nelas, mas as únicas fotos em casa são as fotos de lá. A viagem à Disney, o Lago Biwako... São fotos boas, sabe? Trazem uma época bacana, o cotidiano e etc.

Eu não queria tirar fotos, era criança. Neste sentido, meu pai se preocupou muito com a memória, né? Vira e mexe, posto uma no Facebook. Tenho saudades, são mais espontâneas que essas de hoje em dia, do tipo: “ah, vou tirar uma foto aqui”. Muitas fotos viraram um lugar banal.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

A fotografia, neste sentido, acaba sendo uma alegoria que pode representar também a memória dos familiares, a partir do momento em que elas passam a ser incorporadas na experiência de quem recorda. Entre o vivido e o não vivido, existe um grau de afetividade que faz com que aquilo faça parte da trajetória, e isto acaba mantendo o elo existente entre o presente e o passado.

Seguindo por este viés, a experiência dos familiares acaba, em certa medida, despertando um sentimento de pertencimento nos colaboradores. Afinal, a experiência vivida por estes familiares possui graus de importância ao serem rememorados. Neste sentido, pôde-se perceber por parte dos colaboradores uma tendência a descrever a trajetória dos seus familiares de matriz nipônica, uma vez que estavam em solo brasileiro. Infere-se, a partir disso, que de maneira subjetiva os colaboradores apresentam nas suas falas o processo de adaptação de seus familiares nipônicos no país receptor. Reflexo disso, por exemplo, são situações comuns apresentadas em algumas das falas sobre o retorno de parentes ao Japão:

Quando mais velho, meu pai pagou uma viagem para meus avós irem ao Japão, para passearem, mas eles retornaram ao Brasil.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Meu pai nunca foi ao Japão, mas meus avós chegaram a voltar. Eu já tinha nascido nessa época. Porém, eles não voltaram com o intuito de ficar por lá, só foram visitar mesmo. Coisa de uns três meses, mais ou menos. Eu era muito pequeno, então não sei dizer, mas acredito que tenham ido para visitar parentes, ou conhecer as cidades. A *baa-chan* sempre comeu comida japonesa na casa dela, até hoje. O interessante é que, quando ela foi para lá, ela estranhou a comida! Disse que o gosto era estranho, que não conseguia comer... Ela disse que a culinária mudou muito. Ou foi o paladar dela que mudou e se acostumou com a comida brasileira, é interessante isso aí.

Lucas Marzullo Teraoka

Sempre tive muita curiosidade de ir para lá, e teve um ano em que alguns representantes da província de *Mie-ken*, terra natal de meus avós, vieram ao Brasil para promover uma festa comemorativa a todos os imigrantes de *Mie-ken* que residiam aqui! Isso ocorreu mais ou menos em 1980, se não me engano, e já havia mais ou menos cinquenta anos que meus avós estavam no país. Fazia muito tempo, né? Eles ganharam até uma passagem de avião para voltarem ao Japão! Aí eles voltaram, passearam...

Christian Yuji Betim

Essas experiências acabam se assemelhando ao que Yamashiro apresenta em sua obra autobiográfica. O retorno dos imigrantes ao Japão, depois de anos vivendo no Brasil, marca o fechamento de um ciclo? Considerando os casos apresentados com a ideia de retorno proposta por Sayad, pode-se inferir que este retorno não se efetiva da maneira esperada, uma vez que o Japão se tornou outro país, diferente daquele vivo nas memórias. Ao mesmo tempo, as pessoas se transformaram durante seu período de ausência, de modo a criar um laço com o país receptor. A dialética da distância e da proximidade se faz presente, e o Japão que se mantém vivo já não é o Japão tal qual se configura na atualidade. O Japão dos imigrantes se tornou um lugar intangível, mas vivenciado a partir das lembranças. Portanto, não se trata

necessariamente de um retorno como desilusão, mas sim, de uma visita. O seu lar agora é o Brasil.

4.6 “Se aqui sou brasileiro, no Brasil sou japonês”: entre dois mundos ou o mundo entre dois espaços?

Foi possível observar diversas dimensões que fizeram parte da trajetória dos colaboradores com relação a pertencer a dois mundos, da mesma maneira que a porosidade de tal condição. A linha tênue entre ser brasileiro e ser japonês impossibilita a escolha por apenas uma identidade, mas isso não é necessariamente algo negativo. Não se deve desconsiderar também que, além de uma questão étnica, outras identidades fazem parte de um indivíduo, e se manifestam conforme as experiências vividas. Neste sentido, é importante traçar nas trajetórias os momentos em que os sujeitos se deparam com eventuais situações que os colocam frente a reflexões sobre si – considerando as condições variáveis de tais situações, geralmente associadas às relações sociais.

Sendo assim, não há como dissociar a discussão aqui proposta da infância dos colaboradores. Embora tal questão já tenha sido apontada em algumas das reflexões já realizadas, é importante trazê-la à tona a partir de uma macro dimensão das entrevistas como um todo. A maneira como este período da vida foi comentado possui uma diversidade, mas ainda assim revela aspectos que contribuem para uma reflexão conjunta. Algo a se destacar, por exemplo, é a associação direta da infância com as relações escolares. Primeiramente, é importante pensar nos casos de André, Janaína, Christian e Cristiane:

Assim, eu tive uma infância muito natural como brasileiro: as coisas que eu gostava eram as mesmas que os meus amigos. Ouvia rock, andava de skate... Nada muito oriental, mas de qualquer maneira, eu era sempre o “japa” da turma! O japonês, ou o chinês, ou o Jackie Chan, ou o Bruce Lee... E isso é muito engraçado, porque ao mesmo tempo em que eu me sentia meio deslocado por ser o japonês, eu não tinha contato tão forte com a colônia japonesa.

André Massanori Okuma

Assim, eu nunca sofri preconceito por ser japonesa, embora tenha sofrido *bullying* na escola. Coisas do tipo “japoronga”, “Jaspion”. Eu odeio esses personagens por isso.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Eu estudei numa escola particular de freiras, perto de casa. E não sei se muito, mas dava para sentir um pouco da discriminação que existia com japoneses, né? Tinha muito *bullying*. Eu sofri bastante — por ser descendente de japoneses, por ter nome japonês, e a molecada

não perdoava. Quando criança, eu tinha raiva de ser descendente de japoneses! Ficava pensando: “por que é assim?”. E olha que eu sou... Como dizem, metade brasileiro, né? Meus olhos não são muito puxados, mas o pessoal já zoava pra caramba! Só que depois de um tempo, o Japão virou moda. Quando eu era criança, o Japão era algo estranho. Hoje já é algo legal.

Christian Yuji Betim

(...) nunca tive amigos [na infância] que também fossem descendentes de japoneses. Isso levava as outras crianças a me incomodarem muito, de me chamarem de japonesa. Sempre inventavam algum apelido por causa do meu sobrenome... Quando estudamos a Guerra da Chibata, as pessoas associavam com meu sobrenome. Isso fazia com que eu me sentisse estranha, porque sempre pensei: “não sou japonesa”, mas ao mesmo tempo alguma coisa me diferenciava. As pessoas olhavam para mim e falavam que eu era diferente, não sei. Não era algo claro para mim. E como não havia essa convivência com outras japonesas, era muito estranho.

Cristiane de Melo Shirayama

Desde a escola, fui rotulado como japonês por pessoas que não descendem de japoneses. Me lembro que na primeira série, meu apelido era “chininha”, achava até engraçado. Não levava a mal... Acho que para mim, é difícil me identificar como japonês. Mas é claro que, quando ocorre alguma desavença em público, o estereótipo acaba sendo utilizado como estopim, né?

Emerson Issa Kamiya

Nota-se nos quatro fragmentos apresentados uma questão comum que envolve estereótipos atribuídos aos colaboradores por uma questão étnica – em alguns casos, de maneira até mesmo agressiva. Isso faz parte de uma experiência comum, ainda que cada colaborador a tenha vivenciado de uma maneira distinta. Afinal, considerando as reflexões realizadas até então, trata-se de relações de alteridade que, em muitos casos, confrontam a condição do próprio indivíduo, de modo a inseri-lo numa crise.

É emblemático, por exemplo, pensarmos no caso de André: um descendente de okinawanos que, embora não se identifique com os aspectos de tal cultura, é associado a tais referências – que, por sua vez, acabam sendo inseridas na categoria homogênea do “ser japonês”. Além disso, não é incomum associarem figuras de outros países asiáticos ao Japão – o que revela que a força de tal representação atinge outros grupos étnicos – como chineses e coreanos –, sobre o pretexto de que “é tudo igual”.

Tais representações, inclusive, geram até mesmo sentimento de recusa da própria condição, como pôde ser observado na fala de Christian. Situação parecida ocorreu com a colaboradora Cristiane: a experiência de infância de ambos carrega momentos de questionamento sobre o porquê de tais situações. Apesar disso, não se deve considerar que

este seja um fator comum. Afinal, nem todos passaram por tais experiências, pelo menos a ponto delas ficarem evidentes nas falas. Os casos de Mike, Emerson, Lucas, Letícia, Evandro e William podem trazer à tona outra perspectiva:

(...) os amigos de escola por exemplo. É que na verdade, eu não sei qual é o ponto de vista 100% do brasileiro, porque sou descendente, né? Então não tenho essa ótica de um brasileiro, mas pelo que eu podia notar, eu não era tão diferente deles, até porque eu não pareço muito com um japonês.

Mike Jader de Oliveira Ramos

Não me recordo muito bem da escola onde estudei antes da primeira série, mas da primeira à oitava série, estudei no Colégio Joseense, que fica no Jardim Oriente, bairro em que minha mãe cresceu. E lá tinha muito descendente de japoneses, né? Consequentemente, eles sempre fizeram parte da minha convivência. Por sala de aula, sempre tinha uns quatro ou cinco descendentes. Então nenhum era apelidado de japa, né? Se você apelidasse um assim, você vai apelidar todos! No ensino médio, eu mudei de escola, e aí já não tinha tantos descendentes, mas nesse bairro que eu mencionei, dependendo do ano, tinha pelo menos seis, sete, oito descendentes...

Lucas Marzullo Teraoka

Nos primeiros meses em que fiquei na escola [já no Brasil], foi bem tranquilo. O convívio com as crianças começava e terminava naquele espaço, e não havia tantas brincadeiras durante o ano: só uma festa junina, em que fui com meus pais, o próprio convívio, a dinâmica no pátio... E havia duas garotas que me paparicavam. Não sei, era algo no sentido de: “nossa, esse aqui é diferente”. Mas não tenho lembranças de amigos ali.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

A minha infância foi boa! Brincava, jogava muito videogame. Estudava muito... Sempre estudei bastante, na medida do possível. Só não hoje, né! Brincava muito com meus amigos, e só eu e meu primo éramos japoneses... Ah, tinha um vizinho que era japonês também. Os demais eram brasileiros, mas eles mesmos... Quando você é criança, eles não tiram sarro de você. Isso ocorre mais quando você entra na fase da adolescência. Acredito que neste momento ocorra a separação da criança, porque para ela, todo mundo é igual.

William Tomio Shinkai

Em tempos de escola, eu me lembro que não tinha muitos amigos, mas conversava com todo mundo. Apesar disso, eu era muito tímida. Naquela época, o local onde moro tinha muitas crianças, mas eu não me relacionava com elas. A minha avó materna, com quem mais convivi, não me deixava brincar muito na rua, pois acredito que a região já estava mais perigosa naquela época...

Letícia Sakamoto Godoi

Para os colaboradores referidos, parece que estes conflitos pouco existiram neste momento de suas vidas. Além do caso de Lucas, que viveu neste contexto em região com

presença nipônica numerosa – e talvez por isso não tenha vivenciado os conflitos que os primeiros colaboradores vivenciaram –, ainda há o caso peculiar de Mike: sem sobrenome japonês, sem traços marcantes e convivendo com amigos que também não possuíam nipo-ascendência. Evandro, por sua vez, também não evidencia conflitos por conta da etnicidade. Porém, ele traz à tona um elemento que também apareceu na fala do colaborador Christian: o interesse pelo diferente – no caso em questão é como se “ser japonês” deixasse de ser motivo para piadas e se tornasse uma característica positiva – o que não anula a primeira situação.

Além disso, a fala do colaborador William apresenta uma perspectiva que se opõe à das experiências vividas pelos colaboradores que passaram por algum tipo de situação incômoda pela sua ascendência. Porém, é de se considerar que William está, mais do que rememorando a passagem de sua infância, refletindo criticamente sobre aquele momento, de modo a se distanciar de si próprio, o que lhe permite um olhar de alteridade. Nas demais entrevistas, esse tipo de movimento pode ser percebido – e isso se dá, dentre outros fatores, pelo lugar social ocupado por eles, uma vez que sua formação crítica e universitária possibilita tais alçadas. Ao se observar melhor, a fala do colaborador Mike revela tal olhar, quando ele afirma conscientemente que não possui um olhar cem por cento de brasileiro por sua mestiçagem.

Por fim, o caso da colaboradora Letícia também revela a ausência de eventuais desconfortos no sentido étnico. Porém, a sua trajetória de vida durante este primeiro momento se reflete em mínimo convívio social, apesar do diálogo com diversas pessoas na escola. Portanto, pode-se inferir que, se houve ou não situações neste sentido, elas foram minimizadas pela colaboradora, que enfatizou a importância da sua avó durante a fase de infância / adolescência. Tal afirmação pode ser feita pelo fato de o tema surgir na fala da colaboradora em outras passagens da entrevista realizada com ela:

“Para passar no vestibular, mate um japonês”. Isso existe até hoje, mas ganhou tom de piada... Comentar sobre isso me faz lembrar que minha avó, sim, sofreu muito preconceito. Principalmente quando ela estava começando a falar o português. japoneses trocam o “L” pelo “R”, sabe? A fonética é diferente. Então, quando minha avó falava as coisas de maneira errada, as pessoas tiravam sarro ao invés de ajudarem ou corrigirem. Ela disse que o começo foi bem complicado...

Letícia Sakamoto Godoi

Considerando a trajetória de vida dos colaboradores, não foram poucos os momentos em que eles passaram por situações que os levaram a refletir acerca de sua identidade. Elas, na verdade, fazem parte de sua vida como um todo, e é inevitável que este questionamento seja constante e mutável, podendo adquirir distintas conotações – o paradoxo do próximo e do distante é o fator que mais se faz presente. Deve-se considerar ainda as peculiaridades dos

mestiços, que se inserem em um universo complexo de identidades que ultrapassa a questão do “ser japonês”, e a matriz cultural de suas diversas origens também faz parte de sua essência. O estranhamento e a atribuição de estereótipos, muitas vezes, é o que acaba trazendo esta reflexão à tona. Ao se observar as situações abaixo, isso fica claro:

E isso fora aquela obrigação que a gente tem de ser o melhor aluno, né? Se você não for, é um perdedor... Mas se for, você fica estigmatizado, comprova o senso comum e começa a sofrer preconceito do tipo: “Ah, é o *nerd*!”. Modéstia à parte, nunca tive dificuldade de conseguir as coisas. Mas mesmo assim, ficava com receio de sempre ir muito bem na escola e de sempre virar motivo de piada por isso. E ao mesmo tempo, se ia mal, era questionado pelo pai! Então outra sensação de vazio que eu tinha era a de não conseguir pertencer nem à casa, nem à escola.

André Massanori Okuma

E aí eu só lembro de ser filha de japonês quando os outro pressupõem uma coisa que é inata. Eu não tenho privilégios por ser japonesa, mas sofro de expectativas sim! Sofri isso na escola por muito tempo. Todo mundo espera o dez! Eu era bolsista, além de tudo, então eu tinha que ser a número um da sala o tempo inteiro! “Janaína é inteligente”. “Ah, você passa”. E se eu não passo? As pessoas pressupõem que eu vou mandar bem sempre.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

(...) Barretos, onde estudei no primeiro ano de faculdade. Uma amiga que conheci por lá disse que eu parecia aqueles japoneses que haviam saído de um *anime*! Que eu era muito expressiva e etc. Acredito que tenha sido influência dos meus amigos de escola, porque eles também são assim.

Letícia Sakamoto Godoi

Um dia, fui num restaurante japonês com amigos, e alguns nem são descendentes de japoneses. E gostavam mais de comida japonesa do que eu! Eles sabem apreciar melhor do que eu, talvez por um interesse particular com relação à cultura.

Mike Jader de Oliveira Ramos

Nos fragmentos extraídos, pode-se perceber diversas situações que colocam os colaboradores neste limbo identitário. O mais comum é a associação da figura do japonês com a característica disciplinada, a ponto de sempre haver cobranças neste sentido. É expressivo nas falas de André e Janaína que tais atribuições, inicialmente positivas, ganham caráter pejorativo e até mesmo nocivo para os nipo-descendentes, beirando a um determinismo étnico – ou uma condição inata, segundo a fala da colaboradora. A associação a personagens de *anime* também pode ser considerado um fator comum, como é evidenciado na situação vivida por Letícia. Juntamente a figuras simbólicas, como os samurais e as gueixas, estes personagens acabam fazendo parte do imaginário que envolve o Japão – muitas vezes se tornando apelidos direcionados aos nipo-descendentes, ainda que sem motivos evidentes para

além da associação ao país oriental. Vide a associação já mencionada de *Jaspion*, um personagem de *tokusatsu*²³⁴, à Janaína.

Ao mesmo tempo, percebe-se na colocação de Mike outra dimensão deste limbo: o fato de não se identificar com elementos culturais de sua ascendência, em contrapartida a de amigos que sequer possuem nipo-descendência. Embora não haja aí conotações estereotipantes que envolvam a figura de Mike, ainda assim nota-se um incômodo do colaborador, que subjetivamente a esta situação, parece identificar uma ausência cultural neste sentido por conta de sua trajetória familiar. De todo modo, o caso dele apresenta reviravoltas neste sentido.

Nota-se que é no cotidiano que surgem os questionamentos. Eles acabam se acentuando justamente em contraponto à naturalidade com a qual essas situações ocorrem por parte de sujeitos sem a nipo-descendência, por conta de essencialismos já existentes, que não distinguem por exemplo o okinawano do japonês ou o descendente de japoneses do brasileiro. As gerações nascidas dos imigrantes, em geral, acabam vivenciando essa experiência dupla. Segundo Thomson,

As narrativas dos filhos de migrantes também ressaltam os dilemas culturais e as tensões familiares experimentados por esta “segunda” geração. (...) a sensação de identidade dupla experimentada pelos filhos de migrantes pode ser ao mesmo tempo um recurso poderoso e uma luta dolorosa²³⁵.

É pertinente, frente aos exemplos citados, trazer à discussão o caráter crítico das reflexões dos colaboradores – evidenciado, por exemplo, na última fala destacada de William –, que permite visualizar a maneira como eles se veem frente a um mundo do qual ora fazem parte, ora não²³⁶. A trajetória do colaborador André foi carregada de conflitos neste sentido, pelo sentimento de não pertencer a um mundo no qual as pessoas o inseriam. É emblemático quando o colaborador fala sobre a divergência existente neste sentido com relação à experiência de um de seus irmãos:

²³⁴ Na tradução literal, “filme de efeitos especiais”. No Brasil, se popularizou pelas séries transmitidas nos canais abertos de televisão, cujos personagens são super-heróis que mesclam elementos tradicionais com tecnológicos.

²³⁵ THOMSON, Allistair. THOMSON, Allistair. “Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração”. In: *Revista Brasileira de História*. SP, vol. 22, n. 44, pp. 341-364, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14003.pdf>> (Acesso em 20/04/2012), p. 348.

²³⁶ Nas entrevistas, foi comum os colaboradores se referirem a si ora como brasileiros, ora como japoneses, dependendo das circunstâncias da fala e do que pretendiam falar.

Não sei especificar o momento em que isso ocorreu, mas meu avô possuía um *sanshin*, que é um instrumento tricórdio, e compõe-se essencialmente de uma caixa acústica forrada de couro de cobra ou de materiais sintéticos. Seria o *shamisen* de Okinawa. Ai minha avó o encontrou no meio dos pertences de meu avô, todo deteriorado. E esse irmão do meio, quando encontrou o *sanshin*, ficou interessado em arrumar ele. Ai ele mandou o *sanshin* para um *ojii-san*, ou seja, um senhor de idade, lá de Santo André que consertava. O corpo desse instrumento é de pele de cobra, trazido do Japão. Então o *ojii-san* reformou o instrumento inteiro do jeito que era. E meu irmão começou a tocar, frequentar aulas e meu, ele pirou! De um dia para o outro, ele virou o cara mais japonês do mundo! (...) E eu não, cara! Eu ia sim às festas, via meu irmão tocar, mas nunca senti uma grande afinidade em relação a isso.

André Massanori Okuma

Deve-se destacar que o fato de que grande parte dos colaboradores frequentaram os festivais culturais próximos de suas localidades – sem que isso signifique necessariamente se sentir parte daquela dinâmica social. Além disso, deve-se destacar que os festivais se diferem dos *kaikan*, que por sua vez são mais restritos à comunidade. Por efeito, isso acentua os questionamentos de André, que após diversas tentativas de lidar com isso, possivelmente encontrou uma resposta durante um evento cultural:

Eu estava num evento de cultura popular brasileira, e teve uma espécie de ciranda. Na hora, associei com outra dança de festa *okinawana*, que é o *kachashi*. É folclórico, mas é mais solto, não necessita de uma coreografia ou uma celebração ritualística, mas mesmo assim, existem algumas regras que devem ser obedecidas. E se for um brasileiro no meio do *kachashi*, todo mundo já estranha, né? E sempre tem algum brasileiro. (...) Fatalmente, sempre têm os brasileiros perdidos nos *kaikan*. E no momento do *kachashi*, eu percebia que em alguns momentos, havia o comentário: “O cara é *gaijin*”, sabe? *Gaijin* é um termo pejorativo para se referir ao estrangeiro, ou a pessoas não japonesas. Parece que se ele não estivesse lá, seria melhor. E na ciranda da cultura popular brasileira, você pode ser qualquer um cara, você pode entrar e não tem dança, coreografia, nada. É para você sentir! E foi numa ciranda que eu percebi: meu, eu sou brasileiro! Não sou *okinawano* nem japonês, isso não me interessa mais.

André Massanori Okuma

O tom enfático colocado pelo colaborador para evidenciar as diferenças culturais a partir deste exemplo é, em certa medida, reflexo da sua perspectiva identitária. O grau de conhecimento do colaborador acerca de expressões japonesas e okinawanas se torna um alicerce para a compreensão daquilo que ele conclui não fazer parte de sua construção identitária, ainda que seja óbvio que as transformações do mundo moderno também afetaram o Japão, que acabou internalizando muitos elementos da cultura ocidental, em contrapartida à visão idealizada de um país exclusivamente tradicional e apegado a valores seculares.

O colaborador Mike, por sua vez, passou por experiência oposta a de André. Enquanto o primeiro viveu aspectos da cultura preservada pelos japoneses mesmo não se sentindo parte daquilo, o segundo vivenciou a ausência deste contato, que passa a ser reparado por estímulo do próprio colaborador. A trajetória apresentada por Mike, em grande parte, enfatizou o desejo de ter vivido um pouco a cultura japonesa de seus familiares:

Acredito que se tivesse crescido mais próximo da parte japonesa de minha família, muita coisa seria diferente. Eu saberia separar melhor aquilo que eu gostaria de ser ou apreciar, sabe? Poderia ter pensado até com outra perspectiva sobre a possibilidade de viver no Japão. Porque admirar, eu admiro bastante, mas só agora com os meios de informação vou ter uma proximidade maior do que é esse país. Não que eu tenha vontade de ir lá para buscar informações, mas quando criança, eu não tinha essa opção. Não havia formas de contato, por tudo o que falei. Realmente, passei a sentir essa ausência a partir do momento que soube da minha outra família existente no Japão. Vou ter que correr, principalmente com o idioma, para poder me aproximar dela.

Mike Jader de Oliveira Ramos

A necessidade que o colaborador sente em “correr atrás do prejuízo” se dá, principalmente, pela boa relação que possui com seu pai, que vive no Japão. Uma vez que se estabeleceu por lá, constituiu família com outra nipo-brasileira e teve filhos – os irmãos de Mike ²³⁷. Ainda que o contato entre pai e filho tenha sido mantido desde a ida ao Japão, apenas nos últimos anos tal desejo se manifestou de maneira mais intensa – lembrando sempre que se trata de uma reflexão unida ao processo de rememoração. Mesmo assim, não se deve desconsiderar também que o colaborador teve contato com elementos simbólicos que se associam à imagem do Japão, tanto no cotidiano – com a transmissão de *anime* e os jogos de plataforma – quanto no convívio social. A fala do colaborador Lucas elucida que este contato, em contrapartida, não era exclusividade de nipo-descendentes. Afinal, o produto de exportação não possui público definido em termos étnicos:

Na escolinha, a gente falava de *Dragon Ball*, *Yu-Gi-Oh!*. Era normal falar sobre isso com quem convivi, mesmo eles não tendo ascendência. Então, eu acho que meu contato com o Japão é o mesmo contato que a maioria das pessoas possui. Não é tanto pela ascendência familiar...

²³⁷ Isto abre margem para outra dimensão da história que envolve a comunidade nipo-brasileira: os nipo-brasileiros que vão ao país e acabam permanecendo por lá, sem visar o retorno ao Brasil – embora as circunstâncias sejam distintas às dos imigrantes japoneses. Neste sentido, deve-se ter clareza de que há comunidades brasileiras numerosas, e grande parte dos colaboradores que tiveram a experiência de ir para lá viveram nessas comunidades.

Fico pensando aqui, a coisa faz parte do nosso cotidiano e nem paramos para pensar, né? Não percebemos, e acabamos naturalizando...

Lucas Marzullo Teraoka

A própria fala de Lucas revela o que o colaborador pensa nesses termos de identidade, e o fato de se colocar em um grupo mais amplo, ultrapassando os limites da ascendência nipônica, é emblemático para se refletir a respeito. A colaboradora Letícia, por sua vez, viveu rodeada destes elementos simbólicos, tanto pela convivência com sua avó quanto os próprios amigos e os ciclos de amizade. É importante destacar que, apesar do caráter ofensivo que carrega a associação do japonês ao chinês ou ao coreano – e vice-versa –, o consumo de produtos culturais é comum entre as gerações mais novas, que aparentemente não veem nisso um problema, ao contrário das primeiras. Assim, é emblemático apontar uma experiência que a colaboradora teve neste sentido:

(...) como minha avó faleceu depois que entrei no grupo [de dança de *k-pop*, ou pop coreano], ela nunca testemunhou isso. Mas minha mãe dizia: “sua avó está se revirando no caixão agora, por você ouvir esses coreanos!”. No primeiro ano, ela pegou muito no meu pé, mas principalmente por deixar de fazer coisas com a família para dançar. “Sua avó está revirando no caixão! As cinzas estão flutuando! Ela está vendo tudo!”. Mas fazer o quê, música coreana é legal, embora eu não ouça tanto de uns dois anos para cá.

Letícia Sakamoto Godoi

Aqui, fica claro o conflito de gerações pelo qual muitos nipo-descendentes também passam. Embora não seja uma questão central, é importante mencionar que a questão geracional implica também na relação dos colaboradores com essa identidade nipônica. Mike, que é da quarta geração, parece ser o colaborador que mais sentiu tal impacto – considerando também os demais motivos que o distanciaram deste universo. Porém, no caso dos colaboradores da terceira geração, isso também é visível. Vide os casos de Emerson e André, abordados em tópico anterior, com relação ao distanciamento de suas famílias das tradições. Certamente, trata-se de um paradoxo entre a escolha e a imposição – principalmente ao considerar a fala do colaborador André sobre o conservadorismo existente nos *kaikan*:

E dentro dos *kaikan* também existia esse tipo de relação [hierárquica]. Era quase um abismo entre a primeira e a segunda geração e, em alguns casos, da segunda para a terceira né? Na verdade, a terceira geração nem é considerada japonesa. Claro que a próxima geração, quando sobrar só a terceira geração, esse cenário vai mudar, mas agora é assim: vocês não são japoneses. Há certo desdém, mas é muito velado, né? Num discurso institucional isso não existe, mas na prática, é muito evidente.

André Massaori Okuma

Na referida fala, nota-se mais um aspecto que pode contribuir para os conflitos das gerações recentes: o fato de a terceira “nem ser considerada japonesa”, ao passo que a sociedade em geral não distingue as gerações, homogeneizando a categoria do “ser japonês”. Tais conflitos se acentuam em alguns casos referentes à experiência dos colaboradores mestiços, cujos traços orientais muitas vezes fazem com que sua outra ascendência seja invisível aos olhos de outros sujeitos, como se dá com a experiência vivida por Janaína:

Eu já passei por situações em que pessoas falaram mal do Nordeste perto de mim. “Esses nordestinos que não sabem votar”, colocando-os num status de mal instruídos, miseráveis, vagabundos... Usurpadores, que roubam o emprego dos paulistas. E fazem isso perto de mim sem saber que também sou filha de nordestina. Já passei por diversos estresses por conta disso, sabe? A ponto de responder: “prazer, usurpadora do seu emprego”.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

É sintomático perceber que tais situações afloram, neste tipo de situação, um sentimento múltiplo de identidade, que não se restringe ao “ser japonês” e “ser brasileiro”. A identidade é composta por camadas que não possuem uma forma definitiva: elas se sobrepõem conforme as circunstâncias. A identidade nordestina de Janaína se sobrepõe à identidade nipo-brasileira, quando ela foi colocada frente a uma situação de discriminação. A própria condição de nipo-descendente, aliás, é minimizada pela colaboradora na fase de sua vida que sucede a morte do pai – ainda que os estigmas acerca de seus traços físicos não permitam que ela se desvencilhe disso.

Dessa maneira, ao mesmo tempo em que algumas situações causam certo desconforto, elas paradoxalmente contribuem para a reflexão identitária dos colaboradores:

Uma coisa que sempre falo quando me dizem que sou japonesa: “Não, eu sou brasileira!”. De fato, sou brasileira: tenho documentação, nasci aqui... Mas também acho que existem coisas das quais não conseguimos fugir. Depois de muito tempo, a gente percebe que se identifica com algumas coisas. Eu possuo duas identificações fortes: pernambucana e japonesa. Além disso, também sou mulher...

Cristiane de Melo Shirayama

E aí que a gente vai percebendo a discrepância cultural do Mike: ele é um “baionês”, mistura de baiano com japonês, cujas referências culturais pendem para o lado americano!

Mike Jader de Oliveira Ramos

Então, eu me vejo mais como brasileiro. Num casamento que tinha churrasco e *sashimi*, eu comi o churrasco. Não vejo tantos filmes ou animes. No curso de desenho que fiz, todos desenhavam mangá, mas eu preferia os heróis americanos. Eu gosto de futebol, e mesmo

quando não é jogo do São Paulo, eu assisto. Gosto da música brasileira, do rock e do rap nacionais, sabe? No máximo, assisto algum anime mesmo. Por outro lado, sempre vou ter algum contato com a produção cultural do Japão. Mas, mesmo assim, apesar do pessoal brincar me chamando de japa, sou muito mais brasileiro.

Lucas Marzullo Teraoka

Mas assim, se você me perguntar sobre minha identidade... Eu vou falar que sou brasileira filha de japonês, mas mestiça. Não sou necessariamente *nissei*; eu sou mestiça. *Sushi* com pirão, sabe? E é muito mais pirão do que *sushi*.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

As copas do mundo que assisti com minha avó, por exemplo. Ela sempre torcia para o Japão, e eu cresci torcendo para o Japão. Assim como nos Jogos Olímpicos. E também tenho minha família brasileira de Guaxupé. Se alguém me fala que é de Minas Gerais, já sinto amor!

Letícia Sakamoto Godoi

Além disso, conforme foi possível perceber em alguns momentos, os próprios nipodescendentes criam representações sobre o Japão a partir de suas experiências de vida e o contato com aquilo que é tangível a eles. Dessa maneira, configura-se uma complexidade nesta questão identitária em que as representações à qual são atribuídos se encontram com as representações que eles mesmos criam – e essa conversão, de certo modo, acaba criando a ideia de Japão que constitui a experiência dos colaboradores.

Considerando a experiência no Japão, com o olhar de brasileiros, é inevitável pensar que ela também contribui para que exista um campo imaginário a partir das lembranças que remetem a tal período. Além disso, o Brasil ocupa espaço fundamental, considerando a dialética dos espaços:

Quando eu estava no Japão, sentia muita falta da família e dos amigos, pois eu queria estar presente. Nas festas que ocorriam aqui, eu estava lá... Só que isso também é coisa mal resolvida minha. Se eu estivesse curtindo o Japão, se eu estivesse pensando sobre o Japão... Eu não ia sentir saudade daqui. É porque uma parte de mim ainda estava aqui no Brasil.

William Tomio Shinkai

Eu sinto uma saudade do Japão. A escola, as pessoas, a organização, a falta de preocupação... Um mundo tão diferente, mas ao mesmo tempo tão próximo da forma como eu ajo e penso. Porém, essa saudade é ideal, não pode ser...

Evandro Teruo Nishimaru Neves

(...) de acordo com minha experiência de vida, me considero mais brasileiro. Isso porque, mesmo depois que eu morei no Japão, conseguindo assimilar bem a cultura japonesa, eu tenho amigos japoneses de lá, e mesmo gostando muito de lá... É como eu disse: gostaria que o Japão ficasse mais próximo para poder visitá-lo sempre. Eu acho que me considero cem

por cento brasileiro... Eu sinto como se o Brasil fosse realmente a minha casa, o lugar onde nasci, o lugar em que me desenvolvi, o lugar onde quero viver e morrer.

Christian Yuji Betim

À exceção do colaborador Evandro, que possui ligações afetivas com o Japão vivido na sua infância – mas tendo ciência de que as coisas mudaram daquela época para os dias atuais –, é possível notar nas falar de William e Christian um vínculo muito forte com o seu país de origem: Brasil. Neste sentido, a ilusão coletiva da presença temporária acaba influenciando, de certo modo, neste sentimento de querer retornar por uma questão de pertencimento ao lugar. Segundo Osman, “o lugar de origem tende a ser visto como “o ‘centro do mundo’”, particularmente se os laços de união continuarem fortalecidos, quanto maior for o vínculo emocional mantido”²³⁸. Talvez este sentimento, inclusive, se perpetue na experiência dos colaboradores que não foram ao Japão, justamente por ver este país não como o lugar de origem, mas sim, um lugar diferente. Em outras palavras: o Japão aos olhos de um estrangeiro.

Este olhar de alteridade, aliás, é o que permite inferir que os colaboradores conseguem fazer uma reflexão sobre a questão identitária tendo como pressuposto o distanciamento deste lugar, distante e próximo ao mesmo tempo. Quando colocada a questão “brasileiro ou japonês?”, foi comum que todos os colaboradores apresentassem a complexidade disso, de modo que seria impossível uma resposta definitiva. Porém, pela conjuntura das narrativas, fica clara que a relação é ambígua, mas não paritária:

(...) fico nesse dilema, e sinto que agora pertencço mais à cultura brasileira. A identidade brasileira é a minha identidade. Na aceitação do outro, na pluralidade... A questão da democracia das raças, apesar de existir essa hipocrisia, né? Mas percebo que esta “flexibilização” cultural é mais natural, né? (...) Simbolicamente falando, eu me sinto mais acolhido dentro da ciranda. Mas isso não está completamente resolvido em mim, pois ainda sinto uma culpa.

André Massanori Okuma

No meio dessa exposição, encontro pequenos fragmentos que fazem parte do meu jeito de pensar. É assustador: será que estou tentando compor uma identidade japonesa, ou preciso ver isso para poder repelir? É uma questão de identidade muito confusa.

Evandro Teruo Nishimaru Neves

²³⁸ OSMAN, Samira Adel. *Ente o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e História Oral de Vida*. São Paulo: USP, 2006. 555 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006, p.324-325.

Então, não vou dizer que tenho orgulho de ser brasileiro, e nem desgosto. É diferente, pois nunca me considerei japonês... Pelo que falei, a gente não tem nenhum apego às tradições. Não conheço direito o Japão, muito menos o idioma. Eu acho que me sinto na situação do *dekasegui*, que vai ao Japão e fica totalmente deslocado, porque... Ele é o quê? Um brasileiro ou um japonês? Ele não se acha um japonês porque sobre preconceito dos nativos de lá. Ao mesmo tempo, não sei como se sentem com relação à sua brasilidade. Se eu vou num evento de japoneses, eu vou ficar deslocado!

Emerson Issa Kamiya

(...) eu sou filha de nordestina! Como pirão, como polenta! Como cuscuz no café da manhã. Você me vê pelos olhos puxados, mas não sou feita apenas disso. Faço muita questão de valorizar o sangue nordestino que corre nas minhas veias.

Janaína (Mayumi) Araújo Ogawa

Pensar em quem sou não se desvincula do meu sentimento de pertencer, né? Ainda mais pelo cenário político atual. Não tem como eu não me sentir parte deste lugar que vivo, apesar de tudo o que ocorre. Não tem como eu não ter um carinho. Mas pensando no lado emocional, por mais que haja esse meu afastamento com relação ao Japão, eu sinto um carinho por ele mesmo não estando lá.

Letícia Sakamoto Godoi

Acho que ninguém é uma coisa só: somos parte de toda uma complexidade de identidades, e não dá para fugir disso. Então, pode ser apenas uma característica física, um detalhe, mas querendo ou não, isso te faz pertencer a esse mundo. Essa coisa de identidade... Stuart Hall fala das identidades, porque isso envolve outras questões. Mas sou brasileira, viu?

Cristiane de Melo Shirayama

Na faculdade, meus amigos me chamavam de japa. Ninguém se refere a mim como descendente de japoneses. Na escola, sou o professor japonês. Agora, se eu for ao Japão, eu sou o brasileiro! É um paradoxo, né? Aqui o cara é japonês, é chamado assim. Ai ele chega ao Japão, e chamam-no de brasileiro!

Lucas Marzullo Teraoka

Quando estive no Japão, conheci um rapaz que se tornou meu amigo, né? Também é descendente de japoneses, foi como *dekasegui*... E ele é rapper. E uma vez, ele escreveu um rap em que o refrão dizia o seguinte: "Se aqui sou brasileiro / no Brasil sou japonês / Se aqui sou brasileiro / no Brasil sou japonês". É o que realmente a gente sente. Aqui no Brasil, somos japoneses. E lá no Japão, somos considerados brasileiros. Ai fica essa crise de identidade, né?

Christian Yuji Betim

(...) pensando no lado fútil da questão, eu adoro um bom hambúrguer de bacon. Então minha motivação para reparar esse desfalque cultural tem por base minha família constituída no Japão por meu pai: não quero ser um desconhecido para meus próprios irmãos.

Mike Jader de Oliveira Ramos

A partir de tudo o que falei e reformulei... Sou do mundo! Eu sou brasileiro, eu sou japonês, pouco me importa!

William Tomio Shinkai

Tendo em vista tais colocações – e destacando a diversidade das formulações –, trata-se de uma condição da qual é difícil obter uma afirmação definitiva, ainda que haja convicção. No sentido racional, a resposta pode existir, mas a questão identitária é subjetiva, porosa e passível de mutações revogáveis. Afinal, a identidade é reflexo da condição humana, e tal qual, não é estática. Afinal, os membros da comunidade se dispõem a pertencer a dois lugares – no sentido de nacionalidade –, por mais que a força das representações desequilibre a balança desta identidade hifenizada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: DE QUAL “JAPÃO” ESTAMOS FALANDO?

Afinal, de qual Japão se trata? O que pensamos ou sabemos como dado naturalizado sobre esse país? E o que desconhecemos sobre pontos cotidianos da vida artística e cultural da população japonesa, que até hoje a tornam especialmente significativa aos nossos olhos ocidentais? ²³⁹

Pode-se perceber que a relação dos colaboradores com sua identidade em um primeiro momento é baseada no processo de autoconhecimento a partir da interação com outros sujeitos, ainda que cada um deles possua experiências distintas. Assim, é importante enfatizar que, em todos os casos, a questão do “ser japonês” ou “ser brasileiro” está presente, mesmo que tenha sido uma questão colocada a partir do olhar do outro – tendo consciência do processo mútuo de rememoração e reflexão dos colaboradores no momento de realização das entrevistas.

A interação social acaba sendo, em diversos momentos, o principal elemento que traz à tona os questionamentos presentes na fala dos colaboradores no que se refere à questão de pertencimento e identidade. Na passagem para a vida adulta, passando pelas experiências familiares e sociais da infância, esta questão começa a se solidificar de maneira mais evidente – uma vez que a perspectiva da criança esteja mais amparada no sensitivo do que no racional. Além disso, não se pode desconsiderar também que, com a evolução dos meios de comunicação e a produção cultural para importação/exportação em alta, o Japão se torna cada vez mais presente no cotidiano da sociedade brasileira, ocupando o espaço dos bens de consumo e da indústria do entretenimento, com a transmissão de *animes* em canais abertos de televisão.

O Japão, ao exportar tais produtos – principalmente no âmbito cultural –, consequentemente contribui para que emergam diversos olhares sobre o país. Em outras palavras: o Japão também constrói representações de si – e é paradoxal pensar como essas representações acabam fazendo parte da fala dos colaboradores, que consomem tais produtos como brasileiros e não como japoneses. Portanto, não foi incomum que elementos como o Super Nintendo ou as séries animadas (*Pokémon*, *Dragon Ball*, etc.) surgissem nas falas quando se foi questionada sobre a relação com o Japão.

²³⁹ MIRANDA, Danilo Santos de. “Lugares imaginários e identidades: recortes de uma travessia cultural”. In: GREINER, Christine; FERNANDES, Ricardo M. (orgs.). *Tokyogaqui: um Japão imaginado*. SP: Edições SESC SP, 2008, p. 07.

Porém, não se pode perder de vista que grande parte da comunidade japonesa no Brasil também se mobilizou para salvaguardar a cultura que trouxeram de seu país. Portanto, o surgimento das associações e a elaboração de espaços de sociabilização também carregam um pouco do Japão, ainda que com o tempo e a integração da comunidade, tais elementos tenham sido ressignificados e transformados. Os festivais culturais, neste sentido, acabam aproximando o brasileiro daquilo que se pode considerar uma das facetas deste Japão imaginário e de tantas definições.

De modo a romper com a categoria homogênea do “japonês”, visou-se uma análise que desfragmentasse tal concepção, de modo a salientar as tensões que estão por trás de tal essencialismo. Neste sentido, emergem as diversas dimensões deste universo, como a figura do okinawano e do mestiço – sem perder de vista que os colaboradores, antes de mais nada, são de nacionalidade brasileira.

O mestiço, aliás, acaba sendo reflexo da inserção da comunidade japonesa no cenário social brasileiro – ainda que a figura do japonês seja predominante em muitos dos casos, gerando desconfortos.

Ao mesmo tempo, deve-se considerar que o Japão também produz imaginários sobre os outros países – dentre os quais, o Brasil. A experiência *dekassegui*, em muitos casos, traz à tona tal perspectiva. De certo modo, isso tenciona mais a relação do nipo-descendente com a sua identidade, uma vez que o caráter de estrangeirismo é atribuído a ele independentemente do lugar: japonês no Brasil e brasileiro no Japão.

A questão que envolve o universo feminino também abre margem para possíveis reflexões: o conservadorismo japonês, muitas vezes emergente na fala dos colaboradores, implica nas entrelinhas a questão do olhar sobre a mulher em um universo machista. As dimensões de tal machismo, de certo modo, acabam implicando numa perspectiva negativa sobre o Japão, que dentre diversos aspectos, se revela como um país cheio de contradições. A convivência entre tradição e modernidade, até então vista como um aspecto positivo, revela também problemas de cunho social que nos faz questionar até que ponto idealizar um lugar não oculta a sua dimensão problemática. É com o olhar de alteridade, por parte dos colaboradores, que tal dimensão pôde ser evidenciada.

Além disso, as memórias dos antepassados contribuem para que este Japão imaginado se configure na perspectiva dos colaboradores. Ainda que, em muitos casos, prevaleçam as memórias da imigração e não do Japão, elas existem na experiência vivida dos imigrantes a

partir dos símbolos presentes no cotidiano – como livros, altares e até mesmo o próprio idioma.

Afinal, que Japão é este presente na memória dos colaboradores? Este Japão multifacetado, que ora se aproxima, ora se distancia em termos sentimentais? Nas narrativas analisadas, é um lugar que transita entre o imaginado e o empírico – mesmo para aqueles que não tiveram a experiência direta no próprio país. Os que tiveram tal experiência deixaram aflorar ali o seu pertencimento ao Brasil, por mais que tivessem desenvolvido uma relação afetiva com o Japão.

Numa perspectiva identitária, foi possível perceber que a relação com o país existe, independentemente de haver ou não um sentimento de pertença. Porém, tal relação nem sempre se associa a uma ideia de “ser japonês”, mas sim, de consumir os produtos culturais que o Japão exporta. Neste sentido, os nipo-descendentes observam o Japão ora com os olhos de um estrangeiro, ora como pertencentes a um grupo minoritário, mesmo sem se identificar com ele – mas quase nunca como “japoneses”. Mesmo nos momentos em que se afirmam como tal, trata-se de uma identificação simbólica.

Dessa maneira, muitas concepções de “Japão” acabam fazendo parte das trajetórias de vida dos colaboradores: o Japão do trabalho; o Japão moderno / tecnológico; o Japão das tradições; o Japão machista; o Japão da indústria cultural; o Japão da memória dos antepassados, etc. Da mesma forma que o indivíduo é composto de múltiplas identidades, o Japão também se compõe de múltiplas facetas. A construção do Japão, portanto, é um reflexo da construção identitária – e a dimensão de tais construções se associa com o grau de pertencimento do indivíduo com este lugar.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

- AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8º ed. RJ: Editora FGV, 2006.
- ARQUIVO Público do Estado de São Paulo. *Kasato-Maru. Uma viagem pela história da imigração japonesa*. SP: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2009.
- BACZKO, Bronislaw. “A imaginação social” In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos-Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 198.
- BARROS, José D’Assunção. *O tempo dos historiadores*. SP: Editora Vozes, 2013.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. RJ: Jorge Zahar, 2005.
- BELTRÃO, Kaizô Iwakami; SUGAHARA, Sonoe. "Permanentemente temporário: dekassegus brasileiros no Japão". In: *Revista brasileira de Estudos Populacionais*. São Paulo, vol. 23, n. 1, p.61-85, jan./jun. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbepop/v23n1/v23n1a05.pdf>> (Acesso em 07/02/2014).
- BOSCHILIA, Roseli. “Memória e subjetividade em relatos de imigrantes portugueses”. In: LAVERDI, Robson... [et. al] (orgs.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. “A ilusão biográfica”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8º ed. RJ: Editora FGV, 2006.
- CARNEIRO, José Fernando. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, Cadeira de Geografia do Brasil, 1950. Publicação avulsa.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. “A Biotipia do Imigrante Ideal: Nem Negro, nem Semita, nem Japonês”. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Márcia Yumi (orgs.). *Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: EDUSP, p. 63-96, 2010.
- CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.
- CEHIJB - Comissão de Elaboração da História dos 80 anos da Imigração Japonesa no Brasil (org.). *Uma epopéia moderna: 80 anos da imigração japonesa no Brasil*. SP: HUCITEC: Sociedade Brasileira de Cultura Japonesa, 1992.
- CORNEJO, Carlos; TAKEUCHI, Marcia Yumi. *Kasato-Maru: A Alvorada do Novo Mundo*. SP: Companhia Editora Nacional, 2012.
- CRUIKSHANK, Julie. “Tradição oral e história oral: revendo algumas questões”. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8º ed. RJ: Editora FGV, 2006.

CYTRYNOWICZ, Roney. *Guerra sem guerra – a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial*. SP: Edusp, 2000.

DAIGO, Masao. *A Mata das Ilusões - Mori no Yume*. NINOMIYA, Sonia Regina L. (tradução). São Paulo: Aliança Cultural Brasil-Japão, 1997.

DEZEM, Rogério. *Matizes do “Amarelo”: A gênese dos discursos sobre os Orientais no Brasil (1878-1908)*. SP: Humanitas, 2005.

DIEGUES JR., Manuel. *Imigração, urbanização e industrialização*. Rio de Janeiro: CBPE/INEP, 1964.

DO VALE, Renata William Santos. “Exposição “Japão, Brasil: Centenário de um encontro””. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Marcia Yumi (orgs.). *Imigrantes Japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

EISENSTADT, Shmuel Noah. *The Absorption of Immigrants: A Comparative Study Based Mainly on the Jewish Community in Palestine and the State of Israel*. London: Routledge & Kegan Paul, 1954.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Tradução de Vera Ribeiro. RJ: Jorge Zahar, 2000.

FEDERAÇÃO de Sakura e Ipê do Brasil. *Cultivando uma semente da amizade entre Japão e Brasil. Sakura: os passos de 30 anos vistos em fotos 1978-2008*. Livro comemorativo do 30º aniversário do Bosque das Cerejeiras do Parque do Carmo. SP: Paulo's Gráfica, 2008.

FREUND, Alexander. “Migração, memória e identidade: relatos de história oral no contexto de histórias familiares e nacionais”. Tradução de Adriano Steffler. In: LAVERDI, Robson [et al.] (orgs.). *História oral, desigualdades e diferenças*. Recife: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

GONÇALVES, Hiranclair Rosa. "Igreja Messiânica Mundial e suas dissidências: a Religião de Mokiiti Okada no Brasil". In: *Revista Nures*, n.9, ano 4, maio/set. 2008. Disponível em: <http://www.pucsp.br/revistanures/revista9/nures9_goncalves.pdf> (Acesso em 12/12/2017).

GREINER, Christine; FERNANDES, Ricardo M. (orgs.). *Tokyogaqui: um Japão imaginado*. SP: Edições SESC SP, 2008.

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. SP: Centauro, 2003.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 10ª edição. RJ: DP & A., 2005

HANDA, Tomoo. *O Imigrante Japonês – História de sua vida no Brasil*. SP: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1987.

HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO; Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008.

HATUGAI, Érica Rosa. *A medida das coisas: Etnografia de uma japonesidade*. SP: Novas Edições Acadêmicas, 2013.

KIMURA, Rosangela. *Políticas restritivas aos japoneses no estado do Paraná 1930-1950 (De cores proibidas ao perigo amarelo)*. 2006. 196 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Educação e Cultura: Brasil e Japão*. SP: EDUSP, 2012.

LASK, Tomke. "Imigração brasileira no Japão: o mito da volta e a preservação da identidade". In: *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 6, n.14, pp.71-92, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a04.pdf>> (Acesso em 02/10/2017).

LAVERDI, Robson... [et. al] (orgs.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, 2012.

LEFEBVRE, Henri. *La Presencia y La Ausência: contribución a la teoria de las representaciones*. México (D.F.): Fondo de Cultura Econômica, 1983, p. 20.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. ZIMBRES, Patrícia de Queiroz C. (trad.) SP: UNESP, 2001.

_____. "Reflexões sobre (codi) nomes e etnicidade em São Paulo". In: *Revista de Antropologia*. SP, USP, v. 51, n. 1, pp. 267-281, 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ra/article/download/27308/29080>> (Acesso em 27/10/2013).

LEVI, Giovanni. "Usos da Biografia". In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (orgs.). *Usos & Abusos da História Oral*. 8º ed. RJ: Editora FGV, 2006.

MEIHY, José Carlos S. B. "Definindo História Oral e Memória". In: *Cadernos CERU*. SP, n. 5, série 2, pp. 52-60, 1994. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ceru/article/download/74703/78299>> (Acesso em 24/05/2014).

_____. *Manual de História Oral*. 5º ed. SP: Loyola, 2005.

MIRANDA, Danilo Santos de. "Lugares imaginários e identidades: recortes de uma travessia cultural". In: GREINER, Christine; FERNANDES, Ricardo M. (orgs.). *Tokyogaqui: um Japão imaginado*. SP: Edições SESC SP, 2008.

MOTOYAMA, Shozo. "O Museu Histórico da Imigração Japonesa no Brasil". In: *Comunicação & Educação. Revista do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP. Dossiê Políticas Públicas, televisão e infância: interfaces educacionais*, SP, v.13, n.3, set/dez 2008. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/43277>> (Acesso em 09/12/2016).

NAKASHIMA, César Kenzo. *Imigrantes japoneses do pós-guerra e descendentes: a (re)construção de uma identidade*. 2013. 129 f. Monografia (Bacharelado/Licenciatura em História) - Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos.

NUCCI, Priscila. *Os intelectuais diante do racismo antinipônico no Brasil: textos e silêncios*. 2000. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

OCADA, Fabio Kazuo. “Memórias da Imigração Japonesa no Brasil: Uma Análise dos Valores Presentes na Identidade Étnica Nipo-Brasileira”. In: KISHIMOTO, Tizuko Morchida; DEMARTINI, Zeila de Brito F. *Educação e Cultura: Brasil e Japão*. SP: EDUSP, 2012.

OSMAN, Samira Adel. *Ente o Líbano e o Brasil: dinâmica migratória e História Oral de Vida*. São Paulo: USP, 2006. 555 f. Tese (Doutorado em História). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

_____. *Imigração árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses muçulmanos e cristãos*. SP: Xamã, 2011.

PAIVA, Odair da Cruz. *Migrações Internacionais para o Brasil – Representações 1947-1978*. Campinas: UNICAMP, 2010. 137 f. Relatório Final (Pós-Doutorado). Núcleo de Estudos de População – NEPO – Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

_____. “Imigração, patrimônio cultural e turismo no Brasil”. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. Sér. v.23. n.2. p. 211-237. jul.- dez. 2015.

PIRES, Ricardo Sorgon. *Os outros japoneses: festivais e construção identitária na comunidade okinawana da cidade de São Paulo*. SP: USP, 2016. 328 f. Tese (Doutorado em História Social). Programa de Pós-Graduação em História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*. RJ, v. 2, n. 3, pp. 03-15, 1989. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2278/1417>> (Acesso em 11/04/2012).

_____. “Memória e Identidade Social”. In: *Estudos Históricos*. RJ, vol. 5 nº 10, 1992. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>> (Acesso em 11/04/2012).

RIVAS, Zelideth María. “Entremeado: Literatura jun-nissei no Brasil”. HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO; Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008.

SAITO, Hiroshi; MAEYAMA, Takashi (orgs.). *Assimilação e integração dos japoneses no Brasil*. Petrópolis: Vozes; SP: Edusp, 1973.

SAKURAI, Célia. *Tensões dentro de um mesmo grupo: os japoneses do pós-guerra e os antigos imigrantes*. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em Caxambu - MG, de 20 a 24 de Setembro de 2004. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/site_eventos_abep/PDF/ABEP2004_599.pdf> (Acesso em: 21/04/2012).

_____. *Os Japoneses*. 1º ed. SP: Contexto, 2008.

_____. "A imigração dos japoneses para o Brasil no pós-guerra (1950-1980)". In: HASHIMOTO, Francisco; TANNO, Janete Leiko; OKAMOTO, Monica Setuyo (orgs.). *Cem anos da imigração japonesa: história, memória e arte*. SP: ed. UNESP, 2008.

_____. "A Chegada do Kasato-Maru e o contexto das migrações japonesas (1908-1970)". In: *Kasato-Maru: Uma viagem pela história da imigração japonesa*. Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2009.

SASAKI, Elisa. "A imigração para o Japão". In: *Estudos Avançados*, vol.20, n.57, São Paulo, Maio/Agosto 2006, pp.99-117. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v20n57/a09v2057.pdf>>. (Acesso em 05/10/2017).

SAYAD, Abdelmalek. *A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade*. SP: EDUSP, 1998.

_____. "O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante". In: *Travessia: Revista do Imigrante*. SP, v. 13, n. especial, jan. 2000.

SCHMIDT, Benito Bisso. "Do que falamos quando empregamos o termo "subjetividade" na prática da história oral?". In: LAVERDI, Robson... [et. al] (orgs.). *História Oral: desigualdades e diferenças*. Recife/PE: Ed. Universitária da UFPE; Florianópolis/SC: Ed. da UFSC, 2012.

SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007

_____. "Os estudos da imigração no Brasil: notas sobre uma produção interdisciplinar". In: SEYFERTH, Giralda... [et al.] (orgs.). *Mundos em Movimento: Ensaio Sobre Migrações*. Santa Maria: ed. UFSM, 2007, pp. 15-44.

SHINDO, Tsugio. *Passos da Imigração Japonesa no Brasil*. SP: Associação Cultural Recreativa Akita Kenjin do Brasil, 1999.

SHIODA, Cecilia Kimie Jo; YOSHIURA, Eunice Vaz; NAGAE, Neide Hissae. *Dô – Caminho da arte: do belo do Japão ao Brasil*. SP: Editora UNESP, 2013.

SHIZUNO, Elena Camargo. *Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: os imigrantes japoneses e a DOPS na década de 40*. Curitiba: UFPR, 2001. 175 f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2001.

_____. *Os imigrantes japoneses na Segunda Guerra Mundial: bandeirantes do oriente ou perigo amarelo no Brasil*. Londrina: EDUEL, 2010.

_____. "Bandeirantes do Oriente ou Perigo Amarelo: Os Imigrantes Japoneses e o Dops". In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci; TAKEUCHI, Márcia Yumi (orgs.). *Imigrantes japoneses no Brasil: Trajetória, Imaginário e Memória*. SP: EDUSP, p. 123-148, 2010.

SPREAFICO, Andrea. "O que quer dizer "integração" ns sociedades de imigração?". In: *Sociedade e Cultura*. Goiânia, v.12, n.1, p.127-138, jan./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fchf/article/viewFile/6905/4935>> (Acesso em 13/02.2017).

TAKEUCHI, Márcia Yumi. *O perigo amarelo: imagens do mito, realidade do preconceito (1920-1945)*. SP: Humanitas, 2008.

THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser*. RJ: Zahar, 1981.

THOMSON, Allistair. "Histórias (co) movedoras: história oral e estudos de migração". In: *Revista Brasileira de História*. SP. Vol. 22, nº 44, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14003.pdf>> (Acesso em 20/04/2012).

TUAN, Yi Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. SP: Difel, 1983.

WAIBEL, Leo. *Capítulos de geografia tropical e do Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, 1998.

WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional; Brasília: INL, 1946.

_____. *Assimilação de populações marginais no Brasil*. São Paulo: Cia. Ed. Nacional, 1940.

YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994.

YAMASHIRO, José. *Trajetória de Duas Vidas: Uma história de imigração e integração*. SP: Aliança Cultural Brasil-Japão & Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1996.

Sites consultados

ACCIJB. *Site Oficial da Associação para Comemoração do Centenário da Imigração Japonesa no Brasil*. Disponível em: <http://www.centenario2008.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=483&Itemid=33> (Acesso em 08/11/2016).

ASSOCIAÇÃO Okinawa Vila Carrão. *Site Oficial da AOVC*. Disponível em: <<http://www.aovc.com.br/>> (Acesso em 06/12/2017).

BRASIL. *Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1934*. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1930-1939/constituicao-1934-16-julho-1934-365196-publicacaooriginal-1-pl.html>> (Acesso em 02/12/2016).

BRASIL. *Decreto nº 52.920, de 22 de novembro de 1963. Promulga o Acôrd de Migração e Colonização Brasil-Japão*. Disponível em: <<http://legis.senado.gov.br/legislacao/ListaTextoIntegral.action?id=88753>> (Acesso em 18/11/2016).

CULTURA Japonesa.com.br. *Entrevista de Shigeaki Ueki concedida à Revista Nippon nº 2, em 1997*. Disponível em: <http://www.culturajaponesa.com.br/?page_id=624> (Acesso em 04/01/2017).

DIAS, Valéria. “Livro traz perfil extensivo da imigração japonesa no Brasil”. *Agência USP de Notícias*. São Paulo, 25 mar. 2011. Disponível em: <<https://www.usp.br/agen/?p=51299>> (Acesso em 10/12/2016).

GALERIA do Samba. *100 Anos de Imigração Japonesa no Brasil - Tem Pagode no Maru*. Disponível em: <<http://www.galeriadosamba.com.br/carnavais/unidos-do-porto-da-pedra/2008/21/>> (Acesso em 01/12/2016).

IGREJA Messiânica Mundial do Brasil. Disponível em: <<http://www.messianica.org.br/>> (Acesso em 03/06/2016).

LIMA, Mário Sérgio. "Carnaval 2008: Vila Maria celebra 'japoneses do Brasil'". In: FGV EAESP - Centro de Estudos em Sustentabilidade. São Paulo, 01 fev. 2008. Disponível em: <<http://gvces.com.br/carnaval-2008-vila-maria-celebra-japoneses-do-brasil?locale=pt-br>> (Acesso em 01/12/2016).

MANABU Mabe. Disponível em: <<http://www.mabe.com.br/>> (Acesso em 07/01/2017).

NIKKEY Shimbun e Jornal Nippak comemora 15 Anos em grande estilo. *Jornal Nippak*, São Paulo, 15/10/2013. Disponível em: <<http://www.portalnikkei.com.br/social-nikkei-shimbun-e-jornal-nippak-comemora-15-anos-em-grande-estilo/>> (Acesso em 02/12/2016).

PREFEITURA de São Paulo. “Prefeito anuncia comemorações do Centenário da Imigração Japonesa”. In: *Secretaria Especial de Comunicação*, São Paulo, 14 jan. 2008. Disponível em: <<http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/comunicacao/noticias/?p=123982>> (Acesso em 19/12/2016).

TODOS os CEPs do Brasil. Disponível em: <<http://ceps.io/SP/Aruja/Fontes/Rua-Katsuzo-Yamamoto-Jd-Yamamoto/07414160/>> (Acesso em 17/12/2016).

GLOSSÁRIO

-Chan – Sufixo utilizado para demonstrar informalidade, confiança, afinidade ou segurança com outra pessoa, na maior parte das ocasiões sendo esta do sexo feminino, no entanto também pode ser utilizado para homens, caracterizando uma linguagem infantil.

-Ken – Sufixo referente a províncias.

-Kun – Sufixo bastante utilizado na relação "superior falando com um inferior", mas apenas se houver um certo grau de intimidade e amizade entre ambos.

-Maru – Sufixo para nome de navios.

-San – Sufixo para se referir a alguém de mesma hierarquia.

Amatsu Norito – “Prece ao Céu”. Oração da Igreja Messiânica Mundial.

Anime – Desenho animado.

Arubaito – Trabalho de curta temporada.

Baa / obaa – Termo utilizado para se referir à avó ou a uma mulher mais velha, em tom de respeito.

Banzai – “Dez mil anos”. Expressão de congratulação.

Bonenkai – Festa de fim de ano japonesa.

Bonsai – Técnica de cultivo de árvores em vasos pequenos.

Burajiru Bokê – “brasileiros caducos”. Termo pejorativo referente aos imigrantes japoneses, geralmente atribuídos pelos “novos” imigrantes.

Danchi – Complexo habitacional.

Dekassegui – Trabalhador estrangeiro temporário.

Dorama – Novela japonesa.

Dorobô – Ladrão.

Gaijin – Termo pejorativo que se refere ao estrangeiro ou ao não japonês.

Gaikokujin - Filhos de imigrantes que vieram ao Brasil durante sua infância.

Gochisosan / Gochisousama – agradecimento ou reverência após a refeição.

Gohan – arroz.

Hanakuso – catarro.

Hassoko – Mesa colocada em frente ao altar para colocar oferendas.

Hikari – Pessoas consagradas na Igreja Messiânica Mundial.

Hiragana – Um dos silabários da língua japonesa. É usado para todas as palavras para as quais não exista kanji, ou este exista mas seja pouco usado .

Ikebana – “Vivificação floral”. Arte japonesa de arranjos florais.

Itadakimasu – agradecimento ou reverência por receber a refeição.

Jii / Ojii – Termo utilizado para se referir ao avô ou a um homem mais velho, em tom de respeito.

Johrei – Método de canalização de energia espiritual (luz divina), para purificação do espírito.

Juisu – Suco, adaptado do inglês “juice”.

Jun-Nissei – Pessoas nascidas no Japão, mas criadas no Brasil.

Kachashi – Dança festiva de Okinawa.

Kaikan – Espaço de reunião das comunidades japonesas.

Kanji – Sistema de ideogramas originalmente chineses utilizados na gramática japonesa.

Karê – Curry.

Kitsune – Raposa.

K-Pop – pop coreano.

Mangá – Quadrinho japonês.

Matsuri – Festival.

Missô – Pasta de soja fermentada.

Mitamaya – Altar aos antepassados.

Mocchi – Bolinho de arroz.

Nihongakko – Escola de japonês.

Nihonjin – Japonês.

Nikkei – Imigrantes japoneses e seus descendentes.

Nissei – Filho de japones(es). Segunda geração.

Ofurô – Banheira.

Ohikari – Medalha que é outorgada às pessoas que ingressam como membros da Igreja Messiânica Mundial.

Okinawano – Que provém de Okinawa.

Origami – Dobradura.

Raisu – Arroz, adaptado do inglês “rice”.

Sake – Bebida fermentada feita à base de arroz.

Sakura – Cerejeira.

Sansei – Neto de japones(es). Terceira geração.

Sanshin – Instrumento tricórdio de Okinawa, e composto de uma caixa acústica forrada com couro de cobra ou materiais sintéticos.

Sashimi – Peixe cru.

Zenguen Sanji - "Prece de Louvor a Deus". Oração da Igreja Messiânica Mundial.

Sensei – Mestre, professor.

Shamisen – Instrumento musical tradicional usado no Japão. Mede em torno de um metro de comprimento e possui apenas três cordas.

Shinkansen – Trem-bala.

Shoko – Medalha de proteção dada aos iniciantes da Igreja Messiânica Mundial.

Soka Gakkai – Associação budista.

Sumimasen – Termo utilizado para pedir licença ou desculpas em grau leve.

Sushi – Prato da culinária japonesa que possui origem numa antiga técnica de conservação da carne de peixe em arroz avinagrado.

Suzuranto – Luminária japonesa.

Tokai / Tonankai Jishin - Grande terremoto (geralmente, de magnitude 8) que ocorre a cada 100 ou 150 anos na região de Tokai com epicentro em Suruga, Shizuoka.

Tokusatsu – “Filme de efeitos especiais”. Séries de super-heróis.

Uchinaguchi – Dialeto okinawano.

Undoukai – Gincana Esportiva Familiar.

Usagi – Coelho.

Yakisoba – Prato de raízes chinesas, mas apreciado no Japão também. Composto por legumes e verduras que podem ou não ser fritos juntamente com o macarrão e aos quais se agrega algum tipo de carne.

Yakuza – Membros de grupos de organização criminosa transnacional originários do Japão.

Yonsei – Bisneto de japones(es). Quarta geração.

ANEXO A – TABULAÇÃO DA OBRA DE KATSUZO YAMAMOTO ²⁴⁰

Escritos Presentes na Obra								
Ano	Diário Nippak	Seleções Econômicas	Jornal Paulista	Informações Econômicas	São Paulo Shimbun	Revista Kaigai Ijû	Outros Meios	Total por Ano
1962	1	0	0	0	0	0	0	1
1963	0	0	0	0	0	0	0	0
1964	0	0	0	0	0	0	0	0
1965	0	0	0	0	0	0	0	0
1966	0	1	1	0	0	0	0	2
1967	0	0	0	0	0	0	0	0
1968	0	0	0	0	0	0	0	0
1969	0	0	0	0	0	0	0	0
1970	0	0	1	0	0	0	1	2
1971	0	0	0	0	0	0	0	0
1972	0	0	3	0	0	0	0	3
1973	1	0	3	0	0	0	0	4
1974	0	1	5	1	0	0	0	7
1975	0	1	4	0	0	0	0	5
1976	0	0	4	0	1	0	0	5
1977	0	0	3	0	0	0	0	3
1978	0	0	3	0	0	0	0	3
1979	2	1	6	0	0	0	1	10
1980	0	0	4	0	0	0	0	4
1981	0	0	9	0	0	0	0	9
1982	0	0	7	0	0	0	0	7
1983	0	0	3	0	0	0	0	3
1984	0	1	0	0	0	0	0	1
1985	1	0	0	0	0	0	0	1
1986	0	0	0	0	0	0	0	0
1987	1	0	0	0	0	0	0	1
1988	0	1	0	1	0	0	1	3
1989	2	0	0	1	0	0	0	3
1990	1	0	0	0	0	0	0	1
1991	1	1	0	1	0	2	0	5
1992	4	0	0	0	0	1	0	5
1993	7	1	0	0	0	0	0	8
Total	21	8	56	4	1	3	3	96

TOTAL DE PUBLICAÇÕES: 96

²⁴⁰ YAMAMOTO, Katsuzo. *Toda uma vida no Brasil*. YAMASHIRO, José (trad.). 2º ed. SP: Editora Mania de Livro, 1994.

ANEXO B – CRONOLOGIA DA HISTÓRIA DO JAPÃO (A PARTIR DA ERA MEIJI)

Optou-se pela apresentação de cronologia da história do Japão a partir da Era Meiji (iniciada em 1868) e seus precedentes, considerando que é a partir deste período que o país reinicia suas relações com o restante do mundo após um período de isolamento ²⁴¹. A cronologia disponível na obra de Célia Sakurai²⁴² vai até o ano de 1995 – ou ano 07 da Era Heisei. Compreende-se que a ênfase dada foi aos acontecimentos ocorridos no Japão. Porém, para não isolar o Brasil desta relação, eventos ocorridos aqui também foram acrescentados entre os disponíveis na cronologia que será apresentada a seguir. Estes casos específicos serão destacados em negrito, e a maioria das informações se situa na obra de Carlos Cornejo e Márcia Yumi Takeuchi ²⁴³.

Período Meiji – 1868-1912

- 1854 – Tratado de amizade com Estados Unidos, Grã-Bretanha e o império russo.
- 1868 – Restauração do poder imperial.
- 1868 – Edo passa a se chamar Tóquio.
- 1870 – Adoção de sobrenomes familiares.
- 1870 – Início da emigração para o reino do Havaí.
- 1872 – Abolição dos feudos e criação das províncias – permissão para o arrendamento de terras.
- 1872 – Decretada a educação compulsória.
- 1873 – Adoção do calendário gregoriano.
- 1873 – Fundação do primeiro Banco Nacional.
- 1874 – Criação do Ministério do Interior.

²⁴¹ Tai relação já vinha ocorrendo desde as Grandes Navegações em termos comerciais, mas na Era Meiji, ela se intensificou. Informação disponível em: GREINER, Christine. “As traduções estéticas no trânsito Japão-Brasil”. In: SHIODA, Cecilia Kimie Jo; YOSHIURA, Eunice Vaz; NAGAE, Neide Hissae. *Dô – Caminho da arte: do belo do Japão ao Brasil*. SP: Editora UNESP, 2013, p.52.

²⁴² SAKURAI, Célia. *Os Japoneses*. 1º ed. SP: Contexto, 2008, pp.355-358.

²⁴³ CORNEJO, Carlos; TAKEUCHI, Márcia Yumi. *Kasato-Maru: A Alvorada do Novo Mundo*. SP: Companhia Editora Nacional, 2012, pp.146-148.

- 1876 – Extinção dos samurais.
- 1878 – Criação da Bolsa de Valores de Tóquio.
- 1879 – Criação do Ministério do Trabalho.
- 1881 – Criação do Ministério da Agricultura e Comércio.
- 1881 - Fundação do Partido Liberal e do Partido Progressista.
- 1882 – Fundação do Banco do Japão.
- **1888 – Abolição da escravidão no Brasil.**
- 1889 – Promulgação da Constituição do Império do Grande Japão.
- **1889 – Proclamação da República no Brasil.**
- 1890 – Editó da Educação.
- 1894 – Lei de Preservação da Paz.
- **1895 – Tratado de Comércio, Navegação e Amizade com o Brasil.**
- 1895 – Guerra Sino-Japonesa.
- 1895 – Ocupação de Taiwan pelo Tratado de Shimonoseki.
- 1896 – Promulgação do Código Civil.
- 1900 – Lei de Ordem Pública e Polícia.
- 1904 – Início das contendas contra o império russo em torno da Manchúria e Coreia.
- 1905 – Fim da Guerra Sino-Japonesa – Tratado de Portsmouth.
- 1907 – Firmado entre os governos dos Estados Unidos e do Japão o Gentleman's Agreement Act.
- **1908 – Início da emigração japonesa para o Brasil.**
- 1910 – Anexação da Coreia.
- 1912 – Morte do imperador Meiji.

Era Taisho – 1912-1936

- 1914 – Declaração de guerra à Alemanha; entrada na Primeira Guerra Mundial.

- 1918 – Revoltas provocadas pela alta dos preços do arroz.
- 1920 – Tratado de Versalhes, anexação das ilhas do norte do Pacífico, Marshall, Marianas e Carolinas.
- 1921 – Fundação do Partido Comunista Japonês.
- **1922 – O Estado de São Paulo suspende o subsídio à imigração japonesa.**
- 1923 – Grande terremoto de Kanto que atinge Tóquio.
- **1923 – O deputado federal Fidélis Reis apresenta um projeto à Câmara Federal para restringir a imigração japonesa para o Brasil.**
- 1924 – Os Estados Unidos fecham definitivamente a entrada de imigrantes japoneses em seu território.
- **1924 – O governo japonês passa a subsidiar a imigração para o Brasil.**
- **1925 – Início de entradas maciças de imigrantes japoneses no Brasil.**
- 1926 – Morte do imperador Taisho e ascensão de Hiroito ao trono japonês.

Era Showa – 1926-1989

- **1928 – Assinado o contrato de concessão de 1,3 milhões hectares de terras pelo Estado do Pará à Companhia Nipônica de Plantação do Brasil**
- **1929 – Chegada ao porto do Rio de Janeiro das primeiras 43 famílias japonesas contratadas para colonizar Acará (PA).**
- **1930 – Início da Era Vargas no Brasil.**
- 1931 – Invasão da Manchúria pelo Japão (Incidente da Manchúria).
- 1932 – Criação do governo Manchukuo na Manchúria.
- 1933 – Saída da Liga das Nações.
- **1934 – Aprovação da Emenda Miguel Couto, que restringia diretamente a imigração nipônica e que estabelecia o sistema de cotas.**
- 1937 – Dois massacres às populações chinesas de Xangai e Nanquim.
- **1937 – Instauração do Estado Novo.**

- **1938 – Criação do Conselho de Imigração e Colonização (CIC).**
- 1938 e 1939 – Duas tentativas fracassadas de atacar os soviéticos.
- 1940 – Assinatura do Pacto Tripartite entre o Japão, a Alemanha e a Itália.
- 1940 – Norte-americanos deixam de vender petróleo aos japoneses.
- 1941 – Ocupação da parte sul da Indochina.
- 1941 – Ataque a Pearl Harbor.
- 1941 – Criação da Grande Esfera da Co-Prosperidade da Ásia Oriental.
- 1941 – Japoneses atacam Hong Kong.
- 1942 – Ataque a Luzon e Manila
- 1942 – Ataque a Malásia, Singapura, Birmânia e Indonésia.
- **1942 – Rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e as potências do Eixo.**
- 1942 – Derrota na batalha de Midway contra os norte-americanos.
- **1942 – Declaração de guerra do Brasil ao Japão.**
- 1943 – Derrota na batalha de Guadalcanal contra os norte-americanos.
- 1944 – Derrota na batalha de Iwo Jima contra os norte-americanos.
- Início de 1944 – Os B-29 lançam bombas contra a capital japonesa.
- 1944 – Os norte-americanos invadem Okinawa.
- 1944 – Primeiras incursões dos aviadores kamikazes no mar das Filipinas.
- Agosto de 1945 – União Soviética invade a Manchúria.
- 06 de agosto de 1945 – Os Estados Unidos lançam bomba atômica sobre Hiroshima.
- 09 de agosto de 1945 – Os Estados Unidos lançam bomba atômica sobre Nagasaki.
- 14 de agosto de 1945 – Rendição japonesa.
- 1945-1952 – Ocupação norte-americana.
- 1946 – O imperador renuncia à sua condição divina.
- 1946 – Promulgação da Constituição.

- 1947 – Dissolução dos conglomerados econômicos *zaibatsu*.
- 1951 – Tratado de Paz de São Francisco.
- 1951 – Controle norte-americano sobre as ilhas Okinawa.
- 1951 – Criação do Banco de Fomento do Japão.
- 1951 – 1º Programa de Racionalização.
- 1952 – Reatamento das relações diplomáticas entre o Japão e os países inimigos na Segunda Guerra Mundial.
- **1952 – Formação da Comissão Colaboradora da Colônia Japonesa Pró-IV Centenário da Cidade de São Paulo.**
- **1952 – Partida do porto de Kobe dos primeiros imigrantes japoneses do pós-guerra para o Brasil (imigrantes do Projeto Uetsuka Tsuji).**
- 1954-1957 – Jimmu *boom* – 1ª fase do “milagre japonês”.
- 1956 – Entrada nas Nações Unidas.
- 1956 – Relações diplomáticas com a União Soviética.
- 1956 – 2º Programa de Racionalização.
- 1958-1961 – Iwato *boom* – 2ª fase do “milagre japonês”.
- 1963 – Lei de Base das Pequenas Empresas.
- 1963 – Lei de Promoção e Atualização das Pequenas Empresas.
- **1963 – Ratificação do Acordo de Migração e Colonização entre o Japão e o Brasil.**
- 1964 – Jogos Olímpicos de Tóquio.
- 1965-1970 – Izanagi *boom* – 3ª fase do “milagre japonês”.
- 1965 – Relações diplomáticas com a Coreia do Sul.
- **1970-1972 – Crescimento do investimento de empresas japonesas no Brasil.**
- 1972 – Retorno das ilhas Okinawa ao Japão.
- 1972 – Relações diplomáticas com a China.

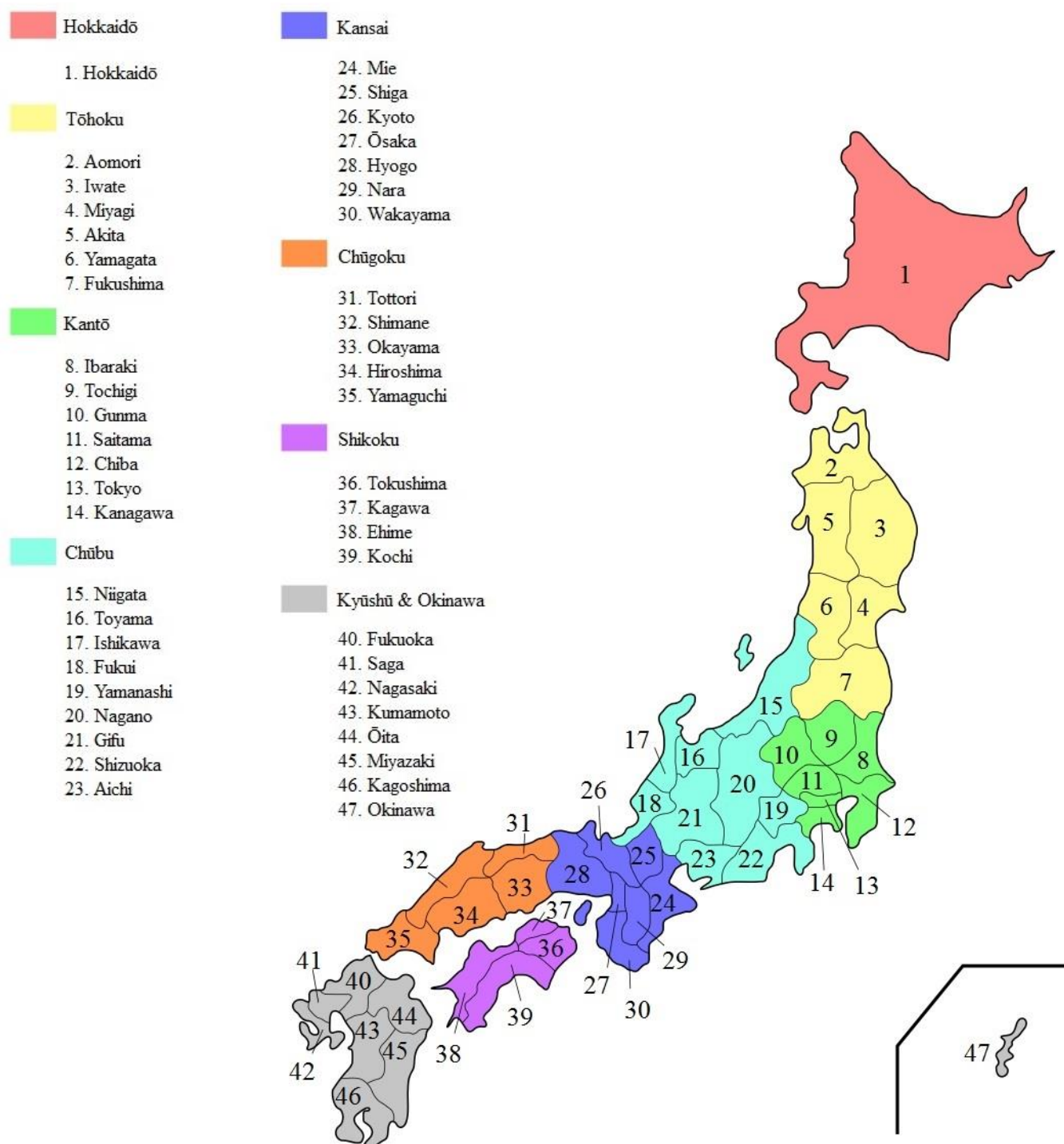
- 1973 – Primeira crise do petróleo.
- 1978 – Segunda crise do petróleo.
- **1978 – Comemorações dos setenta anos da imigração japonesa no Brasil.**
- 1980 – Maior produtor global de automóveis.
- 1980 – Início da economia da bolha.
- 1983 – Assinatura do acordo Iene-Dólar.
- 1985 – Assinatura do Acordo de Plaza.
- **1985 – Início da emigração brasileira para o Japão.**
- 1986-1990 – Heisei *boom*.
- 1989 – Morte do imperador Hiroito Showa.

1989-dias atuais – Era Heisei

- 1990 – Início da recessão econômica; estouro da bolha.
- 1991-2000 – “Década perdida”.
- 1995 – Terremoto de Kobe.
- **1995 – Centenário do Tratado de Comércio, Navegação e Amizade com o Brasil.**
- 1998 – Primeira participação do Japão na Copa do Mundo de futebol.
- 2002 – Copa do Mundo realizada no Japão – Coreia do Sul.
- **2008 – Centenário da imigração japonesa no Brasil.**

ANEXO C – MAPA DAS REGIÕES E PREFEITURAS DO JAPÃO

Regiões e prefeituras do Japão



Fonte: WIKIMEDIA. *Regiões e Prefeituras do Japão*. Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/45/Regions_and_Prefectures_of_Japan_\(pt\).svg](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/45/Regions_and_Prefectures_of_Japan_(pt).svg)> (Acesso em 26/12/2016).